

# POPULAÇÕES PAULISTAS



BIBLIOTHECA PEDAGOGICA BRASILEIRA  
Serie V "BRASILIANA" Vol. XXVII

---

Alfredo Ellis (junior)

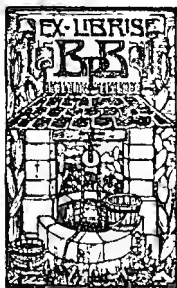
---

# POPULAÇÕES PAULISTAS



1934

COMPANHIA EDITORA NACIONAL  
Rua dos Gusmões, 24 a 30 — São Paulo



# BIBLIOTHECA PEDAGOGICA BRASILEIRA

SERIE V

BRASILIANA

## VOLUMES PUBLICADOS:

- I — **Baptista Pereira:** FIGURAS DO IMPERIO E OUTROS ENSAIOS (2.<sup>a</sup> edição).
- II — **Pandiá Calogeras:** O MARQUEZ DE BARBACENA (no prelo a 2.<sup>a</sup> edição).
- III — **Alcides Gentil:** AS IDEAS DE ALBERTO TORRES (synthese com indice remissivo).
- IV — **Oliveira Vianna:** RAÇA E ASSIMILAÇÃO (2.<sup>a</sup> edição) — augmentada.
- V — **Augusto de Saint-Hilaire:** SEGUNDA VIAGEM DO RIO DE JANEIRO a MINAS GERAES o a S. PAULO (1822) — Tradução e prefacio de Affonso de E. Taunay.
- VI — **Baptista Pereira:** VULTOS E EPISODIOS DO BRASIL.
- VII — **Baptista Pereira:** DIRECTRIZES DE RUY BARBOSA (Segundo textos escolhidos).
- VIII — **Oliveira Vianna:** POPULAÇÕES MERIDIONALES DO BRASIL (3.<sup>a</sup> edição).
- IX — **Nina Rodrigues:** OS AFRICANOS NO BRASIL (Revisão e prefacio de Homero Pires) — Profusamente illustrado.
- X — **Oliveira Vianna:** EVOLUÇÃO DO POVO BRASILEIRO (2.<sup>a</sup> edição) — Profusamente illustrado.
- XI — **Luis da Camara Cascudo:** O CONDE D'EU (illustrado).
- XII — **Wanderley Pinho:** CARTAS DO IMPERADOR PEDRO II AO BARÃO DE COTEGIPE (vol. illustrado).
- XIII — **Vicente Lúcinio Cardoso:** A' MARGEM DA HISTORIA DO BRASIL.
- XIV — **Pedro Calmon:** HISTORIA DA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA.
- XV — **Pandiá Calogeras:** DA REGENCIA A' QUEDA DE ROZAS (3.<sup>o</sup> volume da serie: Relações Exteriores do Brasil).
- XVI — **Alberto Torres:** O PROBLEMA NACIONAL BRASILEIRO.
- XVII — **Alberto Torres:** A ORGANIZAÇÃO NACIONAL.
- XVIII — **Visconde de Taunay:** PEDRO II.
- XIX — **Affonso de E. Taunay:** VISITANTES DO BRASIL COLONIAL — (Seculos XVI-XVIII).
- XX — **Alberto de Faria:** MAUA' (com tres illustrações fóra do texto).
- XXI — **Baptista Pereira:** PELO BRASIL MAIOR.
- XXII — **E. Roquette-Pinto:** ENSAIOS DE ANTHROPOLOGIA BRASILIANA.
- XXIII — **Evaristo de Moraes:** A ESCRAVIDÃO AFRICANA NO BRASIL.
- XXIV — **Pandiá Calogeras:** PROBLEMAS DE ADMINISTRAÇÃO.
- XXV — **Marlo Marroquim:** A LINGUA DO NORDESTE.

A' SAGRADA MEMORIA DE MEU PAE,

O

SENADOR ALFREDO ELLIS

MEU GRANDE MESTRE, QUE, MESMO DEPOIS DE  
MORTO, PELOS EXEMPLOS DE VIRTUDE, RECTI-  
DÃO, DESTEMOR E ENERGIA ORIENTA MEUS PASSOS  
NESTA VIDA ARESTOSA, DEDICO, COM A MAIS PRO-  
FUNDA SAUDADE



## PREFACIO

O estudo que constitue este livro foi feito em 1930 e depois revisto em alguns dos seus tópicos.

Eu tinha por habito, antes de publicar meus trabalhos em volume, fazel-o no "O Correio Paulistano", em capitulos periodicos. Assim pratiquei com quasi todos os meus escriptos.

Por isso o que era o "*Populações Paulistas*" estava na redacção desse jornal, quando, sobrevindo o movimento de 30, foi ella vandalicamente destruida.

Os "puritanos" de então queriam exterminar o que elles acreditavam malsão na sua clamorosa ingenuidade. Dahi a serie de attentados praticados nas famosas jornadas outubrinhas...

Os originaes do "*Populações Paulistas*" acompanharam a desdita da redacção do "Correio Paulistano", victima innocente da voragem destruidora dos alliados do Sr. Getulio Vargas, esses que, confessam hoje, tiveram a boa fé de abrir as portas de Itararé ao invasor da nossa terra...

Tempos se passaram e devido a conselhos repetidos do meu prezado amigo Antonio de Alcantara Machado, reconstitui o estudo incendiado no "O Correio Paulistano". Graças a novas pesquisas e a novos esforços eu refiz as paginas do trabalho. Ellas foram publicadas, algumas, na "Revista Nova", na "Politica" e outras serviram-me de base para as conferencias que realisei na Escola Livre de Sociologia e Politica de S. Paulo.

Este estudo se refere aos habitantes de S. Paulo.

Todo esforço meu tem girado em torno de buscar esclarecer o grupo social paulista nos phenomenos da sua vida pelos capitulos fulgurantes da sua trajetoria evolutiva, etc.

Tenho procurado conhecê-lo através de varios aspectos, desde a formação inicial do nucleo humano no planalto de Piratininga.

Cuidei de estudar em primeiro lugar o povoamento inicial do territorio paulista. A genealogia, a historia, a anthropologia, a ethnologia, a sociologia, etc. foram os instrumentos com os quaes procurei reconstituir a vida remota de S. Paulo.

Depois estudei o phenomeno bandeirante.

Pesquisei archivos e documentos e cheguei a escrever obras de ficção para divulgar os conhecimentos collidos em ardua luctua.

Mas os escolhos da vida, e as asperezas do "struggle for life", obrigando-me aos combates pelo pão diuturno impossibilitaram-me de me dedicar inteiramente a esse unico objectivo scientifico.

Tenho demorado, por esse motivo, o andamento deste trabalho, constantemente interrompido por outros afazeres de premencia mais immediata.

Dahi o retardamento do esboço sociologico do povo paulista na decada de 1920 a 1930.

O trabalho, como se vê, não é perfeito, mas abrirá, entretanto, novos horizontes a novas buscas que se irão fazer. Elle é um livro baseado "*na verdade, em toda a verdade, e só na verdade*".

Como se vê pois, tenho-me dedicado a cousas de S. Paulo.

Eu poderia repetir em relação a ellas o "voilà l'os des mes os et la chair de ma chair".

Na impossibilidade de fazer por S. Paulo o que almejo, quero ao menos trabalhar por elle o mais que posso.

\*

\*      \*



O grupo social paulista tem uma base conhecida, que nenhum outro agremiado no mundo apresenta similar.

Toda a população paulista dos seculos XVI, XVII, XVIII e XIX é perfeitamente conhecida, graças aos monumentaes trabalhos de Pedro Taques e de Silva Leme, na "*Nobiliarchia paulistana*" e na "*Genealogia paulistana*". Por esses dois trabalhos memoraveis que outorgam aos seus autores a immensa gratidão de S. Paulo se conhecem as origens da nossa gente. Sabe-se de onde provieram os nossos avós; conhece-se a sua formação racial, com todos os seus processos de selecção, de cruzamento, de consanguinidade, etc., e reconstitue-se com facilidade a edificação social no nosso planalto.

Foi o que tentei fazer com o meu "*Raça de Gigantes*" no qual aproveitei os recursos bebidos nos trabalhos dos dois immortaes genealogistas acima mencionados, os quaes são dignos de a elles, os paulistas erigirem estatuas, em ouro massiço, que mostrem aos habitantes desta terra o muito que lhes devemos.

O que elles fizeram pelas populações paulistas, não foi realizado por ninguem mais no mundo. Não ha povo que conheça suas origens, como nós paulistas conhecemos as nossas, graças aos dois gigantes do nosso passado.

Querer proceder hoje esclarecendo as populações paulistas, como Taques fez no setecentismo e Silva Leme no oitocentismo estudando-as genealogicamente, me parece uma tarefa impossivel.

Eu não tenho os meritos que engrinaldaram esses dois vultos immorredouros da gente paulista. Tentarei fazel-o de outra maneira, a qual, não esclarecendo o objecto do trabalho da forma minuciosa, por que o fizeram os dois grandes genealogistas, dará entretanto um golpe de vista geral, sendo muito mais uma synthese sociologica do que um trabalho de analyse, tal como realisaram os dois illustres paulistas referidos. Aproveito o trabalho delles no referente ao passado anterior á immigração.

Quando digo "*preexistentes*", refiro-me a essa gente que representou tantas scenas grandiosas na historia de S. Paulo, no palco planaltino projectando-se em movimentos tentaculares pelas

selvas sul-americanas. Quero dizer, com isso, a gente admiravelmente analysada por esses dois grandes paulistas, no decurso da nossa historia dos tres primeiros seculos.

Tenho então a intenção de evocar a gente que realisou o prodigio das bandeiras e a plantação da lavoura cafeeira paulista, esse formidavel accumulador de energias humanas, a mais esplendorosa manifestação da grandeza agricola do homem na superficie do planeta.

Com este trabalho tentarei delinear um modesto esboço do que têm sido as populações paulistas em continuação a esses surtos memoraveis, com elle farei o possivel por mostrar que gente diversa veio e ainda vem se superpondo á base preexistente.

Esta, porem, é que marca os moldes do nosso processo evolutivo conformando-nos a estrutura, dosando-nos a feição, traçando-nos as rotas, apontando-nos o caminho, dirigindo-nos os passos e marcando-nos os luminosos objectivos.

Seguimos a fatalidade de uma marcha iniciada nos dias nevoentos do povoamento humilde, com os companheiros homericos, mas apoucados; de Martim Affonso. O phenomeno da expansão bandeirante foi um imperativo da continuidade historica do capitulo monumental do povoamento e as grandezas que lhe succederam, nada mais foram que consequencias de uma determinação da qual ninguem poderia fugir.

A gente paulista que se vem formando depois da immigração de 1888 para os nossos dias, poderá ter variado na sua composição racial. A sua marcha evolutiva está porem fatalisada. O mesmo "berço esplendido" que produziu o bandeirismo ou a formação da lavoura de café é o que impera. Eis a mesma mesologia geographica, com a mesma climatologia, o mesmo sólo, a mesma configuração etc. a servir de ambiente externo para a nossa gente. Seja esta qual fôr, ella terá de ser sempre superior; ella terá sempre que produzir phenomenos humanos-sociaes ofuscentes.

E' o que testemunhamos e podemos estar seguros de que isso que vemos haverá de se repetir.

## INTRODUÇÃO

Não pode restar duvida alguma sobre ter o homem provindo de um degráu inferior na escala animal.

As evidencias se cumulam e os achados paleontologicos cada vez mais completos e numerosos provam da forma mais irrefetorquível a progressiva evolução em que o pithecanthropo ou o homem de Neanderthall foram simples estagios.

Tambem é já fora de duvida que o homem ao penetrar no scenario da historia já era um animal gregario.

Coagido pelas necessidades physicas de procurar alimentos e se reproduzir como de se defender contra os outros animaes mais possantes e contra os obstaculos da natureza, o velho Caliban buscou se associar.

Dahi teria nascido a primitiva solidariedade, de inicio na horda, na familia ou na tribu, ou ainda no clan.

Assim o homem teria penetrado nos portaes do immenso theatro da civilisação.

Elle vinha dessa mysteriosa prehistoria em que o "homem speleo" buscava nas palafitas a segurança e marcava nas cavernas os primordios das artes plasticas.

Depois sahiu elle aos poucos das sotoplanuras mentaes.

Já a estatura erecta e o uso das mãos haviam dado a elle a necessidade do emprego dos primeiros instrumen-

tos de pedra lascada. Já havia elle sabido da época eolítica. Com a linguagem articulada, com o conhecimento do fogo, elle teria entrado na éra da pedra polida.

Como as selecções poupadoras dos mais aptos e dos mais fortes teriam trabalhado nessas massas primordiales?

Graças ao paulatino aperfeiçoamento do intellecto que se desdobrava ante a imperiosa necessidade de ser usado pelo homem primitivo, physicamente mais fraco que os demais, conseguiu elle o conhecimento da gravação escripta dos successos da sua vida primitiva e tosca.

Foi nos valles do Nilo, do Tigre, do Euphrates, do Indus, do Ganges, ou do Yangtsé-kiang, onde um calor tropical se conjuga a uma humidade de relevo, além de uma evidente ubertuosidade dos terrenos, que o homem das éras priscas se multiplicou de modo formidavel adensando-se demographicamente.

A fertilidade da região fazendo possivel alimentos em quantidade, augmentou o homem de accordo com as normas da selecção natural, descobertas por Darwin.

A civilisação nascia, e com ella surgia todo o cortejo apparatuso das instituições primitivas.

Tivemos as tres classicas civilisações:

A) A *aryana*, ou *européa*, cujo representante no dominio da ethnologia é a cultura de Hallstadt, com seus primitivos brachycephalos, já misturados aos louros, nordicos.

Invadiram elles a Grecia e ahi supplantaram os reflexos da antiga civilisação minoica, ou cretense, de origem do norte-africano.

B) A *asiastica* ou *semita*, que surge já na historia como as velhas gentes da Chaldéa, da Babylonia, da Judéa, ou da Phenicia, em constantes arremettidas uns contra os outros.

C) A *chamitica* ou *africana* que da Cyrenaica se expandiu sobre o Egypto, Creta, Carthago e occidente penetrando na Iberia, manifestando-se ahi na velha cultura de Almeria (GONÇALO DE REPARAZ — "*Historia de la colonizacion*").

Depois desses capitulos iniciaes surgem os apparatus eventos que a historia analytica nos relata sucintamente.

Não é bom esquecer, porém, que o homem então já era de mestiçagem notavel.

Elle teria penetrado no palco da historia ha cerca de 6.000 annos.

Vinha de um periodo prehistorico, em que a attitude erecta, a linguagem articulada, o uso de alimentos cozidos pelo fogo que casualmente descobrira, lhe deram um progresso evolutivo. Esse periodo prehistorico durara cerca de 500 mil annos.

E' natural que no inicio o homem, ainda nessa infancia do intellecto, não tivesse grandes recursos para vencer os obstaculos naturaes. Eram montanhas immensas; desertos colossaes; mares enormes e profundos, etc.

Nucleos humanos ficavam isolados durante millenios por esses accidentes naturaes, mais ou menos impermeaveis.

Depois, com a evolução da sociedade, surgiram as relações commerciaes e nasceram os contactos obrigatorios entre os grupos humanos. Esses eram os contactos pacificos. Mas o homem, dessas hordas primitivas, tambem se chocava a meudo com os de outros nucleos, de outras agremiações. Dahi os attritos guerreiros.

Desses dois contactos, que á medida que o homem marchava na senda do progresso, como na proporção em que elle buscava novas terras para as suas caçadas, iam se multiplicando, surtiam as mestiçagens.

Nesses contactos foram desaparecendo as raças puras.

Quando o homem abriu os olhos para a posteridade, e legou á descendencia o conhecimento escripto ou gravado da sua vida social, já elle era anthropologicamente mestiço.

Mas isso é da prehistoria.

Vejamos depois.

Vimo's os tres typos das primeiras civilizações.

Foram os rebrilhos dos pharaós nilotas, ou dos imperadores orientaes na Mesopotamia, os que iniciaram os primeiros passos da nossa gente na senda abrolhada da historia.

Após esses velhos imperios, foi a classica Hellade com o fulgido e fugaz capitulo de uma civilização immortal em que o homem conheceu o berço do seu segundo cyclo de evolução mental. A Grecia deu ao homem os alvares da metaphysica, abertos como relampagos na idade theologica.

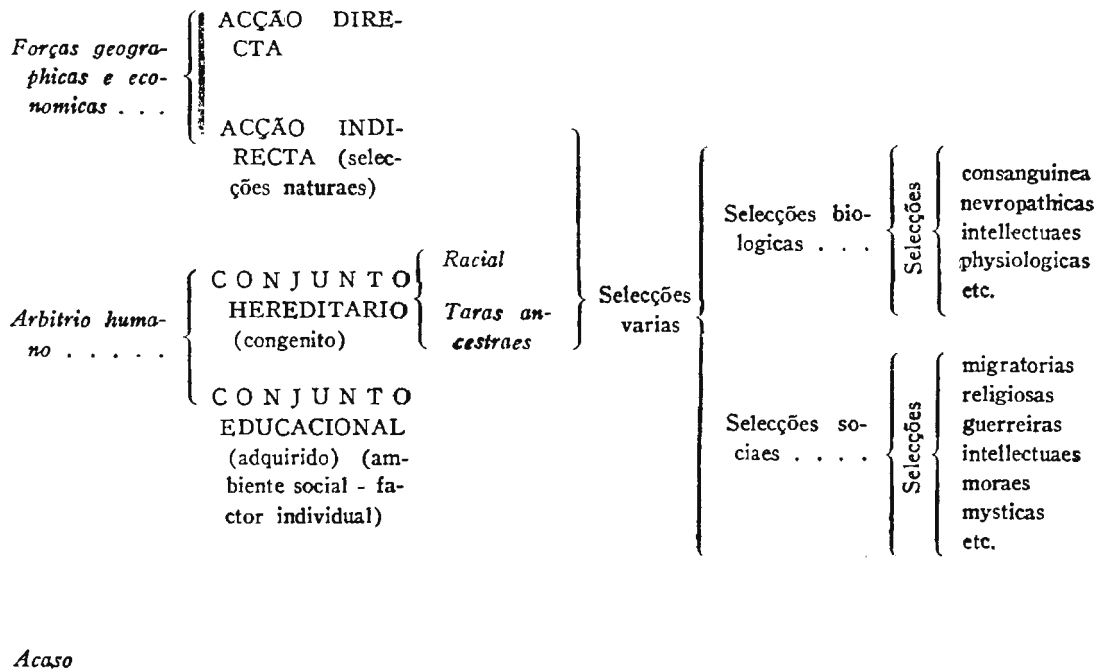
A seguir foi a austera Roma, e depois os carcomidos Cesares, que as hordas barbaras anniquilaram, ou os coloridos quadros bysantinos cuja vida frivola se acorrentava ás quadrigas dos olympicos.

Depois foi a arrancada incontida do Islam, e a seguir o prodigio da Renascença com a expansão maritima.

Veio a marcha triumphal da civilização moderna, a supplantar tudo, na escalada magica da immortalidade.

O homem, porem, segue, atravez de todos esses capitulos bravios e apparatusos, pelas linhas sinuosas, sulcadas fundo, do quadro eschematico seguinte:

FORÇAS GUIADORAS DO HOMEM NA HISTORIA



Todos agrupamentos humanos na sua caminhada pelas edades têm que ser guiados por essas forças, com mais ou menos intensidade.

São ellas que levam o homem a percorrer todas as agruras da borrasca, atravez dos mais horrendos abysmos, fazendo-o chegar a salvo aos capitulos seguintes ou precipitando-o nos baratros da ruina ou da extincção.

São essas forças as marcadoras das etapas nas viagens atravez da historia.

São ellas as autoras das modificações que transfiguram a humanidade.

Devido a ellas os agrupamentos humanos attingem ao auge da civilisação ou se precipitam na decadencia.

Penso que não andarei longe da verdade se estabelecer essas modificações que soffre a humanidade de accordo com o quadro abaixo:

MODIFICAÇÕES DOS POVOS	Modificações politicas		{ <div> <i>Colonisação</i> </div> <div> <i>Immigração</i> </div> <div> <i>Emigração</i> </div> <div> <i>Infiltrações</i> </div> <div> <i>Seleccões</i> </div>	{ <div>De terras vazias</div> <div>De terras já occupadas</div>
	"	sociaes		
	"	raciaes		
	"	economicas		

Penso que os povos atravessam por essas modificações, pelos estagios que soffrem no decorrer das respectivas vidas. Dentro desses quadros os povos caminham ascencionalmente ou descencionalmente.

Sobem, se o conjunto das circumstancias 'marcarem phenomenos que determinem a ascensão. Descem, se o conjunto das circumstancias mandar o contrario.



Assim, por exemplo, se as selecções fizerem com que um agrupamento humano fique privado dos seus elementos mais vigorosos, mais guerreiros, mais aventureiros, esse agrupamento humano tem a soffrer disso as consequencias.

Com a deliberação que tomei de estudar a gente da minha terra paulista e a marcha do homem nesta parte da America sulina, busco analysar as populações paulistas atravez dos muitos aspectos das suas modificações raciaes e sociaes, afim de tentar com isso elucidar o objectivo.

O planalto paulista era uma região quasi desoccupada quando se iniciou a primitiva colonisação iberica formando a primeira camada de população paulista.

Assim, pois, as modificações sociaes ou raciaes nesta parte do territorio sul-americano só são resultantes das colonisações, das infiltrações e das selecções.

Já verifiquei em livro que publiquei ha annos, "*Raça de Gigantes*", como teria sido a primeira phase das modificações racial e social no nosso planalto.

Então, mais ou menos detalhadamente, analysei como o europeu foi aos poucos substituindo o indio.

Passarei agora a ver como se está dando a nova modificação racial e a alteração social no terreno paulista.

Para esse fim é mister fixar desde já certas noções.

*Colonisação* é o abandono de um ambiente geographico por outro, por parte de um grupo mais ou menos numero de individuos, agindo de uma forma deliberada e sempre pacifica.

*Emigração* é o abandono de um ambiente geographico por outro, por parte de um grupo social, agindo instinctiva e espontaneamente, ou forçado pelas condições mesologicas.

A forma organizada de emigração é sempre de natureza guerreira. Vejam-se por exemplo as emigrações germanicas sobre o imperio romano do occidente.

No caso que acabo de mencionar podemos resumir o seguinte quadro eschematico:

O paulista preexistente no planalto, formando uma camada espessa de homens associados, se viu invadir pacificamente por outras gentes exóticas que foram paulati-

namente se deixando aglutinar, com a perda de todos os seus attributos sociaes.

E' verdade que racialmente houve influencia. Com o phenomeno da colonisação estrangeira, houve necessariamente uma modificação racial, o que se classifica bem no quadro anterior.

Penso mesmo que essa modificação teria sido mais profunda do que a que teriam exercido os germanicos no imperio romano.

Sou dos que pensam que a população do mundo romano era muitissimo maior que as hordas dos "heres-königs" germanicos que chefiaram as invasões nesses seculos longinquos. Emquanto a população das provincias imperiaes era de milhões de individuos, os soldados germanicos não iam alem de uma vintena de milhar.

Comnosco foi differente. Os paulistas eram menos de milhão e meio. Por sobre esse alicerce, foi derramada uma massa de cerca de dois milhões de exóticos.

E' verdade que nem todos esses dois milhões influíram.

O indice de fixação dos exóticos não foi elevado como haveremos de ver.

Outros foram eliminados cedo, sem que pudessem influir muito.

As selecções mesologicas teriam agido nesses estrangeiros de uma forma drastica. O typo paulista, porém, foi algo modificado. Certa alteração teria havido.

Ha porem quem diga que a força uniformisante do meio physico é formidavel.

Knox, Morton e outros affirmaram que os norte-americanos tendem a volver ao velho pelle vermelha.

Se isso for exacto, temos que o typo paulista evoluirá homogeneamente para uma volta ao que era. Os europeus aqui tenderão a se americanisar.

Ficarão mais deshydratados, mais amorenados, mesmo porque o nosso sol lhes tisna mais a pelle. Esta tenderá

a se fazer mais espessa, em natural defesa contra as aggressões do ambiente externo mais hostil.

Os aparelhos physiologicos desses exóticos, adaptados a um ambiente geographico especial, terão que se alterar forçosamente. - Essa alteração terá que ser no sentido de os igualar aos preexistentes.

Igual observação parece feita em relação aos pretos na Amazonia (1).

Talvez seja por isso que ha muita gente a affirmar que o homem não é ubiquo.

O homem, dizem os sabios dessa corrente de idéas, tirado fóra da area geographica, onde se achava ambientado, tende a desaparecer, depois de um processo de degenerescencia.

Eis os "*poor whites*" a servirem de exemplo.

As tentativas de emigração dos francezes para o Norte da Africa pediram tres quartos de seculo de infellicidades para que algo de positivo fosse realizado.

Os inglezes, e os hollandezes nas Guyanas nada fizeram e isso nos mostra bem o que seria o Brasil, se porventura os hollandezes lograssem ahi se fixar.

O problema da acclimação dos nordicos na zona torrida não foi resolvido.

Nessa parte do planeta nada vemos que demonstre o contrario.

De europeus, só os portuguezes conseguiram uma organização politica sobre o Equador: o Brasil.

Os hespanhoes semearam, é certo, seus elementos na America do Sul e na do Centro.

---

(1) Ha indios pelle-vermelha norte-americanos que revelam grande parecença physica com conhecidos personagens na democracia yankee.

Os aborígenes, porém, racialmente os absorveram.

No Mexico, na Colombia ou no Perú, no Paraguay, ou na Bolivia, só vemos traços raciaes do "americanus". O hespanhol aos sul-americanos só deu a lingua e a religião. Tudo o mais foi obra do aborígene. Com o portuguez foi differente. No Norte do Brasil, é certo, o indio preponderou na formação racial, mas da Bahia para o Sul a força ethnica do portuguez está evidente.

Em S. Paulo, onde está o objectivo deste livro estudar, então o elemento indigena não tinha marca de grande importancia, quando nos fins dos oitocentos a onda exotica teve inicio.

Assim, pois, creio que o portuguez é dos povos da Europa dos poucos que fizeram alguma cousa na zona torrida e talvez seja dos unicos que se comportam bem em ambientes geographicos hostis.

Creio que o luzitano tenha uma area geographica de habitabilidade maior que a dos demais povos do seu continente.

Um livro desta collecção denominado "*Os Africanos no Brasil*", do fallecido e illustre professor Nina Rodrigues, tem na sua pagina 19, uma nota a este respeito muito interessante:

*"E' a situação da Raça Branca no norte do paiz. O dr. José Verissimo (Os Holandeses no Brasil, Revista do Inst. Archeologico pernambucano, 1901, pag. 121) cita esta justa apreciação que ouviu ao escriptor hollandez Sr. Rijckevorsel: "Se nós (os Holandeses) houvessemos dominado o Brasil, expulsando delle os Portuguezes, os senhores não existiriam... E' que nós não poderíamos viver e prosperar no Brasil. Não supportariamos o clima, degenerariamos, a segunda ou terceira geração".*

A prova exacta disso está em que os hollandos não se atrevem a fazer colonisação entre os tropicos.

A Guyana é uma possessão apenas. Nas ilhas Sonda, os holandeses exploram só a parte economica. Fizeram é certo uma colonisação na Africa do Sul, mas ali já é zona temperada.



Antes de entrar na materia, applicando a theoria á pratica, convem deixar alguns pontos bem elucidados, relembrando, em ligeira introdução, noções de ordem geral.

Em primeiro lugar, cumpre verificar bem o que seja raça.

Para o seu estudo, só entram elementos de natureza physica, psychologica ou physiologica. E' preciso distinguil-a bem da entidade artificial sociologica. Essas duas entidades não se confundem. Ellas não se emparelham. Suas lindes não correm parallelas. Só ás vezes, excepcionalmente, se tocam, tangenciando as suas fronteiras.

Ha raças distribuidas entre muitos povos, como o do *homo nordicus*, por exemplo. Ha tambem povos constituídos de individuos de muitas raças, como o povo allemão, por exemplo. Por outro lado, o abuso intensivo no emprego do vocabulo "raça", applicando-o a agrupamentos sociaes ou a nucleos politicos, o tem desvirtuado, ao ponto de falsear-lhes a verdadeira significação.

RAÇA, E' O CONJUNTO MAIS OU MENOS NUMEROSO DE INDIVIDUOS, DE IDENTICA CONFORMAÇÃO ANATOMICA, LIGADOS POR UM PARENTESCO DE ORDEM NATURAL. Entidade sociologica é cousa muito differente. Eis a noção mais concisa que posso sobre ella externar: E' UM GRUPO MAIS OU MENOS NUMEROSO DE INDIVIDUOS, EMBORA DE RAÇAS DIFFERENTES, ASSOCIADOS EM COMMUNHÃO DE VIDA, E LIGA-

DOS POR LAÇOS DE NATUREZA ARTIFICIAL, COMO A LINGUA, A RELIGIÃO, OS COSTUMES, A MENTALIDADE, A ECONOMIA, etc.

A' medida que a solidez das uniões sociaes se vae robustecendo, a mentalidade commum, fructo de um contacto mais ou menos assiduo durante um determinado periodo de tempo, vae homogeneisando-se. São tradições communs, historia commum, interesse commum, horizontes communs, que solidificam aos poucos essa mentalidade commum, estreitando os laços de solidariedade desses individuos ligados pelos agrupamentos sociaes.

Nacionalidade já é cousa differente, ainda que o manto da confusão a tenha englobado entre os significados communs de raça-povo, etc.

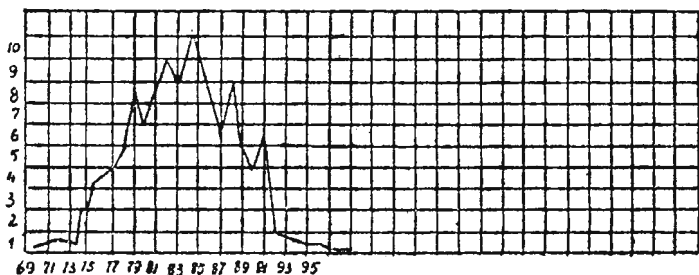
Nacionalidade é a entidade sociologica congregada pelo laço politico. Todo povo (entidade sociologica) tem fatalmente que occupar um territorio geographico qualquer. Se se congrega por um laço politico, constituido pela sua organização (estado) reúne á entidade sociologica, que possui necessariamente, uma entidade politica mais ou menos activa. Eis como se verifica que as entidades de natureza sociologica têm mais afinidades com as politicas. Com estas se identificam mais. Com estas se fundem com mais nitidez.

## RAÇAS.

A sciencia que nos permite conhecer as raças de um dado agrupamento humano, é a anthropometria. São as medições que nos fornecem elementos para o estudo racial das associações humanas. Os analysts, por meio de determinado numero de exames fixam as porcentagens de cada medida. Não são as medias que determinam um estado racial. Ellas podem não ser o reflexo do verdadeiro estado de facto. As porcentagens e

as curvas estudadas por Witzthelm offerecem o melhor criterio para o conhecimento dos caracteres que devem ser estudados, isoladamente. As porcentagens verificadas em determinado povo estabelecem, uma vez reunidas, o typo racial. Assim, por exemplo, a analyse ethnica da Italia, nos offerece, em primeiro lugar, um conjunto de porcentagens a respeito de indices cephalicos. Depois de obtida a curva de frequencia e serem verificadas as maximas, determina-se o typo predominante no povo italiano, o que não exclue a existencia de muitos outros indices cephalicos.

A heterogeneidade de conformação craneana, existe em todos os grupos humanos. O que tem importancia é, porem, a maxima frequencia, determinada por uma linha marcadora das diversas proporções com que figuram todos os indices cephalicos no grupo examinado. Assim, a linha de indices cephalicos na Italia é a do quadro annexo.



Ahi se vêem porcentagens variaveis de indices.

Onde a linha attinge o apice do graphico, encontra-se o typo de maior frequencia.

O mesmo se dá em relação á estatura, ao indice facial, ao indice nasal, ao indice orbitario, ao prognathismo, a nigrecencia capilar, á cor dos olhos, ao formato dos pellos ou á sua maior ou menor abundancia, etc.



Estudados todos os caracteres anthropologicos, de que enumerei alguns, fica determinado o typo ideal que reúne os maximos de frequencia desses caracteres. Esse typo ideal ou composito, pôde não ter similares em grande numero de individuos. Mas os caracteres anthropologicos tirados, uns de um individuo, outros de outro, reunidos constituem o typo composito ideal que deve ser o typo racial do povo em questão. Esses caracteres podem apparecer dissociados, mas constituindo a maioria em certo numero de seres humanos agregados.

## ASSIMILAÇÃO

As raças não se fundem, não se assimilam.

Sob o ponto de vista biologico, que é o importante em anthropologia, não ha assimilação, não ha fusão.

Quando duas raças, ou dois grupos de raças se defrontam, quaesquer que sejam as proporções de vulto com que se apresentem um ao outro, jamais desaparece o concurso de cada um na mestiçagem, por mais intensa, por mais demorada, por mais intima, por mais completa que se realise.

Isso naturalmente fazendo abstracção das selecções, naturaes ou sociacs, que sempre eliminam um ou outro typo.

Mas as mestiçagens, em sã doutrina, consideradas de per si, não desaparecem. Nellas imperam as leis de hybridação de Mendel, resultando jamais desaparecerem os caracteres das raças ou dos grupos de raças que se defrontem.

Nessa mestiçagem, os caracteres dominantes e recessivos de ambas as estirpes se combinam alternadamente em genotypos que apparecem em phenotypos. Esses caracteres diversamente associados não se fundem, não se misturam. Combinam-se, superpõem-se. Naturalmente o meio,

physico ou social, elimina, pelo jogo de selecções, os phenotypos menos aptos, apenas deixando sobreviver os melhores, tendendo assim a uniformidade, como se verá adiante.

Dahi o axioma anthropologico affirmativo de que: um mestiço jamais dará raça pura.

A hybridação poderá dar lugar a subitos retrocessos phenotypicos, denunciadores da mestiçagem.

Hoje, pode-se affirmar não haver raça pura. O progresso do mundo, com sua civilisação agitada, o meio social immensamente complexo, vão sempre e cada vez mais complicando as mestiçagens, de modo que cada individuo é portador de uma formula algebrica, correspondente á sua natureza racial (2).

E' o que ensina a anthropologia no seu sentido restricto.

Acuradas analyses, pesquisas profundas, poderão vir a relatar-nos, mais tarde, os resultados da immigração exotica em S. Paulo. Por elles se verá que os valores raciaes trazidos pelos italianos, como pelo magyar, pelo slavo, pelo allemão, como pelo syrio ou pelo japonéz, sempre deverão existir. Não sabemos se essa existencia será apparente ou occulta (phenotypica ou genotypica).

---

(2) E' por isso que é risivel a asserção, muito divulgada e repetida, de que no Brasil a raça está em formação.

O Brasil pode ter uma vida de milhares de annos sem que sua raça se forme.

Sob esse ponto de vista racial, paizes muito mais velhos como a França, a Inglaterra, a Italia, Portugal, ou a Hespanha, não formaram suas raças.

Não ha raça franceza, raça ingleza, raça italiana, raça portugueza, ou raça hespanhola. O que se estaria constituindo é mentalidade, cousa muito diversa de raça.

O vulgo, ou os que não tem cultura muito limada, confundem essas duas noções,

Não podemos conhecer as alternancias das combinações entre os valores raciaes trazidos pelos povos mencionados e os preexistentes de origem ibérica, indigena e africana. Não sabemos se os meios physico e social eliminam um ou outro typo menos apto.

Será possível apenas estudar essas mestiçagens, conhecê-las, no que se refere ás proporções numericas em que entraram esses povos; estudar cada um delles sob seus varios aspectos; procurar elucidar as condições sociaes do ambiente, e outras em que se realisaram as mestiçagens a tentar clarear dentro dellas os aspectos evolutivos de cada um desses troncos ethnicos.

A resultante dessas mestiçagens será naturalmente uma formula algebrica, como ficou dito acima. Ella não se alterará, se não houver intromissão de outros troncos raciaes. Se isso acontecesse, mais complexo ainda se faria o problema ethnico do systema paulista.

O que a sciencia nos ensina, porém, é que um determinado valor racial, por maior que seja, jamais poderá annullar, ou diminuir outro, por menor que seja.

Nas formulas genotypicas e phenotypicas, isto é, nas formulas latentes ou nas apparentes, todos os valores terão que ser representados (3).

---

(3) Na formula genotypica dos habitantes de Portugal, o negro deve estar representado de modo que não ha a menor surpresa se repentinamente surgir entre lusos, typos africanoides, individuos escuros ou de cabellos suspeitos, ou prognathas, etc.

No seculo quinhentista e mesmo no seiscentista enorme era a população negra em Portugal, importada da Africa pelos navios negreiros. O ouro comprava o escravo. O portuguez tinha ouro e alimentava assíduos contactos com a Africa.

E' natural que certa parte, pelo menos, a melhor dessa gente africana se haja incorporado na população portugueza, recrutada pela selecção sexual.

O resto teria sido eliminado pela selecção mesologica.

Isso a anthropologia, tida em seu sentido restricto, como ficou dito.

O mesmo não é de ser observado em sociologia, em psychologia collectiva, etc.

Nestes ramos scientificos se vêm, de facto, assimilações, annullações de factores, extincção de elementos, luctas ethnicas em que ha vencedores e vencidos, eliminações, etc.

Do contacto de dois povos differentes, póde um delles se curvar ao antagonista, perdendo todos ou parte de seus caracteres (4). Essa perda pode ser mais rapida ou mais lenta, conforme os outros elementos sociaes do ambiente, ou conforme os perfis sociaes ou raciaes inherentes aos dois povos.

A *assimilação* então poderá ser sociologica, isto é, assimilação pelo idioma, pela religião, pelas instituições politicas, e ethnologica, isto é, pelos costumes, pela civilisação.

A historia ensina-nos cousas interessantissimas a esse respeito.

A conquista romana do mundo antigo nada realizou sob o ponto de vista anthropologico; biologicamente nada ficou de romano nas diversas repartições dessa immensa organização politica; o mesmo porem não se poderia dizer, sociologica e ethnologicamente falando, pois são magnificos os exemplos de assimilação sociologica e ethnologica observados nas suas diversas graduações, em phenomenos de romanisação, na Iberia, na Gallia, na Britannia, na Germania, no Oriente ou no Norte Africano, etc.

A peninsula iberica, com sua população de 6 *milhões de almas* foi de tal maneira assimilada pelos romanos que até a sua lingua foi latinizada; seu espirito conquistado pelo christianismo romano. O Imperio dos Cesares não

---

(4) A historia da humanidade ahi está patenteando isso em soberbos e multiplos exemplos.

contribuiu, entretanto, com 1% do sangue na evolução das populações ibericas.

A Gallia, com quasi igual população, tambem conquistada pelas legiões, foi assimilada pelas idéas, pela lingua e pela civilisação romanas, que tambem impuzeram a cultura, o credo e as instituições, etc. do Latium, sem haver Roma contribuido com 5 % do seu sangue na evolução racial do povo gaulez (5).

Essas duas regiões do Imperio foram admiravelmente assimiladas, a ponto de hoje serem néo-latinas, sem terem muita cousa de commum com a gente da Cidade Eterna, sob o ponto de vista anthropologico.

Entretanto Roma não havia realisado, nessas duas repartições imperiaes, grande cousa em materia de colonisação. Para ali não havia Roma feito sahir grandes correntes emigratorias (mesmo porque a população da Italia não o permittia) (6).

Roma não havia promovido com essas duas repartições imperiaes certo intercambio de populações (as communicações entre essas regiões e a Italia não eram muitas).

Roma havia apenas praticado dominação militar e actos administrativos. Isso só, foi a alavanca com que a

---

(5) "Geschichte der Kriegskunst im Rahmen despolitischen Gesichte". — Hans Delbrück. — "Bevölkerungswesen, das Handwörterbuch d. Staasswissenschaft". — Eduardo Meyer. — "Études économiques sur l'antiquité". — Paul Guiraud — "Die Bevölkerung der griechisch-römischen Welt". — J. Beloch. — "Die Bevölkerung Italins im Altertum". — J. Beloch. — "Economie Politique des Romains". — Dureau de la Malle. — "Statistique des peuple de l'antiquité". — Moreau de Jonnés. — "La fin dum monde antique" — Ferdinand Lot — "Sociologie Generale". — Cornejo — "Dictionary of Statistics. — Mulhall.

(6) A Italia não tinha população em densidade sufficiente que supportasse uma sangria emigratoria qualquer. Ver os autores citados na nota supra.

capital do mundo antigo impoz na Iberia e na Gallia a sua cultura superior.

Graças aos seus delegados administradores, aos seus pretores, aos seus consules, Roma, centro irradiante de uma civilização superior, logrou empolgar essas duas regiões geographicas distinctas.

A Britannia não proporcionou igual successo aos tentaculos romanos.

Essa região, ainda que menos populosa, era mais abarbarada e ahi as vias de comunicação eram ainda mais difficeis.

E' certo que ahi a dominação romana não perdurou tanto tempo como na Gallia, mas, ainda assim, o dominio romano existiu durante tres seculos. Não deixou, entretanto, o Imperio nessa região ilhada nada que o recordasse a não ser um tenue sedimento.

Roma fracassou ainda na Germania, onde suas aguias conquistadoras penetraram mas o seu intellecto não se soube manter.

Igual falha teve no Oriente, onde esplendoravam civilizações brilhantes, que não se curvaram ante as emanações da latinidade. Pelo contrario, com o tempo, o Imperio dos Cesares ali se abasteceu de Augustos.

Só nas encharcadas margens do Danubio, na velha Dacia de Trajano, ficaram alguns signaes de passagem de certa colonisação que o iberico imperador para ahi transplantára.

Não obstante o dominio secular da cidade do Latium, nenhum sulco denunciador da velha organização politica que abrangia o mundo de outrora, ficou na Syria, na Armenia, na Illyria, na Dalmacia, na Thessalia, no Epiro, na Thracia, na Macedonia, na Panonia, no Egypto, na Cyrenaica ou ainda na Numidia ou na Mauritania.

Os barbaros germanicos ainda se mostraram menos

potentes que os latinos nessa luta sociologica ; eram rudissimos, incultos e principalmente pouco numerosos (7).

Cahiram sobre gente civilisada, de intellectualidade muito superior. Esta, sem embargo de ser militarmente vencida, enguliu seus vencedores.

Que ficou das invasões tonitroantes dos Alariks, dos Gunderiks, dos Radogats, dos Teudoriks, dos Odoakrs, ou dos Amalariks?

Nada na Iberia, em cujos idiomas néo-latinos se conservam uma ou outra palavra de raizes gothicas. Pouco na Gallia, nada nos Balkans e na Italia.

Muitissimo mais do que esses homens de prea loura, por certo deixaram os arabo-berbers na Iberia, em cuja civilisação néo-latina souberam cunhar bem fundo a sua influencia, de que se resentem fortemente as linguas e as instituições.

Phenomeno ainda mais illustrativo que o da influencia do Islam na Iberia, foi a assimilação dos amerindios aos milhões, pelos minguidos hispanicos que lhes impuzeram seu idioma e sua civilisação em substituição ás aztecas, quichúas, mayas, incas, aymarás, etc.

Interessante, ainda, semelhante ao phenomeno precedente e de identicas conclusões, foi a teutonisação da Germania oriental, mergulhada no mundo slavo, sem embargo do que, hoje se integra perfeitamente nos povos que usam do idioma allemão.

---

(7) E' Ferdinand Lot no seu empolgante livro "*La fin du monde antique*", da collecção de Henri Berr, quem isso estabelece.

Hans Delbrück, já por mim citado acima, diz que os povos germanicos do tempo de Tacito, não tinham uma população maior de 25.000 almas.

Cinco seculos mais tarde os vandalos, que comprehendiam diversos povos, quando passaram para a Hespanha eram no máximo 80.000 ("*Sociologie generale*" Cornejo).

Deante, pois, desses successos, de consequencias diferentes, seria muito difficil prever o resultado da immigração italiana em S. Paulo. Ella foi posta em execução, afrontando um perigo evidente para a mentalidade paulista, com avalanches annuaes, cujo total em menos de tres decadas sobe a 70 % da população preexistente.

Hoje, entretanto, já podemos verificar as consequencias desse phenomeno sociologico. Já a penumbra do tempo se afastou de um modo notavel, para que se possa acompanhar com a vista as figuras consequentes dos capitulos dessa invasão pacifica.

O italiano, é certo, foi vencido, na lucta social. Deixou, porém, alguns vestigios de natureza ethnico-sociologica na sua passagem. A lingua sae bem do embate. A cultura, os costumes, etc., vão cicatrizando os arranhões deixados por essa gente exotica, hoje tão homogeneamente cimentada comnosco.

A mentalidade se plasnou na paulistanidade de um modo notavel.

Volvamos porem ao ponto de

## RAÇA E NACIONALIDADE

Reina, mesmo nos meios scientificos, a mais lamentavel confusão entre os conceitos de raça, de lingua, de nacionalidade, de povo, de nação, de Estado, etc.

Tenho visto pessoas tidas como de grande saber encampar os mais descabellados absurdos a esse respeito.

Não é commum a distincção dos conceitos de -raça- dos conceitos de idioma-povo-nacionalidade, etc.

E' por isso que não é commum saber que raça é uma unidade biologica e natural que tem certos limites e de terminados caracteristicos.



Esses limites e esses característicos nunca se acertam, não são coincidentes com os de uma nacionalidade que é uma entidade meramente politica e artificial (8).

O vulgo pensa distinguir raças pelos idiomas (9).

E' por isso que se vêm repetidas, a cada passo, as affirmações ocas e erroneas da "raça latina", "nossa raça", "America latina", além de uma enorme serie de refrões que scientificamente nada demonstram.

As nacionalidades são entidades artificiaes e politicas. Ellas se formam de povos, que são conglomerado de immensa variedade de raças, reunidas na inconsciencia biologica. A's vezes, falam mais de um idioma, ou mais de um dialecto, professam mais de um credo religioso.

Esses agrupamentos artificiaes, constituídos por acervos historicos, conveniencias politicas, dynasticas ou religiosas, ou ainda tradições erroneas, mal interpretadas pelas mentalidades coevas, são as mais das vezes verdadeiros monstrenghos á luz da sociologia.

O criterio linguistico, para a classificação racial, é um dos mais flagrantes absurdos que tenho visto. Entretanto é elle o mais popular meio de cultura!

Basta um exemplo para a verificação da aberração do raciocinio dos que assim pensam.

O negro, de raça africana e melanica, fala o portuguez na Bahia ou no Piahy, o castelhano na Venezuela, ou na Republica Dominicana, o francez na Martinica ou na Guayana franceza, o hollandez, no Transwaal ou em Paramaribo, o inglez em Barbados ou na Virginia.

A ter algum valor o criterio linguistico, esse negro, de raça africana, seria óra latino, óra germanico, óra anglo-saxão, etc.

---

(8) "Sociologie generale" — Cornejo.

(9) "The races of Europe" — Ripley.

Eis o absurdo flagrante de se definir a raça pelo idioma.



Vimos pois que ha raças distribuidas entre varios povos constituindo varias entidades politicas ou nacionalidades.

Como as fronteiras dessas entidades naturaes e artificiaes não coincidem, sabe-se que ha povos, formados de muitas unidades raciaes, a usar de um só idioma. O povo allemão, o povo francez, o povo italiano, por exemplo.

Por outro lado ha povos que usam de varios idiomas, sem embargo de relativa homogeneidade sob o ponto de vista racial.

Eis o povo hispanico, que fala o castelhano, o gallego, o catalão, o vasconço, o portuguez.

Disso tudo conclue-se que ha casos em que a mesma raça se vê distribuida entre muitas nacionalidades politicas ou entre muitos povos sociaes. Usa então de varios idiomas, professa credos religiosos differentes.

Conclue-se dahi que ha nacionalidades politicas, como ha povos, entidades sociologicas que abarcam muitas raças em suas populações ou componentes.

Se o numero de exemplos que citei não for bastante, lembro ainda, para deixar o assumpto mais livre de duvida como mais nitido, o meu pensamento. O Homo nordicus, falando o escandinavo e repartido por tres entidades politicas diversas, na Suecia, na Noruega e na Dinamarca. Vemos essa mesma raça falando o allemão no Hannover, o inglez na Escocia, o francez no Artois, ou no Flandres, o flamengo no Hainaut, o hollandez na Frisia, o bulgaro no litoral do Mar Negro.

O Homo alpinus fala o francez no Auvergne, no Morvan, ou na Bretanha, fala o allemão na Baviera, o

hungaro na velha Panonia o italiano, na Lombardia ou no Piemonte.

Assim, adoptar o criterio linguistico de classificação anthropologica ou politica, fazendo coincidir as entidades artificiaes de lingua, povo, nacionalidade, com a natural de raça, é o mesmo que querer classificar os homens pela côr da gravata...

Faço timbre em repetir que é preciso distinguir a entidade natural biologica-raça, da entidade artificial e politica-nacionalidade como das entidades méramente sociologicas povo-lingua-religião.

E' possivel que as fronteiras dessas entidades ás vezes se toquem, se aproximem, corram pela mesma parallela ou sigam a mesma direcção.

Querer, porém, de uma maneira simplista, confundir essas fronteiras é incidir em erro muito grosseiro.

Estou bem convicto de que de todos os diversos factores que entram na constituição de uma nacionalidade, o que menos pesa é o factor-raça.

O portador do factor-raça-, factor de ordem biologico-natural-animal, não tem consciencia d'elle, e por isso elle passa mais ou menos incolume ao raciocinio das massas.

Os elementos formadores de uma nacionalidade ignoram em 99.99 % a sua constituição bio-heredologico.

Não sabem, como se filiar a esse respeito. Desconhecem os troncos ethnicos ancestraes de que provêm, e por isso ignoram a gente de quem tenham herdado taes e taes caracteristicos physico-somatologicos.

Não sabem, mesmo, quaes os caracteres dominantes e recessivos que os acompanham nas suas formulas fataes, herdadas de seus antepassados (10).

---

(10) Faço excepção naturalmente para os individuos que evidenciam caracteres raciaes mais apparentes, como cor da pelle, morphologica capillar, etc.

Eis os negros, os mulatos, os mamelucos, os amarellos, os caboclos, etc., que o vulgo sabe tão bem distinguir.

Assim sendo, as unidades artificiaes e politicas se foram constituindo pela historia, não de acordo com as delimitações raciaes, que ignoravam, porém de acordo com as confrontações linguisticas e religiosas, politicas ou dymnasticas.

A sciencia obsoleta que dava predominancia ao factor idioma, as conformações mysticas de intellectos atrasados, como velhas mentalidades que tanto acatavam o direito divino, eis em que se baseavam as separações dos agrupamentos humanos durante tantos seculos na historia politica da Europa.

Sendo esses povos, ou essas unidades politicas, tão cegamente organizados e isolados, nenhum delles pode ser considerado homogeneo sob o aspecto racial.

Nesse sentido toda homogeneidade é relativa.

Na Europa, onde os paizes de formação multisecular e mesmo millenaria se estratificaram em limites geographicos os mais marcados por notorios e vultosos accidentes physicos, todos elles, sem embargo, contêm no seu bojo variado e matizado contingente de differentes origens raciaes.

Assim por exemplo, a Inglaterra, isolada por tanto tempo na sua ilha maior, contem uma enorme seriação de typos anthropologicos escalados na metrica estatural, na dermocromia e nas nuanças capillares, combinados todos esses caracteristicos entre si, da fórmula mais variada, demonstrando a evidente heterogeneidade de origens. Em camadas humanas ellas se foram superpondo em successivos sedimentos, atravez dos apparatusos capitulos de uma tonitroante historia, ou de uma anonyma e silenciosa penetração por infiltração paulatina e methodica. Isso desde os "rounds barrows" brachycephalos, os "longs barrows" dolicocephalos, os iberos, os celtas, os anglos, os saxões, os dinamarquezes, os normandos, ou ainda os israelitas polvi-  
lhados em todas as nações europeas.

A Iberia peninsular, que os Pyrineus abruptos isolam justamente no isthmo, e que a politica dividiu em duas nações, sem embargo da perfeita identidade de conformação craneana, como nos ensinam Mendes Correa, Aranzadi, Oloriz, Hoyos Sainz e outros, espelha a diversificação, já pela dermochromia, já pelas estaturas desuniformes, que são possivelmente os indícios denunciadores dos quadros historicos que se foram scenificando, pelas encostas dessa terra redourada do meio-dia europeu.

Encerrados nessa retorta isolada, o velho ibero de Mendes Correa, o louro godo, e o nervoso e trigueiro sarraceno em doze seculos de estreita convivencia, desde o desnudo e limoso Calpe até as ennevoadas penedias de Covadonga, viveram no arfar estrepitoso de batalhas ou no mourejar diuturno de mil labores.

Esse immenso tempo e essa actividade agitada foram impotentes, para realisar, em isolamento, a fusão anthropologica.

A Escandinavia que a politica bipartiu, por conveniencias dimnasticas, igualmente não pode reflectir homogeneidade anthropologica. Ella reúne os seus "europaeus" a residuos de brachycephalos de Borreby, ao lado de elementos laponoides.

E' o sabio Ripley que o evidencia com clareza nos seus multiplos mappas anthropometricos do seu maravilhoso "*The races of Europe*", citando Arbö, Soren Hansen, Ranke, Dueben e outros.

Essas regiões formam os exemplos mais apontados como as em que ha maior homogeneidade racial.

Vimos que nenhuma dellas, sem embargo do isolamento relativo em que vivem, pode servir de padrão comparativo a respeito de homogeneidade racial, senão de um modo muito relativo.

Talvez, com essas regiões citadas, a Suissa seja na Europa dos scenarios onde se abriga maior homogeneidade

racial relativa. Ella congrega em suas terras altas, em seus profundos vallados, em suas rugosidades marcadas, a gente de mais identidade em caracteres anthropometricos.

Acredito que a Suissa, sob esse aspecto, tão ignorada, poderia evidenciar a maior predominancia de um só typo anthropologico, o "alpinus", aqui ou ali tarjado de louro, pela influencia do "nordicus", invasor.

E' esse typo racial, a governar de um modo incontestado e unanime as estatisticas, como lhe permitem os accidentes geographicos isoladores e de penetração difficilima.

Quem isso nos conta é Ripley, Kollmann, Rumeyer, Bedoe, Studer, Pittard, Scholl, e muitos outros.

Esse ambiente geographico especial tem deixado os suissos mais ao abrigo das furiosas invasões dos povos germanicos, como mais a salvo do fluxo impetuoso da gente mediterranea.

Mas mesmo assim, ahi se encontram caracteres associados de duas estirpes matrizes: "nordica" e "alpina".

Isso não impede que a população suissa seja mestiça de um modo mais ou menos uniforme. Tem ella a forte brachycephalia alpina, ao lado de uma nuance louro do nordico, cuja alta estatura e leptoprosopia, ás vezes surgem desharmonicamente com o largo craneo alpino.

A Allemanha, ajuntamento politico, formado a menos de um seculo, pela reunião de uma dezena de pequenos estados que se estendem sobre vasta area, tambem nos apresenta um quadro racial bem heterogeneo. Ahi estão individuos de alta estatura e de typo louro, ao norte, a divergir profundamente do slavo com quem convivem no Brandemburgo, na Posnania, na Prussia Oriental. Na Saxonia, na Baviera e no Wurtemberg a mestiçagem entre o louro "nordicus", e o pequeno "alpinus", produziu o

“chestnut”, de baixa estatura, que Ripley assignala com muitas photographias no seu livro citado.

No Baden, como na Alsacia, no Rheinland, ou na Westfalia, tambem a mestiçagem entre os dois typos raciaes, nordico e alpino, fez resultar um intermedio differente do mestiço referido acima. Apresenta elle do nordico a estatura elevada com o craneo longo e do alpino a brachycephalia.

Só no Hannover, ou no Schleswig Holstein, ou no Mecklenburgo ou ainda na Pomerania o louro surge preponderante, enquanto que o alpino domina na Silesia, na antiga Posnania, na Lusacia, etc.

Na Italia, o alpino da Lombardia, da Venetia, do Piemonte e do Trentino, com o afluxo alourado do nordico, contrasta profundamente com o “meridionalis” da Calabria, da Apulia, do Brutium, e da Sardenha (11).

Nos Balkans, em cada uma das nações, que fermentam nas mil contendias, que torvam os horizontes politicos do proximo oriente, tambem são de observar as infiltrações alouradas do nordico. Ellas, porem, não conseguem se sobrelevar pelo vulto ao “homo dinaricus” brachycephalo, moreno, de alta estatura e inconfundivel. Estes evocam, com suas physionomias abarbaradas os ermos selvaticos das margens do Vardar ou do Maritza, ou das escapas musgosas do Lövcen, ou ainda das boccas hiantes do azulado Danubio.

Na França, região alvejada por todas as invasões, o pasto sangrento de todos os morticinios, o caminho afuni-

---

(11) Eis a persistencia alourada dos influxos ostrogothicos, herulos, lombardos, etc., que occuparam a Italia nos V. VI, VII e VIII seculos, diluindo-se paulatinamente na população. (Zampa, Lombroso, Pagliani, Riccardi, Biondeli, Pullé, Gröber, Livi, Fligier, Niccoluci, Broca, Sergi, Calori, etc.).

lado (12) de todas as avalanches humanas, os tres typos europeus se encontram mal divididos pelos departamentos. Ali, ao norte, no Flandres, na Picardia, no Artois, estão os nordicos francezes com seus mestiços. No centro, nas regiões altas da Borgonha, no platô do Morvan, no Auvergne, como na Bretanha, está o alpino. No sul, na Aquitania, na Provence ensolarada, está polvilhado o “meridionalis”.

De tudo isso e depois de reflexão criteriosa, trazida pelo exame imparcial, que resulta de caminhadas anthropometricas pela Europa, temos que dos factores constituidores de uma nacionalidade, o de menos valia é o racial.

Pois se tal acontece nas velhas e multi-seculares sociedades da Europa, o que se deve esperar de grupos humanos que se reúnem no regaço de terras americanas, com gente recémvinda de todos os lados dessa mesma redemoinhante Europa?

Sim, porque essa questão de raças, ainda não pôde penetrar na alma dos povos de modo a soldar nelles as afinidades indestructiveis que alicerçam as communidades. As massas são de ordinario democraticamente ignorantes e se desconhecem, sob esse ponto de vista biologico, o qual para ser bem entendido, se faz necessaria uma certa cultura scientifica que só está ao alcance das elites.

---

(12) A França é uma continuação afunilada da immensa planicie que pelas regiões baixas da Europa litoranea, vem desde a Russia, pela Polonia, pela Allemanha do norte, pela Belgica, pela Hollanda, que em suavissimo declive desce acompanhando as margens dos Vistula, do Oder, do Elba, do Weser, do Rheno, do Mosa, do Sena, do Loire e do Garona, das regiões elevadas mais centraes.

Essa immensa planicie estendida na direção leste-oeste, a qual é em algumas regiões como por exemplo da Allemanha, coberta de vegetação arborea, teria canalizado as invasões que se precipitaram sobre a Gallia.



Outros factores mais palpaveis, mais concretos, mais visiveis, mais ao alcance das multidões, preponderam nas constituições das nacionalidades. Elles se avultam, crescem, diminuem, se amesquinham e desaparecem, na organização desses nucleos associados em communhão politica.

Esses factores magnos e decisivos, que são as ligas mais solidificadoras das nacionalidades, são em primeiro lugar:

- a) A mentalidade e a sentimentalidade;
- b) A tradição historica;
- c) Os costumes;
- d) Conveniencias economicas.

Ao lado desses laços primordiaes ligadores de nacionalidades ainda podem figurar os de ordem secundaria:

- a) idioma;
- b) religião;
- c) conveniencias politicas, dymnasticas;
- d) folk-lore, litteratura, musica.

Por certo, podem existir unidades politicas, sem a co-existencia de todos os laços acima enumerados. Não são todos de presença obrigatoria.

Circumstancias occasionaes, imperantes na formação das nacionalidades e nas suas evoluções, dosam a maior ou menor quantidade de laços.

Existem nacionalidades em que a diversidade de idioma não afrouxa a solidez da ligação politica. Eis a Suissa, formada por gente que, sem lingua propria, usa de 4 idiomas diversos. Isso, entretanto, não causa a menor frincha no seu bloco nacional.

Tambem a Tcheco-Slovaquia, onde mais da metade do povo fala linguas slavas, permite a coexistencia de outra grande parte que se communica em linguas magyar e germanica. Isso não impede que a nação exista.

Na Russia, falam-se muitos idiomas, e no Canadá coexistem duas linguas officiaes.

Ha, por outro lado, povos nos quaes a diversidade da religião tambem não faz bambeiar a unidade politica que os congrega.

Exemplo, ainda dá a Suissa, que sem ser unificada no idioma, tem gentes que rezam nos evangelhos de duas religiões differentes sem que se extinga, ou, sequer, enfraqueça a sua consciencia nacional.

Outro exemplo é a Allemanha, que comporta nos seus 65 milhões de habitantes a pacifica convivencia de dois credos que outróra se excommungaram em furiosos anathemas. Apesar disso o povo germanico conserva sempre a sua maravilhosa unidade, a qual foi inquebrantavel, mesmo aos embates da grande guerra.

A Inglaterra, igualmente, acceita a coexistencia do anglicano, quasi catholico, com o presbyteriano, ainda a res-cender o puritanismo das éras cromwelianas.

Nos Estados Unidos coexistem pacificamente mais de duas centenas de religiões differentes, sem que isso acarrete qualquer duvida politica.

De tudo que ficou apontado, pode-se deduzir que os factores lingua e religião não são de existencia obrigatoria. São factores como vimos de ordem secundaria. Os factores primaciaes são de existencia mais ou menos imperiosa para que haja nacionalidade. A falta de qualquer um delles importa em tal enfraquecimento da nacionalidade que esta se quebra ante qualquer choque mais serio, uma vez que haja consciencia disso.

Um agrupamento politico heterogeneo sob o ponto de vista de mentalidade ou de sentimentalidade, é positivamente um paiz em vespas de agonía fatal.

Se em um paiz, não ha para todos a mesma tradição historica, isto é, a mesma reverencia pelas paginas de um passado, em que as glorias communs fulgurem ao lado

das agruras, em que nomes de heróes communs figurem ao lado de martyres que são idolos de todos, é um paiz destinado a se abeirar do precipicio.

Se uma organização politica, por qualquer circumstancia, reúne grupos humanos cujas conveniencias economicas não correm parallelas, antes se contrapõem, marcha acceleradamente para a bancarrota da desunião.

## ETHNOGENIA E HYBRIDAÇÃO

Antes de entrar no assumpto que é o objectivo deste trabalho, será de grande conveniencia dizer alguma cousa, em ligeira synthese, sobre a ethnogenia e a hybridação.

Não ha a menor duvida que o homem está sujeito á mesma evolução transformistica que trouxe os seres organisados ao estagio actual.

Isso já é uma verdade scientifica e de ha muito que abandonou o terreno movediço das hypotheses.

Os multiplos e repetidos achados paleontologicos evidenciam da forma mais absoluta que, atravez de milhões de seculos, desde as épocas longinquas, nessas edades do nosso planeta, o homem vem passando por uma serie enorme de modificações phylogenicas, as quaes são resumidas ontogeneticamente nos nove mezes da gestação intra-uterina.

No fim do terciario e no inicio do quaternario, isto é, no periodo plioceno e no pleistoceno inferior, o animal homem galgou degraus de importancia no seu paulatino e lentissimo processo de humanisação.

Tomou a posição vertical como está nos mostrando o *pithecanthropus erectus* de Dubois, teve o uso das mãos como órgãos de preensão, começou a utilizar instrumentos de pedras lascadas, como nos demonstram os innumeros

achados de sílex, grosseiramente talhados, e possivelmente conheceu o fogo.

Quanto a isso ninguém mais, de certa cultura e animado de boa fé, tem a mínima dúvida. (Mendes Correa; "*HOMO*").

O que ainda se discute, e permanece no tablado da controvérsia científica, é a causa do processo transformista.

Uns opinam que essa evolução teria agido impulsionada por uma determinada causa e tomando uma certa marcha em uma determinada direcção; outros acham que essa evolução foi movida por outras circunstancias causaes e tomou outra marcha.

Eis as principaes correntes de opinião a esse respeito:

- a) Os que buscam na adaptação ao ambiente physico, obrigando o germen humano a modificar o soma humano e a variar de acordo com as condições do meio externo, o modo de vida, o uso e o não uso de certos órgãos, mais ou menos utilizados segundo essa adaptação (Lamarck, Cope, Spencer e outros).
- b) As selecções naturaes e a selecção sexual, eliminando os individuos inadaptados ás condições da vida (Darwin, Weissmann e outros).
- c) As mutações occasionaes e bruscas que se fixam e se perpetuam. (De Vries, Kölicker, Dall, Korchinsky, Morgan, e outros).

Como variante desta ultima corrente existe outra denominada *ologénese* que, advogada por Daniel Rosa, affirma que as mutações não são occasionaes, mas prefixadas no germen de cada especie.

Eu prefiro acceitar todas essas correntes doutrinaarias,

conjugadas pois que ellas não se repellem. Admitto que ellas se completem, dando ao transformismo uma base mais solida.

Essas seriam, em todo o caso, as forças agindo centrifugamente, differenciando as varias raças primitivas da homogeneidade primacial da especie humana.

Ellas seriam as forças que teriam tirado o ser organizado da primitiva homogeneidade definida para a heterogeneidade indefinida.

O homem soffreu, como os demais seres organizados, esse processo modificador.

Mas essa evolução não teria parado com o homem galgar o degráu da humanisação. Os accidentes geographicos, mais ou menos segregadores, mais ou menos intransponiveis, principalmente por gente atrazadissima e vazia de recursos, teriam sido a causa basica e primordial. nessas éras priscas, em enormissimo periodo de tempo, os pontos de partida das differentes raças humanas. (Lusham, Keith, Mendes Correa, E. Pittard, etc.).

Esse processo formador das raças humanas teria exigido um periodo de tempo immenso que a chamada pre-historia, aliás, não regatea em conceder.

O *pithecanthropus* de Dubois, achado em Trinil, em Java, teria uma idade de 500 mil annos.

Igual idade teria o "*Pithecanthropus sinenses*", achado perto de Peking, e tambem de uma idade remotissima teria sido o achado de Taungs, na Bechuanalandia.

Então o homem já teria tomado a attitude erecta, seu craneo já se humanisara muito, mas ainda não teria adquirido o uso da palavra articulada, e sem embargo da sua dentição já demonstrar o uso de alimentos moles e cozidos, como o emprego das mãos como órgãos de preensão, é crível que só então elle estivesse adquirindo a visão articulada com o cerebro.

Não se deslindou ainda a velha controversia entre o monogenismo e o polygenismo. Parece porem que o

homem chegou ao estagio do *pithecanthropus erectus*, em varios lugares geographicos, pois que a area de dispersão desses achados demonstradores é bem dilatada.

Emfim, as acima enumeradas teriam sido as forças agindo no sentido centrifugo. Em contraposição, actuando de um modo completamente antagonico, forçando para o centripetismo como um contrapeso conservador, é facil ver-se a hereditariedade. Esta busca na nivelação, manter os individuos sempre iguaes, transmittindo aos successores os mesmos caracteres dos paes.

Com ella, naturalmente, travam lucta as forças acima discriminadas.

Do maior ou menor equilibrio dessa lucta, é que teriam surgido as raças ou os chamados *typos anthropologicos*.

Ao caminhar o homem no desenvolvimento do intellecto, melhorando na evolução que seguia, foi adquirindo condições de vida mais aperfeiçoadas, e com ellas foi dilatando a sua area de movimentação.

O progresso foi-lhe fornecendo melhores meios de se locomover.

Com isso elle foi desenvolvendo um outro ambiente alem do natural. Era o social que, com o progressivo desenvolvimento do cerebro humano, ia se estendendo a outros nucleos; que com menos difficuldades transpunha os *accidentes geographicos*.

Com o paulatino diminuir do isolamento e relativo augmento dos contactos, o ambiente social se foi desenvolvendo e com elle as raças, os *typos anthropologicos* se foram misturando (Pittard).

De taes misturas, surgiram já no scenario da civilização as chamadas raças historicas (13).

---

(13) Quando ha cerca de 6.000 annos a civilização raiou no valle do Nilo, ou algures, já as raças primitivamente formadas em um decurso de tempo de mais de 500.000 annos, se achavam misturadas.

Essas raças chamadas historicas povoaram a periferia do planeta.

Isso é facil de se observar. As raças, quanto mais antigas, são mais puras, têm mais homogeneidade entre seus componentes.

Veja-se por exemplo a raça de Neanderthall, chamada de Canstadt, a qual teria vivido ha cerca de 50.000 annos. Todos os achados paleontologicos pertencentes a individuos dessa raça, e isso anda por mais de uma centena, tem uma notavel homogeneidade. Todos os individuos della têm os mesmos perfis anthropologicos, e não differem em grande cousa, uns dos outros. E' signal evidente e inconfundivel de grande homogeneidade. A raça de Canstadt entretanto evoluia modificadoramente. O meio social já progredia, o isolamento já não era o mesmo, e os contactos com outros grupos humanos se faziam complexos.

Eis pois a origem dos typos anthropologicos.

Nasceram das differenciações dos meios geographicos. Vieram do isolamento durante immensos lapsos de tempo.

Vejamos como, sob o ponto de vista scientifico, com a criação e desenvolvimento do ambiente social, esses typos anthropologicos se comportaram na mestiçagem.

\*  
\*      \*

---

Por ahi se vê como devem ser fixos os typos anthropologicos. Levaram muito tempo se firmando em isolamento quasi absoluto.

Uma mestiçagem que dura um espaço de tempo muitissimo menor não chega para os apagar.

A chamada prehistoria foi infinitamente mais duradoura do que a historia. Ahi está a geologia para nos demonstrar, se não tivéssemos já a archeologia.

Só em theoria dois typos anthropologicos se defrontam em igualdade numerica.

Se isso succedesse, na pratica, porem, seriam as leis de Mendel, referentes á hybridação, as reguladoras das consequencias.

Os caracteres dos productos seriam os das raças mães, escalados em seriações de acordo com as dominancias e recessividades, de uns em relação aos correspondentes da outra raça formadora.

Os individuos mestiços são portadores dos caracteres apparentes, os quaes constituem a morphologia delles. Essa formula denomina-se *phenotypica*.

Ella é formada pelas alternancias dos caracteres dominantes e recessivos, emprestados pelas raças mães.

A formula *phenotypica* é a formula individual. Dahi as variações individuaes de pessoas da mesma raça. Irmãos differem de irmãos, todos elles filhos dos mesmos paes. E' que elles têm suas formulas *phenotypicas* differentes.

Divergem entre elles as associações dos caracteres das raças mães.

Alguns que teriam sido dominantes fizeram-se recessivos e vice-versa.

Os mestiços, alem da formula que lhes caracteriza as variações individuaes, ou heteromorphismo pessoal, são ainda portadores de outra formula, que é o seu attributo racial, e onde estão encerrados todos os seus caracteristicos latentes, os quaes não apparecem, mas podem ser transmitidos á progeie.

Essa formula é que determina as variações raciaes. E' a do heteromorphismo ethnico. Ella se chama *genotypica* em opposição a outra que é pessoal.

Todo individuo é, pois, possuidor de duas formulas, as quaes encerram os seus caracteristicos somatologicos, moraes, psychicos, e physiologicos, que recebem de seus an-



tepassados e transmittem aos seus descendentes de acordo com as proporções mendelianas.

Essas formulas que explicam as variações pessoais e raciaes, têm que ser muito complexas, visto como cada raça historica possui já varias series de caracteres, os quaes se combinam com outros, pertencentes a outras, as quaes são defrontadas nos cruzamentos, a elles se juxtapondo de conformidade com as dominancias e as recessividades.

Assim os caracteres raciaes e individuaes, quer sejam elles pertencentes á formula *genotypica* quer á *phenotypica* não se misturam, não se caldeiam, não se mesclam, mas se combinam, se alternam, se sobrepõem, se adicionam, se juxtapõem, como na somma de valores algebricos.

Um mestiço de dois troncos ethnicos pode ter em alternancias os attributos das raças de que deriva. Assim a forma crancana, a dermocromia, o systema pilloso, etc., de uma das raças mães, reunidas á forma facial, á estatura, aos olhos, etc. da outra raça mãe, ou do outro grupo de raças mães.

Exemplificando mais concretamente:

Um brachycephalo louro, de baixa estatura, camoeprosope e mesorrhinio, entra em cruzamento com outro individuo, dolico louro, de alta estatura, leptoroso e leptorrhinio.

Os seus productos devem ser louros, se na formula *genotypica* de qualquer das raças mães não houver o caracter moreno, mas podem ser de alta estatura, brachycephalos, leptoprosopes, leptorrhinios, como podem ter os outros caracteres das raças mães, em outras alternancias.

Outro mestiço desses dois individuos apontados, irmão do producto mestiço descripto, embora possuidor da mesma formula *genotypica*, ainda que racialmente seja identica, por ser filho do mesmo pae e da mesma mãe,

pode ter uma formula *phenotypica*, isto é, reunidora de caracteres apparentes, muito differente. Os caracteres raciaes dos paes se teriam associado de modo desigual.

A mestiçagem de duas linhagens diversas não pode ser prevista nos seus resultados. Tudo quanto se queira dizer "a priori" a esse respeito, é por força fantasioso. Ainda que se conheçam as formulas *genotypicas* das duas estirpes que se defrontam no cruzamento, não é possível prever o modo da associação dos caracteres, os quaes reunidos mais tarde apparecerão encerrados na formula *phenotypica* do producto mestiço.

Poder-se-ia quando muito argumentar com possibilidades e mesmo com probabilidades, mas nunca com certezas.

Assim o portuguez em geral deve ter a seguinte formula *phenotypica*:

Dolicocephalo

Moreno

Systema pilloso opulento, negro e ondulado

Baixa estatura

Olhos escuros.

Eis o typo predominante em Portugal (Mendes Correa, "*Povos primitivos da Lusitania*").

Esse mesmo individuo, porém, terá a seguinte formula *genotypica*, que reúne o conjunto de caracteres dominantes e recessivos herdados pelos portuguezes de seus antepassados em variadas proporções, os quaes, por sua vez, transmittem a seus descendentes, que poderão ou não tel-os em suas formulas apparentes ou *phenotypicas*:

Dolicocephalo . . . . .	90%	Brachycephalo . . . . .	10%
Moreno . . . . .	99%	Louro . . . . .	1%
Estatura alta . . . . .	1%	Estatura baixa . . . . .	99%
Cabellos escuros . . . . .	85%	Cabellos castanhos . . . . .	15%
"      ondulados. . . . .	90%	"      lisos . . . . .	10%

(Ripley)  
loc. cit

Esta seria a formula *genotypica* dos portuguezes, contendo todos os caracteres, em varias proporções, de todas as fontes historicas, das quaes provem o analysado.

Cada caracter terá naturalmente a sua proporção de acordo com a curva de nivel que apresentar. Os caracteres não podem entrar em proporções iguaes, pois que algumas estirpes teriam sido de menor influencia que outras, etc. Além disso as selecções mesologicas, e mesmo as sociologicas, teriam poupado alguns typos, eliminando outros.

As muitas raças historicas teriam sahido, como o portuguez, dessa complexidade.

Ao se cruzar o luso com o amerindio, ou com o negro, teve elle (luso), raça historica, com toda a complicação referida acima, que enfrentar outras tantas complexidades da outra estirpe ethnica, sua parceira no cruzamento.

Um mestiço de portuguez com um indigena tinha fatalmente que apresentar uma serie immensa de typos variados. Uns tiravam phenotypicamente do indio uma determinada somma de caracteres, os quaes eram por sua vez reunidos a outros tirados do portuguez. Esse mestiço teria podido ser como o indio, na cor, na face, na estatura, ou na conformação toracica, e ser como o portuguez no craneo, nos cabellos, etc. (14).

---

(14) O europeu e o africano produziram tambem varias combinações de diversas alternancias de caracteres. Ora o cabelo liso predominava, ora era o ondeado, ora era o lanoso. A cor variava desde o branco ao negro. Ora a estatura, com a morphologia do thorax, dos membros, etc. Ora a craneometria, com formatos das faces ou do nariz, etc.

Os mestiços entre brancos e pretos variam muito. O mulato brasileiro ostenta caracteres variados de seus ancestraes. O abysínio, que Lapouge chama de "homo nuba", mas que não é senão um mestiço entre o branco e o preto, tem deste a cor da pelle, alem de outros caracteres e do branco as linhas craneometricas

‘E’ por isso que os mestiços, em regra, são desharmonicos, juxtapondo caracteres differentes de um lado e de outro; são asymetricos, etc.

Dizem que por isso o mestiço é mais ou menos estéril, não se combinando bem os caracteres sexuaes das raças mães e não havendo combinação exacta a esse respeito, a fecundação se faz um phenomeno difficil.

As mestiçagens pois produziriam enorme variedade de typos differentes, escalados na conformidade das formulas *genotypicas*. Seria um modo de dispersão dos caracteres raciaes.

Mas as selecções, agindo nesse campo, o fazem de modo impiedoso.

Eliminam alguns typos e poupam outros.

Algumas das combinações mestiças, são eliminadas pelas selecções naturaes e sociaes. Outras combinações

---

faciaes, nasaes e os cabellos ondulados. O hindú, outro mestiço entre branco e preto, apresenta a cor do africano, ainda que mais attenuada que a do abyssinio, mas um maior prognathismo, com cabellos mais lisos.

O australiano, de cabellos muito lanosos, de grande prognathismo, tem cor clara. O polynesio, quasi branco, possui vestigio do cruzamento com o negro no nariz *platyrrhinio*.

A Oceania, a Asia, a Africa, e mesmo a Europa, já não falando na America, ali estão cheias desses typos flagrantemente mestiços, mas que se alteram em combinações multiplas quanto aos caracteres das raças formadoras.

A's vezes se encontram individuos de pelle escurissima, de cabellos negros lisos, abundantes, face e nariz finos.

Outras vezes, são individuos brancos, louros mesmo, de olhos azues, mas de cabellos claros e lanosos, reaffirmados por um prognathismo sub nasal, notavel pelas proporções, ao lado de outros caracteres mais peculiares ao negro.

Este um typo de mulato que se disfarça aos olhos inexperientes, mas não escapa á analyse de um cientista. Esse mulato, tendo na sua formula, *genotypica*, caracteres do portuguez, pode naturalmente transmittir aos seus descendentes esses caracteres.

são poupadas, se ellas se mostram mais adaptaveis aos ambientes.

Eis como pela acção uniformisadora das selecções não são muitas as formulas *phenotypicas* e ha maior homogeneisação entre os grupos humanos.

\*  
\*      \*

Do que fica exposto, pois, resulta que não podem existir raças puras.

Isso considerado sob o ponto de vista da anthropologia.

ficando os do negro esquecidos. E' possivel que em alguma geração posterior esses caracteres do negro sejam, com espanto, lembrados. E' o que se denomina atavismo.

Outras vezes é um individuo com as faces classicas do indio, com seus zigmos enormes em saliencia disforme, olhos amendoados, e craneo brachycephalo. Mas seus cabelos denunciam o europeu. São finos, ondulados, com uma tonalidade que lembra o germanico, cousa accentuada por uma possivel estatura elevada desse mestiço.

Os jornaes publicam sempre o retrato de um magnifico exemplar desse typo anthropologico bem definido, que é o de um official do Exercito, que os acontecimentos desde 1930 puzeram em especial destaque.

Outras vezes é um craneo platycephalo de um indio nordestino, emmoldurado com uma bastissima cabelleira de africano, cujos caracteres faciaes apparecem em combinação com os do portuguez. Conheci um nordestino, que tinha a cor do negro, os cabellos do europeu reunidos á morphologia anatomica do indio com a sua brachycephalia, o seu amplo thorax e a sua diminuta estatura.

O Brasil geographicamente tem sido scenario de uma mestiçagem sem par. Ahí ha uma immensa complexidade racial, que se reflecte em todas as nuanças dermocromaticas correndo por toda a metrica craneana, facial, estatural, etc.

Os diversos meios physicos, as selecções e as mais circum-

Esse phenomeno, aliás, não é de se observar hoje tão sómente quando as relações de todos os povos são tão intensas e para as quaes os accidentes geographicos não são obstaculos de monta.

E' preciso que se tenha em lembrança e nunca é demais uma repetição: que a humanidade tem existencia ha varias centenas de milhares de annos, antes de surgirem as primeiras civilisações classicas no Egypto, na Babylonia, na India ou na China.

O periodo historico, isto é, desde que o homem adquiriu um estado de adeantamento mental que lhe permittiu

---

stancias vão diminuindo o numero dessas variedades, eliminando os menos aptos, reduzindo os typos que, embora em pequena quantidade, se perpetuam nessa orquestração polymorphica que é a população brasileira, amalgama de muitissimos caracteres que se definham em muitos e differentes ambientes physicos e sociaes.

Isso acontece a todos os povos, mas em muito maior escala ao brasileiro pela grandeza do seu territorio, pela diversidade dos meios geographicos, como pelo numero elevado de troncos raciaes que se defrontam em repetidos cruzamentos.

Com o correr do tempo e sem novas perturbações de immigrações exóticas, os typos tenderão a diminuir em numero. Só os mais aptos ficarão.

Eis que o negro e o mulato vão desaparecendo do Estado de S. Paulo.

As regiões por isso se vão differenciando.

Mais 50 annos e não mais teremos o negro e o mulato em S. Paulo, como vamos ver mais adeante em detalhe. Já não temos o indio. Por que?

Outras regiões dotadas de outros ambientes physicos e de outros meios sociaes poderão poupar-os, como o Nordeste brasileiro poupou o indio, que é indiscutivelmente o typo ahi dominante, embora elle appareça civilisado, falando o portuguez.

Os ambientes norte-americanos, pouparam o negro que o planalto paulista elimina rapidamente.

O indio foi eliminado do planalto paulista pela maior absorpção na população e pelas molestias infecciosas, ante as quaes o indio não se apresentava com as defesas organicas mobilisadas como o europeu.

transmittir á posteridade o relato da sua passagem pelo mundo, é infinitamente curto, em relação á vida da humanidade.

Quando as ondas humanas se aperfeiçoaram nos valles do Nilo, do Euphrates, do Tigre, do Ganges, do Yangtsé, já eram ellas compostas de mestiços.

Possuiriam já complicadissimos genotypos. Por isso eu estabeleci o seguinte modo de distribuição no encarar o problema das raças, no intuito de evitar confusões.

As raças podem ser :

- a) *Anthropologicas (strictu senso)*, quando em estado de pureza em recuadissimas épocas da pre-historia.

Assim a raça de Neanderthall, cujos especimens não obedeciam a variações raciaes. De pureza progressivamente em diminuição, eis as raças de Cro Magnon, de Borreby, de Chacelade, de Furfooz, de Grimaldi, de Muge, etc.

Os achados paleontologicos testemunham raças, mais ou menos puras, de caracteres mais ou menos homogeneos. Outros achados attestam depois, sempre em progressão crescente, a convivencia de mais de um typo anthropologico e portanto a progressão da mestiçagem entre esses nucleos humanos primitivos.

- b) *Historicas*, quando, formadas de muitos typos anthropologicos, possuiam a consciencia da unidade e dentro dessa consciencia seguiam os seus destinos historicos, fazendo-se passar aos olhos dos inexpertos como raças.

Não se conhece, nas paginas do passado da civilização humana, povo que haja possuido unidade racial, sob o ponto de vista anthropologico.

Por mais antigo que possa ter sido esse povo, elle

sempre é uma mescla de outros que lhe antecederam e cuja mestiçagem as convulsões sociaes determinaram.

Exemplificando, temos o judeu.

Commummente se acredita na pureza racial dessa gente israelita.

Entretanto o agrupamento judaico não passa de um nucleo humano que tem um credo religioso, mais ou menos intransigente, grupo humano esse de attributos psychicos de certa fixidez (Ripley, loc. cit.).

O judeu não tem e não teve por toda a parte os mesmos caracteristicos somaticos.

Vulgarmente se attribue ao judeu o que tambem commummente se convencionou chamar typo semita, com um nariz aquilino, um rosto fino e um craneo dolicocephalo, alem de uma pelle trigueira.

Ora quem vê a gente de religião judaica de Frankfür, bem como a que povôa a Polonia, a Russia, a Galicia, poderá verificar que é de typo exactamente opposto ao da diagnose acima descripta.

O judeu das éras priscas da civilisação já teria varios typos em confusão, desde o louro amorita até o negro cananeu, com notaveis reminiscencias do africano.

Assim, tambem o phenicio, o qual deveria tambem possuir os caracteres homogeneos dos chamados semitas. Entre elles, porém, haveria grande récu de brachycephalos armenoides, que são os antepassados dos syrios de hoje, alem de copiosa infusão de louros e de negros.

Gobineau, no seu interessante "*L'inegalité des races humaines*", já nos mostrou isso.

Não se faça confusão pois de raça anthropologica com raça historica.

Para haver uma nitida comprehensão do assumpto é preciso fazer bem essa distincção. O sentido exacto de raça tem sido muito malbaratado. E' preciso restringil-o (Pittard).



## CAPITULO I

### A FORMAÇÃO NORTE-AMERICANA

O que acontece nas constituições millenarias politico-sociaes da valetudinaria Europa, fossilisada em costumes arraigados, em credos e dogmas intangiveis, em idiomas graniticos, os quaes atravessam seculos sem erosões cavadas pelo tempo, com muito maior razão se passa nas formações modernas da America.

Estas são constituídas de gente povoadora de todos os matizes, revolvida no turbilhão da immigração, etc.

Varios exemplos de novas formações nacionaes se obtêm analysando o povoamento do novo continente, através dos multiplos paizes que contribuem para a sua constituição.

Gente de variada natureza iniciou o povoamento da America.

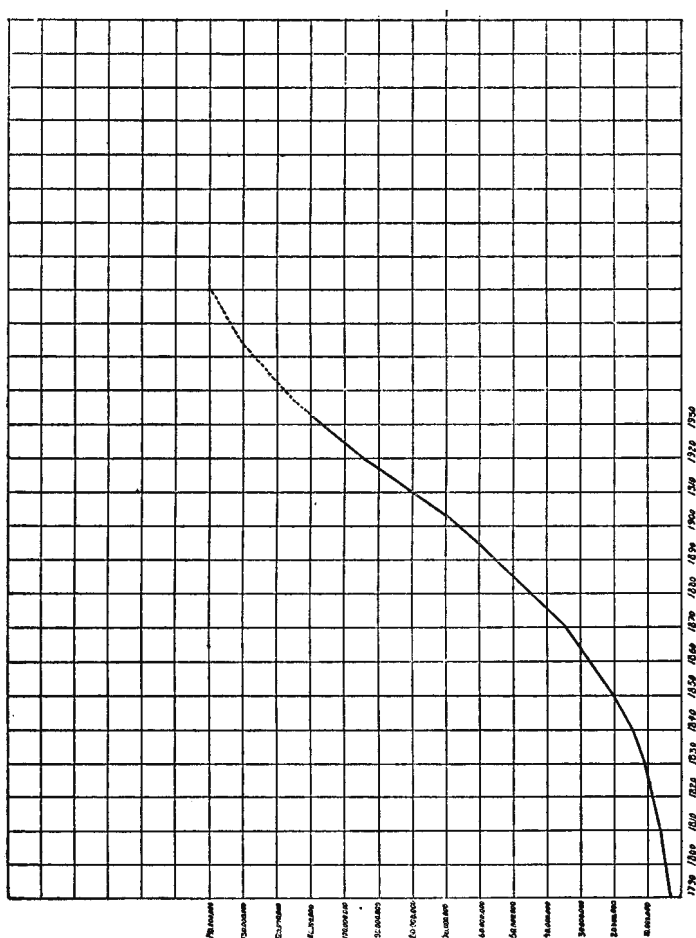
Ainda no seculo XVII, as colonias da New England se enchiam do elemento puritano britannico em ostracismo, bem como de algum hollandez colonizador.

Emquanto isso o resto do continente se povoava, ao norte de francezes e ao sul de ibericos.

O britannico e o hollandez, ainda que aportados, onde mais elevados eram os amerindios na escala humana, des-

**População norte-americana branca**

Curva evolutiva



prezaram o contacto destes e, guerreando-os, isolaram-se nos preconceitos gerados pelo orgulho racial e pelo fanatismo religioso.

Os mesmos sentimentos extremados, que os haviam segregado da convivência europeia agora voltam á tona. Os Estados do Arizona, da Luisiana, do Oregon, do South Carolina e da Virginia prohibem ainda os casamentos de brancos com indios.

O contrario se passou com os ibericos.

Fundiram-se com a massa indigena e com esta se fixaram no solo americano, trazendo da Europa os costumes, a religião catholica, o idioma, a civilização enfim.

No Mexico ainda existem 4 milhões de indios puro sangue, além de 9 milhões de mestiços, em um total de 14 milhões, havendo, portanto, unicamente um milhão de individuos de pura estirpe europeia.

A população do Perú era composta de 57,6% de indios puros, além de 24,8% de mestiços, cholos e zambos. A população da Bolivia, comprehende 50,9% de indios e 26,7% de mestiços.

Mais ou menos a mesma cousa se dá na Colombia, ou no Paraguay, como nas republicas da America Central.

O Chile, o Uruguay, e a Argentina, já fóra dos tropicos, e alvos da immigração contemporanea, escapam a essas porcentagens.

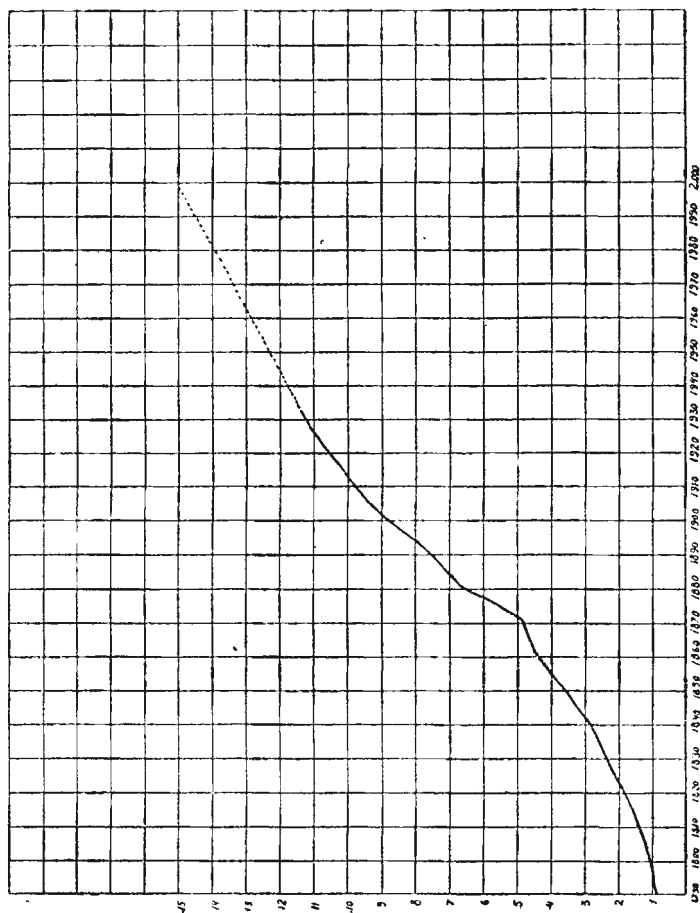
Depois o anglo-saxão das colonias norte-americanas teve necessidade de braços para as suas lavouras, principalmente as da Virginia.

Rico, importou então o negro, que da Africa passou a trabalhar nas plantações de algodão e de tabaco. Liverpool foi nessas épocas dos seiscentos e dos setecentos um famoso entreposto de escravos africanos.

O iberico tambem lançou mão do braço africano, importando-o para suas regiões americanas. Veio o negro

## População negra nos Estados Unidos

Curva evolutiva



então, cultivar a canna, o cacáu, o tabaco ou o café, como minerar o ouro nos socavões da Mantiqueira.

Os effeitos porem não foram os mesmos para os dois povos europeus.

O anglo-saxão empavesado e envaidecido segregou o negro, na America do Norte; enquanto que o iberico modesto e liberal espalhou-o e dissolveu-o na America do Sul.

O anglo-saxão nucleando o negro creou o antagonismo racial das duas estirpes conviventes, ao passo que o iberico fel-o fundir pelo amor, e fal-o aos poucos desaparecer em algumas das suas regiões, opprimido pelo meio social e vencido pelo meio geographico.

A tal ponto chega o odio ao negro nos Estados Unidos que a legislação de 28 Estados dos 48 da Federação, prohibe terminantemente as uniões matrimoniaes entre negros, mulatos e brancos. Esses casamentos são tidos por inexistentes e as partes por criminosas.

E' que os eugenistas norte-americanos, diz Nissot (*"La question eugenique dans les divers pays"*, 291):

"luctam energicamente contra toda mistura de raças e particularmente contra toda mistura de branco e de negro. Os negros nunca poderão ter o desenvolvimento social e moral dos brancos. A experiencia historica, os estudos anthropologicos, as estatisticas feitas na America, nas escolas, concorrem para proval-o. Está estabelecido que o valor intellectual e a resistencia ás molestias são muito mais inferiores no negro do que no branco. De onde se pode concluir que a raça branca perde sempre no cruzamento, enquanto que a negra ganha".

Baseando-se nesse mesmo raciocínio, Popenhoe (*"Applied Eugenics"*, 280 a 297) estima que:

- 1.º E' de toda necessidade, no interesse da raça, impedir as misturas entre negros e brancos.
- 2.º A opinião publica não é sufficiente, em muitos casos, para impedir esses casamentos, sendo então indispensavel que a lei intervenha.
- 3.º Não basta prohibir os casamentos entre brancos e negros, tornando-se preciso que a lei puna toda relação sexual entre elles.

Depois do negro foi para os Estados Unidos a imigração européa, que para lá accorreu, muito mais intensamente que para o sul.

Lá, no norte, esperava-a o anglo-hollandez, seleccionado europeu, puro sangue, da melhor raça loura.

Do seu contacto com as massas immigratorias, resultaram mil problemas que para a nacionalidade norte-americana são indigestos do cozimento do seu famoso *"melting pot"*.

Entretanto os norte-americanos se defendem. O terror de serem supplantados ou de cahirem em declínio, reflecte-se nas medidas da mais variada natureza que tomam. E esse terror é justificado pelas estatísticas levantadas por scientistas que pesquisam na sociologia, na biologia, na genetica, na heredologia etc.

Assim, de acordo com Crum, o numero de filhos em media, tidos por uma mulher norte-americana tem sido:

de 1750 a 1799	. .	de 6,43;
de 1800 a 1849	. .	de 4,94;
de 1850 a 1869	. .	de 3,47;
de 1870 a 1879	. .	de 2,77;

Antes de 1700 a percentagem de mulheres estereis não passava de 2%, hoje sobe a 20%.

Emquanto isso os estrangeiros immigrants apresentavam um quadro de natalidade, o qual é na verdade de apavorar os norte-americanos da velha estirpe.

Lud. Quessel nos offerece o seguinte quadro comparativo:

	<i>Natalidade por mil habitantes</i>	<i>Mortalidade por mil habitantes</i>	<i>Saldo deficit</i>
Norte-americanos da velha estirpe	16.4	17.2	-0.8
Escossezes . . .	40.3	15.7	24.6
Inglezes . . . .	41.0	14.7	26.3
Irlandezes . . .	45.6	25.2	20.4
Allemaes . . . .	48.0	15.0	33.0
Judeus russos . .	94.6	15.9	78.7
Italianos . . . .	104.6	25.3	89.3

Os velhos norte-americanos desaparecem, enquanto que os immigrants principalmente os que não são considerados mais desejaveis se multiplicam assombrosamente (Nissot, loc. cit. 176).

Isso motivou o famoso livro de Madison Grant, o qual é como que o estertor agonico de uma gente que se esvae, chamando a postos em ultimos lampejos de energia seus elementos cambaleantes, para a lucta em que não é difficil se prever o resultado (15).

No Sul foi o contrario.

Esperava a onda immigratoria, vinda de varias matizes ethnicas, o mesmo iberico acima já referido. Elle, de acordo com o seu modo de agir, já não tinha pureza de sangue. O contacto morno e tropical com o amerindio

---

(15) Madison Grant — “*Le declin de la grande race*”, Payot, Paris.

e com o negro havia quebrado a inteireza trazida nos primórdios do povoamento.

Naturalmente disso tudo resultou um mundo de condições diversas na constituição das novas nacionalidades.

Nos Estados Unidos o preconceito fanático do presbyteriano, nórdico, pivot da doutrina egocêntrica de Gobineau, presidiu a formação de um povo, sempre às voltas com o eterno problema de não poder absorver tantos milhões de exóticos.

Mas como se dizia, no Sul, tudo foi diferente.

A base era formada pela primeira camada sedimentaria que foi de catholicos liberaes, vazios dos preconceitos oriundos da fé. Tolerante o colonizador no Sul, desfez os nodulos de africanos, de aborigines e com incrível rapidez absorveu as massas exóticas.

Os quadros luminosos em que André Siegfried apresenta no seu maravilhoso "*Les E'tats Unis d'aujourd'hui*", evocam com felicidade os turbilhões heterogeneos que se desencadearam na grande republica norte-americana.

Entre muitos outros casos Siegfried nos chama a atenção para o dos judeus:

“O caso dos judeus é extraordinario. Apparentemente a sua temperatura de fusão é muito baixa. Mas passadas tres gerações, a gente verifica que elles continuam heterogeneos, inassimilados. Como são tres milhões no paiz, dos quaes um milhão em Nova York, o problema é sério” (pag. 23).

Lá cerca de 11 milhões de negros formam o corpo extranho, inaglutinavel e perturbador, ao lado de milhões e milhões de individuos de todos os credos, de todos os idiomas, desde o catholico irlandez, ou italiano, ao judeu, ao orthodoxo slavo, grego ou syrio.



## CAPITULO II

### AS POPULAÇÕES PAULISTAS

A gente que occupa o territorio paulista é composta de muitas correntes nacionaes, para aqui vindas em épocas diversas, reunindo-se como valores de uma formula algebrica da qual ha de sahir o paulista, habitante deste torrão.

A corrente immigratoria teve realmente inicio, em 1890, como resultante da libertação do negro. Em um golpe de soberba clarividencia, os dirigentes do nosso Estado não trepidaram em arranjar um substituto para a mão de obra que uma lei brasileira havia abruptamente supprimido (16).

Nunca poderemos encarecer sufficientemente o grande acto de governação que deu origem á vinda da corrente immigratoria nesse fim do oitocentismo.

Os que agiram nesse sentido bem mereceram o titulo de estadistas.

Antes do inicio dessa immigração, importada depois da lei de 13 de Maio, o que aqui havia era uma gente fi-

---

(16) Antes dessa data a immigração já se fazia, mas era ella tão tenue que para o fim do nosso trabalho não pode ser ponderada.

liada ao tronco iberico matizada de certa mistura com o indigena americano.

Dessa mistura, resultou o caboclo, que se foi apurando sem cessar no continuado cruzamento com o iberico, cujo tenue filete immigratorio jamais deixou de buscar o nosso planalto. Mesmo quando o assucar bahiano e pernambucano ou o ouro dos centros mineradores dos valles do alto rio Grande, do S. Francisco, ou do Doce attrahiram imperiosamente immensas avalanches de lusos reinóes, esse filete não deixou de correr.

E a fusão facilima, pela baixa temperatura, exigida para o caldeamento absorptor, pelo material humano portuguez, foi aglutinando esses ibericos, lançados no nosso planalto durante o lapso de 400 annos.

Aos poucos elles iam, ao contacto com os preexistentes, perdendo as caracteristicas exoticas, produzindo massas nacionalisadas, adensadas paulatinamente em uma mentalidade absolutamente paulista.

Emquanto isso, segura e lentamente se europeizava o caboclo, successor impavido, mas pacifico e accommodado, do bellicoso e irrequieto mameluco dos dois primeiros seculos, do qual provinha.

Foi esse mesmo caboclo (ainda bem tismado de muito sangue americano, na sua côr amarella, nos seus zigmos em proeminencia, no seu pouco apparente systema pillôso e nos seus cabellos negros, duros e corredios) quem desbravou as nossas florestas, desvirginou os nossos elementos naturaes e penetrou triumphante nos nossos sertões bravios.

Os caboclos constituiram a guarda avançada semi-barbara da civilisação que se annunciava.

Solitarios, taciturnos, sobrios, indifferentes aos soffrimentos e ás privações, resistentes ás intemperies, magros e ossudos, quasi que por inteiro feitos de fibras e de mus-

culos, acobertando os angulosos arcabouços, eram os machadeiros inegualáveis do homérico desbravamento.

Trabalhavam de sol a sol. Não os mordida a impertinente motuca, nem o insupportavel borrachudo, cujos ferrões vorazes nada podiam contra aquella pelle amarella e enrigecida como o couro curtido da anta. Não os picava a peçonhenta cascavel ou fatidica urutú. Não os atemorizava o miado lugubre da sussuarana faminta, nem os impressionava o rilhar raivoso dos bandos de queixadas desencadeados.

Eram insensíveis ás maleitas, que dominavam com a fé nos benzimentos e com o ardor nas rezas e nas devoções em mistura com a canninha que tragavam sempre. Nada lhes era obstaculo. Todos os empecilhos se amesquinhavam ante a sua visão fria e a sua vontade invencível. Assim avançavam infatigáveis.

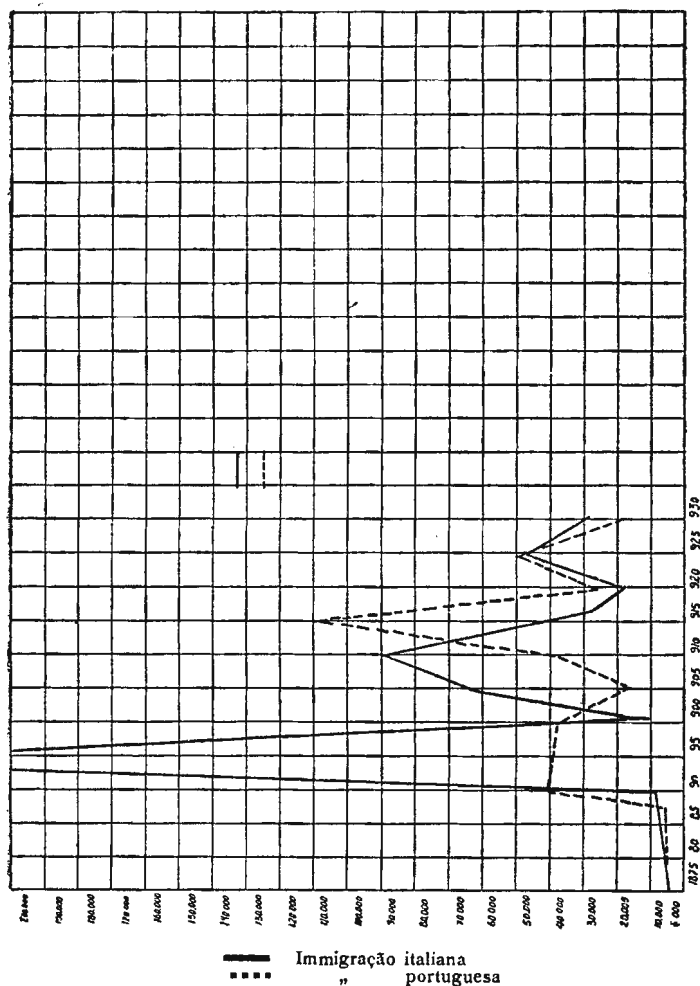
Caboclos, semi-barbaros, a quem os requintes das civilizações sybaritas não haviam entorpecido, foram elles que aplainaram o caminho ao negro escravo e, com este, dirigidos pelos fazendeiros paulistas de alta estirpe, descendentes de bandeirantes, formaram a lavoura de café do nosso Oeste, a maior lavoura organizada, o maior commettimento agrícola do planeta, o maior repositório de energias ruraes que se conhece na historia humana, vencendo essa natureza de prodigio que empolgára a imaginação de Buckle.

Já lhes estudei a evolução bio-sociologica atravez de tres seculos no meu livro "*Raça de Gigantes*".

Ahi passei em revista não só os phenomenos relativos aos tres primeiros centenios da vida do homem no planalto paulista, como a formação e o desenvolvimento, anterior a 1888, dessas massas da nossa população.

Vamos agora verificar quaes as correntes nacionaes que em diversas épocas se encaminharam para cá e se

**Imigração italiana e a portuguesa em S. Paulo**  
Curvas evolutivas e comparativas



acamaram por sobre o alicerce básico da população paulista preexistente.

De um modo geral os exóticos têm se distribuído assim quanto à proveniência.

Segundo o Relatório da Secretaria da Agricultura de 1928, recebemos desde 1827 as seguintes correntes:

	<i>Indivíduos</i>	<i>total de imigrantes</i>
Italianos . . . . .	930.735	ou 38.7 %
Hespanhoes . . . . .	378.286	" 15.7 %
Portuguezes . . . . .	372.898	" 15.5 %
Brasileiros . . . . .	230.731	" 9.5 %
Austriacos . . . . .	36.541	" 1.3 %
Diversos . . . . .	331.642	" 13.7 %
Não especificados . . . . .	138.226	" 5.6 %
Total . . . . .	2.419.059	" 100. %

Esse quadro de então para 1932, teve a seguinte evolução:

De 1827 a 1932, os totais de cada corrente imigratória, segundo a nacionalidade de origem, foram os seguintes:

Italianos . . . . .	938.033
Portuguezes . . . . .	400.238
Hespanhoes . . . . .	383.746
Brasileiros . . . . .	318.188
Japonezes . . . . .	115.495
Austriacos . . . . .	37.370
Diversos . . . . .	292.840
Não especificados . . . . .	138.226

dando, para o Estado de São Paulo, no período citado, um afluxo de 2.624.136 imigrantes (17).

(17) Esses imigrantes vieram, segundo o tempo e as nacionalidades, do modo seguinte:

<i>Annos</i>	<i>Italia- nos</i>	<i>Portu- guezes</i>	<i>Hespa- nhoes</i>	<i>Japo- nezes</i>	<i>Aus- triacos</i>	<i>Diver- sos</i>
1827 - 1834 .	—	—	—	—	—	995
1835 - 1839 .	—	—	—	—	—	304
1840 - 1844 .	—	80	—	—	—	80
1845 - 1849 .	—	—	—	—	—	569
1850 - 1854 .	—	1.113	—	—	—	1.168
1855 - 1859 .	—	1.494	37	—	—	2.478
1860 - 1864 .	—	—	—	—	—	521
1865 - 1869 .	—	146	—	—	—	1.014
1870 - 1874 .	5	244	—	—	13	1.013
1875 - 1879 .	3.406	1.416	300	—	163	4.770
1880 - 1884 .	7.287	4.127	695	—	84	3.648
1885 - 1889 .	137.367	18.486	4.843	—	2.506	4.462
1890 - 1894 .	210.910	30.752	42.316	—	6.069	14.830
1895 - 1899 .	219.333	28.259	44.678	—	8.841	2.464
1900 - 1904 .	11.039	18.530	18.842	—	2.663	8.528
1905 - 1909 .	63.395	38.567	69.682	825	2.714	21.156
1910 - 1914 .	88.692	111.491	108.154	14.465	4.410	36.686
1915 - 1919 .	17.142	21.191	27.172	12.649	674	4.856
1920 - 1924 .	45.306	48.200	36.502	6.591	3.671	57.042
1925 - 1929 .	29.472	10.976	3.213	30.292	571	14.929

Isso custou aos cofres do Estado de S. Paulo as seguintes sommas:

De 1881 até 31 de dezembro de 1889 (pe- riodo monarchico) . . . . .	8.287:014\$851
1889-1890 (de janeiro a 30/6/1890) . .	80:746\$094
1890-1891 . . . . .	892:643\$220
1891-1892 (julho a dezembro de 1891) . .	601:898\$180
1892 . . . . .	1.507:376\$753
1893 . . . . .	3.737:657\$943
1894 . . . . .	1.220:197\$496
1895 . . . . .	7.279:069\$120

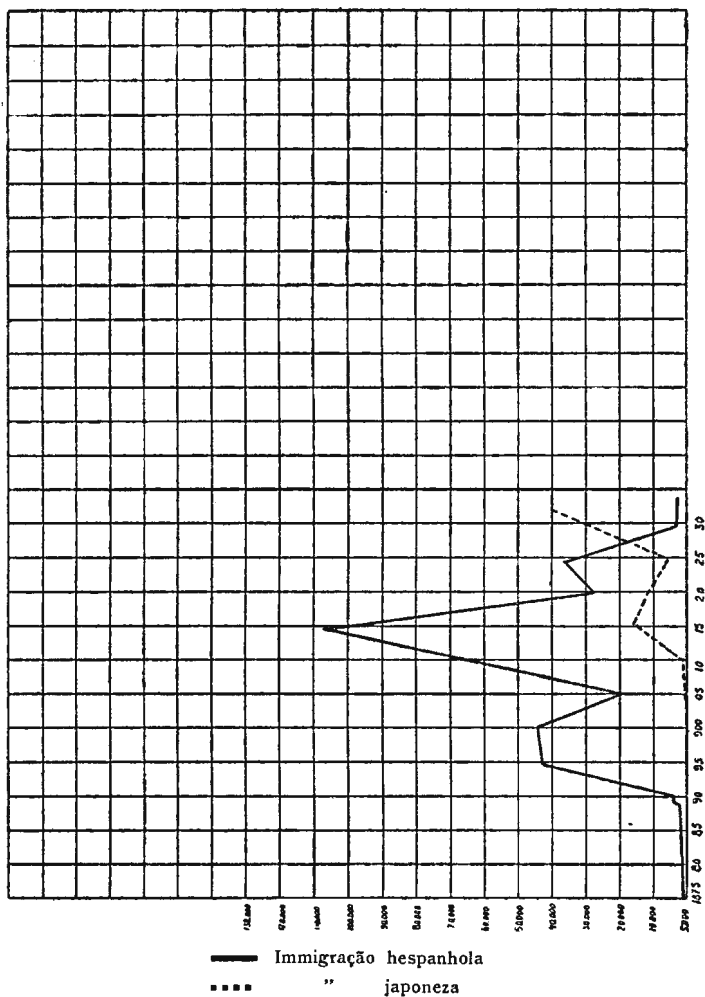
# Populações Paulistas 71

---

1896	. . . . .	4.645:283\$867
1897	. . . . .	5.926:934\$410
1898	. . . . .	2.739:370\$831
1899	. . . . .	2.278:423\$529
1900	. . . . .	1.128:900\$420
1901	. . . . .	4.500:969\$076
1902	. . . . .	2.094:327\$932
1903	. . . . .	237:651\$941
1904	. . . . .	667:857\$695
1905	. . . . .	3.172:489\$447
1906	. . . . .	2.609:781\$800
1907	. . . . .	1.658:690\$912
1908	. . . . .	2.000:960\$479
1909	. . . . .	2.609:412\$534
1910	. . . . .	3.096:209\$122
1911	. . . . .	3.583:154\$796
1912	. . . . .	5.949:267\$096
1913	. . . . .	6.571:944\$957
1914	. . . . .	3.276:624\$438
1915	. . . . .	1.438:773\$774
1916	. . . . .	1.768:941\$528
1917	. . . . .	3.706:136\$794
1918	. . . . .	2.526:150\$802
1919	. . . . .	1.962:186\$207
1920	. . . . .	3.491:833\$192
1921	. . . . .	7.907:871\$182
1922	. . . . .	5.787:487\$021
1923	. . . . .	8.978:054\$295
1924	. . . . .	16.966:494\$553
1925	. . . . .	16.343:990\$472
1926	. . . . .	15.406:824\$413
1927	. . . . .	7.027:940\$500
1928	. . . . .	2.639:344\$924
1929	. . . . .	2.000:000\$000
1930	. . . . .	2.000:000\$000
<hr/> Total . . . . .		182.306:888\$596

(Dados officiaes do Estado)

# **Imigração hespanhola e a japoneza para S. Paulo** Curvas evolutivas e comparativas





Esses elementos vindos de além mar durante um longo seculo se foram sedimentando sobre os preexistentes que eram em 1888 cerca de 1.384.000 (Recenseamento Federal de 1890) descendentes dos que, em 1827, segundo Saint Hilaire, não passavam de 258.901 (18).

Como porem, a immigração só tomou vulto a partir da data em que o negro teve a sua alforria, tornando-se imprescindivel substituil-o, só devemos tomar em conta a população de 1888.

Além do mais, não se pode confrontar o total dos immigrants da lista supra, ou as porcentagens dali tiradas, com o da população preexistente, porque taes immigrants vieram em épocas differentes e a sua influencia não deve ser determinada por criterio tão simplista.

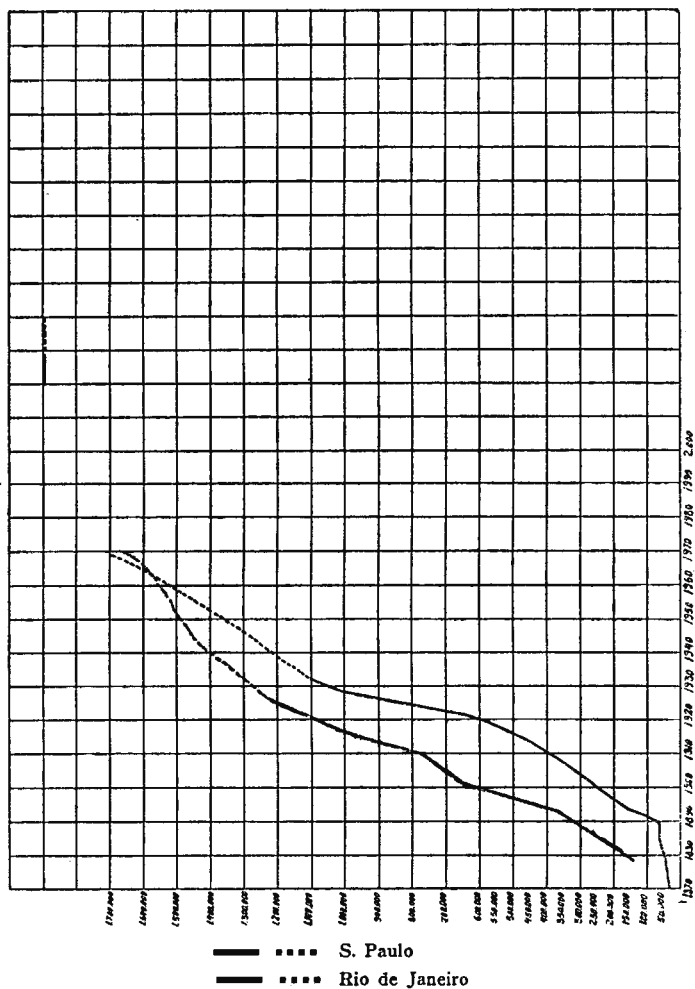
(18) Essa população teve a seguinte evolução:

1771 . . . . .	100.537	habs.		
1777 apud Southey . .	116.975	"		
1812 " " . . . . .	205.267	"		
1805 " Senador Ver-				
gueiro . . . . .	193.729	"		
1820 . . . . .	239.290	"		
1827 apud Saint. Hilaire	258.901	"		
1829 . . . . .	306.581	"	dos quaes	215.000 livres.
1832 (sem o Paraná) .	284.000	"	" "	204.000 livres.
1852 . . . . .	468.000	"		
1854 apud Machado de				
Oliveira . . . . .	564.374	"		
1861 . . . . .	677.248	"		
1870 . . . . .	735.000	"		
1872 . . . . .	837.000	"		
1887 . . . . .	1.221.000	"		
1890 . . . . .	1.384.753	"	(recenseamento)	

Antes de 1777 a população paulista deveria ter sido menor mas a differença não seria grande porque S. Paulo, com a triplíce sangria que soffria com a mineração em Matto Grosso, em Minas e em Goyaz, tinha a accrescentar o povoamento do Sul que, em parte, se fazia á sua custa. Com tudo isso é de crer que em 1700 o planalto paulista tivesse cerca de 90.000 habitantes.

# Crescimento das populações das cidades de S. Paulo e do Rio de Janeiro

Curvas evolutivas e comparativas.



O assumpto é deveras complexo e de impossivel determinação mathematicamente exacta. Pode-se porém estabelecer um calculo mais ou menos aproximado.

Estou na crença de que esses 930.000 italianos tenham formado cerca de 500 mil casaes, não sendo muito consignar a esses casaes uma média de 3,5 filhos para cada um. Dahi resultariam cerca de 1.400.000 individuos na segunda geração, os quaes devem ser sommados aos italianos que sobreviveram e que aqui se fixaram. Como calculo esses italianos em cerca de 400.000 seriam cerca de 1.800.000. A esse total, devem se addicionar os productos da terceira geração que já vae começada. Penso que não seria demais calcular em 1.000.000 de individuos essa terceira geração.

Sommaria tudo 2.800.000 individuos, de sangue italiano. Isto em um total de 7.200.000 almas da população paulista, seria pouco mais de  $1/3$ , ou 38%.

Attentemos agora para outra face do problema.

S. Paulo recebeu até 1927, isto é, até 7 annos atraz, cerca de 930.735 italianos.

Muitos, porém, não se fixaram aqui, e muitos outros morreram já.

Pelos dados referentes á mortalidade no Estado calculo que temos actualmente, 399.000 italianos, assim distribuidos:

Na Capital . .	104.000	ou	10.4%	da população da Capital
No Interior . .	295.000	ou	5.9%	da população do interior
Total do Estado	399.000	ou	6.6%	da população do Estado.

(Essas porcentagens são estabelecidas tendo-se em conta a população da Capital como sendo de um milhão de almas e a do interior do Estado de 6.000.000 de almas perfazendo tudo 7.000.000 de habitantes).

E' possivel que as minhas cifras não exprimam uma exactidão absoluta, mas se houver erro, não será grande. Disso estou bem certo.

Quanto ao elemento hespanhol calculo:

Na Capital . . .	37.000 individuos	ou 3.7%	da população
No Interior. . .	100.000       "	ou 1.2%	da população
Total do Estado .	137.000       "	ou 2.0%	da população

Por ahi se vê que o elemento hespanhol representa pouco mais de um terço, em relação ao italiano.

Quanto ao portuguez, faço o seguinte calculo:

Na Capital . . .	57.000 individuos	ou 5.6%	da população
No Interior. . .	110.000       "	ou 1.9%	da população
Total do Estado .	167.000       "	ou 2.4%	da população

Os demais elementos estrangeiros, pela sua insignificancia, se tornam de difficil e inexpressivo calculo, por esse systema, pelo que me limito aos mais importantes.

E' preciso ter-se em mente que o que ahi vae se refere ao anno de 1927, isto é, 7 annos atraz. De então para cá as cifras tiveram certa evolução. O elemento japonéz augmentou muito. Elle deve regular hoje com o hespanhol.

Além dos elementos estrangeiros que constituem forças divergentes e contrarias á brasileira, temos tambem no nosso bojo ethnico uma corrente immigratoria de certa importancia, composta de brasileiros, os quaes, como é natural, fazem força em prol da abrasileiração da nossa população.

Esses brasileiros estavam assim distribuidos:

Na Capital . . .	46.000 individuos	ou 4.6%	da população
No Interior. . .	245.000       "	ou 4.1%	da população
Total do Estado .	291.000       "	ou 4.2%	da população

Isso antes de 1930. Hoje esses numeros devem ter crescido em virtude dos acontecimentos politicos que provocaram a vinda para S. Paulo de uma verdadeira nuvem de brasileiros (18).

(18-a) A demographia brasileira tem oscillado muito com os eventos historicos, politicos, sociaes e economicos que atravez dos tempos se vêm desenrolando no paiz.

Como se sabe, logo no inicio quinhentista, o Brasil foi um fornecedor dos mercados europeus de pau-brasil, que francezes, hespanhoes e portuguezes buscavam nas feitorias e entrepostos que organisavam.

Depois, com a importação da canna de assucar, que requer um clima quente e humido, o eixo demographico do paiz se fixou no Norte mais proximo da metropole.

Ahi encontrou-se a riqueza economica; — intensificou-se o intercambio para dar lugar ao povoamento, e adensou-se a população, por seculo e meio, não obstante as guerras com o poderio de Hollanda, que para ahi havia sido attrahido justamente pela preponderancia economica da região.

Grandes cabedaes affluidos á região pela força economica do assucar permittiram ao Norte a importação do africano em larga escala.

Emquanto isso, o Sul vegetava na pobreza.

S. Vicente, a Capitania de extremo Sul, era uma molecula que não crescia. Seus povoadores corriam atraz dos apresamentos de indios, para as suas lavouras. Elles não tinham grandes meios para buscar negros na Africa.

Dahi o bandeirismo. Dahi a expansão territorial do paiz.

Até o inicio do setecentismo, o assucar foi a grande riqueza economica da colonia lusa.

A população naturalmente se concentrava onde havia prosperidade, onde haviam possibilidades de enriquecimento.

No Sul, só os mais rudes, os de espirito mais aventureiro se atreviam. Era ahi que se buscavam os caudilhos e os homens intrepidos para debellar Palmares ou para salvar a Bahia do indio revoltado, ou ainda para descobrir as pedrarias ou o ouro que ambicionavam.

Já no crepusculo agonico do seiscentismo, os paulistas acham, enfim, o ouro em terras de além Mantiqueira.

O Norte perde então o seu velho e secular monopolio de prosperidade demographica.

---

O ouro attrae o povoamento. Minas Geraes adensa um formidavel nucleo de população.

Durante um seculo, o homem se farta nas entranhas da terra.

A prosperidade chama o negro, tinge a população e descongestiona o Norte assucareiro.

Depois, o café encontra o seu "habitat".

Os paulistas espoliados das minas, que haviam descoberto, e vencidos pela avalanche numerica dos emboabas, rudes, aventureiros e infatigaveis, plantam no planalto paulista, no maior esforço agricola mundial, a lavoura do café, que veio substituir o ouro das minas esgotadas.

Veio o povoamento, com o deslocamento do eixo economico para São Paulo.

Veio o escravo tsnar a população, vieram os attributos e consequencias desse phenomeno.

Logo depois em agonia estertorava o Norte com a sua canna vencida pela beterraba européa e pela machina que nascia, reunindo capitaes alhures e renovando systemas que se revolucionaram derruindo pela selecção os velhos engenhos coloniaes do Norte, desprovidos de capitalisação e de fraca producção.

Mas o nortista, desilludindo-se do assucar, penetra pelo Amazonas e sangra as seringueiras ralas na immensidão da floresta equatorial, buscando o "latex" que a civilisação intensifica, na sua evolução, a procura ansiosa.

Foi, porém, uma rapida e meteorica prosperidade, que não deu tempo ao povoamento de chegar e se fixar.

Emquanto isso, só o café teimava em dar ao Brasil a fortuna, com que o pau-brasil, o assucar, o ouro e a borracha acenaram.

Foi assim que São Paulo teve os seguintes augmentos em população:

1 8 7 2

Brasil . . . . .	9.274.707
São Paulo . . . . .	837.354
Total . . . . .	<u>10.112.061</u>

1 8 9 0

		<i>Augmento</i>
Brasil . . . . .	12.949.162	39 %
São Paulo . . . . .	1.384.753	65 %
Total . . . . .	<u>14.333.915</u>	

1 9 0 0

		<i>Augmento</i>
Brasil . . . . .	15.038.948	62 %
São Paulo . . . . .	2.289.608	172 %
Total . . . . .	<u>17.318.556</u>	

1 9 2 0

		<i>Augmento</i>
Brasil . . . . .	26.043.417	159 %
São Paulo . . . . .	4.592.188	440 %
Total . . . . .	<u>30.635.605</u>	

Vê-se, pois, como São Paulo tem augmentado sua população em completa desproporção aos Estados do Brasil, cuja progressão crescente é muito menos accelerada.

Em 1872, a população paulista era 10 vezes menor do que a dos Estados do Brasil reunidos.

Em 1900, ficou apenas 6 vezes menor e em 1920 o era apenas 5 vezes e meia.

Quanto será hoje? Talvez apenas 4 vezes e meia.

Quanto será amanhã? Talvez menos ainda.

Isto é tocante á população.

Não é o mais importante.

Será o referente apenas á quantidade.

Vejamos a importancia economica.

Podemos estudal-a atravez da exportação de cada unidade, desde a segunda metade do seculo passado, para se poder observar bem a evolução.

## MÉDIAS QUINQUENNAES

	De 1852 a 1856	De 1862 a 1866	De 1872 a 1876	De 1882 a 1886
Alagoas. . . . .	1.596:000\$000	5.864:000\$000	4.156:000\$000	4.642:000\$000
Amazonas . . . . .	—	—	80:000\$000	3.189:000\$000
Bahia . . . . .	12.718:000\$000	16.124:000\$000	15.500:000\$000	16.159:000\$000
Ceará . . . . .	557:000\$000	2.749:000\$000	3.545:000\$000	3.988:000\$000
Espirito Santo . . .	—	50:000\$000	1.045:000\$000	1.589:000\$000
Maranhão. . . . .	2.099:000\$000	5.649:000\$000	3.353:000\$000	3.769:000\$000
Matto Grosso . . .	6:000\$000	92:000\$000	139:000\$000	—
Pará. . . . .	3.878:000\$000	6.563:000\$000	12.793:000\$000	16.776:000\$000
Parahyba. . . . .	2.112:000\$000	5.244:000\$000	3.311:000\$000	1.745:000\$000
Paraná. . . . .	1.125:000\$000	1.414:000\$000	2.020:000\$000	2.597:000\$000
Pernambuco . . . .	10.899:000\$000	19.694:000\$000	17.883:000\$000	16.690:000\$000
Piahy . . . . .	46:000\$000	249:000\$000	278:000\$000	694:000\$000
Rio G. do Norte . .	227:000\$000	878:000\$000	1.336:000\$000	1.763:000\$000
Rio G. do Sul . . .	4.849:000\$000	7.166:000\$000	10.460:000\$000	3.333:000\$000
Rio de Janeiro. . .	46.191:000\$000	61.416:000\$000	98.687:000\$000	106.112:000\$000
Sta. Catharina . . .	187:000\$000	310:000\$000	253:000\$000	874:000\$000
Sergipe. . . . .	525:000\$000	1.122:000\$000	2.308:000\$000	2.976:000\$000
S. Paulo . . . . .	2.895:000\$000	6.468:000\$000	22.812:000\$000	52.559:000\$000



	De 1893 a 1897	De 1903 a 1907	De 1913 a 1917	1919
Alagoas. . . . .	8.430:000\$000	5.113:000\$000	4.859:000\$000	3.917:000\$000
Amazonas . . . . .	42.041:000\$000	112.551:000\$000	70.930:000\$000	64.298:000\$000
Bahia . . . . .	35.575:000\$000	56.002:000\$000	80.962:000\$000	216.932:000\$000
Ceará . . . . .	2.934:000\$000	10.243:000\$000	16.003:000\$000	38.907:000\$000
Espirito Santo . . . . .	30.381:000\$000	14.247:000\$000	19.943:000\$000	47.715:000\$000
Maranhão. . . . .	4.494:000\$000	9.985:000\$000	10.602:000\$000	24.592:000\$000
Matto Grosso . . . . .	740:000\$000	6.796:000\$000	6.327:000\$000	6.469:000\$000
Pará. . . . .	60.080:000\$000	95.139:000\$000	72.144:000\$000	77.121:000\$000
Parahyba. . . . .	1.732:000\$000	6.181:000\$000	6.043:000\$000	4.270:000\$000
Paraná. . . . .	5.610:000\$000	14.398:000\$000	30.771:000\$000	42.771:000\$000
Pernambuco . . . . .	31.419:000\$000	19.840:000\$000	28.878:000\$000	61.025:000\$000
Piahy . . . . .	1.220:000\$000	—	—	—
Rio G. do Norte . . . . .	919:000\$000	963:000\$000	2.874:000\$000	1.668:000\$000
Rio G. do Sul . . . . .	31.715:000\$000	20.802:000\$000	37.250:000\$000	137.389:000\$000
Rio de Janeiro. . . . .	192.522:000\$000	123.071:000\$000	318.987:000\$000	348.172:000\$000
Sta. Catharina . . . . .	1.469:000\$000	3.879:000\$000	5.834:000\$000	15.986:000\$000
Sergipe. . . . .	3.402:000\$000	128:000\$000	—	—
S. Paulo . . . . .	248.690:000\$000	273.744:000\$000	444.082:000\$000	1.087.487:000\$000

## 1929

---

Alagoas . . . . .	4.636:000\$000
Amazonas . . . . .	64.816:000\$000
Bahia . . . . .	249.113:000\$000
Ceará . . . . .	66.309:000\$000
Espirito Santo . . . . .	183.649:000\$000
Maranhão . . . . .	36.298:000\$000
Matto Grosso . . . . .	38.363:000\$000
Pará . . . . .	63.382:000\$000
Parahyba . . . . .	52.798:000\$000
Paraná . . . . .	137.442:000\$000
Pernambuco . . . . .	69.537:000\$000
Piauhy . . . . .	—
Rio Grande do Norte . . . . .	25.246:000\$000
Rio Grande do Sul . . . . .	208.322:000\$000
Rio de Janeiro . . . . .	508.021:000\$000
Santa Catharina . . . . .	33.295:000\$000
Sergipe . . . . .	1.272:000\$000
São Paulo . . . . .	2.098.003:000\$000

São Paulo teve o seu total crescido de 37.590% e o Rio apenas de 653% (Lobo, loc. cit. 242).

Dahi para cá, a situação vem-se agravando, a tal ponto que São Paulo só, exporta mais que os outros Estados reunidos.

Mas, dessa estatística tira-se uma série enorme de ensinamentos. Vê-se como o assucar de Pernambuco, Alagoas, Sergipe, cahiu, a ponto de só figurar de um modo importante, quando, em meados do seculo passado, era quasi que o unico artigo brasileiro. Assim mesmo, o assucar sempre modesto não avultou na exportação!

Depois, o café do Rio de Janeiro.

Depois, a borracha no Pará e no Amazonas, que, aliás, nunca attingiu ás grandes exportações de café, que acabou ficando com o sceptro, na exportação brasileira, com a quédia da borracha que se pode bem observar nas estatísticas.

Mas em 1891, São Paulo ainda não era o "primus inter pares" na exportação.

---

O Rio de Janeiro era-lhe superior. Só de 1893 a 1897 é que São Paulo galgou a primazia.

A exportação paulista crescera de 373%, enquanto que o crescimento da do Rio fôra apenas de 83% (Telesph. Lobo, "São Paulo na Federação", 242).

A forma de governo em 1891, adaptavel á situação de facto de então seria razoavel uma Federação. Em 1886, S. Paulo exportava apenas a metade que o Rio.

A situação economica de São Paulo e dos outros Estados, não apresentava grande e sensível desequilíbrio.

O restante do paiz reunido era 5 vezes superior a São Paulo.

---

Hoje, só São Paulo é superior aos outros reunidos, sob o ponto de vista economico.

A situação de facto está profundamente alterada.

E' preciso que haja uma parallela alteração politica, para que não resulte um desequilíbrio.

Por certo, isso não é para envaidecer ou envergonhar quem quer que seja. Isso não é livre arbitrio de quem quer que seja e nem indice de superioridade ou de inferioridade de uns ou de outros.

E' a fatalidade do ambiente.

E' o determinismo implacavel, governando os destinos humanos.

O remedio que eu aconselho é o menos drastico, é o menos violento: é a Confederação.

São Paulo não quer hegemonia. Isso não lhe deve interessar. O interesse dos demais Estados é tão respeitavel, como o seu proprio. São Paulo, apenas, quer se prejudicar o menos possivel.

Isso é humano! Os outros, que façam o mesmo!

### CAPITULO III

## PROCESSOS DE ASSIMILAÇÃO

Quando um povo pacifica ou violentamente se choca com outro, ou assimila esse outro, e nesse caso teremos uma *superposição* de civilisação; ou forma com elle uma terceira civilisação mixta das duas; ou se deixa assimilar pelo preexistente, e então teremos uma *infraposição* de civilisação.

A entrada dos romanos na Gallia ou na Iberia teve como resultado uma assimilação com superposição de cultura. Os romanos assimilaram a velha civilisação gauleza, o mesmo realisando na Iberia. Nem se diga que os gaulezes ou iberos não tinham civilisação!

A entrada dos romanos na Grecia e nos Balkans fez que do encontro sahisse uma terceira civilisação, mixta da romana e da grega: a chamada cultura bysantina.

A invasão germanica no mundo occidental foi assimilada pelos romanos que realizaram assim uma *infraposição* de civilisações.

A assimilação, pois, é a redução a outra civilisação de um grupo humano mais ou menos numeroso de individuos, o qual abandona todos os laços culturaes anteriores, adquirindo novos que lhes são transmittidos pelo grupo humano em contacto com o qual elle é posto.

A assimilação se opera de duas maneiras bem distintas. Como duas forças agindo no mesmo sentido, que se completam, se integram, se conjugam em um só objectivo: a redução da massa de exóticos.

Essas duas forças que materialisam os dois processos de assimilação se resumem:

a) no *cruzamento*

b) na *educação* ou *adaptação*.

O cruzamento como a propria palavra está indicando é a ligação de dois individuos de estirpes differentes pelos laços do sangue.

Particularisando, o cruzamento pode ser de estrangeiro com paulista, ou de estrangeiro com estrangeiro de estirpe differente.

O cruzamento de estrangeiro com paulista é o que melhores resultados de assimilação produz, mas o cruzamento de uma estirpe estrangeira com outra tambem é de effeitos apreciaveis, se conjugado ao processo da educação.

Do cruzamento do estrangeiro com o paulista resulta a homogeneisação de duas mentalidades differentes, ficando a exótica plasmada nos moldes da paulista que acaba prevalecendo. E' o que se dá entre nós.

E' a força apaulistanisadora agindo no sentido vertical da profundidade.

Seus resultados são mais enraigados, mais solidos, mais efficientes, ainda que não possam ser muito extensos.

A educação ou adaptação (termo em que resumo todas as forças apaulistanisadoras derivadas de toda sorte de contactos com o ambiente externo) age mais no sentido horizontal da extensão e menos do de profundidade.

O cruzamento representa a base, o alicerce, emquanto que a educação é a superstructura, a parte da constru-

ção que mais apparece. O cruzamento seria o nucleo da cellula, enquanto que a educação seria o protoplasma.

Mesmo o cruzamento, entre duas especies estrangeiras, traz resultados apreciaveis para a assimilação, porque as forças nacionaes postas em confronto nesse cruzamento se annullam, anniquilando as resistencias oppostas pelas mentalidades exoticas as forças educacionaes.

Cada uma das correntes immigratorias, não só se comporta de modo diverso no cruzamento, como offerece maior ou menor resistencia no que se refere á educação.

Entre nós as correntes immigratorias exoticas, a principio não se misturavam.

Aos poucos, muito vagarosamente, foram se effectuando os cruzamentos que se foram accentuando.

O seguinte quadro póde dar idéa do modo pelo qual essa mistura se vem fazendo, desde 1895, nas cidades de S. Paulo, Santos, Campinas, Ribeirão Preto, São Carlos, Guaratinguetá e Botucatú:

	<i>Casamentos entre paulistas</i>	<i>Casamentos entre paulistas e estrangeiros</i>	<i>Casamentos entre estrangeiros</i>
1895 . . .	27,9 %	9,2 %	62,9 %
1900 . . .	35,9 %	10,5 %	53,6 %
1905 . . .	32,9 %	16,8 %	50,3 %
1910 . . .	33,8 %	23,5 %	42,9 %
1915 . . .	41,1 %	26,4 %	32,5 %
1920 . . .	51,6 %	25,9 %	22,5 %
1925 . . .	57,1 %	22,9 %	20,0 %
1927 . . .	58,6 %	21,9 %	19,5 %

Em 1927 a estatistica relativa a todo o interior do Estado consignava:

Casamentos entre paulistas . .	76,2 %
" " estrangeiros e paulistas .	14,7 % (cruzamentos)
" " estrangeiros .	9.1 % (19)

Esse quadro comparativo, pelo qual se pôde acompanhar a marcha ascendente dos cruzamentos (uniões exogamicas) e dos casamentos dentro da propria estirpe (por amixia) é confirmado pelo que se segue, relativo á matricula nas escolas primarias officiaes.

	<i>Filhos de paes paulistas</i>	<i>Filhos de paes estrangeiros</i>
Capital . . . .	41,7 %	58,3 %
Interior . . . .	60,7 %	39,3 %
Total do Estado	55,9 %	44,1 %

(Annuario do Estado, 1926)

O quadro acima é reflexo de uma situação mais remota, mas o que se trata é prenhe de ensinamentos. Remota porque, referindo-se aos filhos de paulistas e estrangeiros, já em idade escolar, representa o "statu-quo" de uma época mais longinqua, que diz respeito quer aos cruzamentos, quer aos casamentos dentro da mesma estirpe.

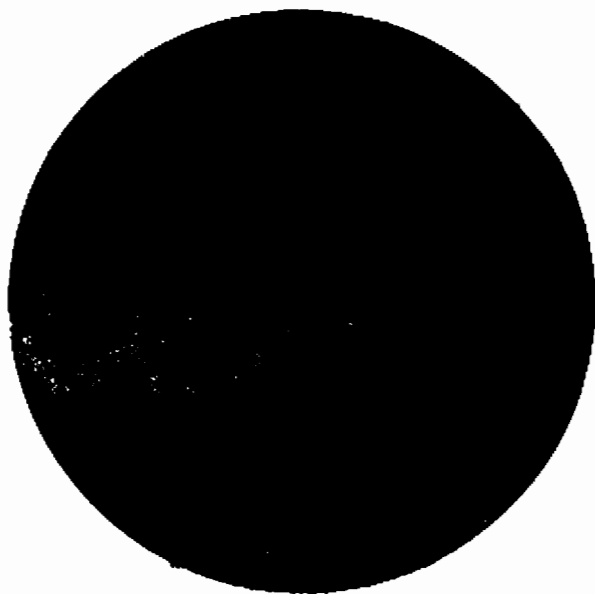
Por elle se vê quanto o interior é mais assimilador do que a Capital, onde os escolares filhos de estrangeiros são mais numerosos do que os filhos de paulistas.

Não é menos suggestivo o quadro relativo á natalidade nos tres annos seguintes:

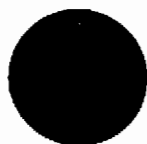
---

(19) Essas porcentagens se referiam a todo interior, emquanto que aquellas só diziam respeito ás cidades mencionadas que são capitaes regionaes demographicas.

Natalidade em S. Paulo em 1927



Filhos de paes paulistas  
84.1 %



Filhos de paes estrangeiros  
15.9 %



	<i>Filhos de paes paulistas</i>	<i>Filhos de paes estrangeiros</i>
1925 . . . . .	81,3 %	18,7 %
1926 . . . . .	81,8 %	18,2 %
1927 . . . . .	84,1 %	15,9 %

Por ahi se verifica o augmento sempre accentuado dos nascimentos dos filhos de paulistas. Isso não quer dizer porém que vá augmentando o predominio da cana-da dos preexistentes, sobre os exóticos. E' preciso não esquecer que os filhos dos immigrants aqui nascidos já são paulistas, de modo que a columna paulista vae augmentando á medida que a dos estrangeiros decresce com a mortalidade destes e a diminuição das correntes immigratorias.

## CAPITULO IV

# O NEGRO

Houve no seculo passado a florescencia de uma doutrina nascida na França com as idéas de um velho diplomata da nobreza da Normandia, o conde de Gobineau.

Conquistou essa doutrina grande prestigio, o que se deve não só a autoridade do seu creador como tambem ao ambiente em que se desenvolveu, onde não havia uma cultura verdadeiramente scientifica, mas que tirava apparente lustre de noções hoje tidas por obsoletas.

Na Allemanha essas idéas triumpharam, graças ás victorias de 66 e de 70, aquellas sobre a Austria e estas sobre a França.

Depois, com a expansão do pan-germanismo, a doutrina do diplomata francez conquistou o apoio de grandes cerebrações scientificas, que a corporificaram em mil pesquisas, não escapando á voga a propria França que, humilhada e vencida, pagou seu tributo com os trabalhos de Vacher de Lapouge, o famoso bacharel de Montpelier.

Procurava essa doutrina demonstrar a superioridade bio-sociologica do homem louro do norte.

A essa pretensa superioridade foram attribuidos os successos e as virtudes dos allemães. A essa pseudos e

illusoria superioridade foi attribuido o surto magnifico da Inglaterra na gloriosa éra victoriana, em que esse paiz conquistou meio mundo, escravizou o commercio universal e monopolizou as industrias em todo o globo.

A essa pretensa superioridade tambem foi attribuida a expansão germanica, e a supremacia dos norte-americanos. Essa trilogia de innegaveis successos parecia confirmar, ao menos na opinião pan-germanista, a superioridade do homem louro de alta estatura e dolicocephalo do norte.

Não percebiam, porém, os pregoeiros da doutrina de Gobineau, que aquella gente afortunada triumphou, não por qualquer superioridade de sangue ou de intellecto, mas simplesmente por viver no seculo da machina, possuindo um sub-sólo privilegiado. Pires do Rio — *“O combustivel na economia universal”*.

Confundiam causa com effeito. Levados por essas idéas egophilicas, imperialistas e jactanciosas, consideravam o “alpino”, o “mediterraneo”, o “asiatico”, e sobretudo o “africano”, como inferiores, incapazes de resistir á avançada fulminante dos anglo-saxões e germanicos dos seculos XIX e XX.

Não fechavam os olhos ao passado, mas baseados não sei em que, sustentavam que os povos não nordicos tiveram sempre por guiões, nos periodos brilhantes da sua historia, homens da celebrada preta loura.

Todos os successos da Hellade; todos os peryplos da Phenicia; todas as grandezas da Cidade Eterna; todas as fulgurancias do mundo sarracenico; todo o brilho mysterioso de Byzancio; todo o heroismo semi-barbaro dos medievæes; toda a obra portentosa do humanismo e da Renascença; toda a arestada historia da reconquista peninsular, da navegação, dos descobrimentos, todo o trabalho insano da Reforma, todas as paginas memoraveis da historia moderna e contemporanea, tiveram, para os ade-

ptos da doutrina gobineana, como guias e orientadores, homens desse typo privilegiado. Localisado no norte, dahi se teria elle desgarrado, penetrando por infiltração nos outros povos, para logo os dominar.

Essa doutrina de superioridade racial era uma reedição em ponto grande e bem mais perigosa da lenda famosa do povo eleito de Israel...

Os chefes da doutrina, que teve adeptos fanaticos como Woltmann, Ammon, Chamberlain, Lapouge e tantos outros, não observaram com attenção o meio geographico, apontado pelos da escola anthropogeographica de Ratzel, e admittida sob reservas pelos da escola de Vidal de la Blache.

Se porventura houvesse cabido aos anglo-saxões o continente sul-americano, do qual a Inglaterra tem uma pequena amostra, na Guyana, e se aos lusos fosse dada a parte Norte da America do Atlantico Leste, os Estados Unidos, com o combustivel da Pensylvania e o minereo dos Grandes Lagos; se porventura houvesse sido dado aos portuguezes viver nas terras brumosas do Mar do Norte, ou nas ribanceiras rhenanas do Sarre, teriamos que consignar paginas luminosas para esse povo iberico, emquanto que se os teutos tivessem ficado nas terras equatoriaes do Nordeste brasileiro, a extincção da colonização européa ahi seria de prever com facilidade.

Tel-os-ia engulido o regaço immenso do valle amazonico, ou o contacto igneo com as abrasadas catingas, ou mesmo o roçar pelas arestas das fraldas griz da tropical Paranapiacaba.

Que fizeram os inglezes na Guyana?

Que fizeram os teutos no Kamerum?

Que realizaram os hollandezes em Surinam ou em Sumatra?

Que ha dos inglezes nos desertos australianos, ou no interior da India?

Onde jazem os famosos "poor whites", senão nas colônias britannicas do tropico norte? (20).

Como custou aos francezes a fixação na Argelia e como nada fazem na Guyana?

Um prognostico não seria difficil se o inglez ou qualquer outro nordico tivesse tomado o lugar do portuguez no Brasil, e o portuguez o do inglez nos Estados Unidos.

Emquanto o louro se transformaria em "poor white", degenerado e amortecido como se verifica nas Bahamas, o iberico, senhor do Cardiff, ou do Pocahontas, para mineração o ferro do seu machinario seria indubitavelmente o primeiro povo desta era industrial. (Rangel Moreira: — "*Porque somos apenas isto*". Monteiro Lobato; "*Ferro*").

Não está sendo assim com o nipponico, gente portentosa, que sem embargo de não ser dolico loura, e não ter guiões de estirpe nordica, figura temida e respeitada, ao lado das maiores potencias do mundo?

Pois bem, foi devido a essa atmospheria enganosa de observação deficiente que Buckle lançou o primeiro anathema sobre o Brasil.

Lapouge sustentou que esse paiz viria a ser povoado por gente tornada ao typo africano ou indigena. Le Bon, mais tarde, na insciencia do que se passa no nosso hemispherio, encampou a sombria predição de Lapouge, logo

---

(20) Sabe-se, e Huntington no seu magistral "*Civilisation and Climate*", nos lembra, que as ilhas Bahamas são povoadas por anglo-saxonios, para ahi emigrados da Virginia, nos fins do seculo setecentista.

Seculo e meio de ambiente climatologico tropical, onde as temperaturas são estacionarias, onde o regimen climatico é por demais uniforme, foram sufficientes para transformar aquelles anglo-saxonios exuberantes, em miseros "*poor whites*" de indice de efficiencia inferior ao do negro nos Estados Unidos, onde um regimen climatico permite um maior desenvolvimento da efficiencia.

depois reeditada por Siegfried, que, como Bryce e Madison Grant, não trepidou em dar essa demonstração da sua leviandade a respeito de assumptos que não conhece senão pela rama.

Não resta duvida que grande somma de gente negra veio povoar o Brasil.

Isso desde o periodo remoto da industria assucareira, na Bahia e em Pernambuco. Houve necessidade de fazer vir da Africa a mão de obra para esse ramo da industria agricola, que attingia o auge da prosperidade, realisando a civilização opulenta de Olinda, de Recife e de São Salvador, bem como attrahindo os flamengos sedentos do ouro liquido que escorria dulçuroso dos alambiques.

Mais tarde a mineração nas Geraes provocou a segunda avalanche de negros, para engrossar as fileiras minguadas de "carijós" que o bandeirismo de prêa, paralyzado nas correrias, não mais buscava nos sertões sul-americanos.

Finalmente o café, desde a exploração do valle do Parahyba, até o desbravamento do Oeste paulista, trouxe a terceira grande vaga de africanos, irradiada da Côte, que era o entreposto importador da carga humana (21).

---

(21) Como ficou dito acima, o Brasil só importou negros para os tres fôcos principaes mencionados. Alem desses, no Piahy, Maranhão e Pará houve uma certa corrente de immigração africana.

O planalto paulista, durante os dois primeiros seculos de povoamento, não conheceu o africano senão em casos verdadeiramente esporadicos. Eram conhecidos como "negros da Guiné". Estudo isso no meu livro "*Raça de Gigantes*", ao passar em revista a formação das populações paulistas nesses tres primeiros seculos.

Só nos oitocentos, isto é, tres seculos depois de iniciada a colonisação, é que S. Paulo teve meios pecuniarios para adquirir africanos.

Foi assim que o Brasil recebeu a massa de africanos, espalhando-a diversamente pela sua immensa superficie territorial.

Mas isso não tem importancia.

Portugal já não havia tido igualmente a sua porcentagem de negros?

Guardadas as proporções, é provavel que lá a quantidade de melanicos tivesse sido bem maior.

¿Não é Mendes Corrêa, o illustre professor da Universidade do Porto, o scientista notavel que todo o mundo admira e acata, que nos relata a existencia do “homo afer taganus”?

Que é feito dos sargitarios negros do Al Sudan, que Musa e Tarik começaram em 711 a transplantar da Mauritania para a Peninsula? Quem nol-o conta é o grande Alexandre Herculano.

Onde estão os servos negros das casas ricas e nobres, importados da Africa pelas caravelas quatrocentistas e quinhentistas, que singraram o Não, o Bojador, e as Tormentas?

Tiveram esses negros, que deveriam ter sido em numero elevadissimo, bem outro destino que aquelles escravos plantadores do tabaco e do algodão na Virginia, na Georgia, ou nas Carolinas, ainda hoje agglomerados e

---

Antes, o paulista preferia ir ao sertão buscar indios a comprar negros para trabalhar nas suas lavourinhas.

Nos oitocentos, com o augmento da sua capacidade acquisitiva, os paulistas tiveram extrema necessidade de braços para as suas lavouras que se estendiam em oceanos de cafesaes.

Não podiam mais captivar indios no sertão, como o haviam feito seus antepassados. E recorreram ao meio que se achava mais ao seu alcance. Era a linha de menor resistencia. Além disso, as minas de ouro estavam decadentes e a mão de obra dessas regiões de alem Mantiqueira desempregada. Os paulistas encaminharam-na para seus espigões cafeiros.

nucleados, enkystados pelo orgulho aristocratico dos brancos norte-americanos.

E' que o velho Portugal soube resolver o problema do africano, absorvendo, graças ao cruzamento, a parte melhor, mais escolhida pela selecção sexual, e eliminando pelas selecções naturaes e sociaes os elementos inferiores.

Nos tempos coloniaes, o negro era no Brasil muito mais numeroso do que o branco. Logo depois cessou o trafico africano, mas os que tinham arribado antes foram se reproduzindo com grande fecundidade, de modo que não diminuiam.

Essas condições evoluíram em São Paulo.

Recebemos grandes massas immigratorias da Europa, e os negros com seus mestiços começaram então a minguar.

Depois, com a lucta social, cahiram em decadencia e esta se accelera.

A diminuição alarmante da natalidade e o augmento da mortalidade provocam seu desaparecimento.

\*

\*      \*

Em S. Paulo, o negro pouca liga fez com o caboclo.

Suas mentalidades eram muito heterogeneas, para que se confundissem em mescla completa. O negro era servil, resignado, humilde. O caboclo, como seu antepassado amerindio, indomito, intratavel, sobranceiro, insubordinavel. Dahi a pequenissima dóse de mulatos ainda existentes no Estado.

A maior parte delles, ou é oriunda de um conubio directo do portuguez, ou em maior abundancia, originaria do Brasil.



Esses melancolicos teriam vindo attrahidos pelo renome que S. Paulo exerce no Brasil e principalmente depois dos successos politicos acarretados com a victoria da revolução de 1930.

Nas camadas sociaes mais altas pode-se mesmo affirmar que o negro não abriu fenda por onde penetrasse.

Apesar de liberal e plastico, o paulista sempre conservou em fermento, desde os tempos da escravidão, a semente de um velho espirito de afastamento contra o negro.

Não é esse sentimento filho de um odioso preconceito, que nos Estados Unidos se materialisa em perseguições infrenes, vinganças crudelissimas e reacções barbaras. E' antes pouca attracção, no que entra uma dóse de piedade por essa estirpe, bem como desejo de não se misturar com gente de quem se guarda a visão de principaes protagonistas dos quadros do captivo e dos scenarios de miseria social e physiologica depois de 1888, cousas que a arrastam para um declive forte de um exterminio rapido.

Não creio que para tal sentimento paulista tenha contribuido o facto de serem descendentes dos grandes troncos de sertanistas e por estes de um João do Prado, de um Antonio de Oliveira, de um Pero Leme, de um Paschoal Leite, de um Antonio de Proença, de um João Ramalho.

A esse respeito sempre nos differenciamos, nós paulistas, dos norte-americanos, eternos enfatuados dos seus "Pilgrim fathers" ou dos seus puritanos do famoso "Mayflower", ou ainda dos seus "Virginians pioneers".

Aqui os muitos seculos e a extremada modestia dos nossos avoengos, votaram ao esquecimento e á ignorancia os feitos homericos do povoamento e do drama rebrilhante das bandeiras.

Do olvido completo, tão unicamente escapára, e muito andrajosa, a formosa lenda de Amador Bueno.

Só nos fins do oitocentismo, Azevedo Marques lembrou os factos vicentinos para depois se succederem as buscas seivosas de Taunay, Washington Luis, Antonio Piza, Silva Leme e outros. Mas, sem embargo do muito que se tem feito ultimamente para enaltecer o paulista antigo, seus authenticos descendentes teimam em não se orgulhar de ancestralidade tão elevada. Timbram em se desinteressar pelo passado.

Entretanto, o negro, escravo de hontem, ainda inspira ao paulista uma certa aversão. Com isso elle se recusa em commungar no mesmo sangue e partilhar do mesmo lar.

Os remanescentes dos ultimos senhores ruraes, proprietarios de escravos, estão desaparecendo. Mas os que conheceram o negro, escravo, ainda estão cheios de vida. Com elles talvez se extingam os ultimos escrupulos.

Como porém, o negro e o mulato tambem, caminhem rapidamente para o tumulto, não tirarão elles proveito de um possivel liberalismo da gente nova, que os não chegou a conhecer amarrados ao tronco da escravidão.

Acredito que seja essa a razão de não haver o paulista herdado do lusitano, seu antepassado, o decidido pendor sexual pela negra, cousa que no Rio de Janeiro, antigo mercado entreposto de escravos da Angola, da Guiné, da Costa, da Mina etc. contribue para que pullule o mulato em todos os matizes dermocromaticos...

O negro em S. Paulo, passa sem deixar vestigios, sem largar residuos.

Os poucos que foram absorvidos no turbilhão das mestiçagens, logo a quarta ou quinta geração perderam os signos somatologicos do mulato. São claros, de olhos azues, de cabellos lisos, de traços finos; é quasi impossivel distinguil-os da gente exotica.

Nas baixas camadas o concurso africano reflecte-se nos mestiços, mulatos quarteirões, oitavões, etc. Rapida-

mente eliminados, pela maior mortalidade, em razão das varias insufficiencias dos seusapparelhos physiologicos, desaparecerão logo das nossas massas.

A influencia do africano, que tem sido minima, reduzir-se-á cada vez mais pelos phenomenos da heredologia, do mendelismo e das selecções naturaes e sociaes.

\*  
\*      \*

Sempre fui adversario intransigente da chamada doutrina da superioridade racial alimentada pela existencia de uma aristocracia ethnica polycromica e por uma egolatria desmemoriada.

Sempre, dentro dos meus modestos recursos, combati essa corrente de idéas, pregoeira da inferioridade do brasileiro. Dizem que o brasileiro, sendo uma mistura ibero-afræ-americana, não possuindo senão laivos muito esmaecidos da celebrada dolicocephalia loura, está fatalmente relegado á sotoplanura.

Não posso concordar.

Dedico fervorosa admiração ao homem habitante do Brasil, que vive em ambiente tão ingrato, em sólo tão arestoso, em área geographica tão difficil.

Foi elle quem expulsou o flâmengo e vive a soffrer, secularmente ilhado no asperrimo Nordéste.

Foi elle quem occupou a Amazonia, o "*Inferno verde*" de Alberto Rangel, o "*Contienente em marcha*" de Euclydes da Cunha. E' elle ainda o "homem devorado pela terra" segundo este grande ecologo.

Estou no firme pensar de que o brasileiro é o unico homem do mundo capaz de supportar as agruras de uma terra como a delle.

Nenhum outro povo a merece mais do que o brasileiro.

Mas apesar de tudo, não posso ser adepto do extremado democratismo racial do meu prezado mestre e amigo Roquette Pinto.

Estou convencido de que o negro, mesmo educado, não pôde nivelar-se ao branco.

O vol. XXX dos "*Archivos do Museu Nacional*", publica um magistral trabalho do mesmo Roquette Pinto sobre os typos anthropologicos do Brasil. Nesse trabalho ha um inquerito sobre as aptidões dos brancos (leucodermos), caboclos (xantodermos), mulatos (phaiodermos) e negros (melanodermos). Nelle se vê que o negro é supplantado em quasi todas as provas.

Aliás é esse mesmo resultado que em ponto grande nos apresenta o jogo de selecções no grande palco da vida brasileira.

As selecções de ordem physiologica e sociologica conjugadas, fazem o negro caminhar impiedosa e drasticamente na esteira morbida da derrota.

Nem se allegue que a inferioridade inicial do captivo de que sahiram, não permittiu que attingissem as condições dos brancos e ganhassem o terreno que tinham sido constrangidos a conceder. Porque, deante dos proprios elementos brancos, que, como elles, sahiram do nada, se tem demonstrado no campo sociologico absolutamente inferiores.

Ainda nas classes menos favorecidas dessa sotoplana social, parecem portadores de um estigma fatal que os amarra, impossibilitando-os de melhorar sua situação.

Em 1872, os negros e mulatos constituíam no territorio paulista 62 % da população, em 1923, passaram a ser apenas 16 %.

Não sei se está succedendo o mesmo no Brasil.

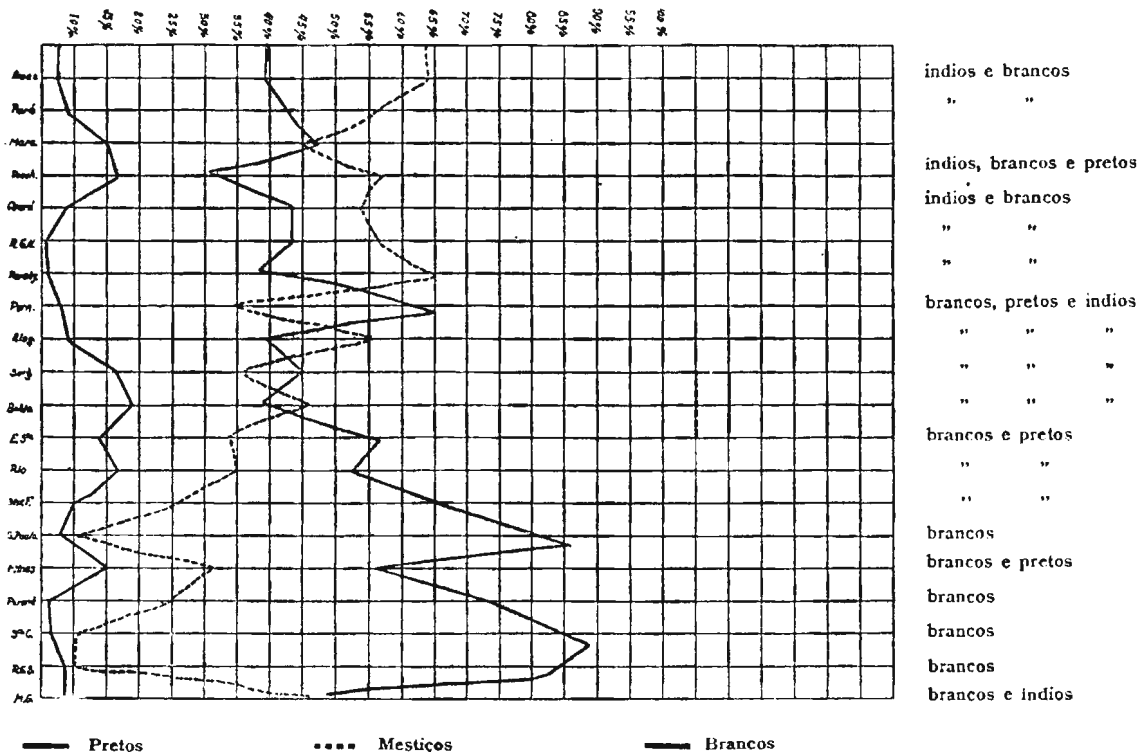
Ahi elles estão assim distribuidos, segundo um estudo do pernambucano coronel dr. Lobo da Silva, publicado no vol. XXX do "*Archivos do Museu Nacional*".

As porcentagens obtidas pelo illustre pernambucano medico do Exercito, mediante exame de cerca de 30.000 soldados, no que se referem ao Estado de S. Paulo, não condizem bem com as que apurei. A razão, está em que o dr. Lobo da Silva analysou elementos seleccionadamente nacionaes, como são os soldados do Exercito, onde a gente exotica não póde figurar, emquanto que meus estudos foram effectuados na base de toda a população do Estado sem distincção de nacionalidades.

	Branços	Mulatos e mestiços	Negros
Amazonas . . . . .	31 %	54 %	4 %
Pará . . . . .	35 %	56 %	7 %
Maranhão . . . . .	40 %	45 %	15 %
Piauhv . . . . .	24 %	58 %	17 %
Ceará. . . . .	38 %	53 %	7 %
Rio Grande do Norte. . .	37 %	58 %	3 %
Parahvba . . . . .	32 %	65 %	3 %
Pernambuco . . . . .	58 %	35 %	6 %
Alagôas. . . . .	34 %	55 %	8 %
Sergipe . . . . .	39 %	36 %	17 %
Bahia . . . . .	33 %	47 %	19 %
Espirito Santo . . . . .	52 %	34 %	13 %
Rio de Janeiro . . . . .	47 %	35 %	17 %
Districto Federal. . . . .	64 %	26 %	8 %
São Paulo . . . . .	82 %	12 %	6 %
Paraná. . . . .	71 %	25 %	3 %
Santa Catharina . . . . .	85 %	11 %	4 %
Rio Grande do Sul. . . .	79 %	10 %	7 %
Minas . . . . .	52 %	32 %	15 %
Goyáz . . . . .	39 %	48 %	13 %
Matto Grosso. . . . .	45 %	47 %	7 %
Média em todo o BRASIL .	59 %	30 %	10 %

# Dermocromia das populações brasileiras com exclusão do elemento de alem mar

Curvas comparativas



Ignoro qual seja a fecundidade do negro e do mulato.

O "*Annuario Demographico*" do Estado de S. Paulo, por motivos que desconheço, não consigna a natalidade dessa gente em todo o interior como faz o no que se refere á mortalidade.

Assim, não me foi possível calcular com exactidão a porcentagem dos negros e dos mulatos nascidos em São Paulo.

Quanto á mortalidade, consegui estabelecer de um modo muito indirecto, tomando por base as cifras do "*Annuario Demographico*" de 1927, a porcentagem elevadissima e verdadeiramente impressionante de 42,0 por mil.

Nos Estados Unidos, a mortalidade dos negros é de 16,3 por mil. E' lá maior do que a dos brancos, que attinge a 11,6 por mil, mas fica longe da mortalidade dos negros de São Paulo.

Ha cem annos, quando ainda nas Geraes se raspavam das encostas os ultimos granitos auriferos, Eschwege "*Reflexões estatisticas de Minas Geraes*", achou para o negro maior natalidade do que para o branco, tal como ainda acontece nos Estados Unidos (o negro tem uma natalidade de 25,3 por mil enquanto que o branco norte-americano apresenta apenas 22,2 por mil).

No planalto paulista, as condições são bem differentes. Ahí a natalidade do negro e do mulato é bem inferior á do branco.

Graças a varios elementos estatisticos, consegui apurar para o negro e para o mulato uma natalidade de 18,48 por mil, a qual como se vê é muito inferior á que caracteriza o negro norte-americano.

Nos Estados Unidos, o negro augmenta como se viu, ainda que em proporções menores do que o branco.

A população negra norte-americana tem evoluído assim:

em 1790 . . . . .	757.208	em 1860 . . . . .	4.441.830
em 1800 . . . . .	1.002.037	em 1870 . . . . .	4.880.009
em 1810 . . . . .	1.337.808	em 1880 . . . . .	6.580.793
em 1820 . . . . .	1.771.656	em 1890 . . . . .	7.488.676
em 1830 . . . . .	2.328.642	em 1900 . . . . .	8.833.494
em 1840 . . . . .	2.873.648	em 1910 . . . . .	9.827.463
em 1850 . . . . .	3.638.808	em 1920 . . . . .	10.463.131

Em S. Paulo, como vimos, a natalidade do negro e do mulato é inferior a sua mortalidade. De acordo com o "*Annuário Demographico*" de 1927, eis as porcentagens sobre o total da natalidade e da mortalidade no Estado, segundo a dermocromia:

	<i>Natalidade sobre 100</i>	<i>Mortalidade sobre 100</i>
BRANCOS	94.2	84.8
PRETOS	2.6	7.0
MULATOS	3.2	8.1

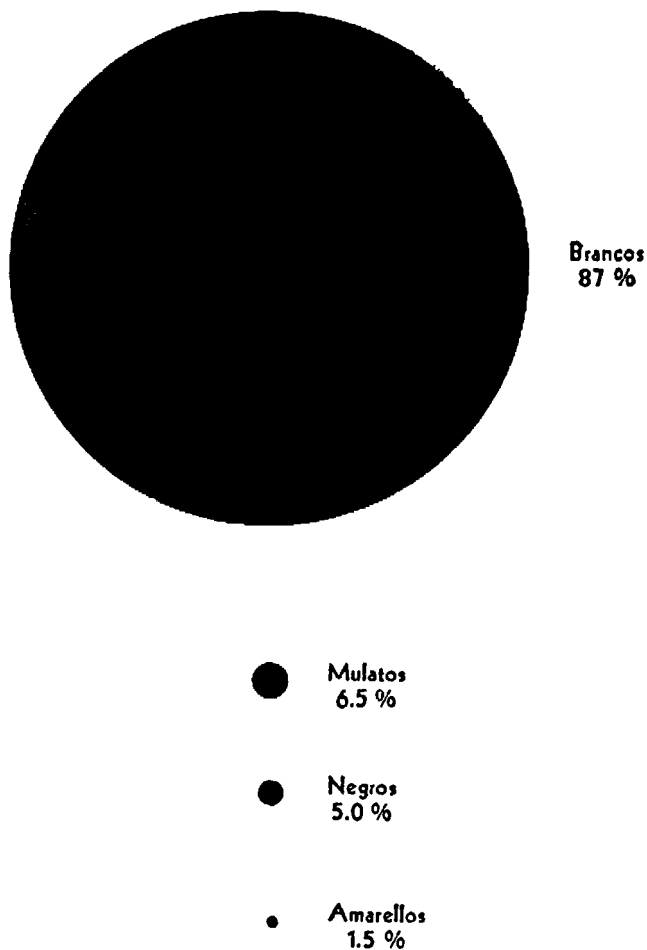
Em sete cidades do Estado, segundo dados do "*Annuário Demographico*" de 1924 vigoraram as seguintes porcentagens:

	NATALIDADE DE 100	
	<i>Branços</i>	<i>Pretos e mulatos</i>
Capital . . . . .	94.8 %	5.0 %
Santos . . . . .	99.2 %	0.7 %
Campinas. . . . .	92.0 %	7.9 %
Ribeirão Preto. . . . .	90.6 %	9.3 %
S. Carlos. . . . .	85.6 %	14.1 %
Guaratinguetá . . . . .	81.4 %	18.5 %
Botucatú. . . . .	90.8 %	8.7 %

	MORTALIDADE DE 100	
	<i>Branços</i>	<i>Pretos e mulatos</i>
Capital . . . . .	87.1 %	12.6 %
Santos . . . . .	85.5 %	14.2 %
Campinas. . . . .	75.2 %	24.6 %
Ribeirão Preto. . . . .	77.2 %	20.9 %
S. Carlos. . . . .	75.3 %	24.6 %
Guaratinguetá . . . . .	69.1 %	30.7 %
Botucatú. . . . .	83.5 %	16.4 %



**Repartição da população estadual paulista  
quanto a dermocracia**



Por esses quadros estatísticos fica perfeita e exuberantemente provado que o preto e o mulato figuram em proporções altíssimas na mortalidade do Estado, mantendo cifras mínimas quanto á natalidade.

A situação delles é pessima portanto. Ou sua mortalidade é normal (estabelecendo-se as porcentagens da população de accôrdo com as proporções da mortalidade 84,8 % são brancos puros, 8,1 % são mulatos, e 7,0 % são negros) e neste caso a natalidade delles é fraquissima e absolutamente insufficiente para a manutenção de uma população; ou sua natalidade é que é normal, estando em perfeita paridade com a dos brancos, mas ainda nesta hypothese a extincção do negro e do mulato é fatal porque as porcentagens da sua mortalidade indicam verdadeira hecatombe.

Fugindo desse doloroso dilemma, prefiro um meio termo, inclinando-me a crer que, nem a natalidade, nem a mortalidade dos melanicos são normaes em São Paulo.

A mortalidade do negro e do mulato é muito maior que a do branco e a natalidade delles é inferior.

No anno de 1926 vigoraram os seguintes numeros absolutos a respeito da natalidade e mortalidade dos melanicos, em sete cidades, capitaes de zonas sanitarias em S. Paulo:

	NEGROS E MULATOS	
	<i>Natalidade</i>	<i>Mortalidade</i>
Capital . . . . .	1.441	1.838
Santos . . . . .	48	351
Campinas. . . . .	292	469
Ribeirão Preto. . . . .	264	276
S. Carlos. . . . .	209	144
Guaratinguetá . . . . .	199	219
Botucatu. . . . .	26	42
	<hr/> 2.479	<hr/> 3.339

Ha, pois, um "deficit" de 860 individuos o que não pôde ser attribuido a méra casualidade, porque a somma das estatisticas referentes aos annos de 1924 e 1925 registraram nas mesmas cidades:

## NATALIDADE

4.894

## MORTALIDADE

6.336

Não só o total registra um "deficit" contra os melanicos, como, tambem, em todas as cidades apontadas se ve affirmado o mesmo phenomeno. Apenas São Carlos apresenta uma excepção a essa regra. Isso é bem significativo.

Mas, tendo em conta a população total de cada zona sanitaria, em relação á sua capital, penso que os melanicos estão tendo um "deficit" annual de 4 a 5.000 individuos em todo o Estado, de onde o prognostico da sua extincção daqui a 40 ou 50 annos, desmentindo as affirmações de Le Bon, Madison Grant, Siegfried e outros, ao menos, quanto a São Paulo.

Tres são as causas dessa extincção que se processa cada vez com maior nitidez:

- a) *absorção pela mestiçagem.* As mestiçagens que se forem apurando dentro de continuos cruzamentos com a estirpe branca, acabarão se integrando nesta. Qualquer retrocesso atavico não terá importancia. Deverá ser bem reduzido o numero de mestiços salvos por esse modo. Em Portugal teria acontecido isso e os casos de retrocesso atavico não são de se notar.
- b) *inferioridade sociologica.* O negro e o mulato deixam-se vencer na lucta pela vida. São esmagados pelo branco na concorrência social, cousa que lhes acarreta males a que não sobrevive.

- c) *inferioridade physiologica e psychologicala*, que os torna incapazes de resistir ao alcoolismo e a outros vicios e habitos ruinosos.

Dessas tres causas, a segunda é, a meu ver, a mais importante. Ella só, seria sufficiente para paralyzar os melanicos em São Paulo. E' a inferioridade sociologica que reduz o negro e o mulato á miseria, acarretando-lhes a falta de hygiene, a deficiencia alimentar do que advem a pobreza organica e dahi a grande mortalidade.

E' de facto rarissimo ver-se um negro ou um mulato em profissões liberaes, em altas camadas sociaes. Preferem as sinecuras dos empregos publicos, ou as remunerações mais magras, porém, mais seguras e garantidas.

Nas industrias, no commercio, ou na agricultura, só penetram pelos canaes subalternos, exercendo sempre posições inferiores.

Nunca luctam com o animo proprio dos que tudo ariscam no labutar aventuroso da concorrência da vida. Preferem ser soldados mercenarios, carteiros, conductores ou motorneiros de vehiculos, carroceiros, cocheiros, chauffeurs, apegados a ordenados fixos e certos, sem as perspectivas da independencia que a fortuna lhes poderia dar se se fizessem alfaiates, sapateiros, marceneiros, pequenos proprietarios agricolas, sitiantes, chacareiros, etc. Isso se vê não só nas cidades como no meio rural. Ahi não se encontra o negro como colono. Elle é volante, carroceiro, carreiro, etc.

Não se aventuram fóra do estreitissimo ambito de subalternos e de empregados cumpridores de ordens.

Modestos, e principalmente conformados, estão convencidos da propria inferioridade.

Não chegam, mesmo a luctar, como os seus congêneres norte-americanos.

Perecem corroidos pelo alcool e pelos vicios, que se succederam a uma libertação repentina, sem o prévio preparo de uma condição intermediaria.

\*  
\*   \*  
\*

Uma das causas da inferioridade demographica apresentada pelo negro reside, como já ficou dito, na sua insufficiencia physiologica e na sua inferioridade psychologica. Ha uma intercorrelação entre a physiologia e a psychologia do negro e do mulato. A grande mortalidade dessa gente, causada por determinadas affecções da sua constituição physiologica, indica uma fraqueza, ou pelo menos uma certa differença em relação ao branco, differença essa que, aggravada pela má adaptação ao ambiente, constitue uma inferioridade (22).

Assim, o seu apparelho respiratorio. O negro e o mulato são, a esse respeito inferiores ao branco.

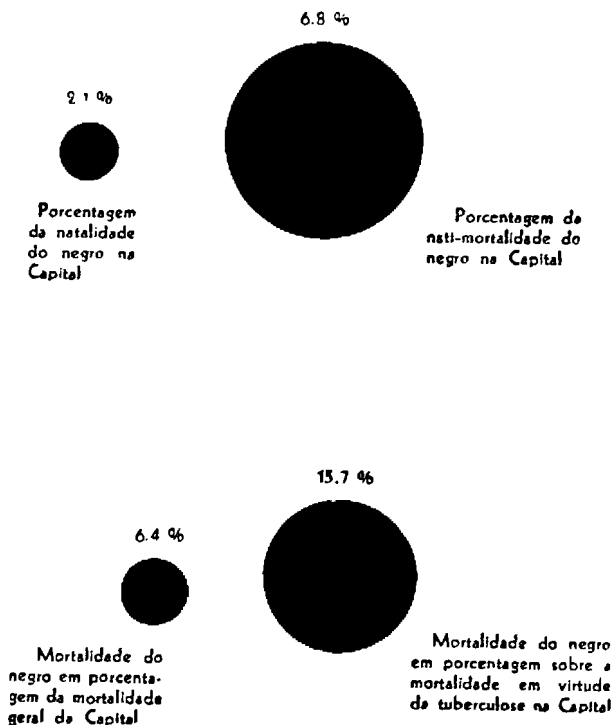
A pressão arterial do melanico é mais elevada do que a do branco, cousa devida, talvez, ao habito inveterado do alcoolismo. Essa pressão arterial mais intensa, com a miseria organica, advinda de uma inferioridade de ordem sociologica, torna o apparelho circulatorio do melanico mais fragil. De facto, é esta a mortalidade dos brancos comparada á dos negros e mulatos, causada por vicios de circulação:

---

(22) Ao falar de adaptação, quero dizer que o negro não conseguiu ambientar-se na mesologia physica do planalto paulista. Trata-se da transplantação de um individuo de um ambiente africano, que naturalmente é formado por certas delimitações differentes das que aqui enfeixa o nosso meio geographico.

O planalto paulista comprehendendo o territorio do Estado de S. Paulo, sobre a serra do Paranapiacaba, constitue uma região geographica dotada de determinadas linhas mestras. O negro trazido para aqui não consegue naturalmente supportar com gallardia a transplantação.

**Natalidade e mortalidade do negro na Capital paulista em comparação com a mortalidade pela tuberculose e a nati-mortalidade dos mesmos na Capital paulista**



	<i>Branços</i>	<i>Negros</i>	<i>Mulatos</i>
Capital. . . . .	86.4 %	8.3 %	5.3 %
Santos . . . . .	90.1 %	3.9 %	6.0 %
Campinas . . . . .	64.1 %	22.9 %	13.0 %
Ribeirão Preto . . . .	81.7 %	15.3 %	2.9 %
Guaratinguetá. . . . .	64.1 %	17.9 %	17.9 % (23)

Eis o resultado das embolias, das arterio escleroses, das aortites, dos aneurismas, etc., causados, possivelmente, pelos effeitos perniciosos do desregrado alcoolismo, conjugados ás miserias organicas que resultam da inferioridade sociologica do melanico.

Tambem é de notar entre estes as elevadissimas porcentagens de coefficients de nati-mortalidade. Não sei se devida no que respeita aos mulatos, a coexistencia de uma hybridez heteromorphica, como nos ensina o grande Broca, mas em todo o caso, ella é bem visivel das estatisticas.

Relativamente ao anno de 1927, consegui apurar os seguintes dados:

	NATALIDADE De 100		NATI-MORTALIDADE De 100	
	<i>Negros</i>	<i>Mulatos</i>	<i>Negros</i>	<i>Mulatos</i>
Capital . . . . .	2.1 %	3.2 %	6.8 %	8.9 %
Santos . . . . .	0.3 %	0.9 %	6.1 %	11.6 %
Campinas . . . . .	3.2 %	3.7 %	8.5 %	11.1 %
Ribeirão Preto . . . .	4.0 %	5.3 %	14.2 %	8.3 %
S. Carlos . . . . .	6.3 %	3.7 %	7.7 %	4.4 %
Guaratinguetá . . . . .	5.5 %	10.9 %	9.3 %	24.4 %
Botucatu . . . . .	1.3 %	0.6 %	—	8.8 %

Creio que as altas porcentagens do negro, no que respeita á nati-mortalidade, resultam da miseria organi-

(23) E' preciso que se note que, se na Capital e em Santos a mortalidade do negro e do mulato é menor nas porcentagens, porque a existencia dos melanicos é ahi em muito menor quantidade proporcionalmente á população.

ca, do alcoolismo, da falta de hygienc pre-natal e de outros factores semelhantes que vêm forçando o desaparecimento da estirpe suicida inconsciente.

Quanto ao mulato, seria de presumir uma attenuação dessa degenerescencia.

Tal não se nota. E' que ella é supprimida por uma outra força talvez oriunda da mestiçagem.

A mestiçagem tem sido indeterminadamente condemnada pelos scientistas. Não deveria a esse respeito haver generalizações. Póde haver casos de mestiçagens de consequencias funestas, como póde tambem haver casos de mestiçagens beneficas.

Seria de se adoptar com Broca, a divisão de mestiçagens homogenesicas e mestiçagens heterogenesicas. As primeiras seriam as de procreação possivel, as segundas seriam typos tão differentes que não poderia haver fecundação sequer.

As mestiçagens homogenesicas poderiam ser agenesicas, dygenesicas, paragenesicas e eugenesicas.

Na agenesia haveria fecundação mas a gestação não viria a termo e haveria aborto, não se obtendo, pois, procreação.

Na dygenesia haveria fecundação com procreação, mas o producto seria infecundo ainda que conjugado com qualquer das raças mães.

Na paragenesia haveria fecundação com procreação de individuos não fecundos entre si, mas sim, se conjugados com qualquer das raças mães.

Na eugenesia haveria fecundação e procreação de typos mestiços fecundos se formando uma terceira raça bem definida que se prolongaria indefinidamente, penso eu, obedecendo ás leis de hybridação de Mendel.

E' possivel que da mestiçagem do negro com o branco, produzindo o mulato, não resulte um bom producto isto é, fecundo e eugenesisco.



Sim, porque, repito, nem todas as mestiçagens são funestas.

E' muito conhecido o classico caso de Pitcairn, na Oceania, e o magnifico resultado produzido pela mestiçagem dos nordicos inglezes com polynesianas.

Eu, porém, analysei casos muito mais numerosos, muito mais detidamente, observando tambem mais resultados. Foi no meu livro "*Raça de Gigantes*", que examinando o povoamento do planalto paulista, passei em revista os casos de cruzamento entre europeu e indio, de que resultou o mameluco paulista. Verifiquei a excellencia do resultado e a extraordinaria fecundidade do mesmo em qualquer geração examinada.

E' pois absurdo querer tirar conclusões de casos isolados. Erram portanto os generalisadores que louvam irrestrictamente os cruzamentos sem as cautelas de analyses *a posteriori*, como do mesmo modo, erram os que querem estabelecer uma norma fixa condemnadora para todos os casos de mestiçagens.

Nesse capitulo scientifico é imprescindivel um prudente ecletismo. Ha, de facto, cruzamentos infelizes como ha cruzamentos de magnificos resultados. Sem experiencias nada é possivel dizer. Qualquer prognostico a esse respeito é arriscadissimo.

Penso que tudo depende das estirpes matrizes. Querer imitar os norte-americanos que, sem o menor exame, condemnam "*a priori*" qualquer mestiçagem é enveredar pelo caminho errado.

Aliás, grandes scientists francezes, como Apert "*Le probleme des races et l'immigration en France*" commun-gam nas mesmas idéas, procurando sustentar que qualquer corrente immigratoria só pode produzir máus effeitos para a Eugenia, porque della decorre o cruzamento, o qual para esta seria sempre nefasto.

Outro ponto em que se manifesta a inferioridade do melanico em relação ao branco, é o referente á mortalidade causada pela tuberculose pulmonar.

As estatísticas provam e eloquentemente:

	MORTALIDADE GERAL EM 100		MORTALIDADE PELA TUBERCULOSE EM 100	
	<i>Negros</i>	<i>Mulatos</i>	<i>Negros</i>	<i>Mulatas</i>
Capital . . . .	6.4 %	6.5 %	15.7 %	16.1 %
Santos . . . .	5.4 %	9.1 %	8.0 %	10.4 %
Campinas . . .	11.5 %	14.2 %	28.7 %	20.0 %
Ribeirão Preto	10.7 %	9.2 %	39.0 %	19.5 %
S. Carlos . . .	10.3 %	6.9 %	21.7 %	12.6 %
Guaratinguetá	14.3 %	11.4 %	15.6 %	25.0 %
Botucatu . . .	1.4 %	4.4 %	—	15.7 % (24)

(24) As cidades do planalto paulista não são as mais mortíferas, tendo a tuberculose como causa mortis.

Não é aqui o refugio maior do microbio de "Koch":

E' o que demonstram as estatísticas abaixo.

A não ser Curitiba que também está no planalto paulista, formado pela serra do Mar, o quadro nosologico das cidades brasileiras, no que se refere á tuberculose é tetrico.

A não ser Santos, as outras cidades paulistas supportam um confronto muito animador no que diz mortalidades pela tuberculose.

<i>Cidades</i>	1929 <i>coefficients por 100.000 habitantes</i>		
	<i>Tuberculosos</i>	<i>lepra</i>	<i>syphilis</i>
São Paulo. . . . .	107.00	1.12	22.50
São Carlos . . . . .	64.45	4.83	11.28
Ribeirão Preto. . . . .	166.66	2.69	33.97
Campinas . . . . .	98.28	10.23	28.65
Santos. . . . .	249.36	1.23	63.11
Curitiba . . . . .	67.00	—	23.00
Belo Horizonte . . . . .	189.50	2.30	64.46
Rio de Janeiro . . . . .	264.01	3.64	40.29
Porto Alegre. . . . .	340.74	0.74	44.81

As tuberculose é, pois uma das causas que mais influem num proximo desaparecimento do melanico. E essa propensão repousa sobre duas forças que se conjugam:

- a) *A pobreza organica*, resultante do desconforto, que produz a inferioridade social. Mal alimentados, sem hygiene, esgotados por uma lucta cada vez mais intensa e que por isso lhes exige uma actividade sempre crescente, os melânicos acabam baqueando extenuados.
- b) *A conformação racial do negro*. Sua maior espessura dermica sobrecarrega a respiração pelos pulmões. Menos intensa assim a respiração cutanea, intensifica-se o trabalho do apparelho respi-

---

São Salvador. . . . .	350.00	1.51	60.90
Recife. . . . .	372.30	4.28	43.56
Belém . . . . .	389.89	35.24	27.64
Nictheroy . . . . .	372.54	2.97	72.32
Victoria. . . . .	464.82	—	72.84.

1929 *coefficients por 100 obitos geraes*  
*Tuberculoses      lepra      syphilis*

<i>Cidades</i>			
São Paulo. . . . .	7.82	0.08	1.64
São Carlos . . . . .	4.72	0.35	0.82
Ribeirão Preto. . . . .	9.86	0.15	3.01
Campinas . . . . .	7.40	0.77	2.16
Santos. . . . .	14.74	—	3.73
Curityba . . . . .	5.20	—	2.56
Bello Horizonte . . . . .	10.03	0.12	8.41
Rio de Janeiro . . . . .	17.59	0.24	2.68
Porto Alegre. . . . .	18.99	0.04	2.49
São Salvador. . . . .	16.97	0.07	2.46
Recife. . . . .	18.04	0.20	2.11
Belem . . . . .	14.85	1.34	1.05
Victoria. . . . .	14.51	—	2.27
Nictheroy . . . . .	15.24	0.12	2.96

ratorio; com isso as bruscas e imprevisíveis alternativas thermometricas no planalto paulista affectam mais o aparelho pulmonar.

A inferioridade sociologica e physiologica do melanico apressa portanto a sua extincção.

Esmaga-os um ferreo circulo vicioso:

São socialmente inferiores, vencidos na concorrência vital, por falta de instrução, e não a podem adquirir por absoluta falta de meios. Mal preparados, vãos de instrução, são fatalmente vencidos nessa luta pela vida, cada dia mais intensa.

Assim, definham physicamente e mais accentuada se torna sua inferioridade sociologica.

Gente decrepita vae já em rapida agonia! (25)

(25) São do sr. Othon Gaudie Fleury os seguintes estudos, referentes ao negro, os quaes com a devida autorização eu reproduzo, pois que elles confirmam as thêses que desenvolvo acima:

Procurando determinar o crescimento demographico no que se refere ás cores dos habitantes de S. Paulo (capital) cingimo-nos aos excellentes annuarios do Serviço Sanitario, á util publicação daquelle Departamento.

A população paulistana elevou-se de 528.295 a 1.070.986 habitantes no periodo de 1919 a 1929.

Registraram-se de 1919 a 1929 — onze annos — 260.615 nascimentos e 140.055 obitos com o saldo vegetativo de 120.560. O augmento da população tendo sido de 542.691 pessoas reparte-se em intrinseco (vegetativo) 120.560 ou 21,9 % e extrinseco (immigratorio) 422.131 ou 77,9 %.

População media do periodo 785.680 habitantes. Para se obter a população pela côr recorremos ao calculo obtido pelas taxas de nascimento e a de obitos.

Empregada a taxa uniforme de nascimentos a população de côr ficará reduzida e o coefficiente de obitos seria exaggerado. Contrariamente, pela taxa uniforme de obitos, desceria o coefficiente de nascimentos na população de côr a taxa irrisoria.

Adoptamos o criterio da média por ser o mais aconselhavel.

Não obedece ao rigor da technica, mas no momento, em falta de recenseamento é o unico meio a seguir.

No periodo de 1919 a 1929, nasceram na capital paulista :

Branços . . . . .	245.943
Pardos . . . . .	8.943
Pretos . . . . .	5.151
Amarelllos . . . . .	574

No mesmo periodo falleceram:

Branços . . . . .	122.467
Pardos . . . . .	8.646
Pretos . . . . .	8.604
Amarelllos . . . . .	330

Ficando o saldo positivo de:

Branços . . . . .	123.466
Pardos . . . . .	297
Amarelllos . . . . .	244

e o negativo de 3.453 pretos

Em 11 annos o crescimento vegetativo de S. Paulo foi em percentagem:

Branços . . . . .	102,9	%
Pardos . . . . .	0,24	"
Amarelllos . . . . .	0,21	"

e negativo. Pretos 2,86 %.

O augmento da população negra verificado posteriormente deve-se exclusivamente á immigração.

População em 1919 . . . . . 528.295

	<i>Branca</i>	<i>Parda</i>	<i>Preta</i>	<i>Amarella</i>
Pela taxa de nascimentos.	503,300	16,650	8,345	
Pela média . . . . .	488,800	22,000	17,500	

Coefficiente pela média geral:  
Nascimentos — 32,01 — Obitos — 18,9.

	<i>Branca</i>	<i>Parda</i>	<i>Preta</i>	<i>Amarella</i>
Coefficiente pela taxa mi-				
lar — nascimentos . .	32,01	32,01	32,01	
Pela média . . . . .	32,96	24,5	15,2	

## Obitos

	<i>Branca</i>	<i>Parda</i>	<i>Preta</i>	<i>Amarella</i>
Taxa nascimentos . . . .	17,31	29,12	58,46	
Média . . . . .	18,33	23,50	28,6	

Periodo 1919 - 1929:

População media 785.680 — Nascimentos — 30,1 — obitos — 16,2

	<i>Branca</i>	<i>Parda</i>	<i>Preta</i>	<i>Amarella</i>
Coefficiente 0/00				
Nascimentos . . . . .	30,1	30,1	30,1	30,1
Obitos . . . . .	15,0	29,1	50,0	17,6

	<i>Branca</i>	<i>Parda</i>	<i>Preta</i>	<i>Amarella</i>
Pela média—nascimentos.	31,3	21,4	14,6	34,6
Obitos . . . . .	15,6	20,6	24,4	20,0

## População

	<i>Branca</i>	<i>Parda</i>	<i>Preta</i>	<i>Amarella</i>
Pelo coefficiente				
Nascimentos . . . . .	741.000	27.100	15.600	1.700
Pela média . . . . .	714.000	38.000	32.000	1.500

## População 1929

1.070.986

	<i>Branca</i>	<i>Parda</i>	<i>Preta</i>	<i>Amarella</i>
Pela taxa de nascimentos	26,99	26,99	26,99	26,99
Obitos — Coefficiente. .	12,5	29,50	34,80	11,50

	Pela média			
	<i>Branca</i>	<i>Parda</i>	<i>Preta</i>	<i>Amarella</i>
Nascimentos . . . . .	28,1	17,3	15,1	28,3
Obitos . . . . .	13,0	18,6	19,0	12,7

	População			
	<i>Branca</i>	<i>Parda</i>	<i>Preta</i>	<i>Amarella</i>
Coefficiente - nascimentos 1:002,000	34,400	29,300	5,300	
Média . . . . .	959,500	54,500	52,200	4,800

Observado o coefficiente pela média verificamos que a taxa de natalidade em 1919 e 1929 foi a seguinte:

<i>Anno</i>	<i>Côr</i>	<i>Nascimentos</i>	<i>Obitos.</i>
1919 . .	Branca	32,96	18,33
1929 . .	"	28,10 — 4,86	13,00 — 5,33
1919 . .	Parda	24,50	23,50
1929 . .	"	17,30 — 7,20	18,60 — 4,90
1919 . .	Preta	15,20	28,50
1929 . .	"	15,10 — 0,10	19,40 — 9,2
1919 . .	Amarella	—	—
1929 . .	"	28,30	12,7

<i>Anno</i>	<i>Côr</i>	População	
			1929
1919 . .	Branca	488,800	959,500
	Parda	22,000	54,500
	Preta	17,500	52,100
	Amarella		4,800

A' primeira vista parece excessivo o augmento verificado na população negra, quando pelo movimento demographo-sanitario houve saldo negativo. Explica-se comtudo, pelo affluxo de imigrantes de outros Estados e do proprio interior do Estado. O mesmo se applica quanto á população parda.

O coefficiente aparentemente melhor do que o encontrado para os brancos quanto aos amarelllos deve-se ao facto de ser

a população japoneza quasi toda adulta e o maior numero de obitos entre a população menor de 10 annos.

Tambem não vae contra a affirmação do dr. Ellis, que proclama a decadencia do negro no Planalto Paulista. O augmento da população negra nos centros urbanos é observado tambem na America do Norte.

<i>Cidade</i>	<i>População Negra</i>		<i>cresc.</i>
	1920	1930	
(*) N. York . . . .	152,467	327,706	114,9
Chicago . . . . .	109,458	233,903	113,7
Philadelphia . . .	134,599	219,599	63,6
Detroit . . . . .	40,838	120,066	194,0

e dezenas de outras cidades apresentam o mesmo augmento. Em Manhathian (N. York) a população branca cahia de 2.059.077 em 1920 a 1.406.986 em 1930 ao passo que a preta augmentou no mesmo periodo de 109.133 a 205.245.

Pelo obituario do mesmo anno vemos que foram registrados 356 obitos de nacionaes de outros Estados, ou seja quasi 19.000 pela taxa geral. Em 1929, attingia a 729 o numero de obitos e a população seria 53.000 habitantes brasileiros de outros Estados.

População do Estado em 1929 pela taxa de obitos no Estado — coefficiente obtido na Capital em 1929:

<i>Obitos</i>					
Branços . . . . .	84.564	÷	13,0	=	6.505.000
Pardos . . . . .	8.796	÷	18,6	=	478.000
Pretos . . . . .	7.428	÷	19,4	=	383.000
Amarellos. . . . .	1.241	÷	12,7	=	98.000

Sendo a população do Estado calculada no mesmo anno em 7.160.000 habitantes e estabelecida a relação porcentual — obteremos:

Branços . . . . .	6.236.600	87,1 %
Pardos . . . . .	458.200	6,4 »
Pretos. . . . .	372.300	5,2 »
Amarellos . . . . .	93.080	1,3 »

(\*) "The World Almanach" — 1932, pg. 434.



## CAPITULO V

# O ITALIANO

Depois do negro, importado para a cultura do café, veio a corrente immigratoria italiana. A certeza de que a lei 1888 viria, mais cedo ou mais tarde, capacitou o paulista de que havia necessidade de cuidar com urgencia da substituição da mão de obra cafeeira.

A lavoura de café no planalto paulista já produzia a bella somma de dois e meio milhões de saccos de café, já haviam então plantações preparadas para duplicar essa producção logo que as arvores novas attingissem a idade de fructificação (26).

Antes dessa data o unico elemento exotico que entrava pela immigração era o portuguez, tão diminutas são

---

(26) E' muito sabido que a planta cafeeira demora cinco a seis annos para iniciar a producção. Então, na occasião do inicio da vinda da primeira grande léva de immigrantes italicos, já a lavoura de café plantada iria produzir em 1894 nada menos de 4.600.000 saccas, o que representa um esforço puramente paulista, ainda sem o concurso do immigrante italiano.

Depois, nunca S. Paulo conseguiu exceder a media de nove milhões e meio de saccas annuaes, exportadas, sem embargo de haver duplicado e quadruplicado a sua população, attingindo 2.300.000 em 1900 e 7.000.000 em 1929,

as cifras referentes a outros estrangeiros, na lista dos imigrantes. E quanto ao portuguez mesmo, os algarismos oscillavam nas casas das centenas por anno.

Toda a população do planalto era absolutamente paulista. Apenas o negro tisnando-a e colorindo-a, mostrava uma procedencia extra americana de parte dos habitantes deste rincão.

A immigração italiana, se iniciou realmente em 1890. Só então ella se tornou impetuosa e transbordante, aqui desembarcando quasi um milhão de individuos até 1927.

Como já foi dito, S. Paulo tinha 1.384.753 habitantes, segundo o recenseamento federal de 1890.

Então, embora o utilitarismo dos cafeecultores parecesse dever esmagar a velha estirpe paulista, o phenomeno nada mais representava do que a reproducção daquillo que se passara nos Estados Unidos onde a immigração exotica aportára em proporções muito mais vastas.

Entre nós, esses italianos, vindos nas primeiras ondas immigratorias foram promptamente se fixando.

Não eram "birds of passage", ou andorinhas, como se celebrisaram nos Estados Unidos, cuja forma de immigração era muito differente. Para lá elles emigravam da Italia, em estado de solteiros, buscando os centros urbanos.

Na Argentina, com a imperiosa necessidade traçada por uma cultura diversa como é a do trigo, na qual a machina em grande parte supre a mão de obra, permittindo idas e vindas á Europa, tambem a immigração italiana tinha que produzir resultados differentes.

O motivo da fixação do italico na terra paulista é evidente.

Os italianos immigrants vinham para o trabalho da terra paulista com suas familias constituídas, contractadas para a lavoura do café, lavoura permanente que solicita

um esforço rural assíduo e constante. Sabe-se que não é só a colheita do fructo cafeeiro que exige trabalho agrícola. A manutenção do terreno mais ou menos limpo é tarefa que demanda quatro ou cinco carpas de enxada por anno, durante a estação das chuvas que vac de Outubro até Março.

Nas fazendas, os immigrants com suas respectivas familias, todos italianos, estabeleciam os seus lares. Ahi construiam, quando não as encontravam construidas, as suas casinhas typicas e estandardisadas. De habito, eram brancas, rodeadas de paiões, de pomares, de chiqueirões e de pastinhos. Ahi os immigrants iam formando seus pequenos dominios encravados nos latifundios.

Cultivando o café dos patrões, os italianos, ao mesmo tempo trabalhavam para si, prosperando sempre e reunindo economias.

Semelhante regimen, tal organização de trabalho, tinha fatalmente que reter na terra a immigração.

Os italicos, gente rustica, vinham dos rebordos amornados do Vesuvio, dos vinhedos verdejantes da Apulia, do Brutium, da Basilicata, ou da Sicilia, como das planicies ubertosas da Campania. Eram italianos do Sul, excellentes agricultores, e racialmente ibericos, do typo atrigueirado de estatura baixa. Enchiam os nucleos ruraes do Estado, ligando-se com facilidade aos preexistentes dos quaes assimilavam os costumes, o pensar reflectido e ameno, o seu falar descansado e o seu cantar compassado em um rythmo dolente, a lembrar os velhos tempos do captiveiro (26-a).

---

(26-a) Esta emigração do Sul da Peninsula tornou-se tal que não tem confrontos possiveis com outras partes da Italia, nem com outros paizes, nem mesmo a Irlanda. Em 1905 os contabini (que dão o maior contingente de emigrantes) partidos do Meio-Dia para a America foram de um terço mais que em 1902. Dos 368.154

Esses italicos sulinos eram de animo exaltado, não raro se rebelavam e mais incitados ainda ficavam pelo contacto com o elemento hespanhol, ante qualquer rispidez mais azeda do patrão habituado ao regimen escravo-crata.

Revelava então o italiano do Sul a sua indole vingativa e bravia repetindo pelos nossos espigões desnudos do Pardo ou do Mogy, as façanhas dos calabrezes e sicilianos tão famosos nas "mafias", nas "camorras", etc.

Mas a voz prudente dos seus energicos "capos" os chamava á realidade e esses agricultores de nomeada não se faziam de rogados para volver ao seu labutar afanoso, na nossa monumental terra roxa.

Dessa gente, muito pouca, restará hoje com o attributo de italianidade.

Penso mesmo que toda ella foi já devorada pelo tempo. Seus filhos e netos, constituem hoje, com os descendentes dos preexistentes, a massa rural das zonas da Mogyana e da Paulista, nesse amanho diuturno dos pequenos latifundios cafeeiros, onde ainda mourejam nas enxadas, nas foices, nas rabiças dos arados e das carpi-deiras.

Os italianos da chamada alta Italia, eram bem diferentes.

Alpinos, brachyoides e alourados, de raça mixta, com laivos accentuados de nordicos, industriosos, ambiciosos, trouxeram o espirito urbanistico da Lombardia, da Venetia e do Frioul. Por isso, de preferencia, se estabeleciam nas cidades.

---

emigrantes do Reino para a America eram 244.055 os do Sul: uma verdadeira emigração collectiva.

(Prof. Bosco — *Giornali degli Economisti* — 1906; apud Delgado de Carvalho, "Sociologia", 161).

Na Capital, formaram o braço especializado das indústrias. Artífices emeritos, não lhes foi difficil supplantar os preexistentes, como pintores, pedreiros, marceneiros, ferreiros, encanadores, sapateiros, empreiteiros, constructores, etc.

Devemos, em boa parte, o assombroso desenvolvimento da Capital paulista a esses obreiros. E ainda a elles, devemos muito do que são as cidades do interior, entrepostos commerciaes, centros ferroviarios, cellulas industriaes desse formidavel tecido organico que é o Estado de São Paulo.

Vindos com suas familias, como os italianos do Sul, o indice de fixação desses italicos do Norte não foi pequeno.

Gordos e trapudos, alourados, de rosto sempre escanhoado, corriam as ruas mal calçadas da velha Paulicéa, guiando suas aranhas de rodinhas muito pequenas puxadas por cavallos muito grandes, trotadores e tor-dilhos. iam acceleradamente em visita diuturna ás freguezias dos seus açougues ou em inspecção aos seus serviços empreitados, etc.

Em contacto com o preexistente, esses italianos foram assimilados, sem difficuldade, com suas numerosas próles, que hoje formam a grande parte das populações das cidades de S. Paulo, de Jundiahy, de Campinas, de Limeira, e de outras mais, onde se hajam evidenciado pendores industriaes e onde se encontram vestigios inapagaveis da sua passagem em diversos ramos da actividade humana.

Assim, os italianos do Norte, embora mais rebeldes ao processo de assimilação do que os do Sul, quasi nenhum residuo nos deixaram no alambicamento soffrido.

Os unicos elementos que delles ainda subsistem são os velhos, já muito edosos ou então os filhos dos enriquecidos, educados na Italia, onde fizeram o serviço

militar e de onde volveram, arrogantes, com as armas do fascismo na lapella, ou ainda os filhos dos remediados instruidos nas escolas italianas e ahi impregnados de italianidade.

Mas, mesmo esses elementos, mais refractarios á assimilação, irão sendo finalmente absorvidos, a menos que queiram se collocar em situação intoleravel, vivendo sempre em meio estrangeiro.

Para os demais, para esses que aprenderam o alphabeto nas escolas publicas, as idéas imperialistas de Mussolini, mal ecoadas de um passado que só vae encontrar um bronzeo éco nas fulgurações da Renascença, não têm a minima importancia (27).

\*  
\*      \*

A simples inspecção occular está a revelar as notaveis proporções do cruzamento do italiano com o paulista. As estatisticas demonstram ser esse elemento exotico o que mais se tem ligado com o preexistente. As primeiras correntes italicas que tiveram inicio na ultima decada do seculo passado, vinham de uma região estrictamente rural.

Nesse fim do oitocentismo no ocaso e inicio do seculo XX não havia ainda soprado, na Italia, o vendaval da industrialisação. A peninsula, apesar das suas

---

(27) Isso eu já tive oportunidade de dizer ao General Balbo, quando esse membro do Governo italiano esteve em São Paulo em 1931, por occasião de sua brilhante viagem aerea transatlantica.

Sei que as minhas palavras não foram ouvidas com prazer mas eu mostrei a esse ministro italiano os resultados das minhas observações que ressaltavam um interessante phenomeno sociologico.

tres dezenas de milhões de habitantes, não possuía uma unica cidade com mais de 600 mil almas. O paiz recém-unificado, depois de secular divisão politica, em dezenas de infimos ducados e microscopicas republicas, além de dois reinos precarios, e das muitas terras que gemiam sob o poderio de estrangeiros ou de estados papalinos, não solidificára ainda o seu espirito nacional, nem muito menos estabelecera as suas tradições militares de modo a activar a pacatez dos habitantes.

Com isso, pode-se repetir, sem temor de grande erro: *não havia ainda uma nacionalidade italiana*. Eram antes calabrezes, venezianos e napolitanos os que vinham.

Pouco tempo atras, não passava a Italia de uma expressão geographica bem definida pela sua forma peninsular, e mais ou menos ligada pelo idioma semelhante em toda a população. E' certo os dialectos variavam das penhas agrestes e pedregosas do Piemonte, como dos vallados ingremes ou planicies rasteiras da Lombardia e da Venetia, ás profundas quebradas da Calabria ou da Sicilia.

Conservava o idioma toscano, porém, um fundo commum.

Racialmente, eram os italianos profundamente desiguaes. Se por um lado religioso, o catholicismo supersticioso e enfeitado os irmanava, por outro, um longo passado de luctas intestinas os dissociava.

O vibrante enthusiasmo que ainda podiam despertar as victorias de Solferino e de Magenta, ou de San Martino, em 1859, obtidas graças ao concurso de Napoleão III, era apagado ou reduzido pela lembrança, bem amarga de Custoza, de Novara ou de Lissa em 1866. Para encandecer-lhe o patriotismo, os italicos só tinham as façanhas curtas e meteoricas de Garibaldi, engrinaldando-lhes de louros a flama tricolor de Saboya.

Eis que a Italia, não possuía uma consciencia nacional endurecida e concreta como a que, depois da guerra de 70-71, se formára em torno da Prússia dos Hohenzolerns.

Composta de estados mais importantes do que os simples ducados italianos, a Allemanha, possuía para exaltar a psychologia collectiva, o prestigio arrogante das victorias de 66 e de 70-71, estas conquistadas sem auxilio estranho, contra a nação que era tida, como a primeira potencia militar do occidente europeu, herdeira directa das tradições napoleonicas.

Era o que faltava aos italianos, e talvez por isso mesmo, se faziam mais modestos, humildes até, sem orgulho nacional e sem prosapias militares.

Os italianos do Sul, os que mais avultavam na onda immigratoria que nos buscou não tinham repetidos motivos para se envaidecer do seu passado politico.

Sempre governados por estrangeiros, não se houveram com muito brilho nas correrias napoleonicas, com Murat, José Bonaparte, ou com os Burbons.

Os do Norte, traziam o travo amargo de um passado pobre de glorias militares, sob o jugo pesado dos Habsburgos na Lombardia, na Venetia e no Trentino.

Os italianos do centro, por sua vez, vivendo nas terras papalinas, ou nos ducados que repartiam em mosaico os Apeninos, os Abruzos, a Toscana, a Liguria, etc., não poderiam alimentar quaesquer pretensões de poderio bellico ou economico e como reflexo destes, o politico.

Depois do livro magico da Renascença, pode-se dizer que a peninsula italica nada mais accrescentou ao seu passado.

Por tudo isso a psychologia do immigrante italiano dessas primeiras correntes aqui chegadas era ductil e timida, moldando-se com facilidade ao ambiente.



Pobres, de progenie plebéa, sem braços ou signos heraldicos (os quaes, só adquiriram depois de enriquecidos), os italianos dessas grandes ondas immigratorias cruzavam-se admiravelmente com os preexistentes.

De espirito altamente democratico, sem preconceitos serios, sem empafias, o paulista creára um ambiente propicio, para a adaptação do italiano e o seu cruzamento.

E este foi como não podia deixar de ser, rapido e vultoso.

Para a lucta ethnica iniciada pela immigração em 1888, o elemento italiano era o que melhor convinha ao sentimento de paulistanidade e a mentalidade preexistente no planalto paulista.

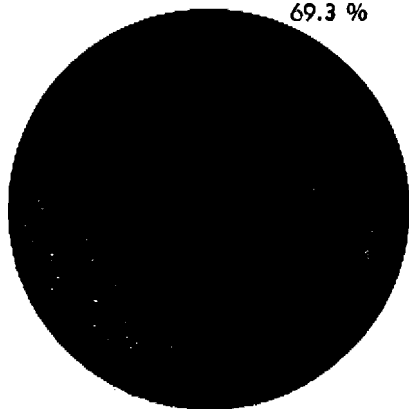
A velha Europa não poderia ter enviado outro immigrante mais apropriado, nem mesmo os da península iberica, segundo vamos verificar em outro capitulo deste estudo.

De accôrdo com dados extrahidos do "Annuario Demographico", de 1927, consegui organizar o seguinte quadro referente aos cruzamentos do elemento italiano, bem como a sua perpetuação por amixia, isto é, por casamentos entre individuos da mesma estirpe:

## CASAMENTOS DE ITALIANOS

	<i>Casamentos com paulistas</i>	<i>Com outras nacionalidades</i>	<i>Entre italianos</i>
Capital . . . .	62,2 %	13,6 %	24,2 %
Santos . . . .	68,4 %	10,5 %	21,1 %
Campinas . . . .	71,7 %	11,0 %	17,3 %
Ribeirão Preto. .	66,6 %	17,5 %	15,9 %
S. Carlos. . . .	82,9 %	8,6 %	8,5 %
Guaratinguetá . .	85,7 %	—	14,3 %
Botucatú . . . .	73,3 %	16,7 %	10,0 %
<hr/>			
Total do interior .	75,2 %	7,5 %	17,3 %
" do Estado . .	69,3 %	10,5 %	20,2 %

Casamentos de italianos com  
paulistas  
69.3 %



Casamentos entre italianos  
20.2 %



Casamentos de italianos com  
outras nacionalidades  
10.5 %



Essas porcentagens se referem ao total dos casamentos em que entraram italianos. O quadro elucida bem o que tem sido o cruzamento da estirpe italiana com o paulista, realizado em proporções muitíssimo maiores que a dos casamentos por amixia (entre italianos). Igualmente boa é a porcentagem de cruzamentos de italianos com outros elementos exóticos, chegando á metade dos casamentos entre italianos, sendo que as duas proporções reunidas não sommam um terço do total de casamentos em que entraram italianos.

Outra anotação que devemos fazer é a que consiste em se verificar que os cruzamentos na Capital são menos numerosos do que no interior. O laboratorio de assimilação da Paulicéa, não é tão empolgante quanto o que se localisa no seu hinterland.

Com tudo, o italiano apresenta em toda parte, no nosso Estado, magníficos indices de cruzamento.

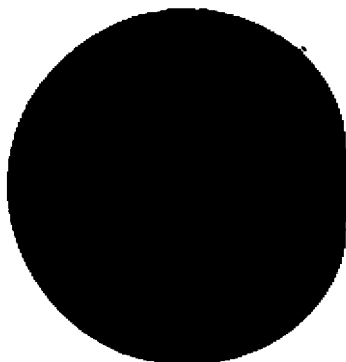
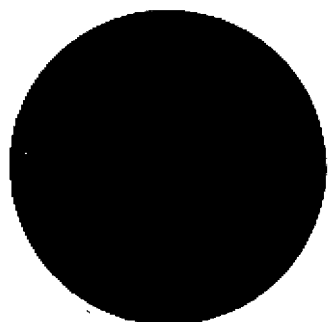
O quadro acima é confirmado por outro, relativo á natalidade. As conclusões deste são as mesmas, mas não transparecem tão nitidas no sentido de uma assimilação rapida, porque reflecte uma situação mais remota, cujos resultados só agora estão surgindo:

#### NASCIMENTOS DE

	<i>Filhos de ital. e de paulistas</i>	<i>Filhos de ital. e de outras nacionalidades</i>	<i>Filhos de paes italianos</i>
Capital . . . .	40,5 %	10,6 %	48,9 %
Santos . . . .	40,5 %	22,6 %	36,9 %
Campinas . . .	53,5 %	6,4 %	40,1 %
Rib. Preto. . .	47,3 %	11,9 %	40,8 %
S. Carlos . . .	43,1 %	10,9 %	46,0 %
Guaratinguetá .	84,2 %	—	15,8 %
Botucatu . . .	45,7 %	16,8 %	37,5 %

Filhos de paes italianos e  
paulistas (cruzamento)  
40.5 %

Filhos de paes  
italianos (puro sangue)  
48.9 %



10.6 %  
Filhos de italianos e  
outras nacionalidades

Este quadro confirma as conclusões anteriores, entre as quaes a de que o ambiente do interior é mais propicio aos cruzamentos do que o da Capital.

De facto, o convívio ali é mais intenso, assiduo e nivelador, aproximando mais intimamente os elementos de origem diversa, entrelaçando-os e confundindo-os.

E' o contrario do que se passa nas cidades industriaes, bem como nos grandes centros urbanos, onde as estirpes se segregam, o meio é menos democratico,

as classes sociaes vivem mais afastadas, a capilaridade social não é tão activa.

Sem embargo disso, ainda nessas cidades de mais importancia demographica, a começar pela Capital, o cruzamento com o italiano se está processando em proporções extraordinarias. Dentro em breve, o cruzamento terá nivelado todas as estirpes exóticas, ligando-as á preexistente, principalmente a italiana, cuja mortalidade não supprida por novas ondas immigratorias irá logo desaparecer.

Já accentuei que o italiano, vindo para S. Paulo, em estado de pobreza e até de humildade (a consciencia rigida de italianidade só se tem manifestado nos chegados depois da guerra de 1914-1918), era tambem muito inculto. Teria sido grande a porcentagem de analphabetos nas primeiras ondas immigratorias, como revela, relativamente ás que vieram de 1908 a 1927, o já mencionado *Relatorio da Secretaria da Agricultura* na seguinte estatística:

Allemaes. . . . .	4,29 %	de analphabetos
Yugo-Slavos . . . . .	7,92 %	" "
Rumenos. . . . .	9,69 %	" "
Japonezes . . . . .	10,61 %	" "
Brasileiros . . . . .	11,76 %	" "
Austriacos . . . . .	12,43 %	" "
Syrios. . . . .	28,37 %	" "
Italianos. . . . .	28,72 %	" "
Portuguezes . . . . .	48,27 %	" "
Hespanhoes . . . . .	53,71 %	" "

Da má figura que nesse quadro faz o elemento italiano pode-se aquilatar o indice de analphabetismo das correntes immigratorias vindas em épocas muito anteriores.

Esse facto concorreu aliás para a sua rapida assimilação.

Mesmo porque, e isso explica a alta porcentagem de analphabetos, as correntes italianas traziam elevado numero de crianças.

Com effeito, o citado *Relatorio* assim estabelece as porcentagens de adultos de accordo com as nacionalidades:

Hespanhoes. . . .	68,2 %	de adultos
Japonezes . . . .	75,9 %	" "
Italianos. . . . .	77,8 %	" "
Portuguezes . . . .	81,1 %	" "
Allemaes. . . . .	83,2 %	" "
Syrios . . . . .	85,0 %	" "
Brasileiros . . . .	88,1 %	" "

Os elementos povoadores, vindos para se fixar no paiz, trazem consigo suas familias e fazem-se acompanhar de crianças de varias edades.

Assim os hespanhoes, os japonezes e os italianos.

São estes os que se fixam no sólo, radicados no lugar do trabalho, ao contrario aos immigrants aventureiros e que portanto menos familiaridade travam com o ambiente. Assim os syrios, os portuguezes, os allemães e tambem os italianos ultimamente chegados, depois que na Italia se formou uma consciencia nacional, que a grande guerra solidificou, com a victoria e Mussolini hypertrophiou (28).

Estes ultimos, constituem outro typo de immigrant que não é o povoador.

---

(28) Eis os indices de fixação de immigrants segundo as nacionalidades. O italiano que ahi figura é o vindo depois que o typo patriarchal esgotou as reservas dessa gente na peninsula. E' o italiano que emigra solteiro e vem das cidades, aqui continuando urbanizado.

Comparado ao de outros immigrants o indice italiano não faz boa figura:

São simples aventureiros “birds of passage”, como diriam os norte-americanos, ou andorinhas, que voltam á patria logo que conseguem alguns recursos. Desses não temos necessidade.

São muito poucos, felizmente os italianos deste typo.

No que se refere á repartição dos immigrants italianos, de accôrdo com as provincias de origem, nada posso adeantar a respeito. O “Departamento Estadual do Trabalho”, não se preocupou com o detalhe, julgado de pouca importancia.

Erro evidente, porém.

---

NUMERO DE IMMIGRANTES DOS  
PRINCIPAES PAIZES PELO PORTO  
DE SANTOS DURANTE OS ANNOS  
DE 1908 a 1932

<i>Nacionalidades</i>	<i>Entrados</i>	<i>Sahidos</i>	<i>Saldos</i>	<i>Fixação</i>
Portugueza . . . . .	262.610	150.657	111.935	42 %
Hespanhola . . . . .	206.537	99.179	107.358	42 %
Italiana . . . . .	198.029	172.485	26.544	13 %
Japoneza . . . . .	115.069	8.648	106.421	92 %
Allema . . . . .	38.033	30.165	7.868	21 %
Poloneza . . . . .	10.827	5.375	5.452	50 %
Yugo-Slava . . . . .	20.995	4.749	16.246	70 %

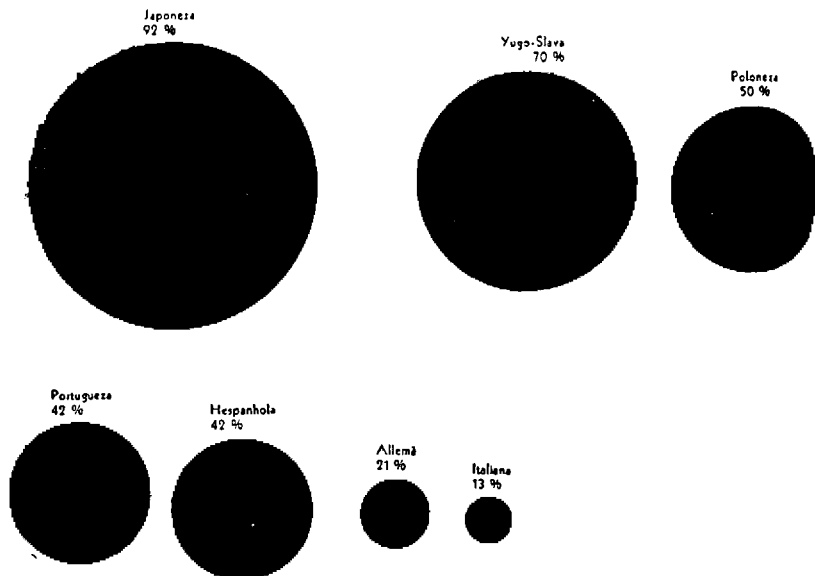
Como esses numeros são referentes as entradas e sahidas de 1908 para cá e não de depois da guerra de 1914-1918, o italiano ahi figura com um indice de fixação de 13 %.

Fosse a estatistica relativa ao periodo de post-bellum o indice seria muito menor, porque o italiano de depois da grande guerra não se fixa.

Esses 13 % de fixação devem ser concernentes a gente vinda entre 1909 e 1915.

Os que vieram depois não se fixaram.

## Indice de fixação em graphico comparativo



Tratando-se da composição da população paulista, deveríamos saber quaes as proporções exactas da gente italiana do Sul e do Norte. Mesmo porque ha uma enorme differença entre o italiano do Veneto ou do Frioul e o calabrez ou siciliano.

Essas differenças não se resumem nos costumes ou nos dialectos, ou no folk-lore.

Ellas se fazem notar na somatologia, na physiologia e na psychologia.

A Italia, muito longe de ser uma unidade ethnica, não é senão uma expressão politica e geographica. Sobretudo quando a immigração começou a demandar



a terra paulista, era a religião o unico laço que unia os habitantes da península.

A unificação da Italia foi um méro accidente da politica européa e ainda não havia causado consequências accentuadas.

Mas na falta de estatisticas officiaes nossas, sou obrigado aos dados de outros paizes, como os referentes aos immigrants italianos que entraram nos Estados Unidos, pela mesma época, guardadas as devidas proporções (28-a).

Segundo Hall ("Immigration"), os norte-americanos, receberam em 1904, 194.028 italianos, dos quaes 159.329 do Sul (Abruzos, Umbria, Roma, Campania, Apulia, Basilicata, Calabria, Sicilia e Sardenha) e 36.699 do Norte (Piemonte, Liguria, Emilia, Lombardia e Veneto). Nos Estados Unidos a immigração italiana era, do Norte em maior numero, mas depois os do Sul suplantaram de muito os do Norte.

Adoptando essas porcentagens para S. Paulo, temos que dos 930.735 italianos aqui entrados deveriam ser do Sul, 657.651 e do Norte, 273.084.

\*  
\*      \*

Havendo estudado o italiano immigrant, sob os pontos de vista psychico e physico, bem como da sua temperatura de fusão, vamos agora encaral-o sob o aspecto physiologico.

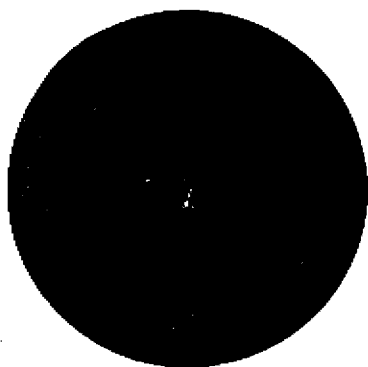
Ainda ahi é a meu ver favoravel esta analyse a que o submetto.

---

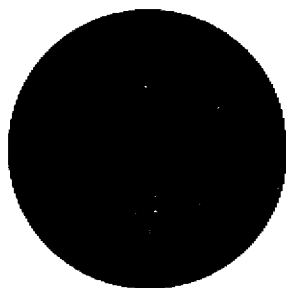
(28-a) *Giornali degli Economisti* — Prof. Bosco, apud Delgado de Carvalho.

**Porcentagens de italianos nas mortalidades da Capital paulista causadas por affecções varias**

Na Capital em virtude de  
disturbios no aparelho  
circulatorio  
30 %



Na Capital em  
virtude de distur-  
bios nervosos  
20 %



Geral na Capital  
10.4 %



De accordo com a Recenseamento Federal de 1920, a mortalidade do italiano em S. Paulo, é mesmo inferior á do preexistente, o que se explica tendo-se em conta o facto deste ultimo englobar no seu total, certa quantidade de negros e de mulatos, que entram com proporções realmente espantosas no quadro nosologico do Estado. Mas os dados do Recenseamento Federal, infelizmente não podem servir de base para qualquer calculo nesse sentido, pois que não merecem fé, no que refere a repartição da população por nacionalidade.

Os questionarios eram respondidos pelos chefes das familias que davam a seus filhos nacionalidade errada. Esses eram recenseados como estrangeiros (o italiano, o hespanhol, ou o europeu em geral, só comprehendem o "*jus sanguinis*", ainda que para os nascidos em S. Paulo).

Com tal criterio defeituoso (outro aliás não poderia ter sido adoptado, convenhamos) o numero de estrangeiros ficou muito majorado pelos resultados do mencionado Recenseamento Federal de 1920, não correspondendo á realidade. Assim a proporção tirada desse numero majorado, com os referentes á mortalidade, tinha, seguramente que ser mais baixa do que a referente ao preexistente.

Isso porém, não impede a crença de que o italiano, no que se refere á mortalidade, não é inferior ao branco paulista, apesar das differenças organicas e deficiencias de uma e outra estirpe que convem apurar e consignar.

O quadro geral da mortalidade da Capital, apresenta as seguintes porcentagens de italianos:

Mortalidade geral na Capital . . . .	10,4 %	de italianos
"      na Capital pelos disturbios		
do aparelho digestivo . .	10,7 %	" "
"      na Capital pelos disturbios		
do aparelho respiratorio .	4,2 %	" "
"      na Capital pelos disturbios		
do aparelho circulatorio .	30,0 %	" "
"      na Capital pelos disturbios		
do systema nervoso . . .	20,6 %	" "
"      na Capital pela tuberculose	3,6 %	" "
"      "      pelas doenças en-		
demicas, epidemi-		
cas, syphilis, etc..	7,1 %	" "

Este quadro comparativo demonstra o regular funcionamento do aparelho digestivo do italiano, pois, figurando na mortalidade geral com 10.4% na mortalidade causada pelos disturbios nesse aparelho figura com 10.7%. Igualdade aproximada, portanto. Quanto ao aparelho respiratorio, vê-se o quanto elle apresenta bons resultados, com uma porcentagem muito inferior á da mortalidade geral dos italianos na Capital. Justamente onde seria de esperar fosse o italiano mais victimado é o contrario que se verifica.

Seria de esperar, porque se trata de uma transplantação em massa, de gente habituada a viver no nivel do mar, para um planalto de 500 a 800 metros de altitude, onde os indices de pressão atmospherica, de humidade, etc. são completamente differentes daquelles a que essa massa estava adaptada.

O europeu em geral e principalmente a gente do Norte da Italia é muito lymphatica, e seria de prever que viesse a soffrer no seu aparelho respiratorio em se transplantando do seu ambiente geographico na Europa para um outro muito diverso.

Nem sempre, porém, as conclusões ditadas pelas theorias apressadas dos gabinetes, encontram ampla confirmação na pratica.

Entrando o elemento italiano, como já vimos com a porcentagem de 10.4% para o total da mortalidade na Capital paulista, figuram os italianos com apenas 4.2% no total dos que morreram em virtude de affecções no aparelho respiratorio, e apenas com 3.6% no total dos que morreram em virtude de tuberculoses.

Tambem no que concerne a epidemias, como sarampo, esscarlatina, etc., as endemias, como typho, malaría, etc. o italiano mostra apenas uma mortalidade de 7.1% no total dos que na Capital paulista baquearam em virtude dessas molestias.

São esses indices indubitavelmente muito apreciaveis e evidenciam ser o italiano um individuo provido de maiores resistencias physiologicas no que respeita aos aparelhos organicos mencionados.

Seria impossivel, porém, que a gente italica não tivesse pontos fracos na sua organização physiologica. Esses pontos fracos existem, e residem no aparelho circulatorio e no systema nervoso, por cujas affecções se deixa dizimar de um modo lamentavel.

De 100 individuos que morrem na Capital paulista em virtude de disturbios circulatorios, a estatística supra nos affirma que 30.0 são italianos.

De outros 100 individuos victimados na Capital paulista por accidentes do systema nervoso, a estatística acima nos diz que 20.6 são italianos.

Qual a causa dessa fraqueza?

Será ella motivada pela intensidade da lucha pela vida, pela ansia com que os italianos buscam sahir da pobreza em que vieram?

Ou residirá ella no alcoolismo, na ingestão dema-

siada de bebidas, em dóse maior do que permite o nosso clima tropical?

Na Italia, onde é vigente um clima muito mais frio, o uso do alcool póde ser até uma imperiosa necessidade organica. Mas entre nós esse alcool, se ingerido nas mesmas proporções que na Europa, causa um grande augmento na pressão arterial.

A lucta pela vida, igualmente deve affectar seriamente o systema nervoso do italiano, o qual em razão das nossas alternancias continuadas da temperatura é mantido em actividade excepcional, o que lhe deve ser bastante penoso. Disso devem advir más consequencias de ordem physiologica para uma gente que se adapta.

Essas duas causas conjugadas devem ser as credoras dos phenomenos apontados acima, os quaes são confirmados pelas estatisticas de suicidios na capital.

Os italianos figuram nessas estatisticas com uma porcentagem de 16.0%, o que é por demais elevado.

No mesmo diapasão, a demonstrar uma fraqueza do italiano nesse particular concernente ao systema nervoso, estão rezando as estatisticas policiaes da capital, as dos processos crimes, bem como as que dizem respeito á nacionalidade dos internados nos hospitaes e casas de sanidade mental.

\*

\*      \*

Continuando na analyse physiologica do elemento italiano, passemos para outro capitulo, que igualmente se entrelaça com a sociologia.

E' o que se refere á reproducção (29).

---

(29) A importancia desse capitulo é manifesta.

Entre dois povos de igual população em que a fecundidade de um é maior que a do outro, em pouco tempo a igualdade demographica inicial é rompida.

Sabemos que os diferentes povos, as diversas raças, as varias agremiações humanas, tambem se reproduzem com desigualdade numerica.

Alguns são mais fecundos, outros o são menos, e consoante ás condições sociaes biologicas, economicas e politicas o homem é mais ou menos fecundo.

Eis o que consegui apurar. São as médias de fecundidade, relativas ao interior do Estado:

Em casaes paulistas . . . .	4.2 filhos por casal
Em casaes de estrangeiros . .	2.1 filhos por casal.

Se no interior do Estado se verifica maior fecundidade do paulista em relação ao estrangeiro, o qual possivelmente sentiu a differença do ambiente physico, nas cidades maiores é justamente o phenomeno contrario que se observa. Assim, foi-me possível estabelecer as seguintes médias, relativas ao anno de 1927:

---

Eis o que a respeito, diz o grande Ammon, no seu livro "*Ordre social*", 30:

"Se duas raças ou dois povos, comprehendendo o mesmo numero de cidadãos, vivem juntos, e se o numero médio de um primeiro é de 3,3 % e em um segundo é de 3,4 %, isto é, de muito pouco superior, o calculo indica que depois de 23 gerações e meia, o segundo terá um numero duplo, e depois de 47 gerações terá um numero quadruplo, em relação ao primeiro. Uma geração igualando 33 annos, segue-se que esse dois typos, nos tempos das migrações germanicas sendo na proporção de 1:1, deveriam ser no tempo de Henrique V (1106) na proporção de 1:2 e actualmente estariam na proporção de 1:4, de modo que o primeiro não formaria agora senão 1/5 ou 20 % da massa total.

Esta distancia consideravel é a consequencia de uma ligeira differença de fecundidade.

Em realidade a natalidade varia muito mais de povo a povo, de typo a typo, de classe a classe e por consequente os effeitos são muito mais rapidos".

	CAPITAL	SANTOS	CAMPINAS
Casaes paulistas . . . .	3,2	4,1	4,0
"    mixtos de paulista e estrangeiro.	3,1	3,6	7,5
Casaes estrangeiros. . .	5,7	7,1	—

(Essas cifras são referentes ao numero médio de filhos por casal).

Verifica-se que, os cruzamentos não são menos fecundos do que as uniões por amixia. Não é o que se dá na Capital, pois que eu consegui levantar o seguinte quadro estatístico concernente aos annos de 1923 e 1927:

1923	<i>Média de filhos por casal</i>
Casaes paulistas. . . . .	2,9
"    mixtos . . . . .	2,8
"    estrangeiros . . . .	7,6
1924	
Casaes paulistas. . . . .	3,0
"    mixtos . . . . .	2,8
"    estrangeiros . . . .	7,2

---

A França teve outróra a maior população de toda a Europa, suplantando a esse respeito a propria Russia.

A molestia da esterilidade a atacou e esse paiz foi sendo alcançado pelos mais povos que outróra eram muito menos numerosos mas que se fizeram mais fecundos.

A diminuição da mortalidade é um dos meios paliativos de remediar os males da fraca fecundidade. Porém chega um ponto em que se faz inefficiente ante a quéda constante da fecundidade.

A Inglaterra parece estar nessas condições. Chega ao extremo na diminuição da mortalidade. Se a natalidade ingleza continuar a cahir não haverá mais remedio e a população começará a diminuir em numero.

Na Allemanha o indice da natalidade diminuiu muito mas o da mortalidade ainda pode ser abaixado.



	<i>Média de filhos por casal</i>
1925	
Casaes paulistas . . . . .	3,1
" mixtos . . . . .	2,8
" estrangeiros . . . . .	5,8
1926	
Casaes paulistas . . . . .	3,0
" mixtos . . . . .	2,9
" estrangeiros . . . . .	5,8
1927	
Casaes paulistas . . . . .	3,2
" mixtos . . . . .	3,1
" estrangeiros . . . . .	5,7

Discriminando a nacionalidade dos estrangeiros, temos, os seguintes quadros a respeito da fecundidade de estrangeiros, entre os quaes os italianos:

MÉDIA DE FILHOS POR CASAL

	<i>Capital</i>	<i>Santos</i>
Casaes italianos . . . . .	12,9	10,2
" mixtos de italianos e paulistas . . . . .	4,1	3,4
" de hespanhoes . . . . .	7,0	10,0
" mixtos de hespanhoes e paulistas . . . . .	3,1	4,7
" de portuguezes . . . . .	6,3	5,8
" mixtos de port. e paulistas . . . . .	2,8	3,3
" de syrios. . . . .	5,3	—
" mixtos de syrios e de paulistas . . . . .	2,8	—

O quadro acima, vem estabelecer a maior fecundidade entre conacionaes, por amixia, como ainda demonstra a formidavel fecundidade do elemento italiano, o qual se destaca particularmente em confronto com a dos demais.

Aliás, para quem conhece as médias registradas pelos observadores norte-americanos e reproduzidas por Siegfried, no seu tão citado livro sobre os Estados Unidos, não são de espantar as que apuramos em relação ao italiano.

Na America do Norte, igualmente, os polacos e sobretudo os italianos patenteiam a esse respeito uma superioridade que alarma os adeptos da chamada "great race" dos Gobineau, Lapouge, Madison Grant e outros.

A nós paulistas, porem não preoccupa a admiravel fertilidade italiana: é ella uma magna virtude que se encorpora ao nosso activo, muito embora seja licita a pergunta que faço, de se essa fecundidade será persistente atravez de mais de uma geração.

O paulista de outróra possuia já uma elevadissima fecundidade, conforme demonstrei no meu trabalho "*Raça de Gigantes*". Não attingia, porém as médias registradas em relação aos italianos em S. Paulo, os quaes nesse ponto se evidenciam muito superiores aos que ficaram na Italia. E é bem sabido que a fecundidade da população italiana é hoje maior do que a de quasi todas as demais da Europa (29-a).

---

(29-a) Nos dados estatísticos relativos a fecundidade das mulheres de 15 a 59 annos, das principaes nacionalidades existentes nesta capital (Buenos Aires) resulta a proporção de 175 por mil para as italianas, 85 por mil para as argentinas, 123 para as hespanholas, 74 para as francezas, dados um tanto modificados se não aos paes da mesma nacionalidade, mas que provam a preponderancia do nosso elemento (Ant. Franceschini — *L'Emigrazione Italiana*; apud Delgado de Carvalho, *Sociologia*, 161).

---

Na Italia o decrescimo de nascimentos faz esse paiz se emparelhar com a Inglaterra, a Allemanha e a França nesse particular.

## CAPITULO VI

### AINDA O ITALIANO

O italiano é sem duvida dos melhores elementos exóticos, entre nós.

Esse italiano que S. Paulo teve a grande fortuna de receber se revela magnifico povoador. Antes era só o portuguez capaz de colonizar zonas tropicaes.

S. Paulo realisou a prova de que o italiano tambem o é. Ao menos isso aconteceu em S. Paulo que é um rincão muito menos aspero do que os brasileiros.

E' possivel que nelles o italiano reagisse mal contra a flagrante hostilidade do ambiente physico (30).

Aqui, porém, as estatisticas mostram que o italiano se adapta optimamente. Isso é o concernente ao meio geographico.

No que se refere ao meio social é de se observar o mesmo phenomeno.

---

(30) E' Ripley ("*The races o Europe*", 584) quem diz:

"Sumarizing the views of authorities upon this subject, the almost universal opinion seems to be that true colonisation in the tropics by the white race is impossible".

Da mesma corrente de opinião foi a conclusão do "*The International Geographical Congress*" reunido em Londres.

O italiano, de antes da guerra européa, aqui fixado é um elemento magnifico. Elle se plasma de um modo admiravel em S. Paulo.

Tudo demonstra isso.

\*  
\*      \*

O Palestra Italia, é um club que pratica todos os generos de exercicios physicos. Foi fundado ha tempos para ser o órgão esportivo dos elementos italianos. Nos seus primordios esse agremiado era de facto só composto de italianos, que se integravam nos quadros representativos da sociedade.

Até as cores da bandeira peninsular foram adoptadas para uniforme dos atletas, cujos nomes e apelidos se coloriam da mais intensa italianidade.

Hoje a evolução é notoria. Sem perder o caracter italiano, o club se reveste de muitos signos da penetração da paulistanidade. Em seu seio existem muitos paulistas cujos apelidos se ostentam em portuguez, na composição das suas representações, etc.

As cores do uniforme palestrino, já não são as mesmas que as da bandeira saboyana.

Na nossa guerra de 32, o Palestra Italia, doou todos os seus tropheus, para a sublime campanha do ouro. Isso representa um gesto que alem de commover, demonstra o quanto está esse tão sympathico club conjugado comnosco.

A marcha evolutiva da nossa população se manifesta tambem, com evidencia em outros scenarios.

Na sahida das fabricas, quando o estridente apito assignala a hora do descanso ou nos portaes dos templos, quando o carrilhão marca o fim da devoção, ou ainda nos degráus dos theatros, ou dos cinemas, nos

tramways, nos omnibus, nos mercados, nas feiras, em todas as aglomerações só se houve o portuguez.

E' a lingua de toda a massa popular.

E' ella que serve de vehiculo a todas as idéas; é ella o canal de todos os negocios; é ella o conductor de todas as preces, de todos os applausos, como de todos os desagradados. E' a linguagem amena do amor, como é o idioma severo da sciencia ou o falar estertorico dos pregoeiros, ou o suave balisador dos cantares compasados da terra.

Tudo em S. Paulo respira o intenso amor á lingua. Ella agglutina todos em um só sonoro superpor de syllabas que se articulam no doce falar dos nossos maiores.

Volvamos, porem aos italianos, aos estrangeiros em geral e ao ambiente social em S. Paulo.

Aqui os operarios, homens e mulheres, que formam enorme massa popular, não sendo velhos com mais de 50 annos, são viceralmente paulistas.

Mas é nos campos de futebol, o divertimento predilecto da Paulicéa, onde se vem nos jogos e disputas contra estrangeiros, vindos especialmente da Europã, que se pode observar o estado social pelas manifestações da assistencia formada em grande parte de filhos e netos de estrangeiros.

Estes já avelhantados, com seus bigodes á antiga, muito longos, em rostos muito redondos, vermelhos e empastados de gordura, obesos, nos seus trajes dominigueiros, suarentos e desanimados, ante a superioridade agil dos jogadores paulistas, se differenciam bem dos filhos, bem enfarpelados e bem cuidados em ternos bem alinhados enthusiasmados pelos campeões favoritos e a provocar os estrangeiros pela estridencia das suas manifestações.

Outrora marcavam bem a physionomia urbana, as bandas de musica Fieramosca, com suas figuras todas

uniformisadas de "bersaglieris", com seus rabos de galo nos chapéus de abas redondas e luzidias. Além do signo variegado pelo exótico exquisito que isso representava, ainda se viam os famosos garibaldinos, muito velhos, como se fossem Jehovahs fardados, mettidos em amplas blusas rubras e cobertos de képis pequenos. Com estes também se viam as numerosíssimas associações de mutuo soccorro, com seus estandartes bordados a ouro, em viva e variada polycromia, onde sobressahiam o verde, o vermelho e o branco das cores saboyanas.

Tudo isso, não passa de doces recordações do passado, o qual se encaminha no ocaso de um horizonte já remoto. Quanta gente de hoje não assistiu aquelles enterros lugubres com acompanhamentos de languorosas marchas funebres que plangiam em sons melancolicos!

Só os de uma geração que já dobrou o espigão da vida, assistiram a essas scenas do começo do século XX. Os novos, os que despontam no palco tumultuario da existencia não podem fazer idéa da poesia magica dessas scenas de outróra a embalsamar de uma doçura exquisita o ambiente brumoso da nossa Piratininga.

\*  
\*      \*

Os italianos que não são velhos, são os aportados recentemente.

Como eu disse alhures, esses são bem differentes daquelles vindos antes da grande conflagração européa.

Os da primeira camada eram campezinos e ruraes. Vinham da Italia contractados para a lavoura cafeeira, com suas mulheres e filhos. Vinham com seu lar já constituido, para aqui deitar seivosas raizes, buscando

uma vida nova. Da patria distante não faziam questão de conservar um solido cordão umbelical e a mentalidade dessã gente de escol era a de povoadores com sentimentalidade de patriarchas.

Esses immigrants eram bem do typo dos lusos do quinhentismo, como João do Prado, Estevam Ribeiro Bayão, Pero Leme, Antonio de Alvarenga, Henrique da Cunha e tantas dezenas de outros.

Por fim esses italicos de eleição se fizeram paes e avós de duas gerações de paulistas firmissimos, com uma mentalidade da terra do kilate o mais puro.

Os recém-vindos da Italia não têm nada de semelhante. Uma espessa barreira de antagonismos os separa. São "birds of passage", que volvem a patria mal acabam de matar a fome que os fez emigrar.

São deste typo os que a Italia enviou para os Estados Unidos.

Delles se poderia repetir as palavras de Hall ("Immigration", 78).

"Many italians come in the spring to work during the summer season, when public works are under taken, and return to Europe in the autumn when the demand for labour has diminished".

E' que os immigrants, povoadores de antes, encontraram um ambiente rural propicio para se fixar.

Vinham por familias e não por cabeça e aqui se defrontavam com uma lavoura já organisada que lhes demandava um esforço braçal que durava o anno inteiro. Alem disso eram pobres, analphabetos, desconhecendo a origem, sem tradições nacionaes consolidadas, etc. Nelles não medrava nenhum só prurido de imperialismo consciẽte. Eram modestos e se criam inferiores.

Os italianos recém-vindos, são diferentes. E' gente já alphabetisada, com uma mentalidade creada, pela consolidação de uma patria unificada e victoriosa na grande guerra, e que Mussolini satura de desejos imperialistas, rememorando os feitos da velha Roma, cuja paternidade adoptou. Esses elementos se julgam superiores e se revestem sempre de um certo desprezo por quem não é italiano. Vêm solteiros, escoteiros, bem enroupados em vestes grossas, engravatados, com distico fascista alvi-rubro-verde. Aqui já encontram um meio urbano industrial, que os retém, e, diga-se de passagem, uma vida rural não os seduz, porque nunca foram camponios, suas mãos não têm callos e sua pelle macia e corada não resistiria ao crestar do nosso sol de fogo no interior agricola. Ficam nas cidades e desprezam o campo.

Como na America do Norte são altamente citadinos.

Lá, segundo o tratadista Hall, "*Immigration*", são os seguintes os numeros de cada nacional em relação ao seu espirito de centralisação urbana, de acordo com o recenseamento de 1900, em 160 cidades norte-americanas:

	<i>Urbanos</i>	<i>Rurales</i>
Noruegueses . . . . .	22.4 %	77.6%
Dinamarquezes. . . . .	28,1 %	71,9 %
Gallenses . . . . .	32,3 %	67,7 %
Suissos . . . . .	35,3 %	64,7 %
Suecos. . . . .	36,3 %	63,7 %
Hollandezes . . . . .	44,1 %	55,9 %
Escocезes. . . . .	46,0 %	54,0 %
Inglezes. . . . .	46,3 %	53,7 %
Alemães. . . . .	50,2 %	49,8 %
Irlandezes. . . . .	62,0 %	38,0 %
Italianos. . . . .	62,4 %	37,6 %
Polacos . . . . .	62,6 %	37,4 %
Russos . . . . .	74,9 %	25,1 %



Por ahi se vê como era differente a corrente italiana, que para aqui veio substituir o escravo. Emquanto que aqui ella apresentava um espirito rural altamente elevado, lá ella era positivamente urbana.

Os novos vindos aqui, são do typo que os Estados Unidos não puderam assimilar.

Assimilamos admiravelmente os italianos que vieram antes da guerra.

Vieram pauperrimos e em 20, 30, ou 40 annos, subiram na roda da fortuna, a custa de mil capitulos de tenacidade, de privações de sacrificios, de intelligencia e de economia.

Hoje estão bem. Ficaram ricos e remediados na maior parte. São proprietarios e muitos delles, hoje velhos patriarchas, que vieram meninos ha varios decennios, são até respeitaveis coroneis, no nosso interior, e chefes politicos influentes moldados á feição paulista.

Não é desse typo, porventura o maior proprietario de cafeeiros do Estado?

Seus filhos são magnificos paulistas, seus netos são ainda melhores patriotas, que se fizeram voluntarios do nosso exercito constitucionalista. São adeptos calorosos de escotismo. e do esportismo. São vereadores municipaes no interior, ou membros dos directorios dos partidos politicos em lucta. São casados com paulistas da mais accentuada estirpe cabocla.

Nunca foram á Italia e se foram, mesmo os velhos, aproveitar os sorrisos da fortuna, visitar os parentes cuja recordação longinqua vinha como um manto espesso a lhes cobrir o sentimentalismo de victoriosos, lá se sentiram extranhos. Volveram mais nossos que nunca.

Oh! Que differença do que elles pensavam achar!

Que desillusão para os seus sonhos que formulavam, desde tenros meninos!

O meio lá, já era outro! As physionomias diferentes! Não mais conheciam ninguém! Até os parentes, que ahi haviam ficado, na timorata miseria de que elles vagamente conservavam a lembrança, pareciam-lhes exóticos e invejosos da prosperidade que ostentavam orgulhosos com suas roupas limpas e com suas joias em prodiga abundancia!

Não! Não podiam mais supportar a Italia, essa Italia, que haviam conhecido nos tempos idos de Humberto 1.º, de Crispi, a venerar Cavour e a vangloriar Garibaldi.

Nada disso subsistia.

Agora era uma lucta asperissima de perseguições aos anti-fascistas, e Mussolini se plantára no altar, ante o qual os italianos sempre se haviam prostrado a adorar os monarchas de Saboya.

Sentem apertadas as saudades de S. Paulo, e logo de lá volvem protestando aqui ficar até morrer.

Assim eram os italianos da grande onda immigratoria a que Prinetti poz termo.

Os de agora são justamente a antitese.

São espontaneos. A necessidade de viver os traz. Estiveram na guerra européa. São solteiros. Têm a mentalidade nacional já fortemente enrigecida, naquelle pedantismo com que se exhibem de monoculo a se casar bem com um bigodinho bem cuidado.

Formam roda em torno dos velhos italianos enriquecidos e incompletamente assimilados e fazem do consulado, como que um astro central de italianidade de onde procuram incentivar a propaganda que lhes recomendam os espalhafatosos discursos mussolinicos.

Esses são vermelhamente italianos e são os menos fixos dos exóticos que nos buscam.

São inassimilaveis. Nenhum amor os retém aqui, Nenhum laço os prende a nós,

E' até um elemento indesejavel e pernicioso porque tenta exacerbar a italianidade extincta no velho elemento italico, perturbando a assimilação dos ultimos elementos, ainda não bem sorvidos pela paulistanidade,

Essa gente chegou tarde, porem. A verdadeira onda immigratoria italiana, já é nossa.

Sob a camada de cinza já fria não ha mais brazza. E' inutil assoprar. O carvão extincto não reaccende.

Estimamos os velhos patriarchas italianos, como figuras authenticas que engrinaldam os nossos pantheon paulista. São obreiros da nossa nacionalidade. Elles com os nossos paes e avós, labutaram nas lides afanossas dos nossos campos, encaneceram com os nossos maiores, ao sol dardejante do nosso tropico. Com os nossos, souberam supportar as angustias, e afrontar os perigos a que nos arrastaram as nossas circumstancias economicas, com os nossos souberam atravessar os momentos de jubilo com que a fortuna nos quiz presentear. Seus filhos e netos são nossos companheiros, com elles formamos os nossos caracteres e sorvemos a nossa sciencia, nas escolas, nas academias, nas casernas, no culto diviniaco pelo saber, pelo direito e pela terra commum. Com elles mourejamos na lucta espinhosa pela vida, nessa carreira cheia de obstaculos ingremes, que nos nivelam, que nos igualam. Elles são tão paulistas como nós. Provaram á saciedade no campo de batalha, onde foram nossos irmãos de armas. Ahi o seu sangue generoso se misturou fraternalmente com o nosso.

A nossa união com elles está cimentada pela guerra.

\*

\* \*

Siegfred diz que, theoreticamente, é possível estabelecer a dosagem do povo norte-americano, nas suas origens, marcando em numeros o concurso de cada estirpe na sua formação.

Em S. Paulo tambem o é, ainda que o entozamento e a mistura já se tenham dado e hoje só restem os velhos estrangeiros e os poucos que ultimamente tem aportado de origens differentes das nossas, taes como rumenos, lithuanos, húngaros, japonezes, syrios, etc.

Mas essa dosagem, para nós, é cousa que não tem a menor importancia.

Resume-se em uma méra questão de nomes da familia, mesmo porque os nomes pessoaes são nacionalizados logo. Assim não se vem mais filhos de italianos com os nomes de Giuseppe, de Pietro, de Carlo, ou de Genaro, mas sim de José, de Pedro, de Carlos, ou Januario. Os nomes que ficam são os sobre-nomes, os Bonelli, ou os Thomasini, ou ainda os Ferrari, ou os Manfredini, que se veem no cemiterio aristocratico da Consolação ao lado dos Camargos, dos Prados, ou dos Lemes.

Mas isso não importa.

Não temos, porventura, de ha muito nacionalizado, os Doria, os Salles, os Motta, os Leme, os Barewell, os Betink, os Spinolas, os Bittencourt, os Acioly, todos de origem exoticas? Não é communissimo considerar esses nomes citados e outros mais, como bem nossos?

Nós nunca tivemos, como os norte-americanos, essa tendencia tortuosa para os antagonismos ethnicos e os "*hundred per cent*".

Para a nacionalidade, para a qual deve ser o nosso objectivo attrahir as massas de estrangeiros, essa questão de raças pouca importancia deve ter. Nos Estados Unidos procura-se saber com afan e nervosis-

mo, a porcentagem da população descendente da estirpe primitiva e qual a que representa os que procedem de exóticos.

Na obra citada de Siegfred, o autor demora-se longamente no assumpto, illustrando a sua proficiente exposição com mappas, etc. Para mostrar que é na parte Sudeste, até o Estado de Arkansas, que se concentra, a maior parte dos "*hundred per cent*". Siegfred faz enorme exhibição de pesquisas em que se viu obrigado a afundar.

Entre nós ainda ninguém pensou nisso.

O nosso espirito de democracia ethnica não permittiu que até agora se quizesse fazer differenças entre o paulista, filhos de estrangeiros e o paulista, filho de linhagem secular iniciada antes que Dom João III se lembrasse da divisão em capitánias.

Acho mesmo que a unica cousa que differencia esses portuguezes primitivos do povoamento incipiente, dos italianos patriarchaes, que no seculo passado ingressaram em S. Paulo, e aqui se enraizaram com numerosa próle, está em que aquelles vieram antes e estes só vieram depois.

O essencial é que a progenie destes seja tão paulista como demonstrou ser a daquelles. Apesar de não querer fazer differenças, e apenas para mostrar o gráu de apaulistanisação, em que vão as nossas populações, junto aqui os dados que colhi no Annuario Demographico, a respeito dos nascimentos no Estado:

## DE 100

	<i>Filhos de Paulistas</i>	<i>Filhos de Estrangeiros</i>
1925 . . .	81,3 %	18,7 %
1926 . . .	81,8 %	18,2 %
1927 . . .	84,1 %	15,9 %

Esta estatística não demonstra ainda o lado da questão que tanto interesse desperta no norte-americano, isto é, no referente a separação dos nossos habitantes, filhos de nacionaes e de estirpe nacional, dos que se originam em gente exótica, de não remota immigração, porque entre esses filhos de nacionaes da estatística acima, muitos são os que são netos de immigrants vindos depois de 1890.

Não devemos nos importar pois com essas separações. Ellas são injustas e sobretudo odiosas. O elemento estrangeiro que temos recebido só nos poderá ser vantajoso.

O italiano nos traz, por exemplo, essa alegria pujante nos povos mediterraneos, esse espirito de ardencia vesuviana a quebrar a serração gris do nosso brumoso planalto. Com elle veio aquelle traço artistico, aquella exuberancia peninsular de cuja falta sempre se ressentiu o nosso espirito macambusio e fechado. O allemão, o hungaro, o polonez, o russo e o lettão nos estão a dar a tintura do norte-centro europeu, com suas roupas de velludo coloridas em vivos verdes e vermelhos a lhes fazer resaltar o amarello aureo dos bigodes e dos cabellos, em faces carminadas com olhos muito azues. Dir-se-iam bandeiras humanas da republica rio-grandense... O japonês nos empresta a sisudez impassivel e mysteriosa dos mongoes e os syrios palradores, o genio do mercantilismo phenicio, de que os nossos avós luzitanos se haviam esquecido.

De todos elles temos a tirar um pouco na nossa physionomia futura.

Já não temos esse romantismo piégas, sorvido do contacto social com o negro?

Já não possuímos esse individualismo soffredor que nos deu o indio?

Completemos a nossa physionomia moral.

## CAPITULO VII

# O HESPANHOL

O elemento hespanhol que tambem fortemente concorreu para a formação actual das populações paulistas sob muitos aspectos se assemelha ao italiano.

Embora já tivesse o hespanhol, contribuido para o caldeamento primitivo, do qual resultou o paulista das éras priscas, só modernamente, com a extincção da escravidão, se fez em massa a sua emigração para S. Paulo. Ella teve inicio, portanto, mais ou menos na mesma época em que teve lugar o começo da onda italica.

Principiada em 1891, a corrente hispanica, soffreu em 1898 um declinio accentuado para se reerguer a partir de 1905, mantendo-se elevada até 1914, quando pela deficiencia de transportes, causada pela guerra européa, cahiu novamente, conservando-se até hoje numa média inferior a dez mil immigrants annuaes.

Cerca de 750 mil individuos ibericos tiveram ingresso na nossa communhão, dos quaes mais da metade eram hespanhoes. Estes vinham para a lavoura de café.

Foi tambem na Hespanha que os paulistas pen-

saram ir buscar o braço para a substituição do que a lei de 1888 arrancou da escravidão...

As famílias hespanholas eram numerosas e juntamente com as italianas da baixa Italia, seus proximos afins de raça, foram formando, com os preexistentes, a população rural paulista. Gente rustica, talvez ardorosa em demasia, o hespanhol não tardou em se identificar com os demais. Elles tambem, como os italianos, com suas familias formadas, suas mulheres a lhes auxiliarem, seus filhos crescendo laboriosos, se fundiram paulatinamente no cadinho da nacionalidade.



Italo alpinus brachycephalo  
em S. Paulo



Typo brachycephalo italiano  
Alpinus — Lombardo

Até os seus nomes e os seus apelidos se nacionalisaram rapidamente, cousa que, na verdade, requeria pouquissimos esforços, dada a similitude entre o nosso idioma e o castelhano. Foi por isso que os Martinez se fizeram Martins; os Fernandez se tornaram Fernandes; os Perez se mudaram em Peres, etc.

O hespanhol mais altivo, mais arrogante, mais palavrosamente independente, tinha tambem uma tradição nacional mais arraigada e mais nitida do que o italiano, o qual sob esse aspecto era mais fragil. Talvez por



esse motivo o hispanico tenha sido um elemento mais difficil de assimilar-se. Nem por isso entretanto resistiu muito á fusão, quando pelo correr dos annos, pelo contacto mais constante com os demais, elle teve que dobrar o cerviz.

As suas grandes linhas psychologicas ficaram, porém, mais rebeldes a uma nivelção completa. E' por isso que o hespanhol, ao sentir o seu pé de meia algum tanto mais pesado, preferiu deixar de ser o assalariado agricola dos latifundios, cujo regimen de disciplina e de obediencia lhe repugnava e tornar-se proprietario de pequenos sitios, geralmente nas zonas novas. Dahi as maiores proporções dessa gente, na Noroeste e na



Brachycephalo italiano Alpínus  
Lombardo (louro)



Dolicocephalo portuguez,

Alta Sorocabana, regiões onde impera a pequena propriedade as quaes foram retalhadas em lotes pelos latifundarios e pelos grileiros.

Ahi, juntamente com o luso e com o paulista, o hespanhol domina pelo numero e pesa sobre o italiano, cujas preferencias se orientaram em continuar a trabalhar no regimen dos latifundios cafeeiros das zonas velhas, supportando com maior pacatez a antiga locação de serviços.

Sem a docilidade do italiano, o hespanhol prefere os sertões, as terras novas, as mattas virgens, onde pode trabalhar por conta propria e onde está livre da truculencia dos administradores, dos feitores intolerantes e dos proprios companheiros sem solidariedade.

Como sitiante, a formar seus 2, 5, 10, ou 20 mil pés de café, com suas abundantes plantações de cereaes, seu gadinho bovino, muar, suino e caprino, seu bom animal de sella, com o qual elle vae a cidade em trajes domingueiros, o hespanhol chefe de familia, se sente um potentado feudal e se lhe acorda toda a ancestralidade rumorosa que no mundo pintou o hespanhol, um eterno Dom Quixote, esse typo soberbo de "comunero" que um dia ousou afrontar todo o poderio de Carlos V nos campos de Villalar.

Como disse, as zonas novas, a Araraquarense e mais ainda a Noroeste ou a Alta Sorocabana, estão sendo saturadas dessa gente donairosa, toda reunida no mosaico da pequena propriedade, onde exploram a polycultura, desde o café, cuja producção esperam pacientes, até a quitanda meúda que vendem nas cidades das redondezas. Dahi a diversidade de physionomia desses burgos longinquos, como Santo Anastacio, por exemplo, em cuja direcção politica e administrativa o hespanhol sempre tomou parte, com aquelle panache cavalheresco que os faz tão sympathicos.

Esses velhos castelhanos emigrados logo desaparecerão por completo, para dar lugar as suas progenies, estas perfeitamente apaulistanadas, sem o menor desnivel com a massa mental da população. E' que temos as mesmas origens ibericas. As nossas fronteiras ethnicas correm pelas cumiadas dos Pyrineus. Algumas das suas tradições são tambem as nossas, desde esse dia luminoso das Navas de Tolosa, ou dos 60 annos em que

os reis da Hespanha também empunhava o sceptro do immortal Portugal, quando os leões de Castella substituíram as quinas lusitanas tombadas nos arcaes marroquinos de Alcacer Kibir.

\*  
\*      \*

Nos fins do seculo passado, o italiano accorria em numerosissimos contingentes para os Estados Unidos. Ainda entrava então na Argentina, em muito maiores proporções do que em S. Paulo.

O hespanhol entretanto, não emigrou para a America do Norte, preferindo o continente sulino, de origens ibericas e de tradições filiadas á velha Hispania. Assim veio em grandes massas para a Argentina e em menores caudaes para S. Paulo.

No planalto paulista o hespanhol, como o elemento italiano já aqui aportado, se dirigiu para a lavoura de café. A sua corrente immigratoria tinha por força de se condicionar ás exigencias dessa cultura. Assim recebemos gente de extracção rural que desembarcava em grupos familiares já formados. Até hoje, nas fazendas que compõem os latifundios paulistas, o pessoal que cultiva directamente o cafeeiro é contado por familias, mais ou menos volumosas e não por cabeças.

Devemos assim á lavoura de café a especial morphologia das immigrações italiana e hespanhola.

O Recenseamento Federal de 1920 consigna, da seguinte maneira, a composição das varias correntes immigratorias, de acordo com o sexo:

	<i>Homens</i>	<i>Mulheres</i>
Italianos . . . .	214.468 individuos 53.8 %	184.329 individuos 46.2 %
Hespanhoes . . .	92.446 53.9 %	78.847 46.1 %
Japonezes . . . .	14.167 57.9 %	10.268 42.1 %
Portuguezes. . .	101.915 61.0 %	65.283 39.0 %
Syrios . . . . .	25.575 67.3 %	12.375 32.7 %

Por ahí se verifica o quanto a corrente immigratoria hespanhola se assemelha á italiana, sob o ponto de vista da forma de emigrar. As porcentagens entre homens e mulheres são praticamente iguaes e claramente denunciam laços de familia. No pólo opposto, figuram o portuguez e o syrio. Estes emigram solteiros e aqui se ligam, na maioria das vezes, com patricios.

Gente de indole rural, tanto o hespanhol como o italiano não podiam deixar de se localisar de preferencia no nosso ambiente agricola.

O seguinte quadro, por mim organizado, demonstra a repartição desses elementos e do portuguez no anno de 1927, no interior e na capital do Estado:

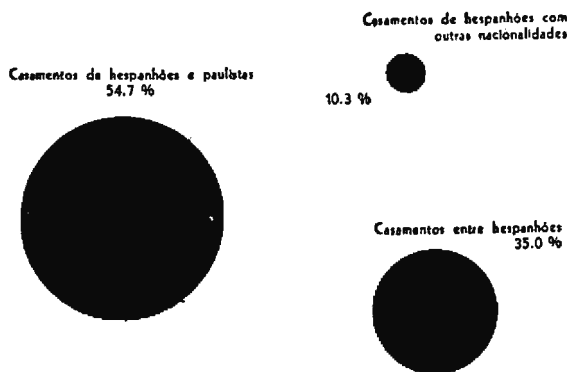
	<i>Existencia total no Estado</i>	<i>Localisados no interior</i>	<i>Localisados na Capital</i>
Italianos. . .	399.000	295.000(74 %)	104.000(26 %)
Hespanhoes .	137.000	100.000(73 %)	37.000(27 %)
Portuguezes .	167.000	110.000(66 %)	57.000(34 %)

Quanto á mentalidade, entretanto, existe profunda differença entre a do italiano e a do hespanhol. Logo no inicio das grandes correntes immigratorias, o italiano trazia, como já vimos, uma fragilima conscien-

cia de nacionalidade, ao contrario do hespanhol que era portador de um espirito de patria bem marcado.

A Hespanha, paiz constituido desde seculos, pela união das monarchias de Castella e Aragão, formada de gente enrijecida na conquista da terra ao sarraceno, tinha cunhado na alma de sua população, o emblema indelevel da nacionalidade engrandecida por assignaladas victorias, politicas e economicas no tabuleiro europeu.

Junte-se a isso a natural arrogancia arrebatada do hespanhol em confronto com a submissão do italiano.



Cervantes não podia encontrar um heroe na Italia, e pôr mais que ahi procurasse só poderia achar typos como Machiavel e não como Dom Quixote.

O hespanhol é hoje o que era quando os tercios do duque de Alba passeavam invictos pela Europa ou as galeras de Don Juan de Austria navegavam victoriosas pelo Mediterraneo.

A Hespanha já teve um imperio por sobre o qual jamais o sol se deitava.

Por isso o hespanhol é ativo, palavroso e altaneiro, ainda quando p'lebeu e pobre. Elle tinha que ser menos ductil e mais impermeavel á assimilação do que o italiano. Tudo isso, sem embargo da maior similitude do idioma delles com o nosso.

E' o que demonstra o quadro abaixo, em comparação ao italiano dado mais acima:

## CASAMENTOS EM 1927

	<i>Entre hespanhoes</i>	<i>De hespanhoes com paulistas</i>	<i>De hespanhoes com individuos de outra nacionalidade estrangeira</i>
Capital . . . . .	37.2 %	43.9 %	18.8 %
Santos . . . . .	35.3 %	46.1 %	18.6 %
Campinas . . . . .	28.4 %	56.8 %	14.8 %
Ribeirão Preto. . .	21.0 %	65.7 %	13.3 %
São Carlos. . . . .	—	94.4 %	5.6 %
Botucatú . . . . .	5.8 %	70.5 %	23.7 %
Interior do Estado	35.6 %	57.1 %	7.3 %
Total do Estado . .	35.0 %	54.7 %	10.3 %

Esses resultados são optimos, já que os hespanhoes se casam, menos entre elles do que se cruzam com os paulistas. São porém inferiores aos dos italianos.

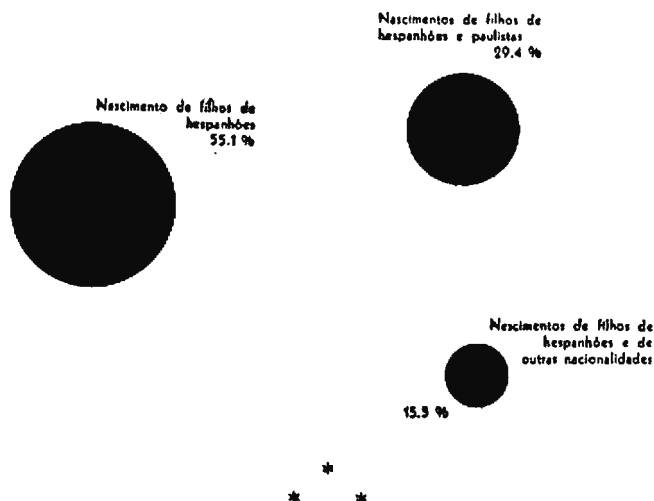
Igual phenomeno se verifica quanto á filiação, ainda que por esse criterio a conclusão apurada seja menos nítida, reportando-se a situação mais remota:

	<i>Filhos de hespanhoes</i>	<i>Filhos de hespanhoes e paulistas</i>	<i>Filhos de hespanhoes cruzados com individuos de outra nacionalidade estrangeira</i>
Capital . . . . .	55.1 %	29.4 %	15.5 %
Santos . . . . .	48.7 %	29.5 %	22.7 %
Campinas . . . . .	34.0 %	49.0 %	17.0 %
Ribeirão Preto . .	50.0 %	32.7 %	17.3 %
São Carlos. . . . .	48.9 %	37.0 %	11.0 %
Botucatú . . . . .	40.0 %	45.0 %	15.0 %

O hespanhol é bem menos instruído do que o italiano.

Sob esse ponto de vista a sua inferioridade é patente mesmo em confronto com todos os demais elementos immigratorios localizados em S. Paulo.

De acordo com o "*Relatorio da Secretaria da Agricultura*" de 1928 já aqui, reproduzido, a porcentagem de analphabetos entre os immigrantes hespanhoes, sóbe, com effeito, a nada menos de 53.71%.



Passemos agora a estudar a gente hespanhola sob o seu aspecto physiologico, depois de transplantada para o nosso territorio, de condições geographicas tão diversas das da Peninsula iberica.

O funcionamento do aparelho digestivo do hespanhol, assim como o do italiano, parece ser regular. Aliás neste ponto nem sempre as estatisticas correspondem á

verdade. Em razão da grande mortalidade infantil, entre nós, a porcentagem de paulistas mortos em virtude de affecções no aparelho digestivo é muito augmentada, em vista de serem consideradas paulistas as creanças de paes estrangeiros aqui nascidas.

Mas mesmo assim, não se deve deixar de reconhecer a relativa normalidade do aparelho digestivo do hespanhol. Eis que, figurando na mortalidade geral da Capital com a porcentagem de 3.6%, nas mortes resultantes de molestias do aparelho digestivo apparece com 4.1% apenas.

Quanto aos disturbios do aparelho circulatorio, o hespanhol se mostra mais resistente do que o italiano. Dos annualmente victimados pelas arterio scleroses, embolias, tromboses, etc., 8.1% são hespanhoes, porcentagem essa que sendo mais baixa do que a italiana é, ainda assim, muito elevada deante da relativa á mortalidade geral.

Na mortalidade causada por doenças do systema nervoso, figura o hespanhol com 5.4% proporcionalmente inferior á do italiano, mas muito superior a do paulista. A estatistica de suicidios na capital confirma essa porcentagem acima, pois nella o hespanhol apparece, apenas, com uma proporção de 5.4%, porcentagem tres vezes menor que a dos italianos.

Finalmente, no que diz respeito á mortalidade pelas endemias, como typho malaria, etc., pelas epidemias como sarampo, dysenterias, esscarlatinas, e pela syphilis, o hespanhol surge apenas com 2.6% de porcentagem, em que se mostra tão resistente quanto o italiano.



## CAPITULO VIII

# O PORTUGUEZ

A immigração portugueza, da ultima corrente, foi importada para S. Paulo de modo differente que a italiana, ou a hespanhola.

Nós já eramos de extracção lusitana, já tínhamos um contingente muito forte de sangue portuguez a circular-nos nas veias, quando a libertação do negro nos obrigou a procurar um substituto da mão de obra para o nosso trabalho rural.

Foi então que engrossou extraordinariamente a immigração portugueza, acompanhando a curva ascencional das de outras procedencias. Foi de 1910 a 1914 que o numero de portuguezes introduzidos pela immigração, attingiu ao seu maximo. Depois diminuiu, em consequencia do phenomeno bellico que abalou a Europa, para, de 1920 em deante, retomar o seu rhythmo normal. Hoje, com a corrente nipponica e a que vem do Brasil, é a portugueza das unicas fontes immigratorias que restam a S. Paulo, — quasi estancadas estão as demais.

Mas voltemos a estudar a forma da immigração portugueza.

Outróra nas éras longinquas do quinhentismo, do seiscentismo ou do setecentismo mesmo, o typo da immi-

gração lusitana, que procurava o nosso planalto era a de povoadores.

Com suas famílias, transportavam para as nossas plagas os seus lares, e aqui aprofundavam suas raízes, não mais voltando a Portugal de quem si não esqueciam totalmente, ao menos o olvidavam bastante para se tornarem authenticos colonisadores e formadores de uma patria nova. Assim foram os Pero Leme, os Antonio de Oliveira, os Salvador Pires, os Gaya, os Macieis, os Furtado de Mendonça, cujos nomes sonoros encimam os pomposos titulos da monumental obra genealogica de Silva Leme, reunindo as velhas sementes da população européa na nossa terra.

! Esse typo perdurou mesmo durante o século XVIII, ainda que com elle tivessem vindo, attrahidos pelo ouro das geraes, muitos aventureiros que passaram por São Paulo. Portugal, porém, estava exaurindo-se em forças colonisadoras. Quasi todo o seu potencial se esvahiya, como de uma sangria aberta, a hemorragia mortal. Esse phenomeno não podia durar muito. As colonias portuguezas no Brasil haviam-lhe tirado os elementos povoadores.

Veio o século XIX e a velha nação da Iberia, "*o atom de terra que Castella comprime mas o oceano alarga*", na phrase linda do grande Brasílio Machado, só teve para soccorrer as precisões do vetusto planalto piratiningano, os immigrants do outro typo. Este tambem vinha espontaneamente. É possivel que tambem viesse premido pelas mesmas necessidades imperiosas do "*primo vivere...*" que impulsionou os primiévos. Mas uma enorme differença os separava. Elles não vinham já afamiliados, trazendo de lá os seus lares formados. Eram andorinhas. Campeavam a aventura. Por isso emigravam sózinhos. Vinham isolados. Ainda que casados preferiam deixar, lá nas quintas do Traz os Montes, sua mulher, a quem remettia subsidios, do que a trazer para se fixar em S. Paulo.

Aqui aportavam escoteiros. Homens e mulheres, animava-lhes a esperança de volver ao reino logo que reunissem algumas economias. Vinham com olhos voltados para a boca do Tejo, que lá ficára com a Torre de Belem na sua foz amainelada de pedra, como uma almenára gigante a olhar scismarenta o "mar tenebroso".

O factor tempo não importava muito para essa gente aventureira. Levavam aqui annos seguidos, sempre saudosos, porem, daquella "santa terrinha" com seu caldo verde, com seu lenço de alcobaça, com sua quinta romantica de "ao pé de Coimbra", etc.

Passavam esses portuguezes as maiores privações, soffrendo as mais negras misérias, contanto que algum dia pudessem lá voltar, áquelle "*jardim da Europa a beira mar plantado*".

Os lusos, eram, pois, méros "birds of passage", como os italianos nos Estados Unidos. Isto é, differem apenas em que os italianos para lá emigram e volvem á patria sem deixar vestigios da sua raça, enquanto que o portuguez entre nós, deixa sempre o seu rastro, consistente em falsa familia e vasta próle, que aqui estabelece com uma negra. Isso não raro transforma o portuguez e se faz em raiz poderosa que o fixa á terra, obrigando-o a cortar o cordão umbelical que o retinha preso a Portugal.

Não é difficil encontrarem-se portuguezes que nessas condições se fizeram patriarchaes e abandonaram todo proposito de voltar a Europa.

Esse elemento procedendo assim se torna excellente povoador.

Mas ás vezes, tal não acontece. Com um lar mal constituido, com uma familia provisoria, o portuguez lacrimoso de saudades de Portugal, não se sente attrahido pelo nosso meio rural, tão fagueiro, convidativo e promissor, para os que têm familias bem solidamente formadas, na paz, e

no labutar remunerativo, que lhes dá a vida nos latifúndios cafeeiros das zonas velhas ou nos sítios das zonas novas.

É por isso que o portuguez não se fixa muito no interior. Prefere os mistéres provisórios de que se pode desvencilhar quando os recursos se fazem pingues para uma volta a Portugal.

Por isso é visível a tendencia do portuguez em ser, no interior, ferroviario e a permanecer nas cidades. Ahi se entrega aos officios de leiteiro, de jardineiro, de padreiro, de chauffeur, de tirador de areia do Tietê, de motorneiro, de carroceiro, de conductor, de commerciarior, etc. Com a gente da alta Italia e agora com os magyares, com os slavos, com os teutos e com os syrios, forma as massas de estrangeiros da Capital.

As mulheres, vindas tambem sózinhas, vão ser creadas de servir, empregando-se nas residencias, ou então lavadeiras nas ribanceiras de algum curso d'agua.

Assim é que se faz muito commum, a transformação do portuguez de andorinha como sahiu de Portugal em povoador. Isso porem se dá, e, parte das vezes o portuguez, daqui não mais se aparta. Faz-se então patriarchal e seus filhos se confundem perfeitamente na população de mentalidade bem paulista.

A mesma lingua, a mesma religião, os mesmos nomes e apelidos, a mesma formação social, o mesmo corpo de tradições nacionaes, a mesma sentimentalidade langorosa, transparecida até nos cantares melodiosos dos fados e das guitarras, dão ao luso tal afinidade com o paulista que é como se elle fosse oriundo desta terra. Confunde-se facilmente com o autochtone, e muitas vezes, quando perde o sotaque no falar, se faz preciso um grande atilamento para o distinguir na massa geral.

Distingue-o sempre, porém o modo carregado de falar, cousa que para cá traz todo portuguez, ao usar o idioma que também é o nosso. Com elle, parece ter uma nitida confirmação o velho adagio que reza: "*o que o berço dá só o tumulto tira*".

O portuguez, que vem falando com um pronunciar todo especial, trocando consoantes, supprimindo ou accrescentando vogaes, ou collocando os pronomes com muita correcção pode passar dezenas de annos, sem perder os seus habitos linguisticos. Essa é a unica distincção que os desigualda dos paulistas. Mas o seu filho, tenha elle mãe paulista ou não, é jacobino extremado. E' paulista até a alma e busca avido todas as occasiões para proval-o. Foi com a alma a transbordar de commoção que vimos isso na nossa guerra de 1932.

Temos delles a solidariedade do sangue. Foram nossos irmãos de armas e comnosco commungaram no soffrimento das trincheiras e comnosco estiveram nas fomalhas das batalhas.

Como vimos, o portuguez, de modo geral, vinha solteiro pela immigração. Por isso, elle não tinha o feitio rural do italiano ou do hespanhol. Preferia os grandes centros. No Rio de Janeiro, por exemplo, conserva-se na população carioca immensa quantidade de lusitanos. O Recenseamento Federal de 1920 nos assegura que nada menos de 14 a 15% do total de habitantes do Rio de Janeiro são portuguezes. Em Santos, a porcentagem de portuguezes é de 11.9% do total e em S. Paulo, elles avultam, com quasi 6.0% da população. Emquanto isso, no nosso interior o portuguez é apenas 2.2%.

Sendo o luso tão citadino, mas sem tradições na industria, ficou nessas grandes agglomerações exercendo os mistéres do commercio em geral. Se porem sua esphera

social era inferior, então buscava collocação como serviçal, carroceiro, motorista, calceteiro, carregador, etc.

Gente vinda de uma patria multiseccular, de rigido espirito nacional, havendo, mesmo, outróra, resistido por mais de 60 annos a assimilação castelhana, é muito natural que elle offereça mais resistencia do que o ductil italiano ao nosso esforço assimilatorio.

A identidade de idiomas e de nomes, alem da grande semelhança psychologica entre portuguezes e paulistas, faz com que aquelles, logo á segunda geração, com estes se confundam de um modo perfeito.

Além das tendencias que esplanei, o portuguez mostra a de se unir com a patricia que tambem vem solteira. A ter de contrahir matrimonio, o luso prefere se arriscar com uma "cachopa", lusa como elle. É o que se verifica mais em S. Paulo, enquanto que no Rio a ligação deile com a negra ou com a mulata é mais de se observar. É por isso que no quadro de cruzamentos, o portuguez figura de um modo inferior ao italiano, mas acima do hespanhol.

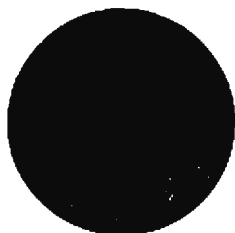
Não fossem essas tendencias, o portuguez, por certo, nos daria resultados melhores que o italiano.

#### CASAMENTOS EM 1927

	<i>De portu- guezes por amixia</i>	<i>De portu- guezes com paulistas</i>	<i>De portuguezes com individuos de outra nacio- nalidade extran- geira</i>
Capital. . . . .	42.0 %	47.3 %	10.7 %
Santos . . . . .	43.8 %	50.5 %	5.7 %
Interior. . . . .	18.2 %	72.0 %	9.8 %
Total do Estado .	29.5 %	60.4 %	10.1 %

Esse quadro é confirmado por outro, concernente ás filiações, embora seja este o reflexo de uma situação, mais remota, como mais de uma vez ficou bem frizado.

Casamentos de portuguezes  
com paulistas  
60.4 %



Casamentos de portuguezes com  
Individuos de outra nacionalidade  
10.1 %



Casamentos entre  
portuguezes  
29.5 %



*Filhos de  
portuguezes*

*Filhos de  
portuguezes e paulistas*

*Filhos de portuguezes e individuos de outra  
nacionalidade estrangeira*

Capital . . . . .	60.3 %	30.3 %	9.4 %
Santos . . . . .	56.0 %	36.7 %	7.3 %
Campinas . . . . .	29.2 %	61.5 %	9.3 %
Ribeirão Preto . . . . .	30.5 %	54.6 %	14.9 %
São Carlos. . . . .	32.9 %	45.1 %	22.0 %
Botucatú . . . . .	34.3 %	53.7 %	12.0 %

Assim, ainda que menos maleavel que o italiano, o portuguez soffre o processo de assimilação e seus filhos não mais se differenciam dos paulistas de gerações.

Sob o ponto de vista intellectual o portuguez é atrasadissimo, como vimos, apresentando uma proporção de analphabetos só superada pelos hespanhoes. Esse sentimento de inferioridade mental, concorre certamente para golpear fundo qualquer sentimento de orgulho ou de pro-

sapia, ainda nos enriquecidos. Isso facilita a assimilação, sobretudo em uma sociedade democratica como é a paulista.

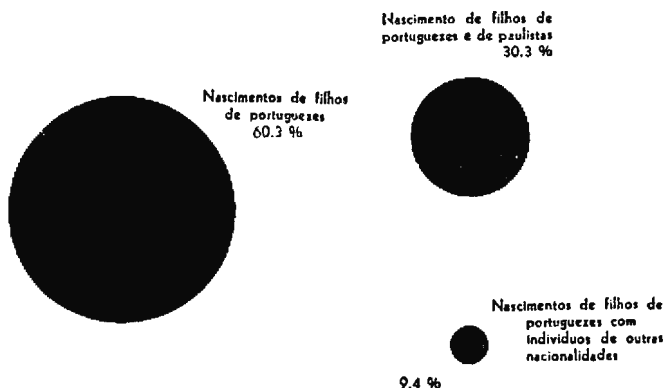
De ordinario, se tem feito certa moessa em que o immigrante venha, ao entrar em S. Paulo, ao menos alphabeticado. É justamente o contrario que devemos desejar.

O immigrante mais culto traz certas vantagens, mais individuaes do que collectivas, é, porém, muitissimo mais indigesto e muito mais difficil de ser assimilado. Elle conserva muito mais a mentalidade de sua patria de origem do que se tivesse vindo em estado de incultura. Della conhece as glorias militares e tem bem morno o espirito nacional da gente patricia que foi constrangido a deixar.

\*

\*      \*

Quanto á physiologia, figura o portuguez, na mortalidade geral da Capital, com a porcentagem de 5.7%.



Dos victimados pelos disturbios do aparelho digestivo 6.5% são portuguezes, cousa que revela uma certa fraqueza a esse respeito.



Dos que tombam, em virtude de pouca resistencia do apparelho respiratorio, 4.7%, são portuguezes, o que evidencia um bom funcionamento dos pulmões.

Mais elevadas são as proporções dos que morrem em virtude de perturbações no apparelho circulatorio. Os portuguezes figuram ahi com uma porcentagem de 13.7%.

As causas devem ser as já mencionadas em relação ao italiano. O alcoolismo victima quasi todo europeu. Uns soffrem mais que outros, assim os lusos apresentam tambem más consequencias, mas em menor escala do que os italianos.

O mesmo se poderia dizer do systema nervoso. Pelas affecções desse systema os portuguezes figuram com 7.0%, nesta repartição do quadro nosologico geral.

Tambem não são muito resistentes os portuguezes, ás endemias, ás epidemias, á syphilis, etc. Dos victimados por essas causas, 10.9% são lusos.

## CAPITULO IX

# O JAPONEZ

Depois das correntes italiana, hespanhola e portugueza, a que se reveste de mais importancia, na constituição das populações paulistas é a nipponica.

Vamos estudal-a como fizemos em relação ás demais.

O japonéz é originario de varias estirpes anthropologicas:

- A) O aïno, branco, de conformação européa
- B) O malayo
- C) O mongol
- D) Talvez o melanesiano
- E-) Talvez o polynésiano

Da mistura desses individuos em maiores ou menores proporções, isolados nas ilhas nipponicas, dois typos se distinguem na população japoneza:

- a) O typo *CHOSU*
- b) O typo *SATSUMA*

O primeiro é mais delicado, de maior apparencia com o europeu fugindo ao malayo e ao mongol. É possível que para a formação desse typo haja concorrido mais sangue aïno. E' dolicocephalo, leptoposofo, leptorrhino, tem cabellos mais finos. O segundo é mais grosseiro. De zigmos mais salientes, tem o nariz mais achatado e os olhos mais

amendoados. E' brachyoeide, chamoeprosope e platyrrhinio, com um maior prognathismo.

A população formada por essas estirpes nomeadas, isolada nos accidentes physico-geographicos, que constituem as ilhas do Pacifico, tem tido um incremento enorme.

Em 1883 os japonezes eram 30 milhões, em 1890 já 40 milhões, e 45 milhões 10 annos após. O problema se desenhava nitido para o Japão; era a superpopulação, que já o ameaçava. De facto em 1920 o Japão attingia os 56 milhões de habitantes para em 1927 chegar a 63 milhões, só nas ilhas japonezas, com um crescimento annual de quasi um milhão de habitantes.

O problema premente, estava, pois a exigir solução. Era ella a emigração. Os estadistas nipponicos viram e procuraram realisar-a. Dahi a guerra pela Mandchuria.

Mas isso não bastava.

Os norte americanos pelo famoso "*gentlemen's agreement*" de 1907, trancaram as portas da costa occidental do Pacifico á emigração japoneza.

Esta se fazia cada vez mais imperiosa.

Desde 1900, o Japão havia, com seus 45 milhões de almas, attingido ao ponto de saturação, chegando á densidade de 117 habitantes por kilometro quadrado de área.

Nessa occasião S. Paulo afrontava um problema cuja solução era a exactamente opposta a que buscavam os nipponicos para a resolver o seu. S. Paulo, parte do Brasil, teve que submeter a lei de 13 de Maio de 1888 e viu-se subitamente privado da mão de obra da sua agricultura.

Recorreu ao italiano, que enviou durante largo tempo elementos braçaes para essa lavoura. Não durou, porém, mais de vinte annos a correr para a lavoura paulista o braço italiano. Surgiu o famoso decreto Prinetti cortando essa corrente immigratoria que S. Paulo recebia. Era preciso restabelecer a immigração. Isso a menos que a expan-

são paulista, augmentando os seus dominios economicos, tivesse de cessar.

Foi quando se encontraram as duas tendencias.

O Japão procurando um escoadouro para o excesso da sua população e S. Paulo buscando-a, avido de braços para entradas pelos sertões.

Um queria a emigração, e lugar para ella; outro precisava de gente para seus lugares vãos. Dahi a corrente immigratoria nipponica, que tendo tido inicio ha 25 annos só mais tarde tomou um desenvolvimento que a colloca em posição de influir sobre a população paulista.

O japonês que vem para S. Paulo o faz com suas familias já constituidas, para supprir de braços a agricultura paulista. Elle traz, assim, uma pequena quantidade de elementos solteiros.

Esse phenomeno não tem sido convenientemente analysado pelos nossos sociologos, de modo a poder dahi serem tiradas conclusões sobre a immigração nipponica.

O japonês que vem para S. Paulo, pertence, pois, ao velho typo do immigrante patriarchal já consagrado pelo iberico dos primeiros seculos do povoamento. É o typo do colonizador, que vem disposto a se enraizar na terra.

Os poucos que vêm solteiros, entremeados com este colonizador, pertencem a outro typo. São aventureiros. De preferencia ficam na Capital, onde procuram mistéres em que são mais conhecidos. São chauffeurs, criados de servir, marceneiros, etc.

O japonês porém, já familiarizado, procura o interior, ou antes, o ambiente rural.

Elle é como todos os outros de nacionalidades varias, não fugindo a esse respeito á regra geral. Se solteiro, prefere a Capital. Se casado, vae estabelecer-se com mais solidéz no interior.

No interior, o japonês ou trabalha assalariado, cousa hoje rara, ou busca ser senhor de um sitio, ou de uma pe-

quena propriedade, de onde irradia a sua actividade as mais das vezes na polycultura. O indice de fixação é elevado em qualquer dos typos. Não podia deixar de ser, visto como a distancia do Japão é muito grande. Essas viagens não podem ser repetidas. O nipponico preza muito a instrucção de seus filhos, sorvendo então a paulistidade em que commungam connosco, nas escolas publicas, no escotismo, nos folguedos infantis, nos esportes, nos clubes, etc.

Ahi elle se familiariza com o idioma, com os costumes e se integra na mentalidade da terra.

É de observar-se que nos gymnasios ou nos estabelecimentos de ensino secundario, em S. Paulo, os meninos, as meninas, os rapazes e as raparigas, filhos de paes nipponicos, já apparecem avultados em mistura com os outros, recebendo delles grande influencia.

São os negocios, os interesses commerciaes, as trocas, as compra e vendas, etc. que causam maior aproximação, mais ameadado contacto entre o nipponico e os habitantes desta terra. A consequencia disso é naturalmente uma maior integração do elemento exotico na mentalidade geral. Elle então procura interessar-se pelos acontecimentos politicos e sociaes da terra. Immiscue-se e procura influenciar, mesmo, a marcha social e economica do povo paulista.

O nipponico é por força de maior rigidez de mentalidade nacional.

Oriundo de um paiz pequeno, tem uma noção mais nitida de patria; tem uma comprehensão mais solida, mais cohesa, mais compacta de sua nacionalidade, do que as já faladas correntes immigratorias. Estas são formadas de individuos de nacionalidades recentes, ainda sem glorias marciaes e nem orgulhos nacionaes. São membros de sociedades antes regionaes do que nacionaes: não podem ter muito endurecido o espirito de nacionalidade.

O japonéz é, pelo contrario, um individuo pertencente a um imperio milenar, de passado militar que o deveria ensoberbecer.

A tradição que elle traz dessas ilhas longinquas do Pacifico, é de espessura notavel, em densa camada bem crystallizada.

Todos os elementos que dão á immigração nipponica a organização que ella possui, como a sua psychologia toda especial, não são favoraveis á sua rapida assimilação.

O unico elemento que favorece o nipponico é o seu espirito altamente rural.

No processo de assimilação, sem embargo de tudo isso, o japonéz não escapa.

Terá de, aos poucos, ser deglutido por nós, como estão sendo os mais.

S. Paulo é como o estomago do avestruz. Engole e assimila tudo.

A corrente immigratoria nipponica, das ultimas que nos restariam, vindas de terras distantes, tem dado margem a uma infinidade de discussões.

Parece que agora a velha celeuma, já vae derimida a favor desse elemento immigratorio. A razão da controversia é que todos se julgavam autorisados a expender juizo a respeito. Diziam naturalmente os maiores disparates. A falha lamentavel de cultura, era nesses eternos discutidores supprida por uma incrível audacia (31).

Synthetisando porém, os argumentos dos que eram contra o japonéz resumiam-se nos dois seguintes postulados:

---

(31) Imagine-se que a proposito de um assumpto de alta especialisação, houve um ministro da Agricultura no Brasil, que o quiz submeter a uma "enquête" entre leigos!!!!

Foi o mesmo que fazer padres chinezes, opinarem sobre construcções navaes.....

- a) Falta de eugenia no japonéz
- b) O japonéz seria rígido demais para se deixar assimilar. Por isso a tendencia d'elle seria para se enkystar no nosso organismo.

Os que pensavam assim, não se davam ao trabalho de analysar as questões.

Estabeleciam isso com displicencia e tinham esses dois postulados em conta de axiomas.

Um raciocinio mais demorado e mais analytico das questões vem mostrar que ambas são argumentos falhos. Filhos de noções erroneas o primeiro postulado; o segundo é fructo de um grosseiro erro de observação.

A applicação do *olhometro*, em tudo que demanda um exame mais detido e especializado, tem sido a regra geral adoptada entre nós.

Os argumentadores contra o japonéz preferem o criterio simplista de resolver tudo sem technica e sem analyse.

Examinemos porem essas duas questões:

O primeiro dos argumentos, obriga preliminarmente em que se defina bem o que seja eugenia. Os que lançam mão do termo — “eugenia” — não sabem bem o que elle significa. E' a unica explicação para o disparate da affirmação de que o japonéz não tem eugenia. Com uma insciencia de espantar os que se manifestam contrarios aos nipponicos, resumem o conceito de eugenia á *belleza physica*. Fosse isso uma verdade, confessemos, ficaria a sciencia galtoniana, com um objecto bem relativo e nebuloso, cousa que deixaria a eugenia sem a pretensão de ser tida como sciencia. Ficariam os seus conjuntos de normas a navegar desamparados de criterio, pelos toucadores de cabellereiros, ou de manicuras, por entre potes de pomadas e vidros de cremes ou ainda de tubos de vaselina, etc. O conceito da *belleza physica* é

muitissimo relativo, dependendo de muitos factores, sem a menor fixidez e em que o puro arbitrio, angulo visual, a educação do gosto artistico, etc., são as unicas causas determinativas. Não ha nesses factores causaes a menor base concreta. O terreno por elles trilhado é sem consistencia, pantanoso e atoladiço.

O resultado desses factores tem tambem de ser indeterminaveis, aleatorios e abstractos, sem poder servir de base para qualquer cousa seria. A educação do gosto artistico, em combinação com o desejo genesico, é o principal elemento para a determinação do bello physico. O ponto de vista está a influir poderosamente nisto. Sob a face educacional, é possivel se achar um gorilla, um orango, um hippopotamo, um rhinoceronte, um cão, um cavallo, etc., verdadeiros typos de belleza... Outras pessoas desafeitas, desse ponto de vista, podem achar esses mesmos animaes, impressionantemente feios. Engenheiros mecanicos, acharão belleza em uma locomotiva, em um motor, em um automovel, etc. Aviadores poderão encontrar attractivos do bello em certo typo de avião. Criadores de gado poderão achar belleza em certo touro. Generaes poderão achar lindo certo uniforme. Microbiologistas acharão belleza em certos microbios. Anthropologistas acharão lindos typos de australoides. Paleontologistas acharão bellos os craneos fosseis de La Chapelle aux Saints, ou de Broken Hill.

Nero achou lindo o dantesco incendio de Roma! Napoleão, achava os seus campos de batalha, eivados da mais ampla e feerica belleza. Os miseros hotentotes consideram a esteatopygia feminina a suprema encarnação do bello!

Eugenia não pode ser só a sciencia da belleza physica. Ella abrange muito mais cousas, e cousas que se prestam a percepção muito mais concreta. Comprehende



tambem a fortaleza physica de um Dempsey, ou de um Hackenschmidt, como tambem abrange o intellecto de um Socrates, de um Cicero, de um Newton, de um Lineu, de um Claude Bernard, ou de um Ruy Barbosa. Ella deve comprehender a belleza moral de um S. Francisco de Assis, ou de um Marco Aurelio, ou ainda de um Junio Bruto. Ella deve abranger todo o poder artistico de um Miguel Angelo, de um Byron, ou de um Massenet. Ella deve comprehender toda a força de alma precisa em um Bayard, ou de um d'Artagnan.

Eugenia é antes o conjunto de factores reduzidos a algarismos applicados com uma dada formula algebrica, na qual cada um dos factores referidos tenha uma influencia determinada. Disso resultará um indice qualquer. Será o indice da eugenia.

Todos os factores deveriam ser estudados profundamente antes de serem empregados. Physicamente o japonез pode não ser bello, ante o ideal de belleza occidental que faz o seu expoente maximo um Rodolpho Valentino, ou outro qualquer Antinous, mais feitos para as delicias dos "puerorum amatores". Nos demais capitulos concretos da eugenia, ninguem em sã verdade poderia negar o altissimo expoente do nipponico. Intellectualmente, o japonез tem demonstrado a sua incontestavel superioridade, não só em actos que se reflectem pelo vasto scenario do mundo, desenvolvendo a sua potencialidade de grande povo como ainda em qualquer outro ramo de actividade na civilização.

Gente desconhecida, até bem pouco tempo, no decorrer dos oitocentos, em menos de cincoenta annos, o Japão soube pela sua capacidade formidavel, alcançar os povos do mundo mais civilizados, e a elles se equiparar, ameaçando-os seriamente na carreira da prosperidade.

Nos laboratorios e nas experiencias, feitas, mesmo nos Estados Unidos onde o nipponico não é apreciado,

nos "tests" que o têm sujeitado a exames e a comparações o japonês tem saído vencedor, dominando de longe os representantes de outras partes do mundo civilizado ou não. Nesse gênero de pesquisas, tão em voga, modernamente, principalmente nos Estados Unidos, os nipponicos não têm encontrado rivais.

Sob o ponto de vista physiologico, se não basta a amostra que os nipponicos deram ao mundo, no decurso dos memoraveis capitulos de sua historia, no que diz respeito aos varios departamentos da sciencia das funcções, como a sua magnifica fecundidade que adensa sua população; com sua espantosa resistencia nos campos de batalha da Mandchuria e da Mongolia, teriamos então a possibilidade de os conhecer sob esse ponto de vista, pelo modo como se tem comportado entre nós.

### QUADRO NOSOLOGICO

No quadro da mortalidade paulista, tirado do Anuario Demographico de 1928 o japonês é assim contemplado:

Na mortalidade geral do Estado . .	0.5 % são nipponicos
Na mortalidade do Estado causada por disturbios no aparelho digestivo .	0.8 % são nipponicos
Na mortalidade do Estado causada por disturbios no aparelho respiratorio.	0.4 % são nipponicos
Na mortalidade do Estado por disturbios no aparelho circulatorio . . .	0.5 % são nipponicos
Na mortalidade do Estado pelos disturbios no systema nervoso. . . .	0.1 % são nipponicos
Na mortalidade do Estado causada pela tuberculose pulmonar. . . . .	0.9 % são nipponicos
Na mortalidade do Estado causada pelas endemias e pelas epidemias, como pelo typho, malária, sarampo, escarlatina, varicelas, variolas, etc.. . .	0.5 % são nipponicos

Dahi se verifica o extraordinario equilibrio desse quadro nosologico. Por elle fica bem demonstrado não ter o japonéz nenhum ponto fraco. A porcentagem, talvez um pouco elevada, é a que se refere á mortalidade pela tuberculose pulmonar. E' de notar a grande galhardia dessa gente em relação ás endemias, como o typho e a malária, a que pelas suas occupações habituaes estão bem sujeitos a contrahir.



Sob o ponto de vista moral, é notabilissimo o japonéz. Sob o ponto de vista de estoicismo, de abnegação de dominio sobre si, o japonéz é inigualavel. E' uma optima aquisição para nós. Só elle poderia enfrentar o "Hara Kiri". Pelo exposto, vê-se como rue com fragor o argumento de que o japonéz não é eugenico.

O outro argumento consiste na affirmativa de que o japonéz não se cruza, não se deixa assimilar, que se enkysta, segregado e isolado em nucleos impermeaveis do resto da população. Nada se observou até agora. As affirmativas são pura e simplesmente gratuitas.

Vejamos como podemos julgal-as. Não se pode de-sejar que uma corrente immigratoria, iniciada ha tão pouco tempo e formada especialmente por familias já constituídas e organizadas, apresente um elevado indice de cruzamentos. Não é possível que uma gente nova entre nós, aqui aportada em familias formadas mostrem um alto indice de cruzamentos com os pre-existentes, denunciando uma pressa em ser assimilada. Não ha corrente immigratoria absolutamente alguma que venha com o proposito de se deixar deglutir. Isso se irá dando paulatinamente, insensivelmente para os exóticos, que nem por isso deixam de oppor as resistencias que podem.

A temperatura de fusão de cada corrente ethnica depende de varios factores que se conjugam. Eu venho expondo esses factores que são chamados a se exercitar no processo de assimilação de cada uma das correntes estrangeiras entre nós.

Esses factores variam em cada caso especial. Assim, influe a forma da immigração. Influe a psychologia da gente immigrada. Influe a sua formação historica e social. Influe a idade da immigração, etc.

Como ficou asseverado, cada corrente immigratoria, tem os seus factores, os quaes variam de intensidade, de actuação das suas diversas forças. Assim, não se poderá comparar a temperatura de fusão da gente italiana, vinda ha quarenta annos, com a japoneza que só teve a sua entrada em S. Paulo engrossada, em 1915, isto é, ha 19 annos.

Confrontar essas duas correntes immigratorias seria comparar cousas heterogeneas. O japonês emigra já casado, com seus casaes já constituídos, com suas familias já formadas e com seus filhos já em differentes edades. Não se pode querer que elles apresentem um alto indice de cruzamento com gente preexistente, antes desses filhos haverem attingido á idade da procreação. Só agora vão apparecendo os filhos de japonezes, em maior convivencia com as outras creanças frequentando escolas. O tempo será o melhor nivelador de todas as arestas. Será elle o aplainador de todas as saliencias.

E' certo que nos Estados Unidos, paiz para onde o nipponico emigrou, ha muito mais tempo, elle não se ligou ao preexistente. Ahi elle se enkystou. Ahi elle se isolou.

A lição da experiencia deveria então nos servir, dizem os nipponophobos. Isso seria, ainda, querer comparar entidades inteiramente heterogeneas. Nos Estados

Unidos, o meio era differente. Em nada elle se assemelhava ao nosso. Lá não foram os japonezes que se isolaram, ou se enkystaram. Foram isolados e enkystados pela população preexistente.

A mentalidade norte-americana é fartamente conhecida. Os norte-americanos acabaram o misero incola pelle vermelha a bala. Eis as proezas homericas dos Buffalos Bills e dos Texas Jacks. Eis os authenticos heroes norte-americanos. Os norte-americanos souberam separar impermeavelmente o negro. Um kysto racialmente africano crava-se hypertrophiado no flanco da organização norte-americana (31-a).

Não é de admirar que elles norte-americanos hajam tido identico procedimento para com o asiatico.

Seria espantoso se tivessem deglutido os japonezes depois do que fizeram com os indios e com os negros.

Entre nós é muito differente tudo!

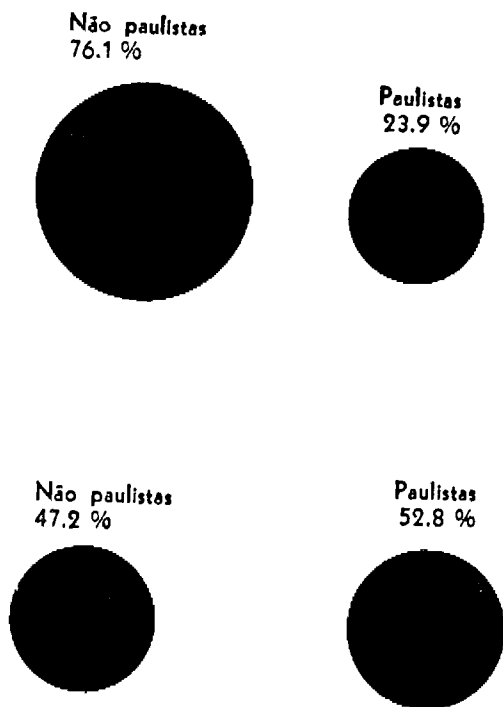
Os cruzamentos entre todas as stirpes se vão realizando sempre. Nem todos são deglutidos com a rapidez com que o italiano se deixou assimilar, é bem verdade. O caso do italiano é absolutamente excepcional. Não se poderia encontrar outro especimen de povo que nos offerecesse gente tão ductil ao processo assimilatorio. A corrente nipponica, além de ser relativamente recente, é vinda de um imperio milenar, estabelecido em tradições gloriosas e rigidas.

---

(31-a) Em regra não ha grupos humanos inassimilaveis. Todos podem ser assimilados ou não, dependendo de outros factores. Assim não se pode julgar um grupo ethnico pelo que elle demonstrou em outras regiões. Eis o allemão perfeitamente assimilado nos Estados Unidos e enkystado milenarmente na Transylvania onde até a toponymia se conserva germanica ilhada entre rumenos e magyares.

Não são os grupos ethnicos que não se assimilam; são ambientes sociaes mais ou menos impermeaveis que os isolam.

**Mortalidade pelos disturbios do aparelho circulatorio**



Seu physico é algo differente e só um convivio mais longo poderá fazer que elle evolua na nossa educação a proposito do ideal da belleza physica. Eis que o japonéz entra com varias desvantagens desse campeonato em que todos os prognosticos são pelo italiano. Sem embargo, o japonéz não faz tão má figura na lista dos cruzamen-

tos cousa que vem desmentir de um modo cabal aos pregoeiros de que a sua estirpe se segrega, se enkysta, etc.

Eis o que observei no "*Annuario Demographico Sanitario*" em dados referentes ao anno de 1927, isto é, quando a corrente nipponica só tinha 12 annos de contacto com a gente paulista:

Porcentagem dos casamentos em que foram parte japonezes:

Cruzamento com paulistas . . . . .	27.4 %
Cruzamento com outras nacionalidades . . . . .	5.3 %
Casamentos entre japonezes (amixia). . . . .	63.3 %

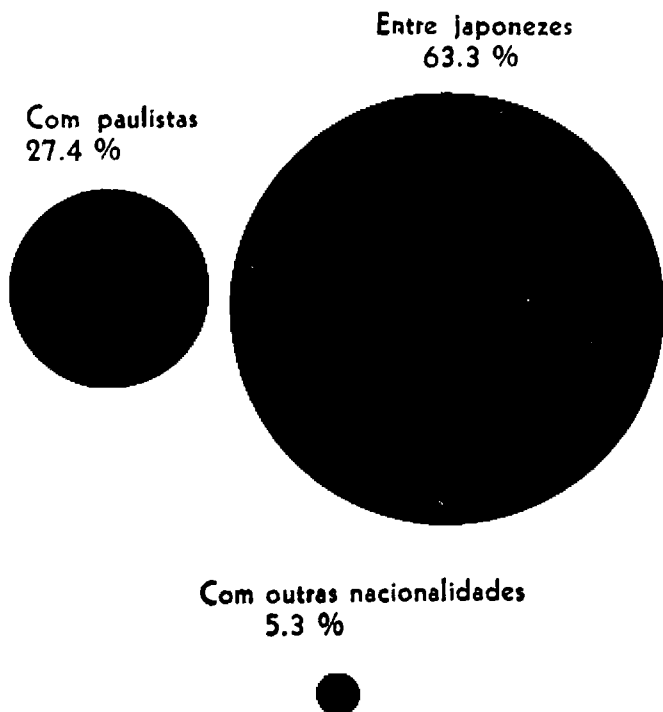
Esses resultados se comparados com os apresentados pelos italianos, ou pelos hespanhoes, por certo ficam inferiores. A situação de desvantagens que cumulam a estirpe nipponica no que concerne á assimilação, não permite, no momento resultados melhores. Depois, haveremos de ver...

Desejar o contrario, seria o mesmo que pretender que um optimo cavallo corredor, corresse com tres pernas apenas, enquanto que os demais concorrentes dispunham livremente das quatro. O tempo e a convivencia comnosco vão aos poucos aplainando essas desvantagens, resolvendo essas dissimilitudes, diminuindo as difficuldades, resolvendo as differenças de character e de psychologia, de modo que, em breve, o japonéz, poderá apresentar resultados mais positivos.

Para a idade da corrente immigratoria, não pode haver quem honestamente venha affirmar não ter sido grande o caminho já trilhado.

Com isso, ninguém em boa fé, poderá dizer que a temperatura de fusão do nipponico é elevadissima e que se trata de uma gente inassimilavel.

**Graphico mostrando as porcentagens nos casamentos  
em que os japonezes foram parte em 1927**



Os algarismos, os raciocinios, a logica, etc., ahi estão a desmentir qualquer juizo mais aventuroso nesse sentido.

O numero de japonezes que estão connosco se eleva rapidamente nos ultimos annos. Por isso não sei, com exactidão, quantos são elles entre nós, este anno.



Devem ser 110 a 120 mil, espalhados pelo Estado, mais abundando porém, no litoral Sul, na Noroeste, na Alta Sorocabana e em pequenas porcentagens em varias regiões do Estado, onde se entremeiam com os mais, de preferencia na pequena propriedade.

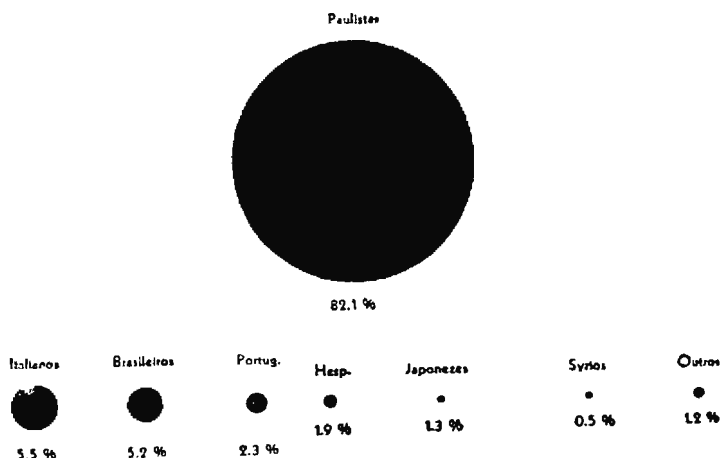
Creio que no Estado de S. Paulo a população esteja assim dividida.

Paulistas . . . . .	5.900.000	indivíduos	(82.1 %)
Italianos . . . . .	399.000	"	( 5.5 %)
Hespanhoes. . . . .	137.000	"	( 1.9 %)
Brasileiros. . . . .	354.000	"	( 5.2 %)
Portuguezes . . . . .	167.000	"	( 2.3 %)
Japonezes . . . . .	120.000	"	( 1.4 %)
Syrios . . . . .	40.000	"	( 0.5 %)
Allemaes . . . . .	26.000	"	( 0.3 %)
Outros (Magyares, Lettos, Yougoslavos, etc.) . . . . .	50.000	"	( 0.3 %)
<b>Total . . . . .</b>	<b>7.193.000</b>	<b>"</b>	

O numero e a area das propriedades agricolas do Estado estão assim distribuidas, com os seus respectivos valores, de accôrdo com as nacionalidades dos proprietarios:

Paulistas . . .	107.225	4.544.352	alqueires	3.282.214:789\$	rs.
	(66.4 %)	(75.7 %)		(64.9 %)	
Italianos . . .	27.376	793.497	"	915.172:889\$	"
	(17.0 %)	(13.2 %)		(18.2 %)	
Portuguezes . .	9.785	259.568	"	268.097:000\$	"
	( 6 %)	( 4.3 %)		( 5.4 %)	
Hespanhoes . .	8.930	191.789	"	243.488:733\$	"
	( 5.9 %)	( 3.1 %)		( 4.9 %)	
Allemaes. . .	2.151	61.733	"	43.802:154\$	"
	( 1.3 %)	( 1.0 %)		( 0.8 %)	
Syrios. . . .	1.126	78.562	"	79.027:000\$	"
	( 0.6 %)	( 1.3 %)		( 1.5 %)	
Japonezes. . .	5.132	72.503	"	81.605:391\$	"
	( 3.1 %)	( 1.2 %)		( 1.6 %)	
<b>Total. . .</b>	<b>161.725</b>	<b>6.002.007</b>		<b>4.913.407:956\$</b>	<b>"</b>

**Graphico mostrando a distribuição das populações paulistas de uma forma comparativa.**



Por esses quadros, está-se verificando que, enquanto que o japonês existe na proporção de 1.4% do total do Estado, elle possui 3.1 % do numero de propriedades do Estado, com cerca de 1.2 % do numero de alqueires cultivados, representando um valor de 1.6 % do total. Isso é sem duvida um excellent indice da prosperidade do nipponico em S. Paulo.

Não se vá porém concluir dahi que as proporções são desfavoraveis ao elemento paulista que sendo 82.1 % do total da população só tem em suas mãos 66.4 % do numero das propriedades agricolas com 75,7 % do total em alqueires e um valor de 64.9 % do total. E' que o paulista contém um numero enorme de creanças que não são proprietarios, enquanto que a idade dos imigrantes é em media muito mais elevada. Além disso na propor-

ção dos paulistas está comprehendido um numero grande de pretos e mulatos, que como se sabe, e eu estudo em outra parte, são positivamente inferiores sob o ponto de vista social, não sendo de monta o numero de proprietarios, entre elles.

O japonuez, porém, está em magnificas condições, como se vê. E' que o nipponico é o mais agricola de todos os elementos exóticos em S. Paulo.

De accôrdo com o Recenseamento Federal de 1920, a gente no Estado se repartia assim:

	<i>No Interior do Estado</i>	<i>Na Capital</i>
Japonezes. . . . .	96.0 %	4.0 %
Paulistas . . . . .	90.1 %	9.9 %
Italianos. . . . .	77.0 %	23.0 %
Hespanhoes. . . . .	76.7 %	23.3 %
Syrios . . . . .	69.0 %	31.0 %
Portuguezes . . . . .	61.3 %	38.7 %
Allemaes . . . . .	58.7 %	41.3 %

Essas porcentagens apuradas ha varios annos, devem ser postas em dia e eu, de accôrdo com os dados que obtive referentes á mortalidade, estabeleci o seguinte quadro:

	<i>No Interior do Estado</i>	<i>Na Capital</i>
Japonezes. . . . .	90.1 %	9.9 %
População geral do Estado. .	80.0 %	20.0 %
Paulistas . . . . .	80.6 %	19.4 %
Italianos . . . . .	80.1 %	19.1 %
Hespanhoes. . . . .	78.9 %	21.1 %
Syrios . . . . .	73.2 %	26.8 %
Portuguezes . . . . .	72.2 %	27.8 %
Allemaes. . . . .	71.2 %	28.8 %

Essas duas estatísticas que tão bem se accordam, oriundas de fontes tão diferentes, não exprimem a exacta repartição entre as populações verdadeiramente ruraes e urbanas. A designação “No Interior do Estado” — comprehende as gentes das cidades ahi localizadas, e dá uma idéa de indole de cada ramo immigratorio comparado ao paulista e a população geral do Estado.

O japonéz conserva uma posição de absoluto destaque em todas essas estatísticas, pelo seu espirito superiormente rural. Estudamol-o ligeiramente sob alguns aspectos e nada vimos que justificasse os pontos de vista dos nipponophobos.

## CAPITULO X

# O SYRIO

Sem que haja sido provocada pela necessidade de braços para a lavoura, veio para S. Paulo uma corrente não pequena de immigrants. Vinham espontaneamente. Entravam imperceptivelmente, e não passavam pelas repartições officiaes do trabalho.

Emquanto as ondas immigratorias já referidas eram impulsionadas pelos departamentos officiaes, a immigração syria não se fazia assim. Vinha por si.

Em consequencia de antagonismo ethnico os mahometanos, turcos osmalis, moviam contra os syrios perseguições repetidas, nas quaes deixavam bem marcada a sua mentalidade intolerante e pouco limada.

As crueldades praticadas contra populações christans faziam com que estas buscassem na emigração uma salvação.

Naturalmente a America, região nova e ainda despovoadada, foi a meta dessa gente da orla do Mediterraneo oriental. Parte dessa emigração syria se dirigiu aos Estados Unidos, e parte procurou S. Paulo.

Entre nós, o syrio é de indole toda urbana.

Negociante congenito e por hereditariedade, elle ainda o era por educação.

Desde os tempos de seus antepassados de Sidon, e de Tyro, elle é capaz de mercadejar a propria vida, jurando não ganhar nada.

O syrio não demorou em desbancar o portuguez de indole urbana, desse commercio meúdo, esse portuguez trabalhador e honesto, mas carrança e tradicionalista, conservador e inimigo do progresso.

O syrio não veio em massas como as correntes immigratorias analysadas. Veio aos magotes de pequeno vulto, quando não veio solitario.

Aqui elle é o mercador ambulante, o mascate que anda com a sua mercadoria ás costas a matraquear de porta em porta, com suas malas enormes de lata ou de couro.

Carregando pesos immensos, como o Atlas da lenda, o mascate syrio suarento e trigueiro, com seu companheiro de mãos tatuadas e pintadas com signaes variados, ia pelas ruas da Paulicéa, ha cerca de vinte ou vinte e cinco annos, offerecendo artigos que vendia a preço barato.

Pela commodidade do negocio os syrios prosperavam e logo se fixavam com pequenas lojas de armarinhos, vendendo sabonetes, meias; quinquilharias, pentes, linha, agulhas, etc. Muito economicos e magnificos negociantes, faziam-se insuperaveis nesse ramo de negocio.

Na Capital paulista o elemento syrio se foi aos poucos reunindo na rua Florencio de Abreu e 25 de Março, de onde se irradiam no commercio a varejo e por atacado, vencendo sempre pela concorrência.

Ahi, só se vêem taboletas com caracteres em arabe, marcando os estabelecimentos syrios, ao lado de hoteis, estalagens, associações, etc.

Por essas ruas trafegam em maioria homens trigueiros, altos, de aspecto forte, abundantemente servidos de pellos, falando idioma muito guttural e incomprehensivel. Dir-se-iam estatuas vivas dos Sargonidas perfiladas em

granitos dos jardins babilonicos. Muitas mulheres, com cabellos negros e olhos grandes, ilhados na côr morena de uma pelle espessa; não poucos padres orthodoxos, muito barbados, mettidos em suas batinas pretas, com chapéus muito altos e de formato differente e desusado.

Os leões alados de cabeça humana, os Teglathphalasar ou Nabucodonosor, nos monumentos reproduzidos por Maspero, tem immensa semelhança com esses religiosos carnudos que reproduzem as linhas dos barbaçudos subditos dos Balthazar.

Os syrios, mais afortunados, a quem sorriu a fortuna de um modo mais venturoso, na labuta diuturna e repetida, dedicaram-se á industria e formam hoje com os italianos os "grosbonnets" do nosso pequeno parque industrial. São proprietarios de fabricas de tecidos de seda, de meias, de malhas, etc.

Enriquecidos, ainda que sempre muito ligados á "patriciada", por uma solidariedade muito mais marcada do que em qualquer outra estirpe immigrada, logo que sentiram o peso de seus cabedaes augmentar transferiram-se dos velhos pardieiros do bairro da rua 25 de Março para os palacetes da Avenida Paulista, considerada a via publica mais aristocratica de S. Paulo. Ahi adquiriam as antigas moradas daquelles a quem a capillaridade economica havia obrigado a uma maior modestia social e pomposamente as reformavam com uma prolixidade de enfeites, que transformavam as sobrias residencias apalaçadas da antiga Avenida Paulista em "bolos de casamento" com suas columnas em abundancia, seus arcos, seus arabescos, seus terraços, seus mirantes em forma de minaretes, etc.

Parece que uma pungente e dorida saudade dos burgos ensolarados do Libano os obrigava a tentar repetir aqui as paizagens deixadas naquella fita longinqua com-

primida pelo deserto, contra as ondas niveas do Mediterraneo azulado.

Esses afortunados syrios, logo que se passaram para esse bairro alto da Paulicéa, trataram de se fazer acompanhar de um correspondente "trem de vida".

Compraram automoveis carissimos: Lincolns, Cadillacs e Packards, bem brunidas em suas carroseries de limousines de grande luxo; passeavam os seus proprietarios, bem enroupados em "pose", pelos corsos que os ricos de S. Paulo, não deixaram de fazer nem mesmo quando a invasão lhes batia ás portas de Itararé ou de Mogy-Mirim.

Esses syrios ricos entraram em massa para os clubes aristocraticos de S. Paulo, e as quadras de "tennis" do Paulistano, ou os salões dessa velha associação de que outr'ora só faziam parte os membros das antiquissimas familias paulistas, se encheram desses homens altos, morenos e muito providos de sobranceiras emmoldurando olhos negros e bondosos com barbas serradas muito escañoadas.

Os collegios de meninas onde freiras severas, ministravam a instrucção com a religião catholica, tiveram uma subita invasão de syrios que nelles punham suas filhas. O mesmo acontecia nos collegios de S. Bento e de S. Luiz, para onde os syriosinhos entravam em massa.

Esse contacto repetido e constante com o paulista, deveria por força produzir consequencias que são as que vamos ver mais adiante.

O syrio é de estirpe originada em fontes as mais diversas. O espirito nacional delles é muito fraco. Ou antes elles não têm espirito nacional.

Nunca a Syria constituiu um paiz independente e delimitado. As perseguições e o antagonismo religioso, quebrou nelles qualquer psychologia reaccionaria.



Parece que os longos seculos de soffrimento, causado pelos osmanlis, cunharam nessa gente um espirito de submissão, de modestia e de quasi humildade que os faz muito plasticos á assimilação, a qual se manifesta patente na segunda e na terceira geração.

Parece que elles, pensam serem inferiores aos mais.

Isso faz com que busquem se aproximar dos preexistentes, cousa que conseguem em um ambiente como é o paulista. O syrio se aproxima e se entrelaça ao paulista com enorme facilidade. A esse respeito o que os fazem ainda defeituosos é andarem em nodulos. Aproximam-se dos paulistas, mas a timidez natural faz com que essa aproximação seja um pouco receiosa de modo que elles nunca andam sós. São os grupos de syrios que demandam os centros de paulistas, mas o syrio isolado é muito difficil de ser encontrado em qualquer communitade a elles extranha.

\*  
\*      \*

Na nossa guerra de 1932, a grande epopéa paulista, o elemento syrio não ficou atraz entre os mais esforçados pela causa de S. Paulo.

O entusiasmo dos paulistas se lhes communicou de modo que muitos syrios, os mais valentes, de armas nas mãos foram para as frentes de batalha.

Ahi elles mostraram que se os syrios não trouxeram de sua terra distante, glorias de um luzido passado militar, podiam entretanto auxiliar-nos a colher louros nesse terreno. Foi o que fizeram.

No batalhão em que servi, havia um syrio com 70 annos de idade, que se bateu com uma valentia memoravel e com uma combatividade fóra do commum.

O syrio, herdeiro das tradições legendarias dos phenicios, é um composto polymorphico de grande multidão

de raças, as mais differentes, as mais oppostas em seus caracteres somaticos, desde os louros Amoritas, ou ceruleos Amorrheus, ao moreno "meridionalis", ao brachyoide da Armenia, ou ao negro, "homo nuba".

Esse syrio viveu muitos seculos, como uma minoria ethnica, sob o pesadissimo jugo mussulmano, do qual só escapou com o resultado da guerra européa.

De ha muito que o syrio busca na emigração um alivio, para as durezas de seu captiveiro, tantas vezes exacerbado pelas violencias e pelos massacres.

Como eu disse acima, os Estados Unidos e S. Paulo receberam em copia essa gente que sahia de sua terra, mais como numa fuga desordenada dos destemperos turcos.

Os syrios orçam, entre nós, por cerca de 40.000 individuos, mais ou menos.

De todos os elementos ethnicos da população paulista, o syrio é sem duvida o de maior indole urbana, sobrelevando nesse particular, o proprio allemão.

Só se encontram syrios em fazendas, como proprietarios dellas, e jamais como directos lavradores do sólo. Ainda não vi um só que escapasse a essa regra.

O ser proprietario de fazenda agricola, constitue para o syrio uma impressionante raridade, pois quando esse elemento attinge, depois de um trabalho sem conta, durante varios annos de sacrificios e de esforços muitos, uma boa situação financeira, elle prefere dirigir-se para o campo industrial, ou mais communmente para o commercial.

Mesmo na industria, o syrio, apparece como proprietario della, ou exercendo della as funções mais elevadas, jamais porém como operario.

Nas baixas camadas o syrio, prefere ser o mascate ambulante, vendendo meias, sabonetes, carreteis, etc. Ja-

mais elle vestiria o "over all" do operario industrial ou empunharia a enxada do lavrador.

Nas cidades ainda, não os vemos trabalhar nesses misteres subsidiarios das actividades urbanas. Elles não são motorneiros, ou conductores de vehiculos, não são carroceiros nem chauffeurs, não são operarios municipaes, calceteiros, pedreiros, sapateiros, pintores, varredores de rua, carpinteiros, marceneiros, padeiros, leiteiros, serviçaes em restaurante ou em casa de familias, etc.

Tudo isso lhes repugna profundamente. Só ha um mister que elles acceitam, por mais arduo que elle seja, porque ahi ha um fundo commercial: é o do mascate.

Nenhum outro poderia fazer-lhe concorrência nisso.

Como é de se ver o syrio não vem para S. Paulo como um immigrante do typo patriarchal colonizador, tão accentuadamente reconhecivel no italiano, no hespanhol, ou no japonez, os quaes aportam com suas familias, trazendo suas mulheres e seus filhos, mais ou menos numerosos.

O syrio é o contrario disso tudo, é aventureiro por excellencia.

Elle vem de sua terra, escapando ás perseguições, mas vem solteiro, procurando a fortuna, como o portuguez. Elle vem escoteiro "fazer a America", mas o faz a sua moda, divergindo dos outros mais.

Quasi sempre o syrio aqui prospera. Sabe Deus, a custa de quanta energia, despendida por elle! Elle se faz então proprietario de loja. Depois com o desenvolvimento da fortuna elle se faz industrial ou grande commerciante. Aqui elle constitue familia se casando, quasi sempre com patricias, que vem da Syria. Aqui esses syrios têm filhos, se enraizam nas cidades e jamais voltam a sua terra. Elles se radicam profundamente nas cidades adquirindo até nomes de gente preexistente. Parece que não é grande

o apego dessa gente pelos apelidos com que vem dessas plagas asiaticas (32).

Como gente aventureira a syria é bem marcada pela desproporção entre os dois sexos a favor do elemento masculino.

Pelo já citado Recenseamento Federal de 1920, eis as proporções variantes entre um e outro sexo, segundo as differentes correntes estrangeiras:

	<i>Masculinos</i>	<i>Femininos</i>	
Italianos . . .	53.8 %	46.2 %	
Hespanhoes . .	53.9 %	46.1 %	Immigrantes patriarchaes
Japonezes . . .	57.9 %	42.1 %	povoadores
Portuguezes . .	61.0 %	39.0 %	Immigrantes aventureiros
Syrios . . . . .	67.0 %	32.0 %	que podendo se transformar no typo antecedente
			geralmente são urbanos.

Apesar de ser uma corrente immigratoria antiga, de ter um espirito nacional mal esboçado e de pequena riqueza, de ser composta de elementos solteiros e urbanos na maior parte, cousas que lhe dão grande vantagem sobre as demais correntes immigratorias no concurso de cruzamentos com preexistentes, o syrio é tido como elemento que com certa difficuldade se cruza com outras estirpes.

As estatisticas porém não confirmam esse prejudgado e se os resultados apresentados pelo syrio, sob esse aspecto não são dos melhores, é preciso concordar-se que a temperatura de fusão delles não se mostra elevada.

De accôrdo com dados tirados do "*Annuario demographico*" de 1927, eu organizei o seguinte quadro:

---

(32) Assim o indice de fixação do syrio não é pequeno.

Por isso a influencia delle na formação do paulista não é de se desprezar.

Cruzamentos de sy- rios com paulistas	Cruzamentos de sy- rios com outras na- cionalidades	Casamentos entre sy- rios (amixia)
42.2 %	7.3 %	50.5 %

Sem alimentar pretensões de equilibrar o syrio, ao italiano, ao hespanhol e ao portuguez, no concernente aos seus respectivos graus de fusibilidade é innegavel que essas porcentagens demonstram ir o syrio em caminho de uma escalamen segura de assimilação.

Tambem ninguem poderá negar a perfeição que se opera na assimilação do elemento de origem syria. Ninguem os poderá distinguir dos demais paulistas.

Até os nomes e os apelidos como ficou asseverado linnhas atras, se nacionalisam.

\*

\*      \*

Sob o ponto de vista psychologico o syrio é absolutamente sui generis.

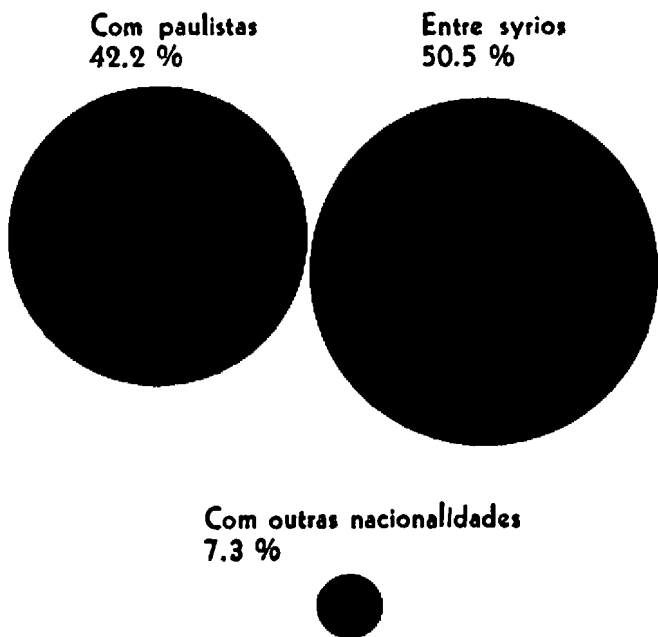
Vinha elle de uma região opprimida pelo osmali, sem jamais ter experimentado "self government", sem jamais ter sabido o que fosse liberdade, sem ter grandes tradições para guardar, e mesmo as que lhes foram legadas atravez de muitos seculos pelos navegadores phenicios, não são de lhes causar orgulho, nem sabem dellas se envaidecer.

Assim, como eu já disse, os syrios sendo modestos, sem prosapias, sem empafias, só lhes engalana a psychologia, o orgulho nobilissimo de se originarem no proprio esforço, e entrando para um meio de democracia ethnica, elles fatalmente ducteis e maleaveis tinham que se plasmar.

Eis um magnifico elemento e por isso os paulistas o apreciam muito.

Alguna cousa, porém, os tornam differentes de nós occidentaes; São os seus costumes levantinos, o seu falar de impossivel apprehensão.

**Graphico mostrando as porcentagens vigorantes em 1927 para os casamentos em que os syrios foram parte**



Talvez, por isso ainda não o vemos militar nos campos de actividade, politica, social, artistica, intellectual, em que os outros elementos já apparecem de certo modo vultosos. Os syrios, porém, não se demorarão em os imitar.

Logo os veremos nesses terrenos. Os syrio, nos collegios, já tomam uma certa importancia pelo numero de meninos e meninas de sua estirpe. Vão-se fundindo na massa paulista e esse phenomeno se irá accelerando em progressão geometrica.

No cemiterio da Consolação, o campo santo nobre de Piratininga, já começam a apparecer as inscripções arabes ao lado dos nomes sonoros italianos, ou dos apelidos puramente paulistas que lembram as listas de bandeirantes no sertão seiscentista.

Com essa progressão é de se prever para breve uma maior ingerencia dos syrios nas camadas mais culturaes.

Physicamente o syrio é muito forte, de grande estampa e de destacado porte.

Morenos, bem tismados, de thorax amplo, elle é sempre de elevada estatura.

Não tenho base em trabalhos de anthropometria, mas penso que a media estatural do syrio vá além de 1,70, sendo de todos os elementos immigratorios, os de mais elevado porte, sobrepujando, mesmo, o allemão.

Sob o ponto de vista anthropologico, o syrio, é visivel a qualquer leigo, tem dois typos bem definidos:

- a) O *brachycephalo* de craneo achatado no occiput, e cabeça em forma de "pão de assucar", muito elevada, e denunciando uma influencia do armenóide *hypsistenocephalo*, cousa que caracteriza, aliás, todas as populações da Asia Menor, sem excepção dos turcos mahometanos;
- b) O *dolicocephalo* moreno, de cabellos crespos, evidenciando a influencia do arabe e do africano.

Ambos os typos, são bem tismados ou melanizados, solidos de arcabouço e de estatura elevada, leptoprosopes, leptorrhinos, com systema pilloso, abundantemente desenvolvido. Entre elles a barba é serrada. Raros são os syrios calvos.

Seus cabellos são fortemente negros, e quasi sempre encrespados. O *brachycephalo* tem uma manifesta tendencia á adiposidade.

Ha entre elles uma pequena porcentagem de individuos louros, mas esse caracter longe de ser associado á dolicocephalia, ao contrario pende para ser reunido ao da brachycephalia. E' possivel que isso seja em razão das antiquissimas populações louras, que muitos milhares de annos antes da era christian, andaram pela Asia Menor.

E' possivel que fossem invasões assyrias, vindas pelo Caucaso em éras immemoriaes, parte das quaes se estabeleceu no rio Euphrates com a famosissima Ninive, se superpondo aos babilonios de origem asiatica, talvez da velha Chaldéa, a patria de Abrahão.

E' possivel tambem que esse traço louro nos syrios actuaes seja uma reminiscencia dos cruzados, os quaes por ahi andaram em época mais recente, já em plena idade media.

O elemento syrio, considerado sob o ponto de vista physiologico, entre nós contraria o juizo que d'elle se faz nos Estados Unidos.

De facto, segundo o tratadista Hall, os syrios que vão para a America do Norte, são os elementos immigratorios mais frageis sob o ponto de vista de saúde.

Não sei como explicar essa anormalidade, porquanto os que vem para S. Paulo, são individuos robustos e perfeitamente normaes, physiologicamente falando.

Emquanto que lá, segundo Hall, "*Immigration*", 85, são as seguintes as proporções dos individuos doentes, consoante as nacionalidades:

Slavos (polacos, tcheques, croatas, russos, etc.)	1 em 7000
Magyares	1 em 6500
Italianos	1 em 3450
Lithuanios	1 em 1250
Judeus.	1 em 1000
Finlandezes	1 em 1000
SYRIOS.	1 em 135



Entre nós tal não se dá.

Physicamente talvez seja o syrio, dentre todos os imigrantes os mais bem constituídos. Tem se mostrado esses exóticos, perfeitamente normaes em todas as suas funções como demonstra o quadro nosologico abaixo:

Na mortalidade geral do Estado o syrio foi em 1927, .	0.2 %
" " causada pelo aparelho digestivo . . .	0.2 %
" " " " respiratorio . . .	0.2 %
" " " " circulatorio . . .	1.8 %
" " " pela tuberculose pulmonar. . .	0.2 %
" " " pelo systema nervoso . . .	1.2 %
" " " pelas endemias, pelas epidemias, syphilis, etc. . . . .	0.2 %

Resalta desse quadro, o equilibrio das funções da gente syria, em que apenas o aparelho circulatorio e o systema nervoso claudicam com porcentagens acima das normaes.

Isso acontece a todos os estrangeiros entre nós, com a excepção do japonéz. A causa está possivelmente no uso abusivo do alcool e na maior tensão nervosa pela actividade na luta pela vida. O syrio é victima escolhida em relação aos disturbios nervosos pois que essa estatistica nosologica tem a confirmação na criminalidade na Capital onde esse elemento exótico é dos mais bem representados (33).

E' facto notavel no que diz respeito ao aparelho digestivo; não ter o syrio um só caso mortal de enterite, que faz entre os paulistas verdadeiras hecatombes.

O mesmo se verifica em relação ao aparelho respiratorio, que deveria produzir nesses exóticos tantas eliminações.

---

(33) O numero de crimes e de suicidios em que os syrios são protagonistas é elevadissimo. Diariamente a imprensa está cheia de noticiario a respeito.

Dizem que o clima do planalto paulista é essencialmente seleccionador.

Eu não encontro disso muita confirmação, visível a um leigo como eu, pois que só o melanico soffre delle



Syrios dolicocephalo e brachycephalos em S. Paulo

más e nitidas consequencias. E' possível que a acção do clima se exerça de um modo mais indirecto.

E' possível que seus effeitos estejam mais encobertos e que elle esteja agindo pelo aparelho circulatorio e pelo systema nervoso dos exóticos.

Essas alternancias bruscas de temperatura produzem verdadeiras revoluções no organismo e é possível que a consequencia disso se venha reflectir em primeiro lugar onde os exóticos mostram maior mortalidade o que se situa no apparelho circulatorio e no systema nervoso. Os physiologists deverão verificar bem esse ponto.

---

São porém sempre crimes passionaes de fundo nervoso e portanto physiologico.

Os partidarios do livre arbitrio são, mais uma vez, derrotados visivel e evidentemente.

A escola anthropologica italiana teria uma magnifica observação entre os estrangeiros em S. Paulo.

## CAPITULO XI

# O ALLEMÃO, O AUSTRIACO, O HUNGARO

Varias têm sido as causas das emigrações.

Ora as guerras, os atropelos, as invasões de outros povos, ora o crescimento excessivo de densidade demographica, ora causas religiosas, etc.

Eis as invasões germanicas, violentos deslocamentos de povos perseguidos pela fome, ou pelos hunos mongolicos a lhes pressionar, ou attrahidos pelo fulgor expressivo da civilisação romana, nos III, IV e VI seculos da nossa era.

Eis a expansão mussulmana, sahindo dos quentes areiaes da península que se projecta por sobre o Indico, apertada entre o mar Vermelho e o Golfo persico, para atravez da Africa do norte penetrar na Iberia e pelos Pyrineus ir como as ondas de um mar bravio, se quebrar de encontro ao rochedo, que lhes antepunham as armas francas de Carlos Martelo em Poitiers.

Eis a Inglaterra, no seculo XIX premida pela superpopulação, derramando sobre a America os seus excessos. Eis a Italia, ou o Japão dos nossos dias expatriando centenas de milhares de subditos todos os annos, para fazerem lugar para os que não cessam de vir. Eis a Irlanda, ainda nesse seculo XIX enviando para a America milhões de com-

patricios premidos pela fome e pela miseria, como pelas perseguições religiosas (34). Eis a aventura carreando para o Canadá, ou para a Australia, para as regiões do ouro californiano ou transwaliano, milhares de individuos avidos de riquezas. Eis os puritanos não conformistas nesse meiado do seculo XVII entrando no bojo carcomido do vetusto "Mayflower". Eis as razões politicas depois de 1848 fazendo com que milhares e centenas de milhares de germanicos buscassem na America um expatriamento voluntario.

Isso teria dado inicio ao movimento germanico transatlantico. Depois de iniciado o impulso, esse movimento foi continuado pelo excesso de população que se adensava por uma industrialisação muito rapida.

S. Paulo tirou proveito dessa ultima causa para incorporar a sua população, não pequeno elemento germanico. O Sul do Brasil já havia recebido dessa gente. O allemão para ahi tinha ido, como colonisador patriarchal. Isso ha mais de um seculo. Hoje nas elites de Santa Catharina e do Rio Grande do Sul, ha grande proporção dessa gente. Ahi ha os Müller, os Schmidt, os Boelke, os Konder, etc. A immigração germanica para essas zonas sulinas data dos tempos imperiaes.

Para S. Paulo tivemos a vinda de uma corrente teuta, que foi localizada em Santo Amaro.

Dahi os famosissimos caipiras de olhos azues e louros, muitos delles, os celebres santamaristas, com nomes allemães. Degeneraram physica e intellektualmente e hoje desmemoriados da origem tudesca, como simples escorias, aguardam que os tentaculos da cidade gigante que é S. Pau-

---

(34) A Irlanda chegou a ter, no seculo passado, 8.500.000 habitantes.

Hoje a Irlanda sommando o Sul e o Norte não attinge 4.500.000 habitantes.

lo, no seu crescimento acromegalico, os empolguem definitivamente.

Depois, o espirito notavel e progressista que foi o Senador Vergueiro, fez vir nova leva de germanicos, para sua fazenda em Ibicaba na Limeira. Ahi ainda existem uns poucos vestigios dessa gente hoje apaulistanada de falar caboclo, ainda que de um typo physico perfeitamente teuto com a flavecencia dos seus cabellos e o ceruleo de seus olhos.

Mas, depois disso, veio o resto da immigração allemã.

Depois vieram os novos, já sahidos da Germania, quando o paiz unificado, deixando esquecido o seu ruralismo, para se urbanisar em grande industrias, principalmente localisadas nos rebordos do Rheno.



Brachycephalo allemão em S. Paulo  
Alpinus — Bavaro

Traziam imbuido na mentalidade esse espirito urbano, esse pouco amor ao campo. Penso que na Capital paulista sommem 8.500 individuos e no interior existam 17.500, resultando, dessas parcelas, um total de 26.000 individuos mais ou menos.

Sob o ponto de vista racial o termo — allemão — é muito vago.

Existem no minimo duas Allemanhas, sob esse aspecto. A alta Allemanha, nas terras altas dos Vosges, da Thuringia, da Franconia, da Floresta negra, da Suabia, do Böhmenwald, da Saxonia, da Lusacia, do Riesengebirg, da Silesia ou da Posnania; e a baixa Allemanha, formada nas regiões planas onde os rios Vistula, Oder, Weser, Elba, Ems, Rheno, etc., sedimentaram as erosões que traziam das regiões altas que deixavam escapar os elementos terrosos da sua constituição geologica. Essa baixa Allemanha marca o Hannover a baixa Westfalia, os ducados de Schleswig, Holstein, do Brunswick, Mecklemburgo, etc., a Pomerania, etc. São della as ribanceiras ennevoadas do mar do Norte, ou as margens piscosas do Baltico.

Dois typos anthropologicos se encontram perfeitamente nitidos, estabelecidos nessas duas regiões geographicas.

Na alta Allemanha está o "*homo alpinus*", encarapitado nas alturas, nesses altos vallados da Baviera, do Baden, do Württemberg, na Rhenania, ou na Saxonia, onde são os slavos wendos, franconios, sorabios, etc. Os prussianos são desta estirpe racial, tambem. Na baixa Allemanha são os hamburguezes, os frisios, os hannoverianos, os mecklemburguezes, os balticos, etc.

Eis duas raças, com duas mentalidades diversas, etc.

Não sei qual dellas haja enviado para S. Paulo os seus elementos.

O allemão — termo generico e de pouca significação assim generalizado, foi sempre acoimado de rigido á assimilação. Dizem que assim é em Santa Catharina. Do Rio Grande, onde elles foram estabelecidos ha muitos annos em porcentagem não muito elevada é que nos poderiam dizer alguma cousa.

Parece, porém, que ha certa razão na crença de ser, de facto, o tudesco de certa difficuldade no processo assimilatorio.

Mesmo antes de ser a Allemanha um paiz unificado em imperio; mesmo antes de lhe pesar na bagagem, o pan germanismo, as victorias arrancadas a sangue em 1866 contra a Austria e em 1870-71 contra a França; mesmo antes disso, quando ainda a Baviera, o Baden, o Württemberg, ou o Hannover não eram envolvidos pelo laço politico, a lhes amarrar ao imperialismo prussiano, já o germanico não se deixava absorver com facilidade.

A prova disso está em que os individuos oriundos das immigrações teutas, fixadas de ha muito tempo em Santo Amaro e na Limeira, não foram empolgados pelo cruzamento com os preexistentes. Se se nacionalizaram, isso foi mais em razão de causas do ambiente geographico, e pelo completo isolamento em que se viram do paiz de origem. Como pequeninos nodulos de exóticos ilhados em terra estranha, elles foram constrangidos a desgermanisação.

Seguiam o exemplo dos saxões que no Caucaso, ficaram sem se deixar assimilar pelos russos, durante seculos; ou dos que nos Carpathos ficaram isolados entre rumaicos e hungaros, sem perder durante um immenso lapso de tempo os seus attributos germanicos, antes impondo a sua lingua que caracteriza a toponymia de uma região da Transylvania, onde ha Hermanstadt, Kronstadt, Rotherturr, etc.

Se os nossos germanicos perderam as linhas mestras do teutonismo, emquanto que aquelles conservaram, é que elles se fixaram em Santo Amaro e na Limeira em numero muito menor do que aquelles que se distanciaram para o Caucaso e grimparam os Carpathos. Fossem elles entre nós em maior numero, que o espirito de germanismo seria mantido com muito mais persistencia.

Não é o que se vê em Santa Catharina?



Seja porém como fôr, a mentalidade do allemão da ultima vaga immigratoria se afinou no diapasão da rigidez.

Isso era natural, depois que elles haviam adquirido a consciencia nacional exacerbada pelo pan germanismo, engrinaldado pelos feitos bellicos, os quaes foram realisados pelos Hohenzolerns.

Além do mais, elles agora, são urbanos, industriosos, emigrando escoteiros, e isso lhes arranca as ultimas facilidades para a absorpção. Não ha nelles a raiz da familia nem a do espirito rural!

O allemão tem uma media intellectual elevada; tem uma cultura media apreciavel. Elles são de espirito persistente, analysts, tenazes. Falta-lhes entretanto essa leveza mental, essa vivacidade, que dão aos elementos que comnosco convivem menos dureza, e mais agilidade de intelligencia para a adaptação.

Providos dessa tempera psychologica logo crearam o espirito nacional, que antes lhes fazia falta. Elles se acreditam superiores e cruzam-se com difficuldade, mas quando o fazem, o conjuge de outra estirpe qualquer, é que corre o risco de ser germanisado com a próle.

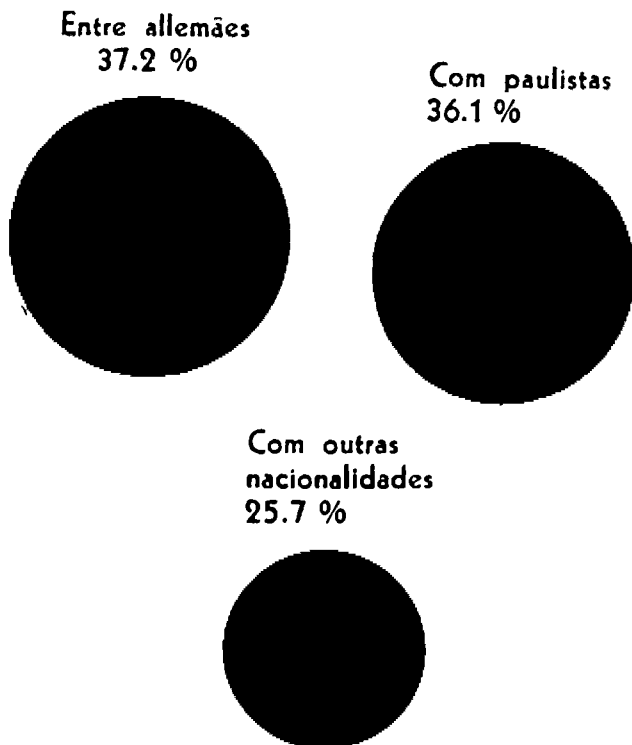
Os allemães recémvindos, então, exaggeram esse traço do character, sobre os que vieram anteriormente, durante a monarchia brasileira.

Sempre graças ao "*Annuario Demographico*" de 1927 consegui organizar o seguinte quadro de cruzamentos de allemães em S. Paulo (Estado):

Casamentos entre allemães (amixia) . . . . .	37.2 %
" " allemão e paulista (cruzamento) .	36.1 %
" " " e outras estirpes (cruzamento)	26.7 %

A ultima porcentagem é avultada porque nella figuram os cruzamentos entre allemães e austriacos, o que

**Graphico representativo das porcentagens nos casamentos em que entraram allemães em 1927**



foge ao objectivo alvejado por mim neste capitulo, o qual é o da assimilação do exotico. O casamento entre o allemão e o austriaco, se politicamente é um cruzamento, não o é linguisticamente ou psychologicamente.

Mesmo não considerando isso, esses resultados não são dos mais brilhantes, ficando muito abaixo do que os

italianos, os portuguezes, os hespanhoes e mesmo os syrios nos estão apresentando.

Vimos que os allemães, que se fixaram, ha mais de uma centena de annos não se comportaram bem na transplantação do clima frio da Europa, para o nosso tropico escaldante. Os resultados foram funestos para o typo humano, o qual com isso soffreu uma flagrante degenerescencia.

Quatro gerações deviam ter manifestado essa marcha descendente, e durante esse periodo de tempo se consegue verificar bem os maleficos effeitos de uma retirada duma determinada área geographica.

Creio que se os santamaristas não ultrapassam em degenerescencia os decantados "poor whites" de Huntington, poderiam servir de prova ás theorias de Knox, de Morton, de Brace, de Virchow, etc. (Ripley, loc. cit. 560) (35).

---

(35) A proposito de acclimação, póde-se indicar as seguintes obras de especialisação:

- "*Acclimatement; acclimation*" — Bertillon;
- "*De l'anthropologie pathologique*" — Bordier;
- "*Japonais et Malais*" — Bordier;
- "*La colonisation scientifique et les colonies françaises*" — Bordier;
- "*La geographie medicale*" — Bordier;
- "*De l'acclimatement de la race noire Africaine*" — Corre;
- "*Geographical pathology*" — Davidson;
- "*Can europeans become acclimated in tropical Africa?*" — Felkin;
- "*On the geographical distribution of some tropical diseases*" — Felkin;
- "*On acclimatisation*" — Felkin;
- "*Tropical highlands*" — Felkin;
- "*Handbuch der historisch geographischen Pathologie*" — Hirsh;
- "*Race traits and tendencies of the American negro*" — Hoffmann;

Os grupos humanos quando transplantados de uma área climaterica para outra não reflectem logo a acção da mudança. Esta tende a apparecer nas gerações subseqüentes, com perda de fecundidade, etc. (Ripley, loc. cit.).

Isso por certo, independentemente da acção directa do ambiente physico hostile e inhospito no homem exotico logo á primeira geração, eliminando-o pela acção da malária, do typho, etc.

Com um emprego intensivo da hygiene o homem exotico se poderia furtar a essa acção immediata, mas nunca estaria livre da que se evidencia de uma maneira mais demorada. Assim para um estudo sobre a acclimação de um determinado grupo humano.

Seria preciso uma observação demorada atravez de varias gerações, como a que eu realicei, por exemplo com o povoamento do planalto paulista durante tres seculos.

Sobre os teutos de immigração recente ainda não ha tempo para um julgamento definitivo, mas por enquanto, pode-se observar o seguinte:

- 
- "On ethno-climatology"* — Hunt;  
*"Traité de l'acclimatement et de la acclimatation"* — Jousset;  
*"Traité de climatologie medicale"* — Lombard;  
*"Atlas de la distribution géographique des maladies dans leurs rapports avec les climats"* — Lombard;  
*"L'Hygiène et les tropiques"* — Montano;  
*"Les luttes entre sociétés humaines et leurs phases successives"* — Novicow;  
*"La pathologie des races humaines"* — Orgeas;  
*"Notes sur la géographie médicale et le problème de la colonisation"* — Rey;  
*"Hygiène des Européens dans les climats tropicaux"* — Saint Vel;  
*"Acclimatization"* — Wallace.  
 (apud Ripley, loc. cit.).

Na mortalidade geral do Estado o allemão foi . .	0.4 %
" " " da Capital o " " . .	0.9 %
" " causada por disturbios no apparelho digestivo no Estado, o allemão foi em 1927 . . . . .	1.6 %
" " causada pelo apparelho respiratorio o allemão foi em 1927 . . . . .	0.5 %
" " pelo apparelho circulatorio o allemão foi em 1927 . . . . .	1.5 %
" " pelo systema nervoso o allemão foi em 1927 . . . . .	1.5 %
" " pela tuberculose pulmonar o allemão foi em 1927 . . . . .	0.7 %
" " pelas endemias, epidemias, etc. o allemão foi em 1927. . . . .	1.7 %

Pelos numeros representativos da existencia do allemão entre nós, a mortalidade do allemão é grande. Se elles são apenas 26.000, isto é, 0.35 % do total, mostrando uma mortalidade acima dessa proporção, provam que estão morrendo em porcentagem maior que os mais.

E' acção immediata do ambiente eliminando logo os que não se defendem bem contra elle. Mas o allemão sendo um individuo de mais cultura, de mais urbanisticidade é de admirar que se deixe ceifar. E' que elle não se ambienta.

Onde se verifica maior mortalidade entre os teutos, é nos que foram victimados pelos apparelhos digestivo, circulatorio, pelo systema nervoso e pelas endemias.

Elles obedecem, naturalmente, mais accentuadamente ás mesmas forças que nesse sentido actuam sobre os demais exóticos, como estamos verificando.

O alcool, o augmento da pressão arterial, a intensidade da "struggle for life", a climatologia planaltina, etc., seriam as contas de um longo rosario de forças que elimina o exótico em S. Paulo.

\*

\*      \*

Poderia ter sido o austriaco englobado ao grupo allemão, o qual vem se der estudado. O austriaco fala o mesmo idioma, mas politica, social e ethnicamente é differente, de modo que prefiro o estudar a parte.

O allemão tem uma mentalidade de enorme dureza. Ella não se quebra, ante qualquer successo politico. Não se arranhou sequer, ante a grande derrota soffrida pela Allemanha na guerra de 1914-1918.

O orgulho marcial anima sempre o allemão. A vaidade bellica não o desampara.

Para explicar a derrota, lança mão, aliás justificadamente, de haver sua patria enfrentado o mundo. Isso satisfaz seus pruridos de pretensa superioridade.

Eis o traço primacial da mentalidade germanica.

O austriaco é completamente differente. Elle é muito mais modesto, muito mais submisso mesmo. Por esse motivo como elemento de immigração é muito superior, para uma terra como a nossa, cujo objectivo é a assimilação do immigrante, para o povoamento della, sempre conservando a mentalidade paulista.

Ao se falar de austriaco, é bom que se note, comprehender essa designação, os mais povos que formavam sob a corôa imperial dos Habsburgos, antes da derrocada que esboroou reduzindo o imperio, a Alta Austria, a Styria, a Baixa Austria e ao Tyrol, este amputado de sua parte sulina de lingua tudesca para a satisfação da fome territorial dos italianos.

A Austria de hoje tem apenas um terço da população da Italia. Essa Austria que outrôra adoptava a orgulhosa legenda do A. E. I. O. U. com sua aguia bicephala "*che per più divorar due becchi porta*", que contra a qual se movimentava a politica franceza desde Henrique IV e Richelieu.

Nessa designação estão compreendidos os slayos da Carniola, da Morlaquia, da Carinthia, bem como os italicos do Trentino, etc.

Claro está, que sua mentalidade tem que differir da do prussiano, da do mecklemburguez, da do hannoveriano, etc.

O austriaco é indiscutivelmente um elemento muito mais assimilavel que o allemão.

Muito mais rural que o teuto, é menos industrial, menos urbano, e as doridas consequencias da guerra na Europa, abateram-lhe com os tratados de Saint Germain e Saint Clou o animo ardoroso.

Elles são antes do typo dos immigrants patriarchaes. Vinham em familias já formadas para o amanho agricola nas nossas fazendas de café e dahi tomavam diverso destino.

São mais semelhantes ao italiano do norte da Italia, principalmente aos friulanos, aos venezianos, dos quaes são vizinhos. São da velha fronteira, de onde Cadorna quebrou os dentes contra as trincheiras austriacas, no valle do Isonzo, de Gorizia, de Laybach, ou da Dalmatia do norte, e da Illyria.

São alourados, brachyoides, de estatura elevada pela influencia nelles do "homo dinaricus", tem os olhos claros e o pigmento claro que se retosta avermelhado ao contacto com o nosso sol tropical.

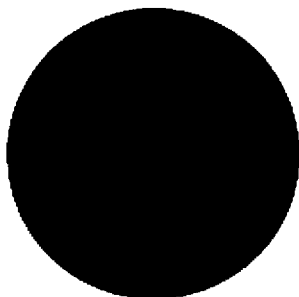
A estatistica do "*Relatorio da Secretaria da Agricultura*" de 1928 nos diz que até o anno de 1927 eram cerca de 36.000 individuos.

Sob o ponto de vista de assimilação pelo cruzamento elles se revelam fusiveis da seguinte maneira:

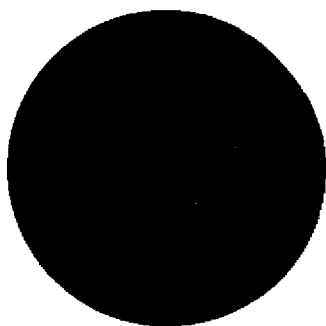
Casamentos com paulistas (cruzamentos) . . . .	38.8 %
" com outras nacionalidades (cruzamentos). . . .	43.5 %
" entre austriacos (amixia). . . . .	17.7 %

**Graphico comparativo das porcentagens dos casamentos em que entraram austriacos em 1927**

**Casamentos  
de austriacos com  
paulistas  
38.8 %**



**Casamentos de  
austriacos com outras  
nacionalidades  
43.5 %**



**Casamentos entre  
austriacos  
17.7 %**



Os resultados não são invejáveis como se vê, não sendo elevadas as porcentagens dos cruzamentos com paulistas. Mostra-se alta, porém, a porcentagem de cruzamentos com outras nacionalidades. Nem sempre porém



estes cruzamentos são favoráveis a assimilação, pois avultam ali os cruzamentos com alleinães que emigram solteiros, e que pela rigidez da mentalidade, já referida, acima, longe de se quebrar, no contacto pelo cruzamento, se faz absorvente e a germanisação é de receiar.

Mas, sem embargo disso, o elemento austriaco vae entrando para a formação da mentalidade commum da terra paulista.

\*  
\*      \*

O hungaro é um immigrante dos ultimamente aportados.

Só depois que se estancaram as outras fontes, as quaes nos suppiam de braço, premidos pelas necessidades, lançamos mão de outros recursos ao nosso alcance.

Entre esses recursos o que mais avultou foi o elemento hungaro.

Este refugou os destinos tomados outróra pelos italianos e ibericos do seculo passado. Não se encaminharam para os latifundios dos valles do Pardo, do Tietê, ou do Mogy. Não quizeram ir supprir a nossa columna mestra economica nas suas deficiencias braças.

O hungaro tomou diversas directrizes. Muitos ficaram na Capital, urbanisados nas industrias e em outras actividades citadinas, como de calceteiros, de pedreiros, de mecanicos, etc.

Outros, porém, os que consigo traziam algum dinheiro, compraram lotes de terras nas zonas novas e ali se fixaram ruralmente com suas familias, pois que elles tambem eram de feição patriarchal. Colonisadores, sahiam da Europa, sem animo de para ali voltar. Não eram como as mulheres de Lot, que se transformaram em estatuas de sal, por terem volvido o rosto para Sodoma em fogo. Os hungaros, com os successos politicos depois de

1918 parecem querer cortar toda e qualquer ligação com a longinqua Panonia de outróra.

Gente forte, de espirito endurecido pelos soffrimentos da guerra européa, bellicosos, desordeiros mesmo, audaciosos e altivos em demasia, não sei se se deixarão absorver com facilidade.

\*  
\*      \*

No velho mundo, essas nacionalidades são das que se mostram mais intrataveis nos seus nodulos inassimilaveis, enkystados secularmente em outras nações, ahí formando as famosissimas minorias ethnicas as quaes não se deixam levar pelos meios que as nações empregam para as deglutir.

Conheço bem o mappa da Europa, principalmente dessa Europa central, amosaicado de gentes exóticas, que se odeiam e se guerreiam, anamolgaveis nos seus propositos e enrigecidos no seu espirito nacional.

Constituíram esses povos, o pesadelo da velha Europa, sempre sobresaltada com os irredentismos e as reivindicações ethnicas, quasi sempre completamente erradas.

Vemos agora a nova Rumania, hypertrofiada pela adjudicação da Transylvania e da Bukovina, além da Besarabia, a comportar nucleos exóticos de hungaros e de slavs, os quaes como pequenas gottas de oleo em superficie aquosa, não se deixam misturar.

Vemos ainda a Yugo Slavia, com muitos nodulos de hungaros no Banato, na Croatia, além de bulgaros na Macedonia. Vemos a Polonia com sua questão do famoso corredor de Dantzic e de Vilna, com a Allemanha e com a Lithuania respectivamente.

O nosso ambiente social é porém differente desses enrigecidos systemas europeus.

E' possível que por esse motivo se possa ter esperanças de que aqui não se de a mesma cousa de que tem sido theatro o velho mundo.

O húngaro já inicia a materialisação dessa esperança. Sendo uma gente immigratoria de vinda muito recentemente, já o cruzamento com o preexistente vae se dando de um modo visivel. E' o que demonstra o quadro abaixo:

Cruzamentos com paulistas . . . . .	18.3 %
” com outras estirpes . . . . .	29.6 %
Casamentos de húngaros entre si . . . . .	52.1 %

A continuar a progressiva plasticidade, que o húngaro vem demonstrando, as esperanças se consolidariam e melhores resultados, por certo, viriam.

Phenomeno curioso se está passando com o elemento húngaro.

Geralmente são os homens estrangeiros que mais se cruzam, buscando mulheres paulistas. Isso se dá com o italiano, com o hespanhol, com o portuguez, com o syrio, com o japonico, com o allemão. Com o húngaro, porém, é inverso que se realisa. A mullier hungara é a que mais se cruza com extranhos a sua estirpe.

O homem húngaro é mais conservador...

Para a assimilação, não é o modelo húngaro, o que mais seja de aconselhar.

Não é o homem o que imprime na próle os caracteres de nacionalidade.

A esse proposito a mulher com a educação dos infantes, leva vantagens indiscutíveis que são bem faceis de se imaginar.

Mas no cruzamento já a mulher, com mais facilidade entra para a assimilação e transmite á prole esses resultados.

## CAPITULO XII

# OS OUTROS

O lithuano, o lettão, e os das mais gentes balticas, ainda que com fortes nucleos urbanos, que, com os bessarabios e os rumenos aportaram recentemente, são tambem ruraes e se localisam na pequena propriedade das zonas novas onde, talvez mais difficilmente o processo da assimilação, os irá buscar.

O seu pequeno numero e o interregno do abandono da immigração subsidiada, com a descontinuidade da corrente immigratoria dessas estirpes, são o penhor mais seguro de sua assimilação.

As nossas escolas, a apparelhagem de nossa instrução publica, etc., vão colhel-os para uma radical absorpção, preparando o terreno para os cruzamentos que fatalmente terão de vir.

Assim se vae fixando a gente paulista, cuja mentalidade se vae firmando sempre ascencionalmente no processo de homogeneisação.

A eliminação do negro e do mulato, se accelera geometricamente europeisando o typo, o qual se vae evolutivamente esquecendo do bronzado do caboclo, para se integralisar no alourado da Alta Italia, da Lithuania ou da Hungria, sem perder de vista o amorenado morno do ibe-

rico andaluz, ou da Baixa Italia, ou dos slavos do Sul, ou ainda dos syrios com sua alta estatura, com a solidez do physico, com os olhos muito escuros e com o systema pilloso desenvolvido.

E' o nosso systema de communicações abundante, causado pela capilaridade crescente da nossa movimentada economia que vae reduzindo todos esses elementos heterogeneos no nosso "melting pot" homogeneizador, ao estado concreto de uma só mentalidade. A nossa região, onde esse bloco social se vae formando é o servido pela nossa formidavel rede ferroviaria e pela nossa densa rede rodoviaria. A via ferrea e o automovel são os melhores instrumentos de unificação de psychologia com que contamos. Elles vão realisando progressivamente a sua missão. São elles os melhores agentes da imitação e da educação que integralisa tudo na homogeneidade de pensar e de sentir.

Como se contrasta essa nossa situação, com a que as cidades norte-americanas nos apresentam!!!

Nova York, por exemplo, cuja população gigantesca se compõe de 36 % de estrangeiros, com cerca de 480.000 russos, 391.000 italianos, (tanto quanto temos em todo o Estado com uma população superior a da cidade de Nova York), 203.000 irlandezes, 194.000 allemães, .... 146.000 polacos, 126.000 austriacos, 71.000 inglezes, 64.000 hungaros, além de que é matizada de 200.000 negros.

Nova York é a maior cidade judia do mundo, ella é tambem a maior cidade catholica. S. Paulo (cidade), apresenta um quadro bem differente. Cerca de 27 % do total do seu milhão de habitantes é de exóticos. Destes, 104.700 são italianos com 10 % do total da população; 61.400 são portuguezes com cerca de 6 % do total; ... 36.300 são hespanhoes, com cerca de 3.6 % do total;

9.700 allemães, com 0.9 % do total; 5.600 syrios, representando 0.5 % do nosso total em habitantes na cidade de S. Paulo; 4.200 húngaros que são 0.4 % do total; 3.500 japonezes que são 0.3 % do total; 2.900 russos; 2.900 austriacos com 0.2% cada uma dessas estirpes, além de 60.000 negros e mulatos e 4.40% de brasileiros.

Aqui esses corpos extranhos vão com grande rapidez se assimilando ao paulista (36).

Ainda não ha muito se ouvia a algaravia italo-portugueza do famoso Juó Bananére. Hoje é com difficuldade que se encontra influencia do italiano na lingua falada em S. Paulo, ou nos costumes, ou ainda na mentalidade paulista. A não falar nos pequenos arranhões que ficam solidificados com o tempo, o resto desaparece.

Mesmo nos bairros, onde a população estrangeira se concentrou de preferencia como no Braz, na Moóca,

---

(36) S. Paulo recebeu em meados do seculo XIX, alguns elementos anglo-saxonicos, que se integraram, com suas grandes descendencias nas populações paulistas, introduzindo nellas certa dose do dolico-louro nordico.

Esses elementos não foram muitos, mas se integraram logo com os preexistentes e se cruzando logo com estes, formaram estirpes paulistas que se perpetuam em notaveis rebentos.

Talvez essa integração se haja dado, por que esses anglo-saxonicos pertenciam todos a elevada camada social.

Descendentes destes anglo-saxonicos são os Whitacker, os Kenworthy, os Wright, os Page, os Whately, os Lee, os Rudge, os Ellis, os Sutherland, os Jeffery, os Lane, os Haugh, os Speers, os Gumbleton, os Cotching, os Ralston, os Daunt e uma dezena de outros mais.

São todos tão paulistas como os demais.

Os acontecimentos da historia paulista que se desenrolam em tumulto são um testemunho seguro.

no Bom Retiro, na Barra Funda ou na Lapa, não mais se houve essa algaravia hybrida de italiano com o portuguez, incomprehensivel a qualquer dos dois troncos linguisticos.

Os immigrants vindos em edades relativamente adulta, não puderam aprender bem o nosso idioma e olvidar com perfeição a lingua do berço, mas seus filhos já paulistas, e essa é a geração vigente, pois que dos antigos immigrants pouco restarão, falam perfeitamente o portuguez, ainda que saibam explicar-se em italiano.

Embora a contragosto ou inconscientemente na infancia, tiveram que aprender o italiano, de que não se esqueceram. Na geração seguinte já não saberão mais se exprimir na lingua de Dante.

Por toda parte se vem filhos de italianos, perfeitamente assimilados.

Exercem todas as profissões liberaes, em nivel de perfeita igualdade com os filhos, netos e bisnetos de paulistas, dos quaes se distinguem apenas pelos sobrenomes, que revelam a origem paterna que, mesmo assim, não permite que se advinhe o gráu de antiguidade dessa origem italica.

Até nos velhos parlamentos, no estadual ou na representação paulista no federal se viam filhos de italianos em mistura perfeitamente homogenea com paulistas "hundred per cent" commungando na paulistanidade em harmonia e em unanimidade verdadeiramente impressionantes.

Ha poucos annos alguns filhos de italianos, se lembraram de organizar uma sociedade de descendentes de italianos.

Reflexo exaltado de um mussolinismo em erupção candente?

Prurido ultimo da agonia que faz a mentalidade exotica em S. Paulo aproximar-se do tumulto?

Não sei, mas a verdade é que tal idéa teve a mais intransigente das repulsas, tombando com fragoroso fracasso.

Ninguém mais se lembra della para resuscital-a.

Foram os proprios descendentes de italianos, esses cujos nomes sonoros revelam origens exoticas, os que mais vorazes se mostraram em anniquilal-a e em critical-a. E' que esses moços, filhos de pae ou de mãe, ou ainda de pae e mãe estrangeiros, são como christãos novos.

Nelles o ardor pela paulistanidade não tem limites.

Elles têm bem na consciencia que o nosso S. Paulo é tambem o delles, sem o ser dos paes, cujo idioma mesmo, não se esforçam por saber.

O que pode trazer uma certa revivescencia no espirito italiano é o verdadeiro renascimento que o fascismo está emprestando a Italia.

São raids de aviões em grandes esquadrilhas; são records mundiaes conquistados com grande dispendio de energias e de dinheiro, etc.

Ao lado disso os successos do esporte italiano, com a victoria dos footballers italicos em qualquer competição, o facto de um boxeur italiano ter se feito campeão mundial; isso tudo traz uma certa recordação de além mar. Mas essa revivescencia chega muito atrasada. O elemento italiano, em S. Paulo já está assimilado. E isso, só tem sido possivel no nosso ambiente paulista.

Jamais os norte-americanos, poderiam exhibir exemplos de tão perfeita adaptação ou de tão solida assimilação.

Em parte alguma do planeta se pode observar um exemplo mais marcado de tão pronunciada harmonia de combinações ethnicas para a solidificação de uma nacionalidade. Isso nas mais elevadas camadas.



Facto paralelo se está passando nas sedimentações inferiores, de onde sobem elementos multiplos, de origem italica, feitos sempre á custa do proprio valor. Eis, tantos "self made men", que foram galgando os degráus sociaes, a custa do esforço proprio, emagazinado na vontade e na intelligencia de seres conscientes da sua superioridade. Mas essa luta acerrima do "struggle for life" é tambem grandemente assimiladora.

Quando esses invenciveis gladiadores attingem ao pinaculo que é a victoria, são tão paulistas, como qualquer descendente de todos os companheiros de Martim Afonso.

Parece que na ascensão em que vieram, das camadas sociaes, nas victorias da luta pela vida, elles atravessaram o rio Lethes e se olvidaram do passado, quando sujos, rotos e esfarrapados vendiam jornaes pelas ruas, para auxiliar seus paes estrangeiros. Esse passado aspero e ingrato, que tão amargas recordações lhes traz, elles fazem tudo por esquecer.

São agora ricos e sybaritas até. Só lhes importa a vida presente e o futuro que os aguarda. Paulistas como os mais, ingressam nas altas camadas, com a immensa vantagem de um maravilhoso treinamento outorgado por uma abrolhada e arestosa luta pela vida. Frequentam o Automovel Club e recebem o premio de tanto esforço com o ingresso na aristocracia do dinheiro.

As agruras e os martyrios que têm pesado sobre S. Paulo, especialmente durante os dias sombrios da guerra de 32, foram o melhor cimento para o processo assimilatorio.

Os manipulos guerreiros de S. Paulo partiam saturados de filhos de exóticos.

Elles commungavam com os paulistas da velha estirpe, em todos os azares da luta ingrata, como no ardor masculino da homerica peleja.

Soffreram com os paulistas da velha estirpe os dias amargos, como com elles repartiram a felicidade nos fugazes e raros momentos de alegria.

Ao estrondo enervante da artilharia, ou ao crepitar sem fim das automaticas, estavam sempre os néo-paulistas, hombro a hombro com os outros, enfrentando a escaveirada figura da morte, que tantas e tantas vezes surgia do fogo cruciante do inimigo, na ramagem espessa dos mattagaes, nos abrolhos das quebradas ou no horizonte acolimado e ondulante.

## CAPITULO XIII

# O EXOTICO

Estudamos e analysamos todos os elementos estrangeiros que commosço vivem, sob diversos aspectos, ressaltando porém a assimilação pelo cruzamento com os pre-existentes.

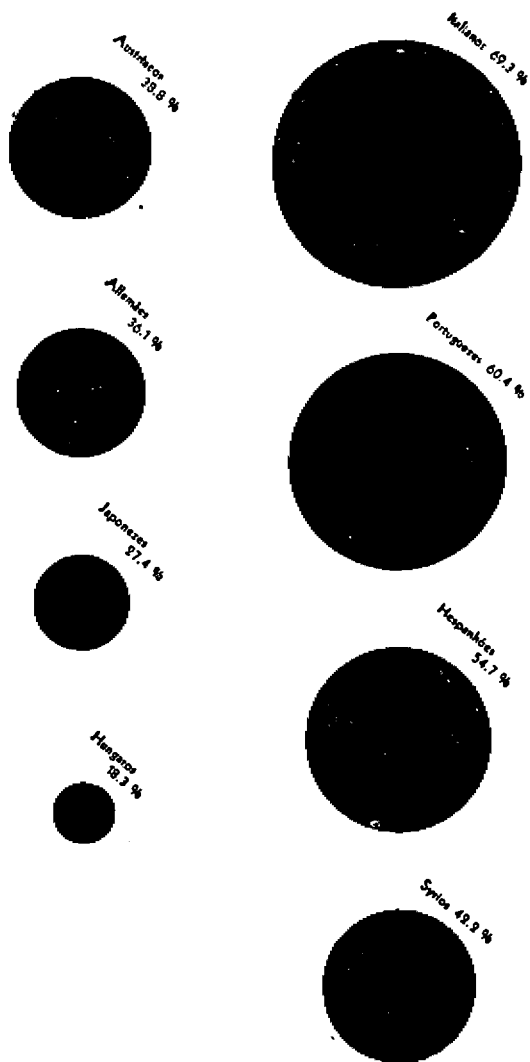
Seria conveniente fazer-se uma synthese final de todos esses elementos para se ter uma idéa do ponto da caminhada attingido pelas variadas estirpes comparativamente.

Umas cruzam mais facilmente que outras, em razão de certas occurrencias, que não são communs a todas as estirpes neste verdadeiro "steeple chase" de cruzamentos. Outras também o fazem mas impulsionadas por causas diversas. Outras são mais impermeaveis por certos motivos, que desacompanham as restantes. Outras não querem se afastar do ilhamento, mas causas diversas existem, militando nesse sentido.

Ha causas que podem ser removidas, ha outras que não podem. Ha correntes immigratorias que devem ser activadas, como ha outras que devem ser repellidas. Ha correntes immigratorias que devem ser interrompidas, como ha outras que precisam ser supprimidas e outras ainda que precisam ser reanimadas.

# Porcentagens dos casamentos dos diversos elementos estrangeiros com paulistas

Graphico comparativo.



Deve-se pois comparal-as umas ás outras, sob o consoante aos cruzamentos, para que resalte dahi um julgamento qualquer. E' evidente porém que essa comparação, não deve ser levada a effeito de um modo absoluto para todas as correntes.

E' preciso ter, em consideração varios elementos. Foi o que procurei mostrar nos capitulos anteriores, a comparação final, deve ser em linhas geraes de um modo relativo, attendendo a todas as circumstancias que procurei explanar no decorrer do estudo.

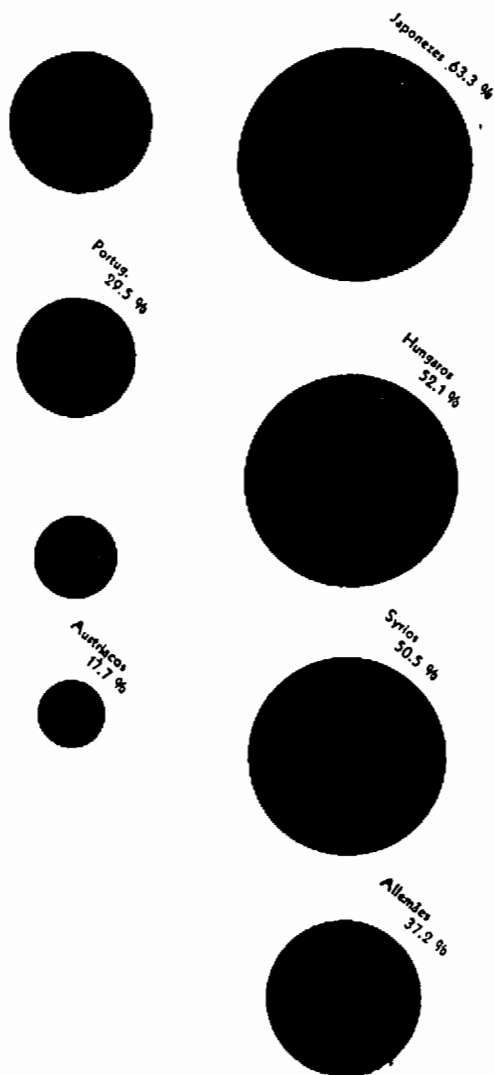
E' pois com esse criterio que vou deixar o quadro comparativo:

	<i>Cruzamentos com paulistas</i>	<i>Cruzamentos com outras estirpes</i>	<i>Casamentos entre si (amixia)</i>
Italianos . . .	69.3 %	10.5 %	20.2 %
Hespanhoes . .	54.7 %	10.3 %	35.0 %
Portuguezes . .	60.4 %	10.1 %	29.5 %
Syrios. . . . .	42.2 %	7.3 %	50.5 %
Austriacos. . .	38.8 %	43.5 %	17.7 %
Allemaes. . . .	36.1 %	26.7 %	37.2 %
Japonezes . . .	27.4 %	5.3 %	63.3 %
Hungaros . . .	18.3 %	29.6 %	52.1 %

E' preciso se ter em mente que, algumas correntes são mais antigas do que outras; que algumas trazem uma mentalidade mais dura que outros; que algumas são saturadas de maior dóse de orgulho, de vaidade, de espirito nacional, etc.

Quanto á homogenização da população total pelo cruzamento, vae ella em crescendo, como se poderá ver do seguinte quadro mostrando a evolução na Capital, em relação ao que existe no Estado todo, no presente momento.

Graphico mostrando as porcentagens dos casamentos realizados na propria estirpe, (amixia).



Casamentos no Estado de S. Paulo



	<i>Casamentos entre paulistas</i>	<i>Cruzamentos entre paulistas e estrangeiros</i>	<i>Casamentos entre extran- geiros.</i>
1894. . . . .	28.3 %	8.6 %	63.1 %
1900. . . . .	24.5 %	10.2 %	65.3 %
1910. . . . .	29.9 %	24.7 %	48.4 %
1920. . . . .	44.0 %	28.6 %	27.4 %
1925. . . . .	50.6 %	24.5 %	24.5 %
1927 (No Esta- do todo) .	76.2 %	14.7 %	9.1 %

Vê-se com nitidez como essas proporções se foram alterando, á medida que os quinquennios ou os decennios se succediam.

A principio os casamentos entre estrangeiros por amixia avultavam mais.

Depois foi a época dos cruzamentos. A linha dos cruzamentos foi subindo e a dos casamentos de exóticos foi descendo. Depois foi a época dos paulistas, já fructo das uniões entre exóticos, mas já paulistas nascidos aqui. O numero de estrangeiros então decresceu e com elle tambem diminuiu o dos cruzamentos, por falta de materia prima.

Logo teremos chegado ao termino da caminhada. Então os casamentos só serão entre paulistas. Desapparecerá a columna dos cruzamentos como tambem desapparecerá a dos exóticos.



## CAPITULO XIV

# O BRASILEIRO

Além das massas de exóticos de além mar, S. Paulo acolhe um contingente de brasileiros, emigrados de regiões brasileiras que para aqui vêm por dois motivos:

a) — Ou são tocados pelas intemperies que se aguçam em suas regiões de origem, tornando a vida humana quasi impossivel e eis o phenomeno cruciante das seccas periodicas no Nordeste abrazado, sobre uma impiedosa zona torrida onde é densa a população. Não podendo resistir ao ambiente physico que peora, emigram para o Sul.

b) — Ou ainda são attrahidos pelos altos salarios que são possiveis á lavoura de café, ou á industria paulista.

Por isso esses brasileiros são oriundos de regiões diferentes.

Os que vêm pelo primeiro motivo são preferencialmente nordestinos, oriundos das caatingas, onde um sol de fogo retosta as regiões desnudas; são ainda bahianos do S. Francisco, daquelles sertões pintados pela penna magica do grande Euclides.

São da terra onde a natureza ingrata expelle o homem a ella aferrado pelo amor.

Os que vêm pelo segundo motivo, são brasileiros mais próximos das fronteiras de S. Paulo, chamados pelo renome de grande foco de prosperidade. Realizam o phenomeno fatal e incoercível de todos os tempos. Impulsiona-os o espirito da aventura e da ambição de riquezas, que se avultam nas suas febricitantes imaginações. Imitam, seus antepassados que atravez dos seculos demandavam as regiões onde o trabalho se lhes afigurava mais



Brachyplatycephalo nordestino  
(poeta literato)



Brachyplatycephalo nordestino em  
S. Paulo — (homem de enxada)

bem remunerado. Assim foi na época distante do assucar nordestino, ainda nesse quinhentismo lendario e magnificante que o seiscentismo continuou. Assim foi na época do ouro setecentista que rebrilhava em Goyaz, nas Geraes ou em Cuyabá. Assim tinha que ser na Amazonia, quando a borracha, ouro negro dos meandros do "rio mar", chamava, invocando as massas, com promissoras e illusorias cornucopias.

Assim fatalmente tinha que ser em S. Paulo, desde que o café nos deu esse periodo admiravel de pujança economica, que vimos atravessando a partir do seculo passado e que a polycultura continuará, engrandecendo sempre a civilização e a riqueza aqui implantadas pela rubiaceae.

Quando a lei de 13 de Maio de 1888 supprimiu o braço escravo dos paulistas, entre os recursos de que estes lançaram mão para supprir essa falta figura o da mão de obra brasileira, chamando para os cafesaes o trabalho de turnas bahianas, as quaes desde esse inicio da éra immigratoria se viam em S. Paulo.

Mas o modo de migração dessa gente foi differente daquelle que se verificava com a vinda do italico. Vejamos.

Quantos, entre nós, são esses brasileiros?

Até 1927, segundo o "*Relatorio da Secretaria da Agricultura*" de 1928, elles eram 230.731. Esses eram, então, os que haviam passado pelas vistas do departamento dessa Secretaria de Estado. Por isso esse numero não exprime a verdade, pois que muitos passaram pelas fronteiras estaduaes, incolumes ante o registro official, o qual só aguardava a entrada pela Capital.

Baseado em algarismos referentes á mortalidade no Estado, criterio que reflecte com muito mais aproximação a verdade, calculo que o numero total de brasileiros em S. Paulo atinja a 354.000 individuos.

A esses, penso poder applicar a porcentagem de adultos consignada no citado "*Relatorio da Agricultura*", que affirma serem as seguintes as proporções para os individuos de mais de 12 annos segundo a corrente immigratoria:

Brasileiros. .	88.1 %
Syrios . . .	85.0 %
Allemaes . .	83.2 %

Portuguezes .	81.1 %
Italianos. . .	77.8 %
Japonezes . .	75.9 %
Hespanhoes .	68.2 %

Por ahi se verifica a grande proporção de individuos adultos trazidos por esses grupos humanos.

Os que trazem mais adultos são do typo aventureiro, são andorinhas que vem e voltam. Os que tem maior quantidade relativa de homens e de adultos são os que não se fixam, são os que não se integram senão com mais difficuldades.

Os que trazem menor quantidade de mulheres ou de creanças são os que vem solteiros, não creando aqui nenhum laço solido que os prenda. De preferencia são urbanos e ficam nas industrias dos grandes centros.

Os que, pelo contrario, trazem mais mulheres e são mais abundantes em creanças, como os tres grupos da lista acima, são patriarchaes, são ruraes, são povoadores.

O brasileiro não é desse typo. Elle é como o syrio, o allemão ou o portuguez que vem solteiro, trazendo poucas creanças. Foge ao typo patriarchal.

Por isso o indice de fixação dessa gente é muito baixo.

Mas elle não é urbano, não é industrioso.

Com esses recortes psychicos realisam no meio rural, o phenomeno que os syrios, os allemães ou os portuguezes, evidenciam nos centros urbanos. São as "andorinhas" do sertão paulista. Vêm colher café e voltam para suas regiões longinquas. Periodicamente atravessam distancias immensas e fazem essa transhumancia entre o Norte e o Sul.

Mas quando vêm, tem sempre na retina a imagem de seus torrões nativos, lá onde o Jaguaribe, corta as escarpas arenosas do Nordeste, onde o S. Francisco se

derruba nas catadupas de Paulo Affonso, ou onde o Belmonte banha os pedregaes do Sul da Bahia, ou onde o Paraguassú revolve os cascalhos abrolhados de uma região ingrata. Só pensam na volta e quando o café sae dos carregadores para os terreiros do Oeste paulista, já essas turmas volantes de camaradas, volvem para suas terras muito além dos horizontes do Estado.

Mas falamos de um brasileiro em geral. Elle não é porém de uma só raça, como não pertence a um só conjunto de raças, uniformemente dispostas pelo territorio do paiz. Pensar de modo contrario seria um grosseiro desvio da verdade.

Só podem continuar nessa crença, os pouco cultos, ou os que querem á viva força encontrar um laço social para a abalada solidariedade nacional.

Quem teve a iniciativa de dizel-o não foi o escriptor destas linhas.

Muito antes que eu em tal pensasse, já o illustre sociologo Oliveira Vianna, o insuspeitissimo e emerito fluminense escrevia o seguinte:

“E’ costume entre nós falar do povo brasileiro como se fosse uma massa homogenea e unica, distensa, em perfeita igualdade atravez de uma vastissima superficie de oito milhões de kilometros quadrados, e guardando por toda ella a mesma densidade social e a mesma unidade de composição e de estrutura.

Dos que assim pensam, nenhum se deu ao trabalho de desmontar as diversas peças e elementos de que se compõem esse vasto organismo, para ver, como elle se formou e como elle funciona. E’ natural que delle tenham apenas uma idéa vaga, ou uma idéa incompleta ou uma idéa falsa.

Levam em conta a unidade da raça, da civilização e da lingua, e não sei o que mais; mas não querem levar em conta a diversidade dos habitats, a sua acção durante tres ou quatro seculos, as variações regionaes no caldeamento dos elementos ethnicos e principalmente a innegavel differença das pressões

historicas e sociaes sobre a massa nacional, quando exercidas ao norte, ao centro e ao sul.

Mesmo que fossem homogeneos os habitats e identica por todo o ecumeno a composição ethnica do povo, ainda assim a differenciação era inevitavel; porque — levando em conta sómente os factores sociaes e historicos — é já possível distinguir, de maneira mais nitida, pelo menos tres historias diferentes: a do norte, a do centro sul, a do extremo sul, que geram por seu turno, tres sociedades diferentes: a dos sertões, a das mattas, a dos pampas, com seus tres typos especificos: o sertanejo, o matuto, o gaúcho. E' impossivel confundir esses tres typos, como é impossivel confundir essas tres sociedades, como é impossivel confundir essas tres historias, como é impossivel confundir esses tres ecumenos", (*Populações Meridionaes*" — Prefacio).

Pois se Oliveira Vianna, chama a attenção de um modo tão expressivo, para as differenças dos typos do povo brasileiro, é a evidencia que vem nos mostrar como S. Paulo recebe do Brasil gente disparatada.

Já não falando sob o aspecto sociologico, o qual decorre dos capitulos historicos de cada grupo humano, na antiga colonia portugueza, o ponto de vista anthropologico é bem sufficiente para resaltar o que affirmo.

O brasileiro, vem para S. Paulo, de Minas, do Rio, da Bahia e do Nordeste.

As outras regiões brasileiras não se privam de sua gente.

Ainda que sob o ponto de vista sociologico e historico, os mineiros, fluminenses e bahianos, tenham poucos pontos de contactos com os paulistas, as differenças anthropologicas entre elles não são tão grandes. E' possível que haja uma diversidade de composição da população desses Estados centraes. Em uns, o elemento européu teria tido maior influencia. Em outros, o elemento africano teria sido mais intenso. Em outros, a mestiçagem teria sido mais ameudada. Em uns, o homem seria mais branco, com os cabellos mais lisos. Em outros, o habi-

tante seria mais escuro, com os cabellos mais encrespados. Em outros, o mulato seria mais preponderante.

Nesse centro brasileiro, porém, além dessas diferenças, outras não haveriam, de modo a deixar esse brasileiro tão nitidamente diversificado. Só mesmo um especialista poderia distinguil-os. Todos são mais ou menos trigueiros, de olhos escuros, com cabellos mais ou menos acrespados, etc.

Mas o Nordeste forma uma massa de 8 a 9 milhões de habitantes, que são differentissimos dos demais brasileiros.

O africano, nelles não deveria ter tido tanta força na constituição da população. Talvez nas regiões assuacareiras de Pernambuco e de Alagoas, elle tivesse tido uma certa importancia demographica.

! Só no Piauihy, já mais ou menos fora do Nordeste, vamos encontrar outro forte nódulo de africanos.

Por isso o nordestino não é tão escuro. E' antes amarello. Seus cabellos são mais corredios e negros. Suas faces ossudas e amongoiladas, condizem bem com uma immensa brachycephalia, associada a uma notoria platycephalia.

E' possivel que essa morphologia tão especial, derive do indio, o qual deveria ter preponderado na formação do typo nordestino.

Mas no Sul, ou no centro, ou ainda na Amazonia, o indio não tinha essa tão anomala conformação. E' possivel que o Nordeste, pelo seu habitat especial, abrigasse uma differente população indigena.

Talvez a tribu dos kariris, ou dos tapuias da região fossem assim.

A verdade é que elles são differentes dos mais brasileiros.

Geralmente os imigrantes nordestinos, como ficou dito acima, não criam raízes. Voltam com grande rapidez. Muito amantes da sua tropical Bahia, ou do seu resequido Ceará, não ficam muito tempo em S. Paulo. Pela Central do Brasil vão até Pirapora, em Minas. Dahi navegam o S. Francisco abaixo, até Joazeiro, se espalham a seguir pelos Estados do Nordeste.

Assim elles deixam muito pequeno sulco de influencia em S. Paulo.

Aqui tudo lhes é extranho e hostile. Até o clima, é, para elles, muito frio e humido e á menor noticia de chuva no Nordeste, para lá volvem cheios de illusões.

\*  
\*      \*

Os brasileiros em S. Paulo não se espalham uniformemente em camadas igualmente disposta pelo territorio do Estado.

Ha zonas onde elles abundam com mais frequencia, como ha outras, onde elles se fazem mais raros. Eis uma estatistica que organizei com dados referentes a 1921.

De então para cá esses brasileiros augmentaram enormemente em S. Paulo, bem como a população do Estado teve um salto evolutivo de cerca de 60 % a mais.

Mas as porcentagens devem haver permanecido as mesmas, com pequenas variantes:

<i>Capital</i> . . . . .	4.01 %
<i>Redondezas da Capital</i> . . . . .	0.91 %
<i>Litoral</i> . . . . .	0.76 %
<i>Norte do Estado</i> (Central do Brasil). . . . .	3.07 % mineiros
<i>Tronco da Paulista</i> (Limeira, Rio Claro, São Carlos etc.) . . . . .	2.77 %
<i>Velha Mogyana</i> (Amparo, Mogy Mirim, Jaguary, etc.) . . . . .	2.16 % mineiros



<i>Ramal de Jakú</i> (Brotas, Dois Corregos, etc.)	2.57 %
<i>Douradense</i> (Dourado, Rib. Bonito, Itapolis, Ibitinga, Bariry) . . . . .	2.37 %
<i>Velha Sorocabana</i> (Sorocaba, Itú, Itapetininga) . . . . .	0.97 %
<i>Media Sorocabana</i> (Botucatu, Avaré, S. Manoel) . . . . .	3.54 % nort.
<i>Nova Sorocabana</i> (Assis, Presidente Prudente, Santo Anastacio) . . . . .	6.06 % nort.
<i>Noroeste</i> (Baurú, Pirajuhy, Penapolis, Araçatuba) . . . . .	7.98 % nort.
<i>Rio Pardo</i> (Ribeirão Preto, Orlandia, Franca, Batataes) . . . . .	8.31 % nort.
<i>Rio Grande</i> (Barretos, Jaboticabal, Bebedouro, Pitangueiras) . . . . .	15.00 % nort. e mineiros
<i>Araraquarense</i> . (Rio Preto, etc.) . . . . .	4.73 % nort.
<i>Total do Estado</i> . . . . .	4.59 %

Eis como se devem distribuir em S. Paulo os brasileiros.

Physicamente elles figuram ao lado dos de maior resistencia. São de sobriedade excepcional, habituados a luctar contra uma natureza inclemente, sob os rigores do inverno paulista que lhes prejudica a saude.

Geralmente de baixa estatura, atarracados, de thorax amplo, como seus antepassados tapuias, eil-os falando com pronuncia arrastada a accentuar as vogaes.

\*

\*      \*

Physiologicamente elles são bons elementos.

No obituario da Capital, pelas affecções do apparelho respiratorio, esses brasileiros figuram com 3.5 %. Talvez, seja pela media da idade dessa gente excluir os individuos velhos, que não tenham uma grande quantidade de victimas pelo apparelho respiratorio. E' natural que

os seres de mais idade sejam mais sujeitos a affecções respiratorias do que os mais jovens. Como a media da idade delles, não seja alta é possível que por esse motivo elles escapem em parte.

Sob esse ponto de vista pois, esses brasileiros são equiparaveis aos paulistas.

No concernente ao aparelho circulatorio, a mortalidade desses brasileiros é de 6.3 %, o que se explica por não terem elles grande quantidade de creanças.

Como as creanças são mais livres que os adultos desses disturbios que são as anginas de peito, as myocardites, endocardites, os aneurismas, a arterio esclerose, as embolias, etc., é natural que elles, não tendo em grande escala essa gente mais immune ás doenças do aparelho circulatorio, apresentem uma porcentagem mais elevada dos victimados por essas doenças.

O paulista em cuja columnna, figura grande quantidade de creanças, não apresenta senão uma porcentagem diminuta entre as victimas dos disturbios circulatorios.

De facto a isso referente, só 23.9 % são paulistas.

Mas o ponto fraco dos brasileiros em geral, sob o aspecto physiologico, reside no seu obituario dos victimados pela tuberculose.

Os brasileiros apparecem com 12.6 % no quadro dos que morrem annualmente em virtude da tuberculose. Isso está a mostrar com evidencia o ponto de menor resistencia da gente brasileira. Talvez seja em razão da mudança da região climaterica. Estou muito firme nesse ponto.

Habituaados ao torrido Equador, nas caatingas resequidas do Nordeste, ou no hinterland bahiano, onde a secura de uma atmospheria limpida deshydrata os corpos enxutos e desgordurados, são os nordestinos repentinamente trazidos para um planalto humidissimo a 800 metros de altitude, onde ha um clima de alternancias de temperaturas extremas e de pressões barometricas, as quaes

têm por força que repercutir no organismo e mais directamente nos pulmões, ahí facilitando a penetração do bacillo de Koch.

O paulista, mais afeito ao clima, sem embargo de ter entre os da sua columna certa quantidade de negros e de mulatos, se evidencia muito pouco sujeito aos males da tuberculose pulmonar. Só 52.8 % dos que annualmente morrem tuberculosos na capital, são nascidos em S. Paulo. Os mais, isto é, a metade são exóticos.

Mas se esses brasileiros são tão frágeis em relação á tuberculose, o mesmo não se poderia repetir no que concerne ao apparelho digestivo.

Elles a esse respeito apenas apresentam 3.4 % do total dos que na Capital succumbem aos males oriundos das affecções dessa funcção organica.

Essa relativa sotoplanura das suas porcentagens do obituario dos atacados no apparelho digestivo, se explica pelo numero pequeno de creanças que acompanha os brasileiros na sua aventura emigratoria.

Como as creanças são justamente as mais expostas ás affecções do apparelho digestivo, facil é a explicação natural desse phenomeno.

## CAPITULO XV

### A EDUCAÇÃO OU ADAPTAÇÃO

Verificamos em revista rapida os diversos elementos que entraram para a composição das populações paulistas. Estudamos esses elementos pelas suas differentes facces. Vimos como pelos numeros absolutos e relativos elles vão entrando como potenciaes na feitura da nossa gente. Notamos como esses mesmos elementos se vão misturando com os demais, pelo cruzamento, dahi se formando uma intima liga que toma evolutivamente a côr regional, e as delimitações paulistas as mais essenciaes. Da heterogenidade complexa causada por essas estirpes tão differentes, sedimentadas em épocas tão diversas, a assimilação pela mentalidade paulista, vae a caminho de uma homogenidade segura.

Como já vimos, as formas dessa assimilação são duas:

- a) — *O cruzamento.*
- b) — *A educação ou adaptação.*

Verificamos que o cruzamento age no sentido da profundidade, atravessando as camadas em verticalidade.

A educação ou adaptação actua no sentido da extensão, ou da horizontalidade.

Estudamos os elementos da população em face do cruzamento. Vimos que uns são mais ducteis, mais elasticos, mais fusiveis, dotados de caracteristicos menos marcados. São de perfil menos accentuado. Nestes, o cruzamento é mais visivel; — as estatisticas o estão mostrando.

Outros porém são mais rijos; são menos adaptaveis; são de temperatura de fusão mais elevada; são de animo mais exaltado; são de espirito nacional mais tradicional. Isso tudo faz com que elles sejam de mentalidade menos absorvivel.

Uns, são aportados ha varias dezenas de annos, já havendo atravessado uma, ás vezes duas, e, mesmo tres gerações.

Outros, são mais recentes e vieram de seus paizes originaes por outras circumstancias. A uns, attrahia a ambição, a aventura. Outros fugiam da fome e da miseria. Uns vinham patriarchalmente com suas familias, suas mulheres e seus filhos, como os lusitanos quinhentistas, trazendo tudo quanto possuiam dessa ingrata Europa que queriam olvidar. Outros vieram escoteiros para aqui constituir familia, ora com paulistas preexistentes, ora com conacionaes. Uns, eram de formação rural e esses se foram fixar nos latifundios cafeeiros, ou nas pequenas propriedades do sertão. Outros, eram mais industriosos, gentes de origens mais civilisadas, se foram ficando preferencialmente nas cidades.

Uns, ficavam como andorinhas das cidades. Outros se fizeram andorinhas do sertão.

O cruzamento age nesses variados elementos, com maior ou menor intensidade, com maior ou menor profundidade, com maior ou menor proveito assimilador das respectivas próles, que vão surgindo com mentalidade diversa logo á segunda ou terceira geração.

Eis o que faz este primeiro processo de assimilação.

A educação ou adaptação, porém, compreendendo todas as modalidades sociaes, é o processo assimilador que actúa com mais amplitude no scenario sociologico assimilador das massas. E' o processo que reúne tudo quanto comprehende um mergulho de um individuo exotico no nosso ambiente paulista.

O cruzamento é o processo subjectivo que age apenas no ambiente interno da familia.

A educação é o processo objectivo advindo de todo o genero de pressões externas.

Ella inicia a sua acção desde que o estrangeiro desembarca dos navios que os trazem de suas patrias.

O idioma portuguez lhes é imposto como "*conditio sine qua...*"

E' por intermédio delle que o estrangeiro tem que se haver em todo o seu contacto com o mundo externo.

Se elle não se conformar com o uso do idioma, não poderá subsistir. A impiedosa selecção o eliminará na lucta tremenda da concorrência.

Pode-se com facilidade observar, como o estrangeiro das ultimas ondas immigratorias tem se adaptado muito mais rapidamente, sob esse aspecto, do que os italianos e hespanhoes que vinham nas éras primievas da immigração.

Para os pioneiros das lévas italias e hispanicas, o nosso ambiente era diminuto, já sob o ponto de vista absoluto com a população pequena, e mais ainda sob o ponto de vista relativo, pois que os exóticos aportaram em numero quasi igual ao dos habitantes preexistentes.

As primeiras ondas de italianos eram de uma centena de milhar, cada anno jogados na nossa população de menos de um milhão e meio de individuos.

O exotico não encontrava tanta precisão de usar o nosso idioma. Hoje o scenario é outro, pois que temos varios milhões de habitantes como massa aglutinadora. Os hungaros, os nipponicos, os yougo-slavos, etc., aprendem

o portuguez, com muito mais rapidez do que o velho italiano, ou o primieiro hespanhol.

Aqui ha applicação dos ensinamentos do grande Dürkheim.

Ainda se encontram muitos dessa gente, já bem velhos, ás portas da morte, sem falar portuguez. E' que nunca haviam tido precisão de usar o nosso idioma, com a repetida constancia que hoje se faz mister.

Essa observação é communissima.

Depois dessa força formidavel e inicial, necessaria para toda sorte de contacto com o paulista, a imprensa é outro poderosissimo factor de assimilação.

Por ahi o exotico vae evolutivamente sendo absorvido.

Aprende o portuguez, como vimos acima, e logo busca na imprensa um aperfeiçoamento nos conhecimentos linguísticos, como ainda em aproveitar o que já sabe.

Resultado: vae elle sendo pouco a pouco interessado nos assumptos que lê.

Esses assumptos, por certo são extranhos a sua velha mentalidade.

São assumptos sempre eivados de referencias ás cousas da terra, ou saturados de um espirito novo, que aos poucos lhes vae sendo familiar, ou ainda cheios de um interesse de côr differente da que lhes imbuia antes o pensar ou o sentir.

Sem se aperceber o exotico, vae sendo amarrado, vae sendo ligado a uma nova mentalidade. O convivio com espiritos da terra, convivio obrigatorio, pelo trabalho em commum, não só no mundo rural como no urbano e em outras actividades, os vae limando, gerando nelles idéas que se vão repetindo, sedimentando os moldes a que forçosamente tem que se adaptar a psychologia desses exoticos.

Depois são as scenas de vida commum e quotidianas. Nos cafés, nos bars, nos bilhares, nos tramways, nas estra-

das de ferro, nas vendas, nos mercados, nas vias publicas, etc., os estrangeiros vão sendo modificados com as suas arestas cortadas, nos seus angulos aplainados, nas suas curvas endireitadas, nos seus preconceitos desfeitos, etc.

A seguir são as diversões de todo o genero, principalmente as esportivas, as quaes, no campo da actividade, da pericia ou da agilidade, nivela os espiritos aquecidos pelos enthusiasmos.

O commercio tambem actúa no mesmo sentido, com a sua agitação febril, os seus contactos seguidos. A concorrência economica eliminando os menos aptos, distinguindo os mais esforçados faz a evolução assimiladora perlusttrar as mesmas direcções.

O empenho agitado do "struggle for life", redemoinhante, convulsionante em todas as camadas sociaes, causando uma intensidade de vida, uma nervosidade de acção sem conta, em torvelinho redemoinhante, não é, sem duvida, o menor factor, que se vem addicionar aos já mencionados, como os que fazem pela nivelação das nacionalidades na mentalidade nova.

Mas isso seria pouco. Ha mais.

O estrangeiro se é casado, já possuindo próle, tem que a educar.

Se não é casado, aqui contrae matrimonio, ou com gente da propria estirpe, ou a esta extranha. Tem filhos. Precisa educal-os.

Essa educação propriamente dita, no seu sentido restrictissimo, é geralmente nas escolas publicas paulistas.

Na maioria dos casos o estrangeiro não é opulento. Elle é antes pobre e de preferencia aproveita o ensino gratuito nos grupos escolares do governo.

S. Paulo possui uma boa organização de ensino primario, onde annualmente alphabetiza varias centenas de milhares de creanças, as quaes com os rudimentos iniciaes de cultura mental recebem tambem doses de paulistanismo.



E isso, naturalmente essas creanças vão transmittindo aos seus familiares. Eis que, o ambiente paulatinamente se vae aperfeiçoando.

O Estado de S. Paulo já dispendeu desde a proclamação da Republica, cerca de um milhão de contos de réis na obra de ensino primario.

O maior objectivo desse immenso esforço, tem sido, por certo o de lustrar o povo, dando a elle elementos para que se faça um ambiente mais sadio. Mas ao lado disso, ha outro objectivo que a elle se conjuga.

E' a aglutinação de filhos de estrangeiros pela educação do ambiente: é a paulistanização de tantos milhares de individuos, modificando-lhes a psychologia, moldando-lhes os caracteres, sedimentando-lhes sentimentos novos, e injectando-lhes o amor á nossa terra e ás nossas tradições.

Ora, como já ficou dito de passagem, acima, os resultados dessa educação propriamente dita, não aproveitam apenas as creanças que a recebem.

Elles se vão reflectir ainda, nas suas familias, que tambem sorvem a instrucção ministrada aos pequeninos seres. Estes passam a ser vehiculos de idéas sedimentadoras.

Quando porém a instrucção não é aproveitada pela familia inteira, ha um desnivelamento cultural, entre a creança e seus parentes, ficando estes em plano rebaixado, e portanto mal vistos pela propria creança. Esta não deixa de se envaidecer dessa superioridade.

E' então a creança já paulista, se victoriando sobre o estrangeiro inferior.

E' a nova mentalidade já bem adaptada, tripudiando sobre um passado inferior, analphabeto, acorrentado a todo um grande sequito de consequencias desse atrazo.

Esta é sem duvida a via mais larga de apaulistanização.

S. Paulo não tem despendido em pura perda sommas tão agigantadas.

S. Paulo, quando nada, teria comprado com ellas a garantia da aglutinação de centenas de milhares de creanças de origem estrangeira, plasmando-as na nossa alma, e prendendo-as a consciencia crystallina da nossa mentalidade, cunhando bem fundo nellas o sinete da nossa paulistanidade.

O conjunto de todas essas forças, agindo no animo do estrangeiro e ainda mais directamente na do filho do estrangeiro, seja elle um puro sangue de imigrantes ou um producto de cruzamento com nacional, tem por força que gerar uma mentalidade especialissima.

O exemplo material disso está se vendo diuturnamente na vida paulistana.

A contra prova do que fica asseverado está em que os estrangeiros mais gordos em cabedaes e que não se aproveitam das escolas publicas para a educação de seus filhos, são os cuja estirpe mais difficil se mostra no processo de alambicamento nacionalizador.

E' que elles seleccionadoramente souberam subir com maior rapidez nos degraus da fortuna. Embora sem o burilamento da instrucção sabem se fazer respeitar pelos filhos que não os consideram inferiores. Dahi uma conservação mais demorada da mentalidade primitiva.

A observação disso é muito facil. Eis um campo esplendido dentre os ricos italianos, syrios, etc., em S. Paulo.

Com raras excepções não se conclue outra cousa.

De todas essas forças que mencionamos, a mais efficiente nessa obra grandiosa de assimilação por educação, é, sem duvida, a escola.

Ella age na modelação das cerebrações infantis, as acompanhando desde a mais tenra edade, nos jardins de infancia, sobrepujando todos os escolhos, vencendo todos os obstáculos atravez dessa seriação de annos que formam o curso primario.

Essa função monumental tem sido desempenhada pela escola pública de ensino primário, mas já no ensino secundário, o qual as leis brasileiras entregam na maior parte ao ensino particular, tem-se visto uma certa regressão na nacionalisação dos filhos de estrangeiros.

Mas apesar disso, o ensino é o canal mais seguro da formação de nova mentalidade entre os elementos exóticos.

De todos os factores synergeticos que constituem a educação ou adaptação, é o ensino, que de um modo mais solido e completo reduz a materia prima estrangeira em producto manufacturado paulista.

E' elle que lhe substitue as tradições. E' elle que lhe fornece os instrumentos para uma ascensão mais rapida pelas alturas nas camadas economico-sociaes. Por isso, é elle que tem a particular autoridade de lhe modelar a mentalidade.

Dentre outros factores educacionaes é preciso, pela sua importancia, fazer resaltar o que reside no verdadeiro turbilhão dos acontecimentos brasileiros.

As paixões empolgantes, suscitadas dos eventos, que se succedem com rapidez cinematografica, são formidavel alavanca modeladora de mentalidades.

Essas paixões atravessam as camadas sociaes, varam pelas classes varias, se infiltram pelos sedimentos differentes, furam pelos alluviões de proveniencias diversas; tudo turbilhonando, convulsionando, misturando, desenkytando, desnucleando, apartando em grupos novos, classificando em partidos differentes, etc.

Os interesses em jogo postos em cheque por esses eventos dizem respeito a todos os moradores desta terra.

S. Paulo é uma unidade desse tumultuoso scenario. Ahi estão em foco todas as vidas dos habitantes desta parte do continente.

São questões radicaes para o povo paulista, as que se entrebatem nesses choques politicos de magna repêr-cussão.

O que é o povo paulista, senão o conjunto de todos esses elementos?

E' claro pois que desse jogo de forças, surta uma mentalidade homogenea, uma sentimentalidade igual e cohesa em torno dos interesses paulistas.

Nella commungam apaixonadamente não só os filhos desta terra, como tambem os exóticos aqui radicados.

Suas fortunas estão em cheque. Annos de trabalho, vidas inteiras de esforços que fructificaram, labores mou-rejantes sem conta, se entrebatem em imminencias de esboroamentos, de catastrophes, de abysmos, etc.

Em identicas situações estão os dos seus parentes, dos seus amigos, dos seus conhecidos, dos seus patricios, etc. Todos em S. Paulo correm riscos iguaes. Todos podem ser diminuidos, com augmento grande nos impostos, máus empregos dos dinheiros publicos, desvios destes para outras regiões brasileiras, etc.

E' natural que em S. Paulo, todos tenham os mesmos interesses, communguem nos mesmos sentimentos, participem dos mesmos ideaes, se apaixonem pelos mesmos motivos e se integrem na mesma mentalidade.

Dahi a impressionante avalanche que fez o famigerado 23 de Maio de 32.

Dahi a onda compacta que fez 9 de Julho de 32.

Dahi os resultados quasi unanimes das eleições de 3 de Maio de 33.

## CAPITULO XVI

# CONCLUSÕES

Vimos, como na nossa area territorial de duas centenas e meia de milhares de kilometros quadrados, se reuniram elementos os mais dispares, oriundos de lugares diversos.

Vimos como esses elementos em tão differentes proporções aqui accommodados traziam typos anthropologicos varios, mentalidades antagonicas, eram de civilisações desiguaes, etc.

Por sobre uma camada preexistente, vieram em etapas successivas se sedimentar elementos exóticos. As continuas e ininterruptas vibrações de caracter politico, social e economico, têm provocado intensificações intermittentes no processo de aglutinação.

Como vimos logo no inicio, as civilisações quando se defrontam, tendem a tres directrizes:

- A) superposição;
- B) mistura com a formação de uma terceira;
- C) infra posição.

Nós tivemos, com certeza, a terceira directriz figurada.

Pelo que vem succedendo, a camada preexistente, mais numerosa, mais afeita ao meio, com todos os elementos de riqueza e de civilisação nas mãos tinha que se impôr.

E' o que vem acontecendo.

Além de tudo, os ambientes physico e social, como forças uniformisadoras, agiram intensamente nesse sentido. Elles não só actuaram directamente, transformando os exóticos em paulistas, como agiram também indirectamente, eliminando os que não se adaptavam.

Essa dupla acção dos ambientes, agia sobre o physico e sobre a mentalidade dos estrangeiros.

Isso, em varias decadas vem se accentuando no processo que chamamos assimilação.

E' bem certo que jamais um typo physico uniforme e absolutamente homogeneo sahirá dessa retorta que é S. Paulo.

Não tenhamos illusões.

Por mais tempo que haja convivencia; — por mais intensa e profunda que se realise a mestiçagem; por mais aplainadora que se dê a aglutinação, jamais um typo anthropologico unico resultará do processo de amalgama.

A esse respeito, sempre teremos diversidades.

E' possivel que ella não seja grande.

Talvez a população se europeize, alvejada pela immigração transatlantica preponderante.

E' mesmo naturalissimo e até segurissimo, que o paulista tenha um typo physico profundamente differente do dos brasileiros.

Querer, porém que, em S. Paulo só haja um typo physico absolutamente falando, é querer ir além do que, nos permitem as sciencias biologicas.

\*

\*      \*

Ao invés disso o tocante a mentalidade se nos apresentam outros resultados.

Se sob o ponto de vista anthropologico, a complexidade é o apanagio do homem civilisado, vivendo em sociedade, outro tanto não se dá no referente a mentalidade.

Esta se unifica em um todo compacto e uniforme.

[Sob este aspecto S. Paulo reuniu todos os elementos de sua população em uma só mentalidade.

Esta é composta em linhas calcadas pelo ambiente politico. pelo ambiente economico, pelo ambiente geographico, etc.

E' porém um todo homogeneo e cimentado por idéas e interesses communs.

Eis a guerra de 32, que como exemplo de uniformidade de pensar, de unanimidade de sentir, etc., tem a sua continuação nas eleições de 3 de Maio de 33.

A esse respeito todos os elementos habitantes do territorio paulista se bitolam do mesmo modo.

E' o velho paulista, cuja ascendencia se illustra nas epopéas do povoamento secular e das bandeiras lendarias; é o paulista de antes de 1888; é o paulista filho de italianos, de hespanhoes, de lusos, de nipponicos, de syrios, de teutos, de magyares, de lettos, etc.

Todos pensam de uma só forma.

Todos sentem em um só diapasão.

Todos buscam os mesmos caminhos teleologicos.

Todos almejam os mesmos ideaes.

Aos 7 1/2 milhões de paulistas poder-se-iam repetir as palavras cromwellianas:

"We are all a band of brothers".

S. Paulo tem já um blóco de população admiravelmente unido.

Cada vez elle se enrigece mais.

Só não vê isso quem não quer.

São verdades corriqueiras, que todos apalpam diuturnamente. Só faltava alguém que as escrevesse. E' o que ahi fica, feito em linhas geraes.





## II PARTE

# REPARTIÇÃO DA POPULAÇÃO PAULISTA



## CAPITULO I

# INTRODUÇÃO

A população paulista, nem sob o ponto de vista de quantidade, nem sob o aspecto de coloração, de qualidade, ou de densidade social ou demographica se espalha de um modo uniforme sobre o territorio paulista.

Ha lugares em que o numero de habitantes é maior, a população é mais densa; ahi a configuração geographica determina ou possibilita certos e determinados modos de vida; ahi existem, por essas causas, em maior quantidade proporcional, taes e taes correntes nacionaes.

Ha outros, que o numero de habitantes é diverso, é menos densa a proporção, entre a população e a area territorial; ahi a configuração geographica, tem delimitações differentes, com condições physicas e chimicas diversas, determinando modos de vida differentes, etc., o que faz com que existam em outras proporções as correntes nacionaes.

Variam as inclinações preferenciaes de cada corrente ethnica conforme os moldes com que vem cada vaga de exóticos, que se derrama sedimentariamente por sobre as preexistentes, evidenciando os seus pendores para as vidas campesina ou urbana, as suas inclinações para as labutas agricolas ou industriaes, as suas formações sociaes, a natural orientação das suas intelligencias, o que os habilita a

ascensões mais ou menos rapidas, nas escalas sociologicas e economicas. Com esses e os mais factores caracteristicos das muitas gentes que constituem as populações de S. Paulo, variam, fatalmente as tonalidades que as caracterisam, na distribuição de cada uma, pelo territorio. Concentram-se mais aqui, para se espalhar ali, disseminando-se aqui, para se adensar acolá, etc.

Ha muitas psychologias, as quaes determinam maiores adensamentos urbanos, ha espiritos gregarios mais desenvolvidos em torno de nucleos industriaes, bem como de, culturas agricolas mais compactas, em regimen de pequena propriedade, como ainda existem espiritos menos sociaveis, que preferem os isolamentos nos sertões, ou nos latifundios pecuarios, onde a actividade pastoril determina um povoamento pouco denso; como ainda se podem encontrar moldes psychologicos que se afinam pelos systemas da cafeicultura, em cujos centros ruraes a densidade tem seus limites determinados, etc.

E' estudando essas colorações que, se podem determinar as diversidades de população, pelas differentes zonas, não só quanto á quantidade demographica, como ainda quanto a coloração dermocromica e ainda quanto as tonalidades psychologicas, conforme as nacionalidades ancestraes, que em differentes porcentagens entram para a composição.

Já nos Estados Unidos da America do Norte, existem em proporções, naturalmente muitissimo maiores, as tendencias que aqui se podem observar, dosando os differentes elementos inimigratorios e dahi a formação sociologica da grande republica. Por isso sua população se espalha heterogenea, como uma colcha de retalhos diversamente coloridos, atravez da immensidade de seu territorio.

Assim, lá, os elementos se classificam, nas suas tendencias urbanas e ruraes pelo modo seguinte:

	<i>Urbanos</i>	<i>Rurales</i>
Noruegueses. . . . .	22.4 %	77.6 %
Dinamarquezes. . . . .	28.1 %	71.9 %
Gallenses . . . . .	32.3 %	67.7 %
Suiços . . . . .	35.3 %	64.7 %
Holandeses . . . . .	44.1 %	55.9 %
Escocezes . . . . .	46.0 %	54.0 %
Inglezes. . . . .	46.3 %	53.7 %
Allemaes . . . . .	50.2 %	49.8 %
Irlandezes . . . . .	62.0 %	38.0 %
Italianos . . . . .	62.4 %	37.6 %
Polacos. . . . .	62.6 %	37.4 %
Russos. . . . .	74.9 %	25.1 %

Lá, é bem sabido, as populações das grandes cidades são constituídas pelos judeus, pelos irlandezes e pelos italianos. Elles formam uma camada importante, que influe na administração e na vida intima de cada nucleo urbano, em que pelo numero preponderam.

Em Nova York, o elemento irlandez se tem feito famoso e são ainda de hontem os successos retumbantes na vida da immensa metropole de Hudson, promovidos pela celeberrima Tammany de tão funesta memoria.

Em Chicago, é o elemento italiano, com as suas correrias de "*gangsters*" de tropelias, de raptos, etc.

No Sul e no Sudoeste, eis onde se concentram em maiores porcentagens, os afamados "*hundred per cent*", em ramos esgueirados dos velhos troncos coloniaes dos plantadores do tabaco, do algodão, desta nunca demais lembrada Virginia, das Carolinas ou da Georgia, etc.

Assim tambem é no Norte, lá nas fronteiras com o Canadá, nos rebordos dos grandes Lagos, ou nas Dakotas, onde se reúnem em maiores dosagens os escandinavos.

Eis o que pretendo fazer em relação a S. Paulo.

Ora, como é evidente, isso só se pode realizar, com estudo analytico.

Só pela conversão em algarismos é que esses phenomenos podem ser observados e ressaltados.

O velho e estafado axioma de Lord Kelvin, mais uma vez, encontra campo para a sua applicação, mais uma vez tem occasião de ser rememorado.

Em S. Paulo, entretanto, a disparidade, as nuances, as differenças, são muito menores. Ellas são muito mais difficeis de apparecer. A população do Estado de S. Paulo é muito mais homogenea, e se conserva por toda a parte do territorio paulista de um modo muito mais uniforme, só surgindo pequenas variantes, só perceptíveis ante analyses muito acuradas.

São os mesmos elementos que se espalham pela area estadual, onde cada vez mais se vão identificando, e se bitolando, pela similitude dos costumes, do idioma, pela vida commun, que os vae nivelando nos multiplos contactos de uma lucta pela vida agitada e cheia de capilaridade social.

Todos partindo de pontos diversos se vão igualando nas ambições e dos anhelos, com esquecimento das origens e das diversidades.

Apesar disso ainda ha nuances, e tonalidades que se podem observar em analyses attentas, atravez dos dados demographicos.

Estamos em um estagio sociologico que se vae transmutando em rapidez meteorica.

Esse degrau da nossa vida porém deverá ser bem esclarecido, para que os estudiosos do futuro comprehendam bem os caminhos que seguimos para a constituição das populações que se irmanam na paulistanidade.

Para melhor systematisar o estudo a respeito das nossas populações no tocante a sua distribuição, eu dividi a area estadual em zonas, seguindo o criterio das estradas de ferro, ficando a representar uma zona a Capital, e outra

Santos com o litoral. No planalto procurei separar as zonas de accôrdo com as estradas de ferro, que foram, innegavelmente as balisadoras da distribuição da gente paulista pelo hinterland do Estado.

Essas estradas de ferro buscando as regiões mais promissoras, sob o ponto de vista economico, serviam tambem de vehiculo para o povoamento que iam realizando segundo a época em que seus trilhos eram estendidos, segundo a natureza chimica do solo ou da cultura, segundo a configuração physica desse solo, segundo a maior ou menor distancia dos centros de consumo ou dos entrepostos commerciaes, etc.

As estradas de rodagem só appareceram a servir de instrumento maravilhoso da economia paulista e portanto de factor poderoso da sociologia da terra, depois que o povoamento se fizera em suas linhas geraes.

Ellas só vieram, mais tarde, arrancar do isolamento os nucleos humanos que se iam constituindo no recesso soberano do nosso sertão. Ellas só vieram depois, augmentar os contactos, entre esses fôcos heterogeneos de populações variadas.

Ellas só vieram, com o correr do tempo a homogenisar os agglomerados sociaes relativamente ilhados ao longo dos trilhos de aço das vias ferreas.

Como factor sociologico, portanto eu prefiro dar a estrada de ferro a primasia, sem porém desconhecer a grande importancia da rodovia nas communicações que realisava entre os diversos compartimentos da nossa população, desigualmente espalhada pelo interior.

De accôrdo com os dados referentes a mortalidade no Estado, extrahi do Annuario Demographico de 1927, os elementos para a organização de uma estatistica, a qual deverá reflectir os componentes da população de cada zona.

Achei que o criterio da mortalidade era o melhor, por-

que parece ser o que mais se equilibra entre as diversas correntes formadoras das populações paulistas.

Se a corrente paulista tem certa dóse de negros e de mulatos, nos quaes a mortalidade é sabidamente mais avultada, cousa que nos poderia levar a erro, avolumando em demasia as porcentagens paulistas, tambem não podemos deixar de consignar o facto dos exóticos, aqui aportarem em estado de pobreza, de falta de principios e de recursos hygienicos, o que os sujeita, em meio physico differente, a uma maior mortalidade, a qual deverá contrabalançar qualquer erro.

Essas duas tendencias, agindo em sentido contrario, devem se annullar destruindo-se, de modo que, estou convencido de que as porcentagens referentes á mortalidade devem ser as correspondentes, mais ou menos exactas, as porcentagens da existencia real de cada uma das correntes de populações que aqui convivem.

Nem se diga, por exemplo, que os immigrants tendo uma media de idade mais baixa do que a da população em geral, estejam por esse facto mais livres da mortalidade, que assim deixaria de ser um reflexo do vulto de cada estirpe.

A immigração italiana, já data de varias dezenas de annos, e a época em que maior foi a importação de braços para a lavoura, já vae bem distante de nós, orçando de vinte a quarenta annos, de modo que a gente vinda nessa occasião está ultrapassando a media da existencia humana, com o que a mortalidade desses estrangeiros tem que ser avultada.

O grosso dos nossos immigrants, desses que vieram em massa de mais de uma centena de milhar de individuos, agora é que estão ultrapassando as medias da existencia humana, e attingido as raias finaes da corrida pela vida; de modo que o criterio da mortalidade, ao invés de ir nos



induzir a um erro, minorando as porcentagens da existência dessa gente, resulta uma majoração da existência real.

Assim, pois, eu penso que está na mortalidade o melhor critério para se conhecer em analyse ethnica os elementos diversamente dosados nas zonas em que dividi o Estado.

## CAPITULO II

### PRELIMINARES

Seguindo pois o criterio da mortalidade, de accôrdo com a divisão que estabeleci na area estadual, pela demarcação das estradas de ferro, eu organizei o seguinte quadro referente ao anno de 1926:

	<i>Paulistas</i>	<i>Brasileiros</i>	<i>Italianos</i>	<i>Portuguezes</i>	<i>Hespanhòes</i>	<i>Japonezes</i>	<i>Syrios</i>
Capital . . . . .	72.0	4.0	10.4	6.1	3.6	0.3	0.5
Santos e Litoral. .	78.2	5.6	1.5	9.5	3.8	1.5	—
Paulista . . . . .	81.9	3.9	9.5	1.9	2.0	0.2	0.2
Mogyana . . . . .	79.8	9.1	7.6	1.5	1.0	0.4	0.2
Sorocabana . . . .	88.4	4.3	4.5	0.8	1.4	0.2	—
Noroeste . . . . .	80.4	6.8	4.3	1.6	3.1	3.2	—
Araraq. e Dourad..	83.1	5.2	6.8	1.3	2.7	0.3	0.2
Bragantina. . . . .	90.0	3.5	4.0	0.5	1.4	—	0.3
Central. . . . .	93.0	4.5	0.8	0.7	0.6	—	0.1
Média do Interior .	84.1	5.5	5.6	1.8	1.7	0.7	0.2
Total do Estado. .	81.8	5.3	6.9	2.8	2.2	0.6	0.2

De accôrdo com o mesmo criterio, o da mortalidade eu já havia apurado para o anno de 1921, as seguintes porcentagens :

<i>Paulistas</i>	<i>Brasileiros</i>	<i>Italianos</i>	<i>Portuguezes</i>	<i>Hespanhóes</i>
80.8 %	4.5 %	7.9 %	2.4 %	2.2 %

Dahi se verifica a progressão crescente da assimilação e da diminuição dos exóticos. A porcentagem de paulistas passou de 80.8% que era em 1921 para 81.8%.

Vê-se um augmento da porcentagem dos brasileiros que de 4.5% que eram passaram para 5.3%. Imagine-se hoje, depois de 1930 quantos elles serão?!!!...

Além disso, verifica-se que o ambiente paulista se des-italianizou, com a quêda da porcentagem desse elemento estrangeiro que em 5 annos de lapso de tempo, de 7.9% que era em 1921 passou a ser em 1926, 6.9%. Houve tambem uma ligeira progressão do elemento luso, pois que nos ultimos tempos é o fóco portuguez, dos unicos que tem nos enviado gente para a nossa immigração. Elles que eram 2.4% em 1921 passaram a ser 2.8%. Houve estagnação do elemento hespanhol que permaneceu onde estava.

O que pelos nossos quadros comparativos não se pôde verificar é o grande crescimento do elemento japonez que de 1926 para esta data caminha em formidavel augmento. Hoje quasi se emparelha com o hespanhol.

O Japão substitue presentemente as demais fontes immigratorias estagnadas.

A conclusão mais nitida porém da comparação dos quadros acima, reside no que eu venho proclamando neste trabalho.

E' a assimilação de todos os elementos exóticos aqui coexistentes, se homogenizando na maior paulistanidade.

Eis a marcha fatal, que rapidamente se aproxima da méta.

Além disso, aliás eu já tenho dito, em outras partes deste trabalho, o que se verifica é a confirmação da passagem em que eu acima consignei sobre a differente distribuição dos diversos elementos ethnicos pelas varias regiões ou zonas, em que eu dividi a area estadual.

Assim o elemento puramente paulista, tem suas proporções mais avolumadas não só na zona da Central do Brasil, e da Bragantina, como ainda se avulta nas partes sertanejas, as quaes parecem o attrahir.

E' ahi que diminue a porcentagem do italiano. Veja-se por exemplo na que se refere a Sorocabana e mesmo a Araraquarense, ou a Noroeste. O italiano persiste em doses mais avolumadas, onde o regimen da propriedade é o latifundio cafeeiro, como na Mogyana ou na Paulista. Isso se observa, ainda nos centros industriaes, como o da Capital e os que se enfileiram pela Paulista.

Em zona onde impera a pequena propriedade, a porcentagem de italianos diminue. Em menor escala isso se pode notar no que concerne a Araraquarense, em que a porcentagem de italianos é menor do que a da média geral no Estado.

No interior, ha em media, tantos italianos, quantos brasileiros. As proporções de ambas essas estirpes se equiparam no interior.

Como já verificamos o elemento brasileiro é de duas formações originarias. Uma a que se origina no Nordeste, da Bahia para o Norte. Outra a que é oriunda do Estado de Minas, do Estado do Rio, e do Districto Federal.

A primeira, vem tocada pelas intemperies de seu habitat. Elles buscam refugio no Sul do Brasil, onde não existe secca, etc.

A segunda vem pela attracção exercida pelo renome caminheiro da prosperidade paulista. As terras dos Es-

tados de Minas e do Rio, já não produzem tanto. Nellas já a erosão cavou, desnudando o dorso de um sólo accidentado e desflorestado.

O humus que ahi havia, foi carreado para o oceano longinquo e a terra lavada só pode exhibir uma vegetação rasteira em que a "barba de bóde" serve de pasto a um gado magro e ossudo.

S. Paulo, como um fanal de prosperidade agricola chamou aquelles a quem um sólo empobrecido relegava a uma marcha inversa na escala economico-social.

A zona da Mogyana, é infiltrada pelos dois elementos acima enumerados. Ambos penetram pelas fronteiras mineiro-paulistas, passando incolume aos registros officiaes. Elles vem a pé do valle do S. Francisco. Os do primeiro typo, os brasileiros nordestinos e bahianos, esses que têm um indice baixissimo de fixação voltam, tambem atravessando essa fronteira, sem deixar signal nos departamentos officiaes.

Na Central do Brasil, o elemento brasileiro que ahi existe, é de extracção mineira na maior parte. Ahi elle existe, em proporções que quasi attingem os 5%. E' a vizinhança com Minas, a ligação da Sul Mineira, a passagem de S. Bento de Sapucahy, que dão causa a elevação dessa proporção. O elemento fluminense vem pelas fronteiras de S. Paulo com o Estado do Rio.

Na zona Noroeste, os dois typos brasileiros coexistem, levados para ahi, pelo espirito superior e seleccionado de pesquisadores da fortuna, de lucta pela vida, de amor a aventura, etc.

O mesmo phenomeno é de se notar na Alta Sorocabana, ou na Paulista da região de Bebedouro, de Pitangueiras, de Jaboticabal, de Monte Azul, onde o elemento bahiano tem certa primasia numerica.

Na zona de Barretos, já é o mineiro de Uberaba ou de todo o Triangulo o que predomina.

Na zona da Bragantina, apenas se reflecte a vizinhança mineira. A grande densidade demographica da região, não deixa uma maior penetração vinda do outro lado da fronteira, onde a população é muito menos densa.

Talvez por isso a differença entre S. Paulo e Minas, ahi, seja mais marcada. Toda essa região de Ouro Fino, Borda da Matta, Pouso Alegre, isto é da E. de Ferro Sul Mineira, delimitando uma cunha a penetrar em S. Paulo, até Bragança, Atibaia, ou Joannopolis, apresenta grandes diversidades psychologicas com as populações paulistas, deste lado da fronteira.

O antagonismo nellas teria cavado um sulco mais fundo do que no resto da fronteira entre S. Paulo e Minas, que constitue uma zona servida pela Cia. Mogyana.

\*  
\*      \*

Como eu disse em outra parte, as diversas regiões paulistas apresentam tonalidades que merecem ser marcadas.

Essas nuances não são só marcadas no que concerne ás nacionalidades originaes das populações. Ellas são de notar, ainda, no que se refere á dermocracia.

Os nossos melânicos, também, não se espalham uniformemente por toda a area do Estado. Elles se distribuem em proporções desiguaes por todas as nossas differentes zonas.

Já deixei bem verificado, por meio de seguras estatisticas que, os pretos e mulatos diminuem, entre nós. Isso se dá não só relativamente ao resto da população que augmenta enormemente como ainda em numeros absolutos, pois que esses melânicos apresentam uma mortalidade superior a natalidade.

Emquanto que elles, pretos e mulatos diminuem progressivamente, a nossa gente em crescimento, vae se clarificando, não só pela entrada continua de immigrants como ainda pelo movimento vegetativo demographico.

Mas ha ainda restos dessa gente desventurada, a qual vae em marcha accelerada para a extincção. Esses restos, porém, tem uma distribuição desigual pelo Estado como se pode verificar pelo quadro abaixo, levantado de accôrdo com os dados da mortalidade e da natalidade:

## MORTALIDADE

	<i>Branços</i>	<i>Negros</i>	<i>Mulatos</i>
Capital . . . .	86.5	6.4	6.5
Santos . . . .	83.5	5.4	9.2
Campinas. . . .	74.2	11.5	14.2
Ribeirão Preto. .	78.3	10.6	9.2
S. Carlos . . . .	82.2	10.3	6.9
Guaratinguetá . .	74.0	11.4	14.4
Botucatu. . . .	93.9	4.4	1.5

## NATALIDADE

	<i>Branços</i>	<i>Negros</i>	<i>Mulatos</i>
Capital . . . .	94.2	2.1	3.2
Santos . . . .	96.8	0.3	0.9
Campinas. . . .	93.2	3.2	3.6
Ribeirão Preto. .	88.9	4.0	5.3
S. Carlos . . . .	90.0	6.2	3.6
Guaratinguetá . .	83.5	5.5	10.9
Botucatu. . . .	97.9	1.2	0.6

Por ahi se verifica que é, na zona da Central, cuja capital regional é Guaratinguetá, onde ainda existem, em maior porção, elementos melânicos em S. Paulo.

E' essa zona a mais impermeavel a penetração do exotico de além mar. Este não entra senão por uma infiltração muito tenue e muito lenta.

Talvez, por esse motivo, o melanico ahi avulte em maior porcentagem sobre o total. Se essa zona tivesse sido bem europeizada pelo immigrante, como o foram as do Oeste paulista, é possivel que ahi o melanico não tivesse porcentagens tão avultadas. A diminuição vegetativa dessa gente, porém tem lugar ahi do mesmo modo.

A mortalidade ahi, entre elles é maior do que entre os brancos; assim como a natalidade, é menor do que entre os brancos.

A consequencia será a mesma, ainda que mais demorada, pela menor coexistencia ahi de elementos exóticos europeus.

Mas se na zona da Central do Brasil, as porcentagens dos melânicos são maiores é justamente o contrario que se verifica nas zonas novas do Estado.

Botucatu, por exemplo, que é centro de regiões de recenseamento como as da Noroeste, as da Alta Sorocabana, ou as da Alta Paulista, com seu ramal de Piratininga, mostra porcentagens de melânicos muito reduzidas. Ahi a existencia destes é tão minima que as porcentagens da natalidade delles desaparece.

E' na Capital e em Santos principalmente, que os melânicos estão tendo um mais rapido processo de extincção. A luta pela vida os consome, onde ella se faz mais aspera, mais encarniçada, mais disputada. E isso se dá nas agglomerações. Na Capital, a mortalidade do melanico é enorme, mas a natalidade delles em Santos é ainda mais desesperadora! Ella desaparece e constitue agora uma porcentagem minima deante da dos brancos como a estatistica registra.

E' nessas grandes cidades que os melânicos encontram em maior quantidade os elementos que lhe são superiores no genero de trabalho das grandes agglomerações, trabalho esse, quasi sempre especializado nos diversos ra-



mos industriaes, os quaes demandam uma certa educação, cujo nivel elles não lograram attingir.

Com isso elles só buscam a lucta pelo sustento nos empregos accessorios, de muito menor remuneração, os quaes lhes proporcionam uma vida modesta, e lhes aperta os quadros de uma mais rigida economia, supprimindo-lhes muitas necessidades, etc., como lhes diminuindo muitos elementos de successo, nos embates diuturnos.

Elles, por isso soffrem mais que os outros e ficam em plano de decidida inferioridade. Isso tudo, conjugado a causas de natureza physiologica, as quaes eu já analysei em outro capitulo deste trabalho, acarreta-lhes uma maior mortalidade.

Nas regiões, onde o latifundio cafeeiro domina, o negro e o seu mestiço ainda pela sua inercia, e pela sua immobillidade, se apresentam como residuos das senzalas e dos quadrados do tempo do captiveiro.

Elles ahi, tambem rarissimamente progridem.

Quasi sempre são aggregados assalariados das fazendas, ganhando por dia de serviço. São carreiros, carroceiros, campeiros, camaradas de turmas, etc.

Só elles trabalham. Suas mulheres ficam em casa, na vadiação sordida fermentando nos mexericos. Ao contrario disso, os estrangeiros não dão descanso para suas mulheres, que acompanham os maridos na roça, com as enxadas, etc.

Em consequencia, os brancos ganham muito mais.

O negro e o mulato poupam a familiagem. Seus filhos, são os moléques arruaceiros das fazendas. Suas familias, formam o enxame de zangões das vizinhanças da casa de morada do proprietario lavrador, o que recorda os tempos do captiveiro.

Em toda a parte e melanico caminha rapido para o fim. Estê em alguns lugares está bem proximo. mas em todos não está longe.

## CAPITULO III

# PRELIMINARES

Quem tiver já lançado um olhar sobre um mappa de S. Paulo, que marque as densidades demographicas de cada municipio, verificará que, as agglomerações humanas se engrossam, na razão directa ou inversa da fertilidade das terras, que localisam culturas intensas, de varios vegetaes. Não é só no concernente ao café que se pode observar esse phenomeno, ainda que a cultura desse genero seja a columna mestra da economia estadual.

Eis que um mappa demographico e humano, coincide mais ou menos com um que estabelece a natureza das terras na sua composição chimica e no seu relevo physico.

E' uma flagrante relação anthropogeographica que marca um solido laço de connexão entre o homem e o ambiente extrinseco.

Sem duvida que não é a unica determinante da densidade demographica, essa derivada do sólo na sua composição ou na sua configuração. Ella pode ter uma magna influencia na delimitação demographica, sem duvida. Outras, porém não são de desprezar. Assim as vias de comunicação; as regiões mais ou menos industrialisadas, que são consequencias de causas varias; as naturezas e as formas da cultura, cousas que ainda que de um certo modo

ligadas a natureza do sólo, não se prendem unicamente a esse factor; o systema da divisão da propriedade, etc., são causas que influem na densidade das populações.

Assim, por exemplo, os municípios de S. Bernardo, Jundiáhy, Sorocaba ou Limeira, nos quaes a cafeeicultura ultrapassou a sua phase de decrepitude angustiosa, para attingir as raias da extincção, são nucleos que caminham para um industrialismo intenso, adensador de gentes. E' uma evidencia notoria a mostrar a efficiencia de uma determinada actividade economica, para um certo indice de adensamento humano. Esse adensamento ultrapassa o nível permittido nesse sentido pela cafeeicultura.

A pequena propriedade rural, tal como existe nos municípios de Soccorro, de Bragança, ou de Piracicaba, constitue outro typo, que apresenta um determinado indice demographico (37).

Nos municípios cafeeiros, onde o pequeno latifundio prepondera, tal como existe em S. Manoel, em Ribeirão Preto, em Cravinhos, em Jahú, em Sertãozinho, em Jaboticabal, a densidade pode subir, quando as circumstancias favorecem, até 45 a 50 habitantes por kilometro quadrado.

Em regiões, porém, onde a fraqueza das terras para a producção do café, obrigou o fraccionamento da propriedade, com a adopção de outro genero de cultura, a densidade pode subir de 60, 70, ou 75 habitantes por kilometro

---

(37) Verifica-se que a cada typo de organização economica, corresponde um determinado indice de densidade humana.

Assim a cultura do café determina um indice-tipo; a cultura cerealifera obriga outro typo; — a maior ou menor industrialisação de um municipio o molda de uma morphologia demographica especial.

Como essa organização economica está na dependencia, em grande parte da constituição physico-chimica do solo, e do clima, como de outros factores extrinsecos, vê-se bem como os grupos humanos soffrem mais ou menos pressões externas.

quadrado, como se pode observar em Serra Negra, em Socorro e mesmo em Amparo, ou Bragança.

As zonas de pecuaria, de engorda, as zonas de sertão, ainda semidesbravadas, ou as do litoral, sem povoamento apreciavel, apresentam densidades muito baixas, não ultrapassando 15 habitantes por kilometro quadrado.

Eis Santo Anastacio, Itapetininga, Barretos, Igua-pe, etc.

Entremeando esses municipios de typo marcado, padrões por excellencia, que mostram caracteres extremados, existem as circumstancias mixtas, que reúnem, conforme as circumstancias oriundas da composição da terra, da configuração do sólo, etc., o latifundio cafeeiro, tendo ao lado muito campo de criar, com muitas extensões despovoadas e virgens.

Com todas essas noções preliminares, verifica-se que seria de vantagem a divisão do Estado nas seguintes classes de municipios:

- a) Classe de pequenos latifundios cafeeiros;
- b) Classe dos municipios industriaes e dos centros ferroviarios;
- c) Classe dos municipios de pecuaria, (de criação ou de engorda);
- d) Classe de municipios de polycultura e de pequena propriedade;
- e) Classe dos municipios despovoados do litoral.

\*

\*      \*

Vamos estudar cada uma dessas classes, procurando mostrar as differenças existentes entre ellas, como as suas delimitações demographico-economico-sociaes de cada uma, assim como as suas qualidades, as suas nuances ou as suas tonalidades.

Isso representa, sem duvida, uma tarefa penosa, mas para a qual eu envidarei esforços para a esmiuçar, clareando o campo trilhado de modo a ficar elle mais ou menos elucidado.

Os dados que possuo para isso são emanados de fontes officiaes, como das repartições do Serviço Sanitario ou da Secretaria da Agricultura, as quaes têm produzido os mais assignalados serviços ao exacto conhecimento do Estado.

Pena é que esses serviços tenham sido anonymos e mais ou menos inaproveitados.

Elles vão, porém, de uma forma, tornar possível o conhecimento de uma phase da evolução sociologica do Estado de S. Paulo. Os nossos posteroros que quizerem estudar a nossa perigrinação terão amplos elementos para o fazer nas menores minucias, se tal lhes aprouver.

## CAPITULO IV

### PEQUENOS LATIFUNDIOS CAFEEIROS

A primeira classe das nomeadas na nossa classificação é a formada pelos municipios especializados na cultura do café.

São municipios mais ou menos "*puro sangue*", ou "*hundred per cent*", como diriam os norte-americanos.

Nelles existem todos os attributos que marcam essa cultura na sua essencia.

O typo, as proporções, a repartição das propriedades, a densidade demographica, as tonalidades privativas, tudo nelles está evidenciando os limites desse typo.

Por isso eu busquei erigir esses 5 ou 6 nucleos de municipios de cultura cafeeira mais apurada para apresental-os como padrão social e economico, entre os que repartem o territorio de S. Paulo.

Vou procurar os estudar.

O primeiro nucleo é formado por Campinas, com cerca de 25 milhões de cafeeiros.

Municipio, grande, velho, de terras ainda optimas para a cultura do café, as quaes não obstante serem secularmente aproveitadas no mesmo sentido, sem terem a necessaria renovação de elementos chimicos, continúa a produzir boas safras.

E essas terras boas formam grande proporção na area total do municipio. Isso eleva a densidade demographica, a qual força a evolução para o fraccionamento da propriedade, o qual caminha sem lentidão, de um modo apreciavel e nitido (38).

A população se concentra mais pela industria que se vae expandindo ao redor do nucleo urbano importante que já é Campinas, como capital regional. Por isso a polycultura sem parar, se vae desenvolvendo em pequenos sitios e chacaras que se intercalam nos pequenos latifundios.

E', porém, nesses pequenos latifundios que se localizam as terras boas (o inverso seria mais verdadeiro, os latifundios é que se localizam onde existem terras boas) para o café. Desses só se vão fraccionando os que não produzem compensadoramente, ou os que mais foram infestados pela bróca.

Talvez seja, por esse motivo que a densidade de Campinas ande por 60 habitantes por kilometro quadrado, (numero elevado demais para o typo puro de municipio cafeeiro).

Essa população caminha, como toda a do Estado na senda directa de uma assimilação homogenisadora. A proporção de exóticos, porém, ainda é ahi elevada; principalmente se compararmos com o resto do Estado:

	<i>Paulistas</i>	<i>Estrangeiros</i>
Campinas . . . . .	81.8 %	19.2 %
Interior do Estado. . .	86.8 %	13.2 %
Capital. . . . .	73.7 %	23.7 %
Média geral do Estado .	85.2 %	14.8 %

---

(38) Campinas por esse fraccionamento da propriedade não é dos municipios cafeeiros, onde o latifundio pequeno se mostra com mais evidencia.

E' que região mais ou menos velha, nem todas as terras sustentaram o mesmo nivel de producção e dahi ellas corroborassem no fraccionamento da propriedade.

Isso tira a Campinas o character de municipio latifundario.

Nem por isso entretanto fica apagado o molde cunhado por Campinas de municipio typico, pois que ao lado dessas propriedades mais meúdas, ainda subsistem muitas fazendas grandes.

Nesse sentido, ainda é preciso que se lembre que Campinas é um centro ferroviario de monta, ponto de partida da linha Mogyana, de entroncamento da Sorocabana, como da linha Paulista, etc.

Ainda é preciso que se assignale a importancia industrial de Campinas, e além de tudo capital educacional como é, reunindo gymnasio, cursos normaes, etc.

Isso tudo obriga a um grande adensamento de população, o que tira a Campinas o character de centro "*puro sangue*" de cafeeicultura.

Por esses motivos expostos não é possivel Campinas apresentar resultados demographicos que no se façam em relação com o que reune.

Dessa população assim distribuida, Campinas apresenta as seguintes porcentagens quanto a dermocromia: (dados relativos ao anno de 1921)

Branços	.	.	.	.	.	92.7 %
Negros e Mulatos	.					7.3 %

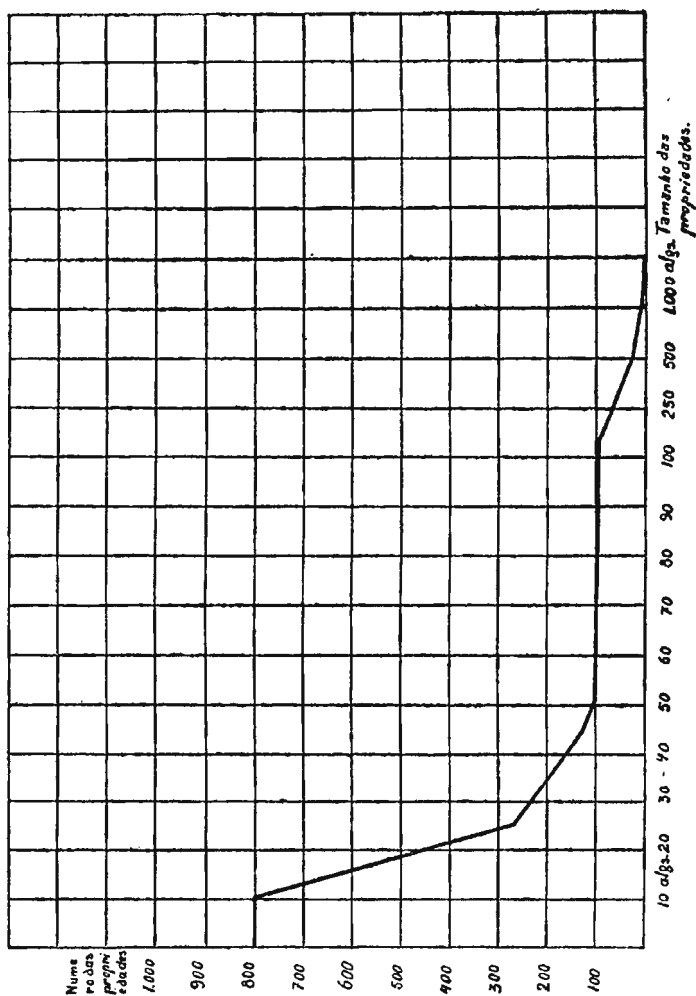
\*

\*      \*

No referente a distribuição das terras, o municipio de Campinas, de accordo com o apurado pelo Recenseamento Federal de 1920, pode-se organizar o seguinte quadro:



# Graphico relativo ao tamanho da propriedade e ao numero dellas em Campinas



<i>Area total do Município</i>	<i>Area cultivada</i>	<i>Area com café</i>	<i>N.º de ca- feeiros</i>	<i>N.º de fa- zendas</i>
134.000	52.000	32.000	25.000.000	837
hectares	hectares	hectares		
55.000	21.000	12.800		
alqueires	alqueires	alqueires		

Disso resulta:

<i>Area média de cada fazenda</i>	<i>Area cultivada de cada fazenda</i>	<i>N.º de cafeeiros de cada fazenda, em média.</i>
160 hectares	65 hectares	
66 alqueires	27 alqueires.	31.000 pés (39)

De accôrdo com o estado da divisão da propriedade apurada pela Estatística Agrícola e Zootécnica, organizada pela directoria da Estatística da Secretaria da Agricultura, no referente ao anno de 1930-1931, eis a forma da divisão da propriedade desse municipio paulista:

#### TOTAL DE FAZENDAS: 1399

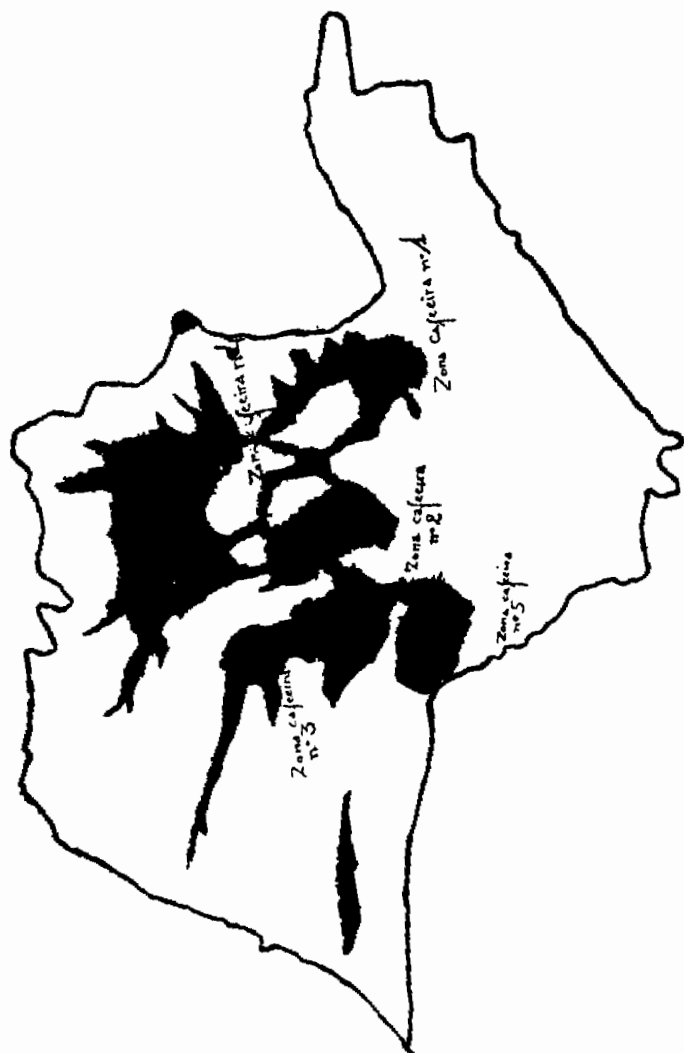
Até 10 alq.	Até 25 alq.	Até 50 alq.	Até 100 alq.
804	283	107	96
59 %	20 %	7.6 %	7.0 %
Até 250 alq.	Até 500 alq.	Até 1.000 alq.	De mais de 1.000 alq.
71	28	7	3
5.0 %	2.0 %	—	—

---

(39) A media é uma forma má, para se apreciar um estado sociologico qualquer.

Já verificamos acima que, a maxima frequencia é muito superior em evidenciar uma situação. Em sociologia, como em anthropologia é esse um criterio muito mais sadio.

## Zonas cafeeiras em S. Paulo



Segundo a mesma estatística tendo Campinas 24 milhões de pés de café, teremos que resulta uma media de 17.000 pés por fazenda o que demonstra como tem em Campinas declinado no regimen do latifundio.

\*  
\*      \*

O segundo dos nucleos cafeeiros no Estado, onde o tipo se marca de um modo mais accentuado, é uma mancha enorme centrada pelo municipio de Jahú, tendo como satelites S. Manoel, Dois Corregos, Bica de Pedra, Bocaina, etc.

Ahi nessa região, o sólo toma uma composição de natureza chimica especial, o que possibilita a cultura cafeeira, que sendo a mais remuneradora, foi naturalmente a preferida.

Todos os demais elementos concorrentes para a realização de uma determinada condição social e economica, se encontraram com felicidade, do que resultou esse segundo nucleo de municipios cafeeiros.

Essa mancha de terras apropriadas para o cultivo do café tem cerca de 120 mil alqueires de terras, aproveitadas com cerca de 70 milhões de arvores, distribuidas por 2.400 propriedades, de accôrdo com o quadro abaixo:

	AREA TOTAL em alqueires e em hecta- res	Area culti- vada em alqueires e em hectares	N.º de pés de café	N.º de pro- prietarios
Jahú . . . .	20.000 alq. 50.000 hect.	13.600 alq. 34.000 hect.	28.500.000	554
D. Corregos	30.000 alq. 75.000 hect.	5.200 alq. 13.000 hect.	7.000.000	495
B. de Pedra	14.000 hect. 5.600 alq.	11.000 hect. 4.400 alq.	5.000.000	185
Bocaina . .	26.000 hect. 10.400 alq.	13.000 hect. 5.200 alq.	8.000.000	160
Bariry. . .	50.000 hect. 20.000 alq.	20.000 hect. 8.000 alq.	7.000.000	608
S. Manoel .	80.000 hect. 32.000 alq.	31.000 hect. 12.600 alq.	24.000.000	402
Total . . .	295.000 hect. 122.000 alq.	122.000 hect. 50.000 alq.	79.500.000	2.404

Desses numeros pode-se calcular o seguinte :

	AREA TOTAL. media de cada fazenda	Area cultivada de cada fazen- da em media	N.º de pés em media de cada fazenda
Jahú . . . . .	100 hectares 40 alqueires	68 hectares 27 alqueires	36.300 pés
D. Corregos. .	153 hectares 60 alqueires	26 hectares 11 alqueires	14.200 pés
B. de Pedra. .	75 hectares 31 alqueires	59 hectares 24 alqueires	26.500 pés
Bocaina . . .	161 hectares 67 alqueires	80 hectares 33 alqueires	50.000 pés
Bariry . . . .	83 hectares 34 alqueires	33 hectares 14 alqueires	11.000 pés
S. Manoel . .	200 hectares 80 alqueires	77 hectares 32 alqueires	60.000 pés
Total. . . . .	122 hectares 50 alqueires	50 hectares 20 alqueires	29.500 pés

Por ahi se vê que é em Jahú, em Bica de Pedra, em Bocaina e em S. Manoel, onde mais se assignala o typo do latifundio cafeeiro.

São, porém, terras novas e pujantes. Seus elementos nobres, estão mais em actividade. Por isso esses municipios são mais essencialmente agricultores do que Campinas, que tem conjugado a sua actividade agricola, um grande centro ferroviario, com uma cidade grande onde existe muito elemento urbano, industrial e nas suas vizinhanças um verdadeiro jardim de pequena propriedade, que uma cidade grande sempre possui para as suas precisões.

Como typo de municipios cafeeicultores por excellencia esse grupo n.º 2, deve haver attingido ao climax do seu povoamento. E' muito grande a porcentagem das terras aproveitadas do total da area desse grupo de municipios. Poucas reservas, em mattas, restarão, e as pastagens ahi são minimas, porque as terras são de elevado valor, de modo que, tudo leva a crer que se houver de futuro um augmento da densidade desse grupo, não será muito grande.

Esse grupo cafeeiro é bem sèrvido de estradas de ferro e de rodovias, que como drenos encaminham a importação e a exportação, para esse centro e desse centro.

Ahi está a Paulista de um lado, com a Sorocabana de outro. Além disso uma densa rede de estradas de rodagem, se liga a Piracicaba-Limeira, por Torrinha.

Por esse excellente systema de communicações, que se completa pela rodovia estadual a S. Manoel-Botucatú-Tietê-Itú-S. Paulo, esse grupo respira livremente e faz circular com rapidez a sua riqueza economica.

Eis uma região paulista que está fadada a ser, ainda por um largo periodo de tempo, cafeeicultora por excellencia, não só pela distancia dos portos oceanicos de embarque, como ainda por não se poder vislumbra, qualquer outra

cultura, que economicamente ahí possa substituir a do café, o que se dá em outras partes (40).

Os limites desse grupo cafeeiro n.º 2 são bem nitidos, assinalados pelos campos de S. Pedro, de Brotas, de Torrinhas, etc., de um lado, tendo de outro, os estereis areiaes de Iacanga e de Lenções.

A densidade demographica desse grupo vae de 45 a 50 habitantes por kilometro, podendo-se levantar o seguinte quadro quanto a sua composição ethnica:

	<i>Paulistas</i>	<i>Extrangeiros</i>
Grupo cafeeiro n.º 2 . . . . .	82.9 %	17.1 %
Media do Interior do Estado.	86.8 %	13.2 %
Capital . . . . .	73.7 %	26.3 %
Media de todo o Estado. . . .	85.2 %	14.8 %

Sob o ponto de vista dermocromico, a população do segundo grupo de municipios cafeeiros é mais melanizada do que a de Campinas, da Capital ou de Santos. Para 85% de brancos 15% representa a existencia de negros e mulatos.

\*  
\*      \*

O terceiro grupo de municipios distinctos do typo de pequeno latifundio cafeeiro é o formado por Baurú, Alta Noroeste-Piratininga-Marília.

Esse nucleo de municipios cafeeicultores "*puro sangue*", se estende em ponta até o divisor Peixe-Feio. Zona novissima, de lavoura, ainda em formação, não attingiu ao ponto maximo da sua densidade demographica.

---

(40) Em Limeira e em Sorocaba como em Araras ou em S. Roque, eis a fructicultura assumindo a preponderancia.

Em Campinas a industria, o que acontece a Jundiáhy, a São Carlos, etc.

Em Tatuhy o algodão, etc.

Ella deve oscilar de 15 a 30 habitantes por kilometro quadrado.

A excellencia de suas terras virgens em reboante renome, attrae, como se fora uma região aurifera. Gentes de todas as partes affluem para ahi, seleccionadas e aventureosas.

Isso faz prever, para dentro de cinco para dez annos uma densidade, ahi maior do que a caracteristica do grupo cafeeiro n.º 2, mesmo porque ao lado do pequeno latifundio, figura um povoamento pela pequena propriedade que se vae desenvolvendo em fantastica produção cerealifera.

Dessa região ainda sem limites exactos prefixados, se desenha extensa e promissora a Noroeste, com uma grande area entre essa via ferrea e o futuro percurso da Paulista, sobre o espigão do Tietê-Feio-Aguapehy.

Na parte da Alta Noroeste, de que fazem parte municipios como Pirajuhy, Lins, Cafelandia, Avahy e Baurú, existem fazendas grandes, pequenos latifundios com mais de um milhão de arvores cafeeiras, ao lado de outras não muito menores.

Não se deve confundir essa parte do Estado com a Baixa Noroeste, quando a via ferrea demanda o rio Paraná, para a sua travessia para o Estado de Matto Grosso.

Essa Baixa Noroeste com os municipios de Promissão, de Pennapolis, de Biriguy, etc., como tambem nos municipios da Alta Paulista, de Duartina, Garças, Gallia, Marília, etc., as propriedades são em numero muito maior, e o fraccionamento da propriedade é muito mais nitido. Ahi em breve a densidade demographica irá para os 40 a 50 e mesmo 60 habitantes por kilometro quadrado.

Voltemos porém ao nosso grupo n.º 3.

Elle forma uma zona bem servida por vias de communicações. São a Paulista e a Sorocabana, além da Noroeste e de magnifica rede rodoviaria, que vae desaguar no tronco de Botucatú a S. Paulo. Essas vias proporcio-



nam meios de crescimento demographico para zona opulenta que é nosso objectivo estudar.

Em relação a composição da sua população, o grupo em referencia tem a seguinte dosagem:

	<i>Paulistas</i>	<i>Extrangeiros</i>
Grupo cafeeiro n.º 3. . . . .	87.8 %	12.2 %
Media do Interior . . . . .	86.8 %	13.2 %
Capital . . . . .	73.7 %	26.3 %
Media de todo Estado. . . . .	85.2 %	14.8 %

Esse grupo é formado por municipios mais novos, que não receberam o influxo directo dos exóticos immigrants.

Estes não foram directamente para esses municipios, como aconteceu em relação aos grupos anteriormente tratados. Só o fizeram de um modo indirecto, passando por um estagio mais ou menos longo em outras regiões do Estado.

Quando tiveram o destino de ir para esses municipios novos, já a assimilação caminhava adeantada. Para ahi deveriam ter se mudado, em maioria, os filhos de estrangeiros, mesmo porque estes, na sua maior parte, ou haviam morrido, ou se tinham enraizado na zona velha. Elles não eram homens para correr mais aventuras.

Por esse motivo á região é mais apaulistanada.

Os estrangeiros ahi são os recémvindos, apenas. Por isso são poucos.

\*

\*      \*

O quarto grupo cafeeicultor é o formado pelos municipios que se escalam desde Ribeirão Preto, Cravinhos, Sertãozinho, etc., na Mogyana, continuando pelos de Jaboticabal, Bebedouro, etc., na Paulista e de Taquaritinga na Araraquarense. Esse grupo é o maior em area, como tam-

bem é o maior em numero de pés de café e é ainda o maior em numero de proprietarios.

Elle reune 100.000.000 de pés, plantados em cerca de 150.000 alqueires, pertencentes a cerca de 3.000 proprietarios, como se verifica do quadro abaixo.

A densidade demographica desse grupo é grande, abci-rando 45 habitantes por kilometro quadrado. Comprehen-de isso os pequenos latifundios cafeeiros de que Ribeirão Preto e Cravinhos são bem os expoentes representativos, á zona de propriedade menor, na Paulista e na Arara-quareense.

De facto, é em Ribeirão Preto e em Cravinhos onde se situam as maiores fazendas de café do Estado, com as de São Martinho, de Guatapará, de Dumont, com dois, tres ou quatro milhões de pés cada uma. De região mais estric-tamente cafeeira esses dois municipios chegam ao climax em densidade demographica, particular a esse typo de cul-tura.

A cultura cafeeira, principalmente na sua parte indus-trial, adensa de certo modo a população. É' o transporte, o preparo nos despoldadores e nos tanques, como nos ter-reiros, é o beneficio com um processo de catação, de ensac-camento e de embarque que exigem um determinado es-forço braçal, o que obriga o uso de abundante mão de obra, em organizações complicadas e compostas de elevado nu-mero de individuos.

Ora, isso só pode ser existente nas grandes fazendas, como em Ribeirão Preto e em Cravinhos; é pois natural que ahi a densidade demographica se marque mais accen-tuadamente.

Estão de facto, ahi os verdadeiros latifundios agrico-las cafeeiros, "*hundred per cent*", onde foram abolidas quaesquer outras actividades, que não se relacionem com a cultura do café.

Ahi, elles se mostram pittorescos, com seu agrupamen-

to muito longo, de casinhas de colonos, encailhadas de branco, a vista da séde senhorial da fazenda, e ao lado dos estabelecimentos industriaes do preparo do producto, que pelo seu elevado preço permite uma grande installação de terreiros ladrilhados, pixados ou atijollados, para a seccagem, com suas tulhas bem servidas de “decauilles”, o seu abundante machinario de despulpamento, com baterias de tanques de lavagem, etc. Ao fundo na encosta, está o pomar de verde escuro, macisso com suas arvores fructiferas maiores. Ahi estão mangueiras, laranjeiras, limoeiros, bananeiras, parreiras, etc.

Entremeados nesse conjunto harmonico, eis de branco, bem caiadas, as casas da administração, das turmas volantes de assalariados e dos mais aggregados, estes quasi todos “*abodarrados*”, cabras, cabroxas, e pardavascos, de todos os matizes dermocromaticos e capilloformes, emquanto que nas colonias se encontram os elementos italianos, com seus “*capos*”, ao lado dos hespanhoes com seus “*je-fes*”, que se vão deixando assimilar á medida que os tempos vão correndo a os envelhecer.

\*  
\*      \*

Na tonalidade da população, eis como está ella constituida, neste nucleo de municipios que eu separei em grupo de cafeeicultores:

	<i>Paulistas</i>	<i>Extrangeiros</i>
Grupo de municipios n.º 4. . . . .	84.1 %	15.9 %
Media no interior. . . . .	86.8 %	13.2 %
Capital . . . . .	73.7 %	26.3 %
Media geral do Estado. . . . .	85.2 %	14.8 %

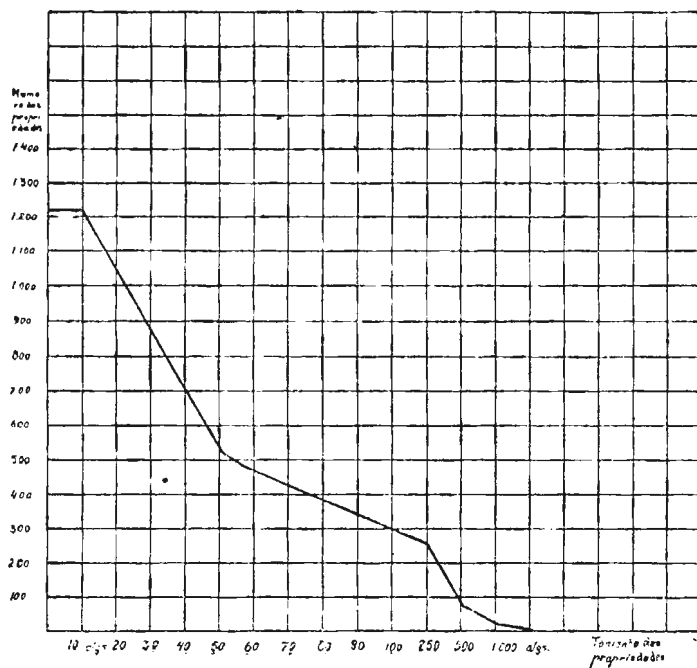
Trata-se de zona mais antiga. Ahi os elementos persistem mais crystallizados, mais estaticos, como se verifica das medias de extrangeiros que ainda existentes, se

apresentam maiores do que em outros grupos, sobrepujando mesmo a média do interior do Estado e de todo o Estado.

No que concerne a dermocrómia essa região tem as mesmas porcentagens que as já vistas para o grupo anteriormente tratado. Isto é 85 % do total são brancos e 15 % são melânicos.

\*  
\*   \*

De accordo com dados do Recenseamento Federal de 1920, eu organizei o graphico e o quadro seguinte, no que concerne a repartição da propriedade:



Populações Paulistas 301

<i>Municípios</i>	<i>Area total</i>	<i>Area cultivada</i>	<i>Area com café</i>	<i>N.º de pés de café</i>	<i>N.º de propriedades</i>
h. Preto.	114.000 h. 45.000 a.	54.000 h. 21.600 a.	36.000 h. 13.600 a.	30.000.000	254
avinhos .	46.000 h. 18.400 a.	21.000 h. 8.400 a.	15.000 h. 6.000 a.	13.000.000	85
rtãosinho.	86.000 h. 34.400 a.	23.000 h. 9.200 a.	13.000 h. 5.200 a.	12.000.000	400
botic. . .	134.000 h. 53.600 a.	41.000 h. 16.400 a.	23.000 h. 9.200 a.	20.000.000	909
bedouro .	74.000 h. 29.500 a.	20.000 h. 8.000 a.	13.000 h. 5.200 a.	13.000.000	486
uarit. . .	73.000 h. 29.200 a.	25.000 h. 10.000 a.	20.000 h. 8.000 a.	16.000.000	568
al . . .	527.000 h. 210.200 a.	184.000 h. 74.000 a.	120.000 h. 47.600 a.	104.000.000	2.702

Do que se póde tirar as seguintes conclusões:

<i>Municípios</i>	<i>Area media de cada propriedade</i>	<i>Area media cultivada de cada propriedade</i>	<i>N.º medio de pés de café de cada propriedade.</i>
h. Preto. . .	180 alqueires 448.4 hectares	84 alqueires 212.6 hectares	118 mil pés
avinhos . . .	216 alqueires 540 hectares	98 alqueires 245 hectares	164 mil pés
rtãosinho . .	86 alqueires 215 hectares	23 alqueires 57.5 hectares	30 mil pés
boticabal . .	59 alqueires 147 hectares	19 alqueires 45 hectares	22 mil pés
bedouro . . .	70 alqueires 175 hectares	16 alqueires 41 hectares	27 mil pés
uarit. . . .	52 alqueires 130 hectares	17.6 alqueires 44 hectares	28 mil pés
dia total . .	78 alqueires 195 hectares	27 alqueires 68 hectares	38 mil pés

Dahi se verifica, a similitude desse grupo de municipios com os que formam os grupos anteriormente revistos.

Proseguindo na analyse desse grupo de municipios cafeicultores, encontra-se interessante estatistica, em publicação da Secretaria da Agricultura, concernente á divisão da propriedade:

<i>Municipios</i>	<i>Prop. até 10 alqs.</i>	<i>Prop. até 25 alqs.</i>	<i>Prop. até 50 alqs.</i>	<i>Prop. até 100 alqs.</i>	<i>Prop. até 250 alqs.</i>
Ribeirão Preto .	109 (40 %)	41 (16 %)	22 (8 %)	18 (7 %)	42 (16 %)
Cravinhos. . . .	33 (28 %)	21 (18 %)	9 (7 %)	17 (14 %)	21 (18 %)
Sertãozinho . . .	222 (51 %)	79 (17 %)	52 (13 %)	26 (7 %)	30 (7 %)
Jaboticabal . . .	502 (38 %)	401 (30 %)	216 (16 %)	114 (8 %)	79 (6 %)
Bebedouro. . . .	129 (33 %)	103 (27 %)	75 (18 %)	50 (12 %)	34 (8 %)
Taquaritinga . .	223 (26 %)	323 (36 %)	162 (19 %)	80 (8 %)	50 (6 %)
TOTAL . . . . .	1.218 (35 %)	968 (28 %)	536 (18 %)	305 (8 %)	256 (7 %)

<i>Municipios</i>	<i>Prop. até 500 alqs.</i>	<i>Prop. até 1.000 alqs.</i>	<i>Prop. de mais de 1.000 alqs.</i>	<i>TOTAL</i>	
Ribeirão Preto. .	11 (4 %)	15 (6 %)	8 (3 %)	266	
Cravinhos. . . .	8 (7 %)	4 (4 %)	3 (3 %)	166	
Sertãozinho . . .	18 (4 %)	2 (0.5 %)	7 (1 %)	436	
Jaboticabal. . . .	16 (1 %)	3 (0.2 %)	11 (0.7 %)	1.342	
Bebedouro . . . .	13 (3 %)	8 (2 %)	1 (0.2 %)	413	
Taquaritinga. . .	10 (1 %)	3 (0.4 %)	—	851	
Total . . . . .	76 (2 %)	35 (1.0 %)			

Por esse quadro se verifica o quanto o pequeno latifundio foi conservado nos municipios de Ribeirão Preto e de Cravinhos.

\*  
\*      \*

O ultimo grupo de municipios cafeeicultores que eu separei no Estado é o n.º 5, e na Estrada de Ferro Sorocabana. Abrange elle os municipios de Pirajú, Oleo, Santa Cruz, Ipaussú, Chavantes, etc. Ahi a producção se faz colossal, pela ubertosidade de um sólo de privilegio a multiplicar os esforços e as actividades dos quantos procuram essa magnifica mancha de terra roxa.

Zona isolada pelo carrascal do sertão que se inicia em Salto Grande e que com pequenas manchas só vae terminar em Regente Feijó. Do outro lado, essa zona se delimita pelos campos do Avaré, como pelos municipios sem povoamento e sem ferrovias, de Italy e de Fartura, como pelos sertões virgens do Estado do Paraná.

Assim, o grupo cafeeiro n.º 5 é isolado e bem marcado, tendo a serviço do escoamento da sua producção, a linha tronco da Sorocatana, bem como rodovias que por Itapetininga e Sorocaba demandam São Paulo.

De todos os grupos de cafeeicultores é este o mais assimilado. Trata-se de zona nova, mais impermeavel á penetração do elemento estrangeiro, que de preferencia se derramou pelas zonas Mogyana, Paulista, Araraquarense, e mesmo pela Noroeste:

Assim é que consegui organizar para essa zona a seguinte tabella estatística:

	<i>Paulistas</i>	<i>Estrangeiros</i>
Grupo cafeeiro n.º 5 . . . .	89.5 %	10.5 %
Media do interior . . . . .	86.8 %	13.2 %
Capital . . . . .	73.7 %	26.3 %
Media do Estado. . . . .	85.2 %	14.8 %



Esses grupos perfeitamente distintos, que se ressaltam isolados no mappa economico do Estado, tem entre tanto afinidades limitrophes, que, embora produzam café, em larga escala mesmo, não pôdem ser considerados como "*puro sangue*", isto é, com exclusividade relativa na produção cafeeira. Esses outros municipios mixtos, possuem grandes áreas de campos, de capoeiras, de terras secundarias e mesmo terciarias, as quaes não se prestam senão para culturas menos exigentes que o café, ou para a pecuaria.

A densidade demographica desses municipios mixtos, por isso é pequena e irregular, oscillando de 15 a 35 habitantes por kilometro quadrado, deixando no mappa demarcados os que podem exercer mais intensa actividade cafeeicultora.

Dessa classe de municipios mixtos, são por exemplo: Ribeirão Bonito, Araraquara, Botucatú, São Simão, Araras, Descalvado, Rio Claro, Casa Branca, Cajurú, Mattão, Franca, Ibitinga, Itapolis, etc.

Essas são regiões que não possuindo a feracidade propria para o cultivo intenso do café, sem abandonar, de todo esse ramo de actividade agricola, para o que aproveitam as pequenas manchas de terras boas que possuem, vão se entregando evolutivamente á polycultura, que obriga a maior repartição da propriedade com as suas consequencias.



## CAPITULO V

### NUCLEOS INDUSTRIAES

Na classe dos municipios industriaes estão a Capital, São Bernardo, Sorocaba, Jundiahy, Limeira, São Carlos, que em maior ou menor escala, mantem grande parte de sua população presa aos mistéres da industria em varias das suas modalidades (41).

---

(41) E' preciso que se diga com franqueza que em S. Paulo a industria verdadeira é muito mal representada. O famoso parque industrial paulista é antes uma figura de rethorica.

Infelizmente S. Paulo não pôde ter industria de verdade. Não tendo materia prima derivada da grande siderurgia, a industria paulista se limita aos tecidos, aos moinhos de trigo importado, a fiação e tecidos de juta importada, ao fabrico de sapatos com couro curtido no estrangeiro, etc.

Essas industrias, nem sequer são originaes. No Districto Federal, existem os mesmos ramos industriaes. Pôde variar a proporção, mas a natureza da industria é a mesma.

Talvez por isso é que a producção industrial paulista é quasi que toda consumida *in loco*, muito pouco sendo exportada para os Estados brasileiros.

Esses Estados tambem alimentam essas mesmas industrias, de modo que elles não têm grande interesse em comprar do que S. Paulo fabrica.

População de pequeno poder aquisitivo, de minima capacidade de consumo, de necessidades de vida muito reduzidas, pois que o gráu de civilisação, em media attingida por essa população é baixo,

Nesses municipios chamados industriaes do interior, a densidade demographica sóbe a mais de 60 habitantes por kilometro.

Essas cidades adensam uma população seleccionada. Ahi se reúnem gente de espirito urbano, especializadas em mil manufacturas, individuos principalmente de origem exotica.

Isso se verifica mais evidentemente na propria Capital paulista.

Nos bairros differentes da Capital se concentram em nucleos isolados os individuos de cada estirpe nacional.

No alto da Moóca, ou na Lapa, eis, o hungaro e o slavo. Nas ribanceiras do Tietê, eis o luso e o hespanhol. No Braz, no Bom Retiro, etc., o italiano ainda está em numero, no caminho de um desaparecimento mais ou menos rapido. Na rua 25 de Março, na rua Florencio de Abreu o syrio se accumula. Na rua Tabatinguêra e nas redondezas, o japonico se concentrou, etc.

ella não exige grande cousa. Isso no que concerne a quantidade como no que respeita a qualidade.

As pequenas industrias locaes satisfazem perfeitamente o que precisam.

O Districto Federal mais a mão, lhes envia de seu parque industrial o que lhes falta.

Ainda por isso S. Paulo vende aos Estados brasileiros, muito pouco.

Os fretes de cabotagem são elevadissimos no Brasil, a mercadoria assim chega ao consumo por um preço muito elevado para o brasileiro em geral.

Só extrema necessidade faz com que elle consuma.

Assim, a palavra industria que aqui emprego não deve ser tida como significando a mesmissima cousa que em paizes onde ella existe realmente.

Eu a uso unicamente para significado sociologico quasi se equilibrando ao termo — urbanisação —, e em opposição sociologica a agricola.

A conquista desses bairros, onde se nucleam estrangeiros vae caminhando, á medida que a lucta da assimilação galga as trincheiras e baluartes em que elles buscam resistir ás armas da educação, da imitação dos contactos, etc.

Isso tudo na Capital marcha muito mais lentamente e custa prélios muito mais arduos, refregas muito mais acesas, do que no interior rural, onde tudo caminha por si, com um automatismo predeterminado, pela maior convivencia do exotico com os preexistentes, mais democraticos, mais modestos e mais pobres do que os preexistentes da Capital, os quaes por esses motivos fogem mais ao contacto com o exotico.

No interior não ha imprensa estrangeira a aviventar as marcas da patria distante; — ahi não ha consules, a lhes espicaçar os pruridos de saudosismo nostalgico, a lhes servir de elo ligador ás terras de origem; — ahi as communicações com a extranja se fazem muito mais difficeis.

Mas, mesmo na Capital, ainda, mesmo nesses nodulos industriaes a assimilação vae realizando seguramente o seu trabalho. Nada póde resistir á assimilação, mesmo na Capital, onde ella talvez seja menos rapida, menos efficaz, etc.

E' por isso que no tocante ás estirpes nacionaes existem differenças que precisam ser repetidas:

	<i>Paulistas</i>	<i>Estrangeiros</i>
Capital . . . . .	73.7 %	26.3 %
Interior. . . . .	86.8 %	13.2 %
Estado todo. . . . .	85.2 %	14.8 %

Na zona que comprehende as redondezas da Capital, com os municipios de Parnahyba, de Santo Amaro, de Cotia, de Araçaryguama, de Guarulhos, etc., o industria-

lismo não penetrou. A pobreza das terras conservou em pequena propriedade os elementos preexistentes que vivem de produzir "quitandas" para a Capital.

Ahi as porcentagens estão a variar para os paulistas com 95.3 % e 4.7 % para os estrangeiros todos reunidos.

Sobre a dermocracia a Capital apresenta as seguintes porcentagens:

	<i>Branços</i>	<i>Negros e mulatos</i>
Capital com redondezas.	94.12 %	5.88 % (42)

Esses numeros são respeitantes á Capital do Estado, que é um dos centros industriaes nomeados. Os demais acompanham as tendencias marcadas em maior escala, como é natural pela Capital.

---

(42) Esses dados são colhidos no "*Annuario Demographico*", mas referentes ao anno de 1921. Hoje, 13 annos passados, deve ter havido progresso para o branco e proportional regresso para os outros.

## CAPITULO VI

# ZONAS DE CREAÇÃO

As zonas constituídas pelos municipios de criação e de engorda, são tres, perfeitamente nitidas e separadas.

A primeira dellas é composta dos municipios de Barretos, Orlandia, Olympia, etc., nas vertentes do rio Grande. São regiões de campos nativos e de invernadas naturaes, situadas até ás lindes mineiras do Triangulo uberabense, proximas de Goyaz e não longe de Matto Grosso. Ellas se prestam muito para a pecuaria e particularmente para a engorda de gado, arrebanhando-o magro, nas longas caminhadas nesses Estados vizinhos.

O boi comprado magro, em Matto Grosso, em Goyaz em Minas é ahí nessas regiões engordado e depois remettido para os matadouros.

Por isso, essa é a zona dos entrepostos e dos frigoríficos.

E' ahí que as boiadas cansadas e emmagrecidas com as grandes marchas, desde os bordos dos Tocantins e Araguaya, ao Norte, ou dos pantanaes alagadiços do Paraguay, a Oêste, vão repousar e se refazer das agruras soffridas. Sem o carrapato, transmissor da piroplasmose, livres do berne, com aguadas abundantes, com um sólo de composição chimica apropriada, esses municipios, se opulentam com o capim gordura, ou com o jaraguá. Elles formam um reservatorio inesgotavel dos "*packing house*" das xarqueadas, não sô ahí localizadas, como ainda na Capital, em Santos, em Cruzeiro, etc.

A segunda dessas zonas é formada pelo municipio de Novo Horizonte, arredondado com áreas semelhantes de circumscripções vizinhas.

Sobre a margem direita do Tietê, com faccis ligações ferro e rodovias com o Estado de Matto Grosso, essa zona tem um sólo, na sua composição chimica e na sua configuração physica, absolutamente privilegiado.

Sem a marca das terras roxas, (decomposição do diabase) essa zona está perfeitamente livre de ser uma zona mixta agro-pecuaria. Ella não reúne a cultura agricola, ao regimen pastoril. Este só impera. As terras não contém elementos que as habilite a uma producção agricola qualquer. São assim aproveitadas no pastoreio.

Isso acarreta como consequencia fatal uma série de modalidades sociologicas inilludiveis, as quaes as estatísticas assignalam em algarismos.

Eis a grande propriedade, com a pequena densidade demographica; eis uma composição ethnica especial, com uma formação dermocronica sui-generis. São resultados ineluctaveis e determinados pelo regimen pastoril, este fructo de um sólo especialmente constituido, com seus satelites de factores de outras naturezas que o rodeiam com o conjunto de possibilidades. E' sempre o meio extrinseco influindo no homem.

A terceira zona, se situa na parte do Sul do Estado, nas regiões lindeiras com o Estado do Paraná. Ella é provida de boas aguadas do systema pothamographico do Paranapanema, do Itararé, e dos seus affluentes.

Ella se constitue dos municipios de Itapetininga, de Faxina, de Bury, de Capão Bonito, de Angatuba, de São Miguel Archanjo, de Sarapuhy, de Itaberá, de Itararé, de Bom Successo, etc.

Essa zona, não tem o rebrilho e a opulencia, nem o movimento febricitante das regiões, onde o café é o apagnio da prosperidade. São municipios mais modestos,

de menos recursos e de menos gente. Formam elles uma zona pastoril, com uma grande area territorial e com uma pequena e rala população, como as suas congeneres já referidas. Por isso a densidade delles não ultrapassa o numero de 15 habitantes por kilometro quadrado.

São as terras descampadas e desnudas de horizontes mais largos, mas que não abrandam muito o acolinado bravo do terreno atapetado de verde cinza, ondulante pelas vastidões.

Se, porventura, São Paulo tivesse que possuir cavallariano (43) seria em Barretos ou em Itapetininga.

E' ahi que se vê o homem a cavallo, de ponche, de largo sombreiro, com um laço trançado, na garupa de seu corcel nervoso.

O homem é amorenado, mais pelo tistar do sol, do que pela raça.

Elle ahi é mais paulista, pois que o estrangeiro, mais ávido das labutas agrarias e urbanas, não penetra tanto na massa preexistente.

Ao estrangeiro, vindo das regiões densas da velha Europa, não seduz o mugido do bovino, rompendo as solidões ermas, como não encanta o tamborilhar confuso de patas velozes dos ginetes no chão hervoso dos capinzaes interminos.

---

(43) A guerra de 1932 confirma isso. Ella foi travada na frente Sul, que se estendia por toda essa região, com grande quantidade de cavallaria.

Isso era de se observar do lado paulista, como para o lado inimigo que tinha no exercito do commando do General Waldomiro de Lima nada menos de duas divisões de cavallaria do Rio Grande do Sul, constituida com regimentos ahi estacionados.

Além disso os dictatoriaes, possuiam artilharia a cavallo em abundancia.

Nas demais frentes de batalha, a lucta, ao invés de ter a movimentação que a região facilitava no Sul, era porfiada com muito maior porcentagem de forças de infantaria.

O estrangeiro é de formação social agricola e por demais sedentario. Elle só aprecia o cavallo como meio de transporte e só se utiliza da vacca, do porco ou do carneiro, como "quitanda", para lhe fornecer leite pela manhã, ou para lhe dar toucinho, ou lã para o proprio consumo. Não pensa em fazer negocio com os productos desses animaes.

O preexistente dessas zonas de que cuidamos, ao contrario. Elles pastoreiam o gado, engordam bois, criam porcos, e mantem cavallos, com a unica preocupação de tirar proveito economico de monta dessa fonte de riqueza.

Não lhes imbue um tão arraigado sedentarismo.

Tinge-lhe ainda a psychologia uns laivos de nomadismo do indio, ou o irrequietismo buliçoso do bandeirante. Com igual fervor, elles amam a terra, porque é della que vem a alimentação para os seus rebanhos. Uma differença separa, porém, essas zonas.

A de Barretos é mais de engorda de gado bovino.

A de Novo Horizonte é mais de criação desse mesmo gado.

A de Itapetininga é mais de criação de gado suino.

Eis as nuances economicas que marcam essas repartições paulistas.

A ultima dessas zonas, sendo de importante criação de porcos, tem forçosamente que alimentar ao lado do pastoreio desse gado uma certa actividade agricola, pois que o porco, differente do boi ou do carneiro, não se satisfaz com a alimentação activa dos pastos. Elle exige um supplemento racional, em que o milho, a batata, a mandioca, a abobora entram em larga quantidade.

Por isso essa zona não despreza com totalidade a agricultura. Ella é obrigada a mantel-a em certas porções.

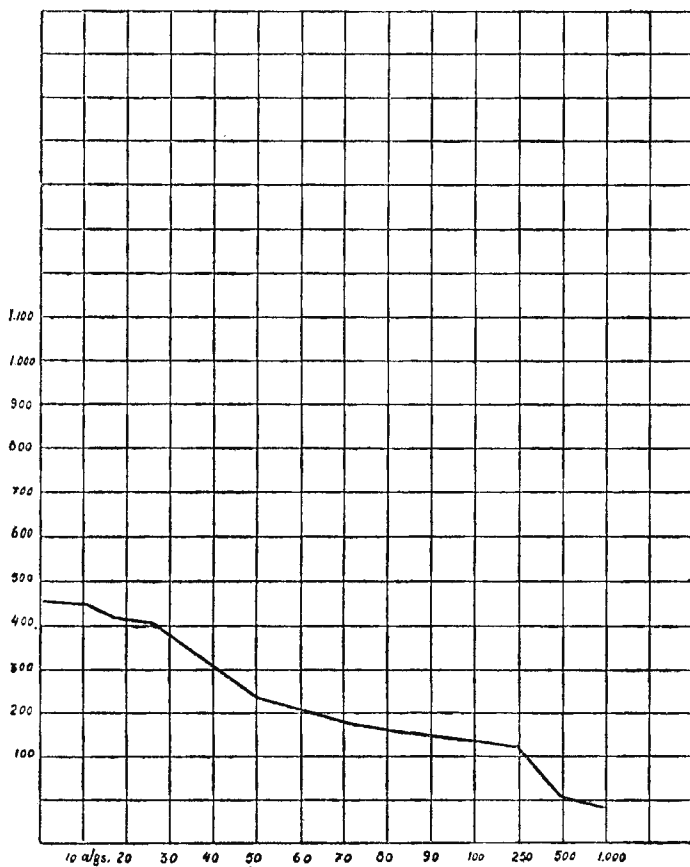
No que concerne á repartição das propriedades desta terceira zona, eis o que encontrei na publicação já tão citada da Secretaria da Agricultura:



# PROPRIEDADES

	<i>Até 10 alqs.</i>	<i>Até 25 alqs.</i>	<i>Até 50 alqs.</i>	<i>Até 100 alqs.</i>	<i>Até 200 alqs.</i>	<i>Até 500 alqs.</i>	<i>Até 1.000 alqs.</i>	<i>Mais de 1.000 a.</i>	<i>TOTAL</i>
Barretos . . . .	91	96	78	62	80	36	19	13	475
Orlandia . . . .	63	42	23	16	18	19	8	1	190
Olympia . . . .	297	285	170	124	102	44	25	18	1.065
	<hr/>	<hr/>	<hr/>	<hr/>	<hr/>	<hr/>	<hr/>	<hr/>	<hr/>
Total. . . . .	451	423	271	202	200	99	52	32	1.730
	26%	24%	15%	11%	11%	5%	3%	2%	
Itapetininga. .	246	198	110	69	21	11	3	5	663
Itararé . . . . .	115	92	55	27	24	9	5	3	330
Faxina . . . . .	505	160	103	59	26	12	16	14	895
Itaberá . . . . .	115	92	95	71	47	15	9	1	445
Bury . . . . .	84	81	37	32	25	16	8	4	287
	<hr/>	<hr/>	<hr/>	<hr/>	<hr/>	<hr/>	<hr/>	<hr/>	<hr/>
Total. . . . .	1.065	623	400	258	143	63	41	27	2.620
	40%	23%	15%	9.8%	5.4%	2.4%	1.8%	1%	

Graphico da propriedade da zona pastoril



No que concerne ás medias, sobre o tamanho das propriedades, e das areas de cada municipio, temos o seguinte de accôrdo com o Recenseamento Federal de 1920:

	<i>Area total alqs.</i>	<i>N.º de propriedades</i>	<i>Area media de cada pro- priedade</i>
Zona de Barretos . . .	341.000	1.956	180 alqs.
" de Itapetininga . .	392.000	1.988	200 "

Vê-se por ahi, quão maiores são as propriedades, na area territorial.

Em Faxina, nesse Sul paulista, onde o frio intenso enregela, nas noites longas de Junho, e onde a geada branqueia, como um nevoso sudario, nas madrugadas invernosas tambem se ergue esguia a araucaria em grupos de altas copas, a quebrar a monotonia dos descampados.

Nessa zona, tambem o vento sul açoita, como um gelido minuano, as faces ossudas e descarnadas dos caboclos naquellas tardes limpidas e sem nuvens de Maio.

Em Barretos, até o falar differe do que se observa no interior paulista. Percebe-se a influencia do mineiro, que penetra com o seu sebú.

Ahi a actividade, a agitação e o movimento renascem com as subidas das exportações das "*chilled*" ou das "*frozen meat*".

E' das regiões satelites de Itapetininga, que vae a maioria dos porcos para os matadouros de S. Paulo, como é de Barretos que vão os bovinos para essa Chicago paulista.

\*

\*      \*

De accôrdo com as estatisticas da publicação da Secretaria da Agricultura, referente a 1930-1931, eis os nu-

meros de cabeça dos diversos rebanhos das duas regiões pastoris do Estado:

	<i>Gado Bovino</i>	<i>Gado cavallar</i>	<i>Area em pastos alqueires</i>
Barretos . . . .	11.100	2.400	43.830
Orlandia . . . .	9.000	500	9.565
Olympia. . . .	20.000	4.300	15.667
<b>Total . . . .</b>	<b>40.000</b>	<b>7.200</b>	<b>69.062</b>
Bom Successo . .	5.000	1.600	16.600
Itapetininga . .	10.000	2.500	22.500
Faxina . . . .	13.500	6.000	43.000
Capão Bonito . .	3.000	3.400	2.827
Angatuba . . . .	8.600	3.207	21.240
S. Miguel A. . .	2.400	2.400	2.819
Sarapuhy . . . .	2.700	800	1.546
Itararé . . . .	4.600	1.500	15.000
Itaberá . . . .	4.550	1.650	7.340
<b>Total . . . .</b>	<b>55.350</b>	<b>22.057</b>	<b>132.872</b>

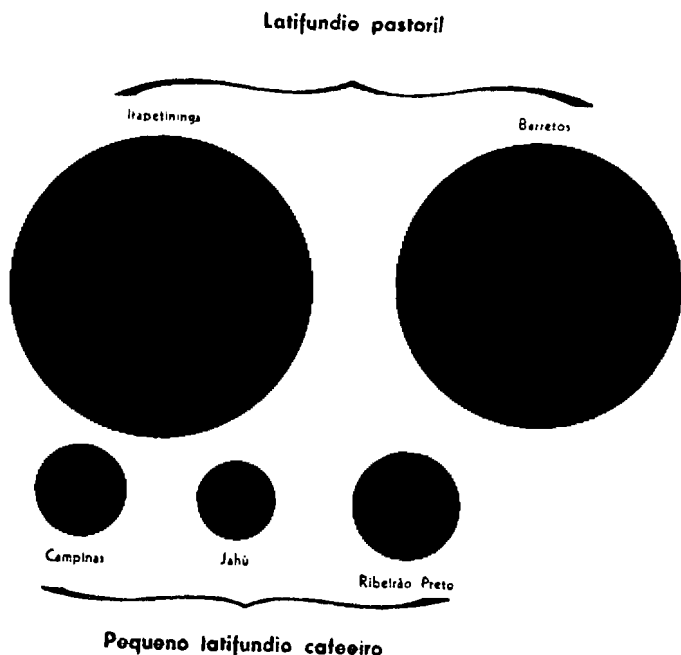
Sem embargo de tudo isso, o municipio do Estado em que a creação mais prepondera é sem duvida o de Novo Horizonte, onde elle só pela importancia da sua industria pastoril merece ser considerado como uma terceira zona estadual de creação. Eis segundo as mesmas estatisticas a graduação em que é tido:

	<i>Gado bovino</i>	<i>Gado cavallar</i>	<i>Area em pasto</i>
Novo Horizonte. .	36.000	4.500	31.519 alqs.

Eis as tres zonas do Estado em que a industria pastoril avulta. Essas zonas, como é natural, apresentam typos sociaes algo differentes. As fazendas ruraes, ahi, não têm o aspecto das da zona cafeeira do Estado.

Nada de movimentação ; nada de agitação. São zonas socegadas, onde a actividade é mais vegetativa. São zonas de pouca população. Ahi os mistéres economicos se cifram em pastorear rebanhos, quando muito em crear porcos.

Que differença daquelles formigueiros humanos que



são as fazendas de café, com toda a sua actividade agricola do trato do cafesal, como da pittoresca colheita dos seus fructos, com toda a faina industrial do preparo e do

manuseio do producto que é um padrão de alto preço e que proporciona gorda remuneração!

Nas zonas pastoris tudo é differente.

A fazenda de crear tem sua casa isolada, com suas cabeças de gado vaccum ao redor, naquella vida modorrenta, onde até o sol parece ter preguiça de atravessar o céu nublado e tristonho.

Os retiros isolados em distancias immensas, quebram a solidão das capoeiras ralas de quando em vez, como em langoroso protesto assignaladas pelas araucarias, sempre em grupos a marginalizar os corregos de aguas carregadas e verdes.

Viaja-se pelas rodovias, seguindo por essas zonas, quasi sem encontrar gente.

São zonas de pouca densidade demographica, de minima densidade economica.

A fonte de riqueza dessas zonas não é uma mercadoria que tenha alto poder de remuneração. Por isso o ouro é ahi mais parco. A vida, ahi nessas zonas, é mais modesta. Os costumes, ahi, são mais sobrios. O conforto, ahi, é menor. As cidades que constellam essas zonas são menos garridas e pelas suas ruas uma maior quietude dá a ellas um aspecto de mais simplicidade, um ar mais acabrunhador.

Na zona de Barretos porém, quando a carne está em alta, a vida se reacende como uma braza que o vento aviva, afugentando as cinzas que lhe cobrem.

Os sertanejos surgem como "cow-boys" de um "far west" paulista e uma maior riqueza anima o burgo, com sua vida nocturna mais agitada. O jogo adquire mais enthusiasmo e os "cabarets" perdem o sudario macambuzio que os soterrou.

São luzes fugazes, porém, porque a carne não demora em cahir.

## Zonas pastoris no Estado



Os inglezes, os maiores consumidores da carne frigorificada ou resfriada, dão pouco valor aos mestiços de zebú que a nossa inclemente mesologia lhes envia para competir com os gordos “herefords” ou “durhams” argentinos, ou com os protegidos “afrikanders”.

O preço da carne marca o aumento ou a diminuição da vida dessas zonas, que parecem mergulhadas em constante desalento.

Sob o ponto de vista de assimilação, essas zonas assim repartem a população, segundo as nacionalidades:

	<i>Paulistas</i>	<i>Estrangeiros</i>
Zona de Itapetininga . . . . .	96.6 %	3.4 %
Zona de Barretos . . . . .	87.5 %	12.5 %
Média do interior . . . . .	86.8 %	13.2 %
Capital. . . . .	73.7 %	26.3 %
Média de todo Estado. . . . .	85.2 %	14.8 %

Como se vê, essas zonas de gado são mais paulistas que as mais, apresentando porcentagens de paulistas acima da média do interior, já não falando do Estado todo.

A actividade pastoril, só por si já attrae menor quantidade de exóticos oriundos de outras formações sociais, mais sedentárias, mais fixas, mais enraizadas.

A zona de Itapetininga, porém, é muito mais paulista do que a de Barretos, que conta com uma porcentagem de estrangeiros muito maior.

Nesta, o elemento estrangeiro penetrou muito mais, talvez em razão da maior proximidade de seus focos, pelas margens da ferrovia Paulista.

A zona de Itapetininga, mais isolada dos núcleos cafeeicultores, caminhou para uma composição ethnico social diferente.



## CAPITULO VII

### A PEQUENA PROPRIEDADE RURAL

A classe dos municipios de pequena propriedade, toma cada vez mais uma marcha accelerada na sua evolução.

Essa classe tem dois caracteristicos de summa monta: Adopta a polycultura como actividade economica e reúne uma maior densidade demographica.

Aliás esta é a tendencia irreprimivel da marcha em que vae São Paulo.

Com uma area territorial constante e immutavel, a população caminha em augmento. Esse augmento é causado por duas forças concorrentes:

- a) Saldos da immigração sobre a emigração, o que deixa saldos annuaes medios de 50 a 60 mil individuos;
- b) Saldos vegetativos da natalidade sobre a mortalidade, o que nos dá em media annual de 120 a 130 mil individuos.

Isso faz com que o territorio paulista cada anno seja povoado por cerca de 170 a 200 mil individuos a mais, havendo um progressivo adensamento de população (44).

---

(44) O crescimento vegetativo em S. Paulo em relação às regiões brasileiras obedecia seguinte estatística, em 1930.

**Zonas de pequena propriedade no Estado**



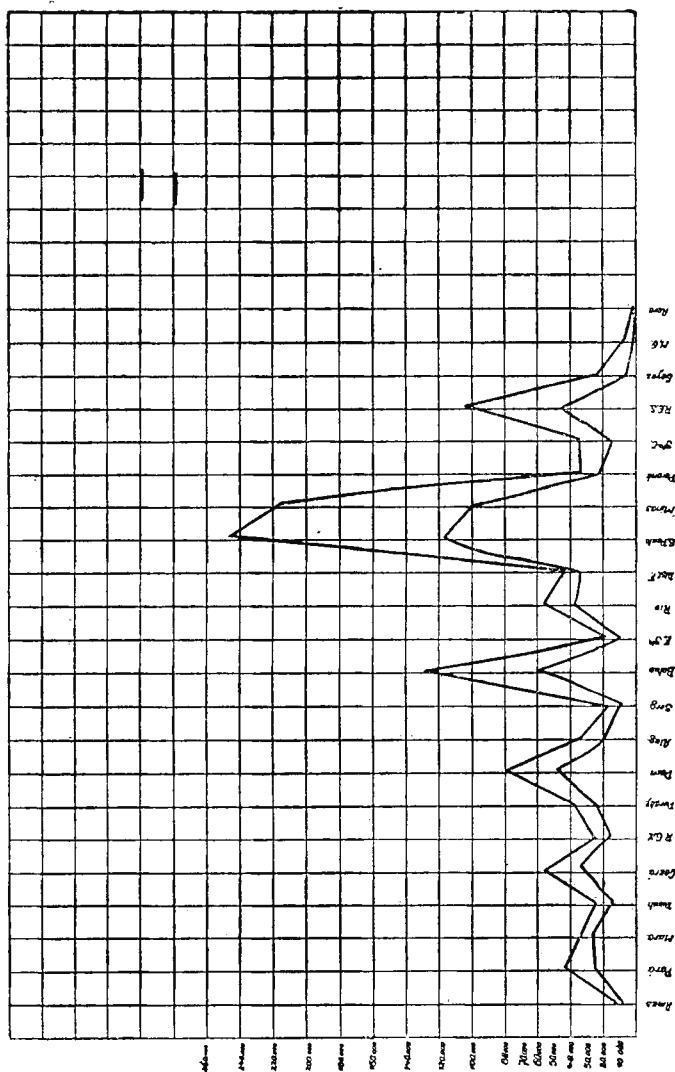
Desse augmento, inevitavel se torna o fraccionamento da propriedade.

O Brasil, no seu inicio, viu as grandes sesmarias, como a da casa de Garcia de Avila na Bahia, depois os latifundios sertanejos, tanto em Minas como na propria Bahia, depois a propriedade media que foi diminuindo, até chegar ao que é hoje.

E' natural que cada especie de actividade agro-pecuaria, tenha o seu typo de propriedade. O plantio da canna de assucar, por exemplo, requer uma propriedade

<i>Estados, Districto Federal e Acre</i>	<i>Nascimentos</i>	<i>Casamentos</i>	<i>Obitos</i>
Alagoas. . . . .	33.837	6.132	18.690
Amazonas . . . . .	12.354	2.282	6.626
Bahia . . . . .	126.587	21.875	58.591
Ceará . . . . .	54.817	10.307	31.051
Districto Federal.	43.374	8.121	31.628
Espirito Santo. .	20.645	4.151	8.211
Goyaz. . . . .	23.906	3.982	7.992
Maranhão. . . . .	32.333	6.095	24.888
Matto Grosso. .	10.495	2.246	3.963
Minas Geraes. . .	216.453	41.601	102.827
Pará . . . . .	40.242	6.754	23.968
Parahyba do Nte.	36.682	7.825	21.383
Paraná . . . . .	34.675	6.426	15.444
Pernambuco. . . .	80.525	16.054	47.286
Piahy . . . . .	22.924	4.760	12.295
Rio de Janeiro .	56.089	12.101	35.494
R. G. do Norte .	23.799	4.206	13.171
R. G. do Sul. . .	105.594	18.754	44.381
Sta. Catharina. .	35.182	5.791	14.014
<b>São Paulo . . . .</b>	<b>244.141</b>	<b>50.174</b>	<b>117.072</b>
Sergipe. . . . .	16.791	3.628	7.914
Territ. do Acre .	3.177	619	1.734
	1.274.627	243.884	649.523

# Crescimento vegetativo da população nos Estados brasileiros



Traço superior: — Nascimentos  
 " inferior: — Obitos

avantajada em proporções. A lavoura de café, que pedia ainda no tempo do Imperio brasileiro, um latifundio mais ou menos grande, foi pouco a pouco reajustando o tamanho das fazendas, até que chegou ao que hoje nós conhecemos. E' natural que ella vá aos poucos reduzindo mais as suas proporções, modificando com essa evolução o systema de trabalho, hoje já muito differente do que era no decorrer do seculo passado. Amanhã outras formulas serão, por certo adoptadas de modo a vir accomodar uma maior divisão da propriedade.

Isso não é, só causado pelo augmento da população que obriga a serem aproveitadas as terras de qualidade inferior. Ha ainda corroborando nesse mesmo sentido o depauperamento das terras boas, com a baixa dos preços do café. Isso está a impulsionar o fraccionamento da propriedade e com ella a extensão da polycultura.

Com isso, vamos vendo o continuo esboroar dos grandes astros ruraes, com um incontido retalhamento que faz a propriedade caminhar para um regimen quasi identico ao existente na Europa.

Entre nós, temos bem nitidos varios grupos de municipios que representam essa evolução.

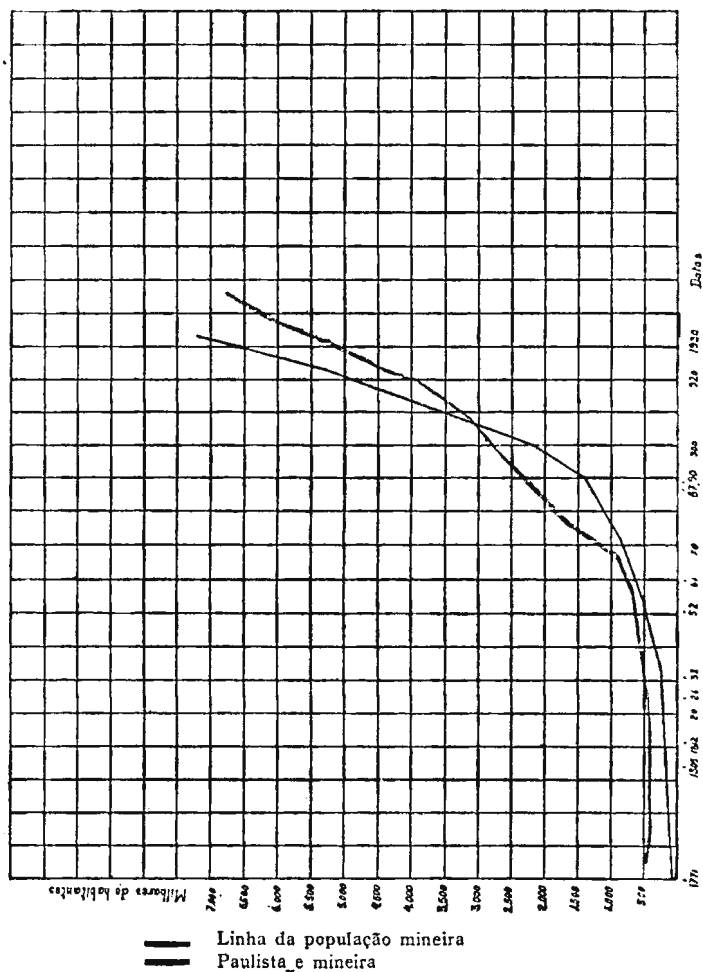
Nas raias fronteiriças de Minas, na cunha que esse Estado central faz em São Paulo, ha uma massa compacta, cuja densidade demographica vae além de 60 habitantes por kilometro, sendo que em alguns municipios, a densidade caminha pela casa dos 70 habitantes.

São elles: Bragança, Serra Negra, Soccorro, Itapira, Itatiba, Espirito Santo do Pinhal, Piracaia, etc.

Outro agrupamento dessa classe de pequena propriedade em S. Paulo, tem como centro Piracicaba.

Outra zona do typo de pequena propriedade está nas regiões novas. Na Araraquarense, na baixa Noroeste, como na Alta Sorocabana, os latifundios enormes, os grilos immensos, as sesmarias colossaes, estão sendo divi-

Graphico comparativo dos crescimentos das popula-  
ções paulista e mineira



didos em milhares de fazendolas e sitiecos, onde se estabelecem os colonos das regiões velhas, que á custa de um labutar insano, durante dezenas de annos, fizeram seu pé de meia.

Finalmente outra zona onde existe a pequena propriedade, é a circumvizinhança da Capital.

São os municipios de Parnahyba, de Cotia, de Araçaryguama, de Guarulhos, etc. que, apesar da grande pobreza de suas terras, se viram na contingencia de produzir farta mêsse de elementos da polycultura para ser surtida a Capital, com a qual enorme rede de estradas de rodagem, facilita uma rapida e facil ligação e um magnifico e comodo transporte.

Eis portanto quatro zonas do typo da pequena propriedade, perfeitamente marcadas:

- A) Grupo n.º 1, formado pelos municipios das redondezas da Capital.
- B) Grupo n.º 2, formado pelos municipios da fronteira do Sul de Minas.
- C) Grupo n.º 3, formado pelos municipios das vizinhanças de Piracicaba.
- D) Grupo n.º 4, formado pelos municipios das regiões novas.

Cada um desses grupos apresenta, como é natural caracteristicos especiaes, os quaes vamos analysar, utilizando para isso de dados estatisticos officiaes.

\*

\*      \*

O Grupo A, é formado pelos municipios de Araçaryguama, Parnahyba, Santo Amaro, Cabreúva, Itapecerica, Cotia, São Bernardo, Mogy-Mirim, Guarulhos e Juquery.

As terras dessa zona são muito pobres, com uma vegetação de barba de bôde, ilhando uma capoeira muito rala, ou então terra preta das vargens dos rios que por ella atravessam.

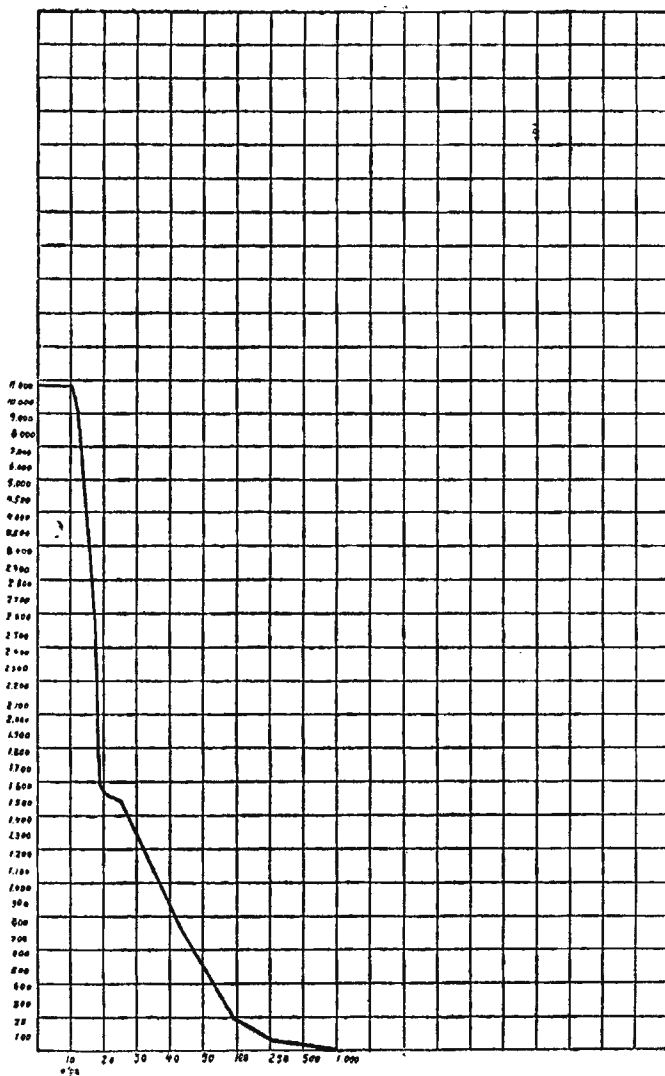
Como a vizinhança de uma cidade de mais de um milhão de habitantes, offerece um mercado de consumo a uma pequenissima distancia, ao qual a zona está ligada por uma magnifica rede de estradas, quer as de ferro, quer as de rodagem, desenvolveu-se ahi uma espantosa actividade agricola. Subiram as terras de preço, e com isso a propriedade caminhou para um subdivisão, de accôrdo com o quadro annexo, tirado graças a estatisticas da magnifica publicação da Secretaria da Agricultura: "*Estatistica Agricola e Zootechnica*" de 1930-1931.



# PROPRIEDADES

	<i>Até 10</i> <i>alqs.</i>	<i>Até 25</i> <i>alqs.</i>	<i>Até 50</i> <i>alqs.</i>	<i>Até 100</i> <i>alqs.</i>	<i>Até 250</i> <i>alqs.</i>	<i>Até 500</i> <i>alqs.</i>	<i>Até 1.000</i> <i>alqs.</i>	<i>Mais de</i> <i>1.000 a.</i>	<i>TOTAL</i>
Araçaryguama .	413	58	16	7	—	—	—	—	494
Cabreúva . . .	377	58	29	22	18	3	1	—	508
Cotia . . . . .	1.817	224	69	32	8	3	1	—	2.154
Itapecerica. . .	1.306	372	123	32	7	2	2	1	1.845
São. Amaro. . .	829	155	40	12	8	—	—	—	1.044
Parnahyba. . .	995	114	63	28	12	4	2	1	1.219
Guarulhos . . .	823	8	5	—	—	—	—	—	836
S. Bernardo . .	274	14	5	6	5	—	—	—	304
S. Roque. . . .	671	135	49	25	8	3	2	—	893
M. das Cruzes.	2.759	326	56	29	7	4	—	—	3.181
Juquery . . . .	522	74	35	6	2	2	1	—	642
	—	—	—	—	—	—	—	—	—
	10.786	1.538	490	199	75	21	9	2	13.120
Total. . . . .	82%	11%	3%	0.1%	0.05%	0.001%	—	—	

# Graphico do tamanho e do numero da pequena propriedade em S. Paulo



Sob o ponto de vista de nacionalidades esta zona é magnificamente paulista com uma bem fraca proporção de estrangeiros.

Região onde se havia crystallizado uma população paulista, durante varios seculos os poucos estrangeiros ahi existentes são os advindos da Capital penetrando por infiltração. Graças a dados referentes a 1921, contidos no "*Annuario Demographico*", eu consegui estabelecer, para ella, as seguintes porcentagens:

Paulistas . . . .	95.3%
Italianos . . . .	3.8%
Hespanhoes . . .	0.6%
Portuguezes. . .	0.2%

Depois dessa data, parece ter havido uma maior infiltração de japonezes. Isso deveria ter influido, de certo modo, a descolorir o quadro de nacionalidades da zona, augmentando em doses maiores as proporções de exóticos com as consequentes diminuições dos paulistas.

Nessa zona não ha quasi elemento brasileiro.

\*

\*      \*

O segundo grupo de municipios constituindo a zona da pequena propriedade é o formado pelos situados na ponta da fronteira mineira, nessa cunha que o Sul do Estado de Minas penetra em São Paulo.

São elles Amparo, Espirito Santo do Pinhal, Serra Negra, Soccorro, Bragança, Atibaia, Piracaia, Itatiba, Itapira, etc.

O typo da propriedade não é tão minuscuro como o do grupo anterior, o qual é composto mais propriamente de chacaras, sendo que em relação a elle, as propriedades

de menos de 50 alqueires formam mais de 96 % do total. O segundo grupo de municipios onde predominam as propriedades pequenas eleva a porcentagem das fazendas de menos de 50 alqueires a cerca de 90 %, o que já demonstra um bello progresso na esteira do fraccionamento da propriedade.

A area desse grupo não é grande. O municipio de Piracaia contém apenas 5.773 alqueires de terras, dos quaes apenas 2.524 alqueires aproveitaveis, em razão da composição chimica dellas, para a agricultura.

Esse municipio tinha em 1929, 78 fazendolas, o que resulta para cada uma, 3.23 de alqueire em média (45).

Isso é bem de ser comparado ao porte das fazendas dos municipios cafeeiros de Jahú, de São Manoel, de Ribeirão Preto ou de Cravinhos, em que as fazendas são cerca de 15 a 20 vezes maiores, em média.

Eis, segundo a "*Estatistica Agricola e Zootechnica*" citada, a divisão de propriedade neste grupo de municipios.

---

(45) Hoje o numero de propriedades augmentou para 843 como se vê da "*Estatistica Agricola e Zootechnica*", já tão citada, o que faz a media de cada propriedade diminuir ainda mais.

Em Piracaia existem cerca de 3.790.000 pés de café, do que resulta em se tendo em conta o antigo numero de proprietarios ruraes 4.600 pés para cada um em media e 4.490 pés em media em se tendo em conta o numero novo.

---

E' preciso notar que essa publicação da Secretaria da Agricultura fornece os dados que devem ser preliminarmente elaborados para depois serem tiradas as conclusões.

# PROPRIEDADES

	<i>Até 10 alqs.</i>	<i>Até 25 alqs.</i>	<i>Até 50 alqs.</i>	<i>Até 100 alqs.</i>	<i>Até 250 alqs.</i>	<i>Até 500 alqs.</i>	<i>Até 1.000 alqs.</i>	<i>Mais de 1.000 a.</i>	<i>Total</i>
Amparo. . . .	530	183	80	55	41	4	2	—	895
Esp. St°. Pinhal	347	103	45	48	40	7	2	—	592
Serra Negra. .	479	183	65	25	7	—	—	—	<u>759</u>
Bragança . . .	1.239	332	125	60	32	9	2	—	1799
Soccorro. . . .	628	288	77	35	9	—	—	—	1037
Atibaia . . . .	337	435	309	85	25	1	—	—	1192
Piracaia . . . .	403	305	92	29	11	2	1	—	843
Itatiba. . . . .	448	155	52	39	38	6	—	—	738
Itapira. . . . .	534	93	53	31	36	9	7	—	763
	<hr/>	<hr/>	<hr/>	<hr/>	<hr/>	<hr/>	<hr/>	<hr/>	<hr/>
Total. . . .	4.945	2.077	898	407	239	38	14	—	8618
	(56%)	(24%)	(10%)	(4%)	(2%)	(0.4%)	(0.2%)	—	

O terceiro grupo é constituído por Piracicaba, com os municipios satelites de Capivary, de Rio das Pedras, etc.

Piracicaba, tem cerca de 40.000 alqueires de area, dos quaes com apenas 2.400 aproveitados com cultura cafeeira, onde estão plantados cerca de 5 milhões e meio de arvores. O resto, isto é, a maior parte da area desse municipio, é aproveitada com variados ramos da agricultura, como de cereaes, de laranja, etc.

A area territorial dessa zona tem a seguinte divisão, segundo a já referida "*Estatistica Agricola e Zootechnica*", referente ao anno de 1930-1931:

## PROPRIEDADES

	<i>Até 10</i> <i>alqs.</i>	<i>Até 25</i> <i>alqs.</i>	<i>Até 50</i> <i>alqs.</i>	<i>Até 100</i> <i>alqs.</i>	<i>Até 250</i> <i>alqs.</i>	<i>Até 500</i> <i>alqs.</i>	<i>Até 1.000</i> <i>alqs.</i>	<i>Mais de</i> <i>1.000 a.</i>	<i>Total</i>
Piracicaba. . .	1.370	478	161	89	56	21	14	3	2.192
Capivary . . .	392	211	81	30	26	9	2	—	751
Rio das Pedras	165	80	30	15	13	4	1	—	308
	<hr/>	<hr/>	<hr/>	<hr/>	<hr/>	<hr/>	<hr/>	<hr/>	<hr/>
Total . . . .	1.927	769	272	134	95	34	17	3	3.251
	59%	23%	8%	4%	3%	1%	0.5%	0.1%	



O quarto grupo de municipios formando a zona n.º 4 da pequena propriedade é situado na região nova da Araquarense, da Noroeste e da Sorocabana, as quaes, parallelamente penetram na parte recém-desbravada do Estado de São Paulo, nos valles do São José dos Dourados, do Tietê, do Feio-Aguapehy, do Peixe, do Santo Anastacio e do Paranapanema.

Esse grupo, ainda que, não formando um todo continuo e compacto, tendo entre seus nucleos soluções de continuidade varias, nas quaes se entremeiam regiões não pequenas despovoadas, apresentam caracteres uniformes e semelhantes. São terras que, derivadas de immensas sesmarias, de grandes latifundios mais ou menos grilados, foram divididas em lotes, mais ou menos de area pequena.

Para ahi teria havido um verdadeiro enxurro de gente oriunda das regiões velhas do Estado que buscaram se estabelecer nessas terras virgens com sitios e fazendolas modernissimas, onde cultivam com esforço não pequeno os diversos ramos da agricultura, segundo são economicamente mais ou menos remuneradores.

Para ahi vão em maiores proporções os ibericos, ou os nipponicos, e agora os slavos e os magyares recém-vindos com algum dinheiro, o que logo empregam na aquisição de lotes de terras nessa zona, e ahi se fixam com suas familias.

De preferencia, enquanto formam seu café, cultivam cereal, mas com a quêda dos preços da rubiaceae, muitos desses incipientes cafesaes foram largados, não mais exacerbando as ambições nesses aventureiros corredores, nesse



“rush” formidoloso ao velocino agricola do valle do grandioso rio Paraná.

E’ assim que se formam cidades de aspecto rude e “farwestico”, as quaes crescem em cogumelica rapidez, em vida de agitação cinematica. Eis Rio Preto, Catanduva, Santo Anastacio, Presidente Prudente, Biriguy, Araçatuba ou Marília.

São populações que avançam destemerosas para a terra bruta, a se offerecer em substituição holocaustica aos jequetibás, as figueiras da matta virgem.

São essas populações compostas de semeadores de cidades, que surgem meteoricamente em florestas espessas, se derramando com suas ripas de madeiras grosseiramente talhadas pelos vallados mansos dos rios que descambam para o rio Paraná.

Mas as terras são muitas, as extensões colossaes, as areas immensas. Ellas não se podem saturar de gente a um só tempo. São tantas as terras a povoar que embora seja gulosa a ambição dos emigradores das zonas velhas, dos devassadores dos sertões, dos pioneiros dessas partes novas, que não é possivel, sem mais largo tempo, encher todas ellas e alcançar uma apreciavel densidade demographica.

Até bem pouco tempo, São Paulo se limitára na sua expansão, á margem direita do Tietê. Ha cerca de 15 annos que, houve verdadeiro transbordamento para a margem esquerda. Desde, então que não tem cessado um só instante esse desenvolvimento formidavel das regiões sertanejas.

O deslocamento das populações tem sido prodigioso. As zonas velhas são matrizes abertas ás escancaras, se esvahindo em gente. Presidente Prudente em dois mezes foi feito districto de paz, municipio e comarca. Essa ci-

idade em 1928, recebia, em media, 80 pessoas por dia, que ingressavam na faina trabalhosa desse municipio de prodigio.

Marilia, em dois annos attingiu a cerca de 1.500 casas e Rio Preto já deu origem a dez municipios novos, que se foram desmembrando da séde no seu crescimento vertiginoso. Pennapolis realizou o mesmo phenomeno de sissiparidade, em relação a 6 municipios, que são os constituidores da comarca desse nome.

Eis cidades, que amanhecem simples arraiaes e anoitecem já centros populosos, espantando com a velocidade febricitante da sua capilaridade social e da sua faina economica.

Apesar de tudo isso, máu grado esse impulso gigantesco, essas regiões estão, ainda na primeira infancia do povoamento, não podendo, em media, exhibir mais de 15 habitantes por kilometro quadrado, pois que enormes são, ainda, as areas vazias, as mattas a serem derrubadas, as culturas a se fazerem surgir, etc.

A continuação desse movimento para a esquerda do Tietê, o qual ainda que á custa do transbordamento da margem direita, não deixou esta depauperada. Pelo contrario, em razão do continuo e ininterrupto affluxo de novos immigrants, quer dos de além mar, ou dos vindos de Minas, da Bahia e do Nordeste, como ainda pelo augmento vegetativo das populações dessas regiões velhas, ellas se mantêm em nivel de progresso demographico.

Mas esse movimento se não paralisou, diminuiu de energia.

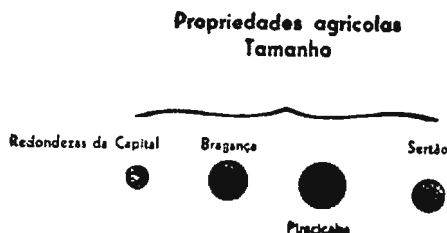
A crise economica fez com que houvesse um decrescimo no *rhythm* de progresso seguido pelo Estado de São Paulo.

Ao lado da crise economica que fez com que cahis-

# PROPRIEDADES

	<i>Até 10</i> <i>alqs.</i>	<i>Até 25</i> <i>alqs.</i>	<i>Até 50</i> <i>alqs.</i>	<i>Até 100</i> <i>alqs.</i>	<i>Até 250</i> <i>alqs.</i>	<i>Até 500</i> <i>alqs.</i>	<i>Até 1.000</i> <i>alqs.</i>	<i>Mais de</i> <i>1.000 a.</i>	<i>Total</i>
Rio Preto. . . .	490	348	195	56	50	10	5	2	1.156
Mirasol. . . . .	522	352	179	93	41	12	4	1	1.204
M. Aprasivel . .	807	605	339	189	91	26	12	7	2.076
N. Granada. . .	1.086	241	157	71	25	8	6	6	1.600
Catanduva. . . .	160	112	55	19	16	6	4	—	372
Itajuby. . . . .	310	240	98	48	23	2	2	—	723
Biriguy. . . . .	620	407	154	33	15	6	3	—	1.238
Promissão. . . .	240	158	63	13	6	3	—	—	483
Pres. Prudente .	1.415	550	193	53	18	2	—	2	2.233
St.º Anastacio .	371	282	118	53	8	11	5	3	851
Pres. Wenceslau	530	256	82	35	19	10	7	6	945
	<hr/>	<hr/>	<hr/>	<hr/>	<hr/>	<hr/>	<hr/>	<hr/>	<hr/>
Total. . . . .	6.551	3.551	1.633	663	312	96	48	27	12.881
	50%	27%	12%	5%	2.5%	0.7%	0.3%	0.2%	

sem os preços das principaes fontes de exportação paulista, como os do café, na carne e das fructas, temos a consignar uma intensa e malefica crise politica, que golpean-



do São Paulo com idéas absurdas e puritanismos mascarados desde 1930, faz com que o grande Estado esteja amarrado a um verdadeiro poste de tortura e de estagnação.

E' o desgoverno, são os desmandos, são as desordens administrativas, que levam a náu do Estado para um desarvoramento nitido e visivel.

Por isso não ha mais creações de districtos de paz de municipios ou de comarcas.

Isso poderá servir em dar alento ao movimento para a frente, em que São Paulo continuará a caminhar logo que entre o paiz na ordem constitucional.

No que concerne á divisão de propriedade desse grupo é de se ter em conta o seguinte quadro organisa-do, graças a dados tirados da "*Estatistica Agricola e Zootechnica*";

Da comparação desses quadros referentes á pequena propriedade no Estado se conclue o seguinte:

A primeira zona, nas redondezas da Capital, avulta mais a divisão da propriedade em lotes de menos de 10 alqueires. São as pequenas chacaras, as hortas, as floriculturas e a jardinagem em redor da grande "urbs".

As terras são iguaes em toda parte dessa zona; as mattas estão já derrubadas, o terreno está desbravado; existem estradas de rodagem por toda parte.

Ha em virtude disso tudo, maior aproveitamento das terras. A população ahi se adensa mais. Não é, porém, a parte mais nacionalisada do territorio paulista.

Por ahi ha muito portuguez, muito japonez, muito italiano, etc., a exercer a cultura intensiva do que de ordinario se chamam quitandas.

Muito contemporaneamente estão se introduzindo as creações de aves, de pequenos animaes, etc.

Essa zona é mais um reflexo da Capital. E' uma consequencia obrigatoria do impulso formidavel tomado pelo grande centro paulistano.

Com o crescimento da cidade essas vizinhanças irão paulatinamente se deixando engulir pelos tentaculos urbanos. São os tramways da Light, são os loteamentos, os terrenos vendidos a prestações, os arruamentos, a industria em estendimento na busca de terrenos mais baratos para nelles se estabelecer, etc. As habitações suburbanas de operarios estiradas pelas linhas de ferrovias, etc.



A zona n.º 2 já é muito differente. Não são as propriedades de menos de 10 alqueires que exercem uma supremacia estatistica esmagadora.

Ainda que ellas se apresentem com 56 % do total, representando mais da metade das propriedades, temos a considerar as que vão até 25 alqueires de tamanho.

Estas estão em 24 % do total, o que é uma porcentagem elevada.

São os municípios velhos que receberam ha mais tempo a onda immigratoria italiana, e que com o depauperamento das terras se fraccionaram logo.

A zona de n.º 3 comprehende Piracicaba, etc.

E' região de polycultura intensiva. Por isso ella apresenta uma grande semelhança nas porcentagens com as da zona n. 2.

E' de notar, porém, a subsistencia de nódulos de grandes propriedades, de latifundios, em maior proporção que na zona n.º 2. E' que a cultura da canna de as-sucar muito desenvolvida em Piracicaba e em Capivary, obriga a existencia desses latifundios, ilhados no mar da pequena propriedade. Por esse motivo essa zona se apresenta com a differença apontada.

\*

\*      \*

Mais differente porém é a zona n.º 4, constituida por municípios novos.

Ahi a terra é mais fertil. Ella é mais nova. Os elementos nobres do sólo ainda estão virgens. A matta está sendo derrubada. Para ahi emigraram os velhos trabalhadores dos latifundios cafeeiros.

Cortaram-se esses municípios em lotes maiores ou menores e foram estes vendidos em boas condições. Resultado: uma avalanche para essas zonas que se abriam com o advento das estradas de ferro inundando as ribanceiras do Tietê, do valle do Paranapanema, do São José do Dourado, ou das rodovias pelos espigões do Peixe, do Aguapehy, etc.

Se esses municípios estão bem cortados de lotes agrícolas pequenos, ainda lhes restam gordas reservas em terras incultas e ainda por lotear e subdividir e ocupar. Por isso é que as porcentagens dessa zona são no tocante á pequena propriedade inferiores ás das demais. Essas regiões não estão povoadas integralmente ainda. Se a propriedade se retalhou algures, ainda existem glébas enormes no estado de incultura e sem povoamento. Essas zonas não chegaram ao ponto de saturação.

No tocante á distribuição das nacionalidades das populações estabelecidas nessa zona de pequena propriedade, podemos dar o seguinte quadro comparativo:

	<i>Paulistas</i>	<i>Extrangeiros</i>
Grupo n.º 1		
Redond. da Capital. . . .	95.3 %	4.7 %
Grupo n.º 2		
Bragança, etc. . . . .	92.9 %	7.1 %
Grupo n.º 3		
Piracicaba, etc.. . . . .	87.2 %	12.8 %
Grupo n.º 4		
Regiões novas . . . . .	87.1 %	12.9 %
Media do interior . . . .	86.8 %	13.2 %
Media do Estado . . . .	85.2 %	14.8 %

Como se póde verificar com facilidade, esse typo social-economico de divisão territorial é muito mais apaulistanado do que o pequeno latifundio cafeeiro, por exemplo. E' que, quando o colono se liberta do fazendeiro de café, por cuja conta trabalha e busca se tornar independente, agindo por conta propria, já está passando para a segunda geração e esta é na sua maior parte constituída de gente já nascida em São Paulo. Assim, essas regiões

novas são em sua maior parte, habitadas por paulistas, ainda que filhos ou proximos descendentes de estrangeiros.

Os exóticos que existem nessas zonas novas, são em pequena parte gente vinda directamente para as suas minúsculas propriedades territoriaes, adquiridas graças ao dinheiro trazido por esses immigrants recém-vindos dos seus paizes de origem. Esses são sempre magyares, lettônios, lithuanios, slavos ou allemães.

Mas os grupos de pequenas propriedades, situados fóra das zonas novas, como o das redondezas da Capital por exemplo, não são de formação nacional identica.

Ahi os estrangeiros immigrants só entraram por infiltração da grande "urbs" que serve de astro central a esse grupo. Não são estrangeiros de extracção fortemente rural como os mais. Estabeleceram-se na Capital e aos poucos attrahidos pelo meio suburbano que lhes dava opportunidade de ruralmente negociar com as necessidades do grande centro consumidor que é a Capital.

Assim os poucos exóticos foram se infiltrando pela massa compacta de paulistas preexistentes nas redondezas da Capital.

Já o grupo n.º 2, nas fronteiras sulinas de Minas, foi differente.

Foi ahi que se deu o recebimento das primeiras ondas immigrantistas.

Já apparece a segunda geração perfeitamente identificada com os preexistentes de modo que entra nas estatisticas figurando como paulistas, e não como exóticos.



## CAPITULO VIII

# CONCLUSÕES

Dos capitulos anteriores verificamos de uma forma analytica, não só como se reparte a população do Estado, segundo as nacionalidades, diversamente distribuida pela area territorial paulista, como vimos, ainda, como a propriedade tende a se dividir, fazendo-se maior em umas zonas ou menor em outras.

Além disso procurei relacionar essas duas directrizes, mostrando em como ellas se combinavam, se conjugavam ou se condicionavam, nas differentes zonas do Estado.

Agora de uma forma synthetica, vou em quadros comparativos rememorar o estudado, para, em comparações resumidas e rapidas evidenciar de um modo mais nitido as conclusões que se podem tirar.

O Estado de São Paulo está dividido em quatro agrupamentos:

- a) *propriedades maiores*, que são as dos grupos pastoris, consistentes nas tres zonas de criação e de engorda que estudei
- b) *propriedades médias* que são as dos grupos cafeeiros

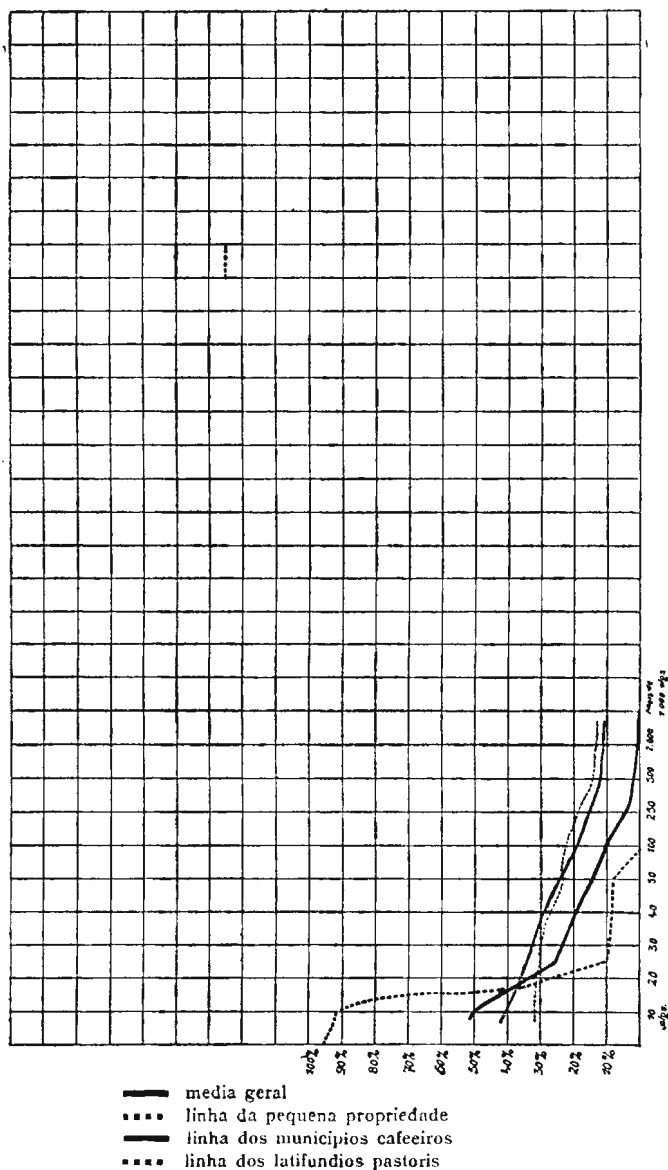
- c) *propriedades pequenas* que são analysadas nos seus quatro grupos
- d) *centros industriaes*

Nas propriedades maiores prepondera o elemento paulista, com pouca existencia do exotico.

O mesmo é de se observar nas pequenas propriedades. Ahi faz falta o estrangeiro e mais particularmente o italiano. Entre os estrangeiros o nipponico e o iberico apparecem com maior vulto.

Nos grupos cafeeiros e nos centros industriaes, o elemento exotico surge com maiores porcentagens. São as actividades e a forma de trabalho mais conforme a psychologia de gente de fóra, especialmente do italiano que avulta em maior proporção nesses lugares. Eis o quadro seguinte que bem synthetisa as comparações referentes á divisão da propriedade:

# Graphico comparativo da divisão territorial no Estado pelas porcentagens dos tamanhos das propriedades



## PROPRIEDADES

MAIORES	<i>Até 10</i> <i>alqs.</i>	<i>Até 25</i> <i>alqs.</i>	<i>Até 50</i> <i>alqs.</i>	<i>Até 100</i> <i>alqs.</i>	<i>Até 250</i> <i>alqs.</i>	<i>Até 500</i> <i>alqs.</i>	<i>Até 1.000</i> <i>alqs.</i>	<i>Mais de</i> <i>1.000 a.</i>
Grupo pastoril n. 1	26%	24%	15%	11%	11%	5.0%	3.0%	2.0%
Grupo pastoril n. 2	37%	30%	18%	8%	4%	1.5%	0.7%	0.5%
Grupo pastoril n.º 3	40%	23%	15%	9%	5%	2.4%	1.8%	1.0%
MEDIAS								
Grupos cafeeiros .	35%	28%	18%	8%	7%	2%	1%	—
PEQUENAS								
Grupo n.º 1 . . .	82%	11%	3%	0.1%	0.01%	—	—	—
Grupo n.º 2 . . .	59%	23%	8%	4%	3.0%	1.0%	0.5%	0.1%
Grupo n.º 3 . . .	50%	27%	12%	5%	2.5%	0.7%	0.3%	0.2%
Grupo n.º 4 . . .	56%	24%	10%	4%	2.0%	0.4%	0.2%	—
<i>Divisão da Pro-</i> <i>priedade do Es-</i> <i>tado . . . . .</i>	49.2%	25.1%	12.7%	6.6%	4%	1.3%	0.5%	0.2%

## CAPITULO IX

### A PROPRIEDADE NO ESTADO

Estudavam-se em minucias a distribuição da população e da propriedade no Estado de São Paulo. Restaria o fazer em conjunto. Seria preciso se verificar em golpe de vista geral como se reparte em numeros absolutos e em proporções a propriedade e as populações no tocante ás nacionalidades que as compõem.

No Estado inteiro, a propriedade se divide da seguinte fórma em media pelas proporções:

#### PROPRIEDADES

<i>Até 10 alqs.</i>	<i>Até 25 alqs.</i>	<i>Até 50 alqs.</i>	<i>Até 100 alqs.</i>	<i>Até 250 alqs.</i>
76.057	38.393	19.695	10.310	6.173
49.2%	25.1%	12.7%	6.6%	4.0%

<i>Até 500 alqs.</i>	<i>Até 1.000 alqs.</i>	<i>Mais de 1.000 alqs.</i>	<i>Total</i>
2.076	890	461	154.455
1.3%	0.5%	0.2%	

Para a organização do quadro supra recorri á magnifica publicação da Secretaria da Agricultura, denominada

*"Estatística Agrícola e Zootechnica"*. Tive porém, a precaução de não computar os dados referentes á Capital, porque os algarismos sobre a propriedade urbana viam perturbar os elementos por mim deduzidos em relação á propriedade rustica com as suas porcentagens, etc.

Desse quadro comparativo resaltam de modo bem nítido diversidades de distribuição da propriedade, segundo os differentes factores, como a disparidade da composição chimica ou do relevo physico do sólo, a situação ou a attracção dos centros de consunio, as communicações ferro ou rodoviarias, as varias edades das regiões, as especies de culturas adoptadas, etc.

Com essas differenças existem correlatas variedades a proposito de distribuição de nacionalidades, as quaes prepondêram em uma ou outra zona, como vimos de um estudo esmerilhado das proporções.

Ha ethnias que preferem certos mistéres ou certas regiões ou, ainda, certas culturas, como podem preferir determinada distribuição da propriedade.

Ha outras ethnias que mostram tendencia para cousas differentes, etc.

Sem embargo disso, verifica-se o modo absolutamente homogeneo como vae o processo assimilatorio se operando.

Apesar disso é de se verificar o modo por igual como se vae fazendo a mistura das differentes camadas humanas, sedimentadas no territorio paulista.

Todas essas ethnias se vão depositando por igual. Ellas não formam nódulos. Ellas não constituem kystos. Ellas não se mantêm separadas. Ellas não se mostram insolueis, como se verifica com a Europa, com suas minorias ethnicas.

E' com facilidade que se póde observar como ellas se vão espalhando.

E' com nitidez que se póde verificar como todas essas ethnias se vão collocando na melhor posição para a mistura homogenea e para a deglutição na mentalidade geral.

Existem apenas pequenissimas diversidades locais. Tenues nuances que só se apercebem depois de analyses extranhos.

Não são ellas, porem de molde a originar corpos extranhos.

As populações paulistas caminham com enorme rapidez para a formação de uma mentalidade homogenea, de um todo compacto, vigoroso e proprio, cousa que exige melhor articulação, para fazer parte de alguma organização artificial.

A massa immensa de varios milhões de paulistas, poderá bem repetir as palavras cromwellianas:

*"We are all a band of brothers".*

Essa irmandade psychologica vae cada vez se solidificando mais. O sangue vertido nos campos de batalha de 32 serviu de cimento para essa união concreta.

Todos commungaram nas mesmas dores; todos se misturaram nas mesmas ansias, todos passaram pelos mesmos transes, como todos foram guindados as mesmas glorias ou festejaram as mesmas alegrias.

Ora isso nivela, homogenisa, unifica. E' isso que se vem dando, depois de 30, acelerando o processo solidificador que vinha evoluindo até 30.

## CAPITULO X

# RESERVAS

Verificamos de um modo rapido a distribuição da população na area territorial do Estado de S. Paulo.

Vimos onde a densidade de população mais augmenta, como verificamos onde ella se faz mais escassa, e se torna mais rara.

Estamos vendo como isso se dá, recebendo a influencia da natureza das terras como da configuração physica das mesmas, a data do povoamento, e as communicações ferroviarias e rodoviarias.

De tudo, concluimos que o planalto paulista não está de tal modo recheiado de gente que não possa receber mais elementos immigratorios na sua area territorial. Ainda não chegamos, em nenhum lugar, ao ponto da saturação.

Isso sem embargo de ter a propriedade tomado uma directriz no processo do fraccionamento, o qual ella vae trilhando de um modo muito adeantado.

O maior indice de densidade de população no planalto é o de 65 a 70 habitantes por kilometro.



Mas isso é um caso excepcional e esse indice é vigente em apenas tres ou quatro municipios de pequena propriedade. A densidade media no Estado é de cerca de 30 habitantes por kilometro quadrado. Assim, pois, ainda poderemos quintuplicar essa densidade que não teremos necessidade de nos apertar. E' o quanto possui a Inglaterra, sem que isso cause um augmento nas porcentagens relativas á mortalidade. E' verdade que a natalidade ingleza se faz pequena e a Inglaterra é um paiz de emigração. S. Paulo, porém, pela muito maior capillaridade de seu organismo social admittiria uma concentração humana muito maior que a da Inglaterra. Ahi a emigração é uma consequencia mais da rigidez do corpo social. Eis Java, por exemplo com uma densidade demographica muito maior sem que isso obrigue a emigração. Mas passaríamos a ser igualmente uma região de emigração, sem que isso viesse a nos causar o menor incommodo. Mas para chegar a esse ponto teríamos muito a caminhar. O nosso territorio ainda não está todo povoado.

Ainda temos extensões consideraveis inteiramente despovoadas.

E' no litoral que se encontram areas maiores sem população.

E' nesse litoral mantido em paulistanismo primitivo que se tem conservado impermeavel a penetração do exotico. São paulistas que se isolaram de longo tempo nesses recantos, sem communicações faceis com os centros do planalto, de modo que, sem os recursos para o desenvolvimento de suas fontes de riqueza, conservaram a pobreza e o atrazo a que lhes foram predeterminados pela fatalidade historica e geographica.

No que diz litoral Sul, só agora a Sorocabana, com a sua linha de Juquiá, e a rede rodoviaria, que com seus

tentáculos se vae estendendo, começa a ser penetrada de estrangeiros adensando a sua população.

E' ahi que se inicia e se desenvolve progressivamente a pequena propriedade com o addendum da polycultura, com o japonéz, o hespanhol e o allemão.

Essa região de vertente atlantica, formidavelmente fertil vae sendo povoada por esses exóticos que preferiram se fixar em zona de proximidade atlantica.

Sem embargo de tudo a densidade da região não ultrapassa ainda os 5 habitantes por kilometro quadrado, cousa que faz della uma magnifica reserva para S. Paulo que assim tem excellentes campo de expansão.

As terras devolutas ainda abundam, com grandes massas florestaes, e riquezas mineiraes que se localisam nas proximidades da serra de Paranapiacaba.

Ahi nessa zona, o paulista ainda estava até 1928 na proporção de 98,8 %, contra 1.2 % de exóticos. E' natural que esta ultima porcentagem vá crescer, com correspondente diminuição da outra.

Mas o litoral Norte, tem sido mais isolado. Para ahi ainda não ha linha ferrea e só agora, em 1933, a estrada de rodagem liga a zona litoranea ao planalto, por Ubatuba-S. Luiz do Parahytinga-Taubaté. O caminho para lá chegar, alem do atalho de peão que tem sido mal trafegado, tem sido o marítimo. Apesar disso a densidade demographica dessa região é maior que a do litoral Sul.

E' possivel que isso seja em razão da vizinhança com a zona da Central do Brasil, que teve a primasia no desenvolvimento paulista, ha cerca de 80 annos.

Nesse litoral Norte a densidade media é de 15 habitantes por kilometro em municipios como os de Villa Bella, e Caraguatatuba, ficando em 10 em S. Sebastião

e em Ubatuba. Eis os restos da cultura da canna, que floresceu ahi em éras já remotas.

Essa população é tambem mais indigena, e as saudades do indio se reflectem no physico dos moradores, com seus malares em saliencia, bem como com o seu cabello negro e duro.

São talvez, vestigios, que ficaram como um ultimo lampejo de um passado distante que se vae sumindo agônico no horizonte.

Nessa zona ainda se avivam as lembranças do colonial sem riqueza.

S. Sebastião com as tacaniças de suas casas, com seus coqueiros no largo da matriz, toda encalçada de branco, suas ruas enlageadas, lembram o passado dos governadores, e dos capitães móres. Nas suas praias ainda ha canhões velhos largados e carcomidos, de quando os holandezes ameaçavam a costa sem defesa que não o ermo selvagem das solidões.

Eis a magnifica reserva territorial do Estado.

No planalto, tambem ha regiões sem povoamento.

Baseado em dados referentes a 1921 eu dividi o Estado em zonas, segundo as quaes a densidade assim se escalonava:

	<i>Densidade de população</i>	<i>Natureza econômica do trabalho</i>
Município da Capital . . . . .	4.687.4 habit. por kil.	Com. e industria.
Zona das redondezas da Capital	23.7 » » »	Pequena cultura
Santos (município) . . . . .	106.3 » » »	Entrepasto
Zona do litoral. . . . .	5.0 » » »	Cultura variada
Zona da Central do Brasil. . .	25.0 » » »	Cultura variada
Zona da parte velha da Sorocabana até Botucatu . . . . .	25.0 » » »	Café, cultura variada
Zona media da Sorocabana — Botucatu, Avaré, S. Manoel, Itapetininga . . . . .	15.2 » » »	Peq. latifundio, Pastoril.
Zona nova da Sorocabana — Assis a Pres. Wenceslau, Sta. Cruz, Ourinhos, Campos Novos, Pirajú . . . . .	6.3 » » »	Café, peq. cultura
Zona do alto Mogy Guassú — Amparo, Bragança, Socorro, Espirito Santo do Pinhal, Itapira. . . . .	47.0 » » »	Peq. propriedade, café
Zona do Rio Pardo — Ribeirão Preto, Cravinhos, Sertãozinho, Batataes, etc. . . . .	29.4 » » »	Peq. latifundio de café
Zona do Rio Grande — Barretos, Orlandia, Franca, Olympia, Ituverava, Igarapava. .	10.3 » » »	Zona pastoril, café.
Zona tronco da Paulista—Jundiahy, Campinas, Limeira, S. Carlos, Araraquara, Bebedouro, Araras, Descalvado, Jaboticabal . . . . .	34.8 » » »	Café, industria.
Zona do ramal de Jahú — Brotas, Dois Corregos, Pederneras . . . . .	33.7 » » »	Café
Zona douradense — Ribeirão Bonito, Itapolis, Ibitinga, Bauriry . . . . .	19.0 » » »	Café, peq. propr
Zona Araraquarense . . . . .	9.8 » » »	Peq. propriedade
Zona Noroeste. . . . .	6.2 » » »	Peq. propriedade

Como se verifica o Estado de S. Paulo ainda tem zonas de fraco indice de povoamento que pode ser elevado no que concerne a demographia.

A zona da redondeza da Capital ainda tem um coeffericiente de população muito baixo e que com facilidade pode ser elevado, para uma densidade que demonstre uma saturação maior. Ainda que a pequena propriedade predomine nessa zona ella pode ultrapassar a casa dos 50 habitantes por kilometro. Isso será uma realidade com o desenvolvimento da Capital, que já poderia ter alcançado o milhão e meio de habitantes não fossem as crises politica e economica que assaltaram o Estado.

O litoral com uma densidade de 5 habitantes por kilometro mostra estar ainda por povoar. E' uma zona immensa que poderá receber um consideravel augmento na sua população. As zonas nova da Sorocabana como a Noroeste ou a Araraquarense com indices de 6.3, de 6.2 e de 9.8 habitantes por kilometro podem ainda elevar muitissimo o povoamento. Milhões de habitantes cabem nesses territorios que são a metade do sólo paulista. Quando essas densidades estiverem emparelhadas com as das zonas velhas, S. Paulo terá certamente mais de 12 milhões de habitantes. Esse objectivo será attingido, pela certa.

Tenho certeza igualmente de que a densidade da população da zona douradense terá de alcançar a das mais zonas da direita do Tietê.

Ella orça apenas por 19.0 habitantes por kilometro. O genero de cultura é o mesmo que em outras zonas a direita do Tietê. A forma social é a mesma. Tudo está a indicar que essa densidade tenderá a se igualar com a vigente para outras zonas mais antigas. E' questão de idade.

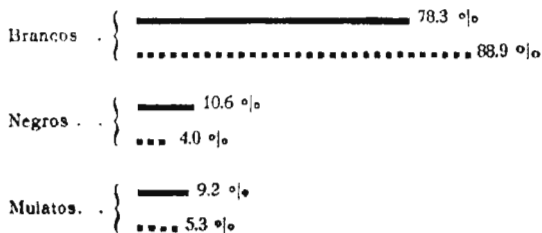
Penso, porem que as zonas do rio Grande e a da media Sorocabana, que exercem a actividade pastoril em mistura com a cafeeira, não augmentará muito.

Se os seus indices demographicos hoje são respectivamente de 10.3 e de 15.2, poderão subir no maximo para 15 ou 20 habitantes por kilometro.

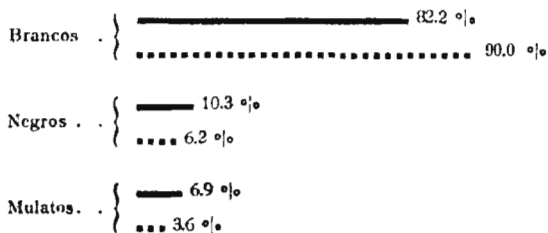
A fertilidade da terra, a formação social, o genero de occupação das gentes não permittirão maior adensamento. Já chegaram ao ponto que difficilmente irão muito além.

**Mortalidade e Natalidade**

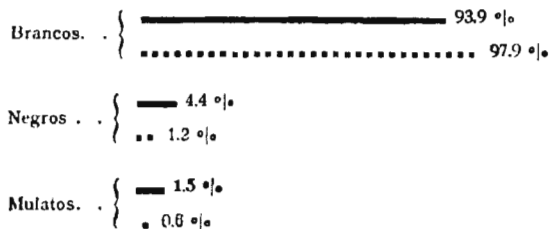
**Ribeirão Preto**

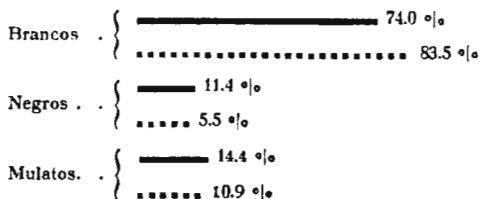
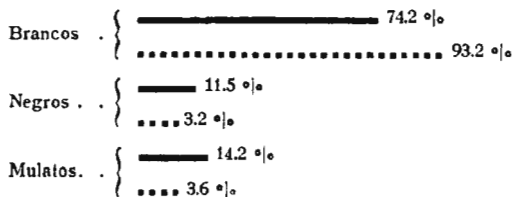
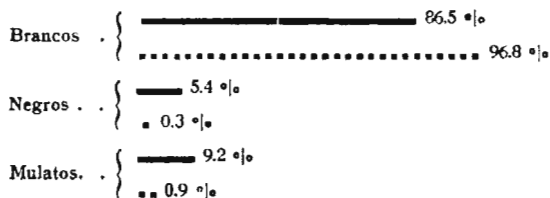
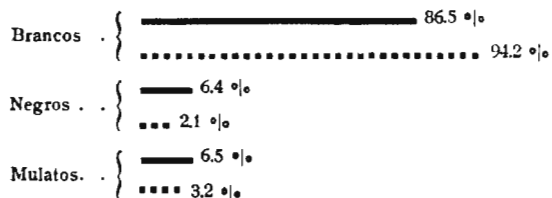


**S. Carlos**



**Botucatū**



**Mortalidade e Natalidade****Guaratinguetá****Campinas****Santos****Capital**



## CAPITULO XI

# CONCLUSÃO

Na retorta territorial que é o Estado de S. Paulo, com esses elementos todos de uma chimica humana muito complexa; com essas alternativas de pressão e de temperatura diversamente graduados, pelas diferentes zonas da area paulista, está se compondo a nossa gente.

Esta não se mistura nas diversas raças que para aqui, foram trazidas. Por esse lado as raças são imutaveis e só se subordinam ás selecções que as extinguem.

Mas os exóticos perdem os caracteristicos de origem. A sua mentalidade se funde e a sua psychologia se modifica, moldadas pelo ambiente extrinseco paulista.

Aqui, não ficarão escorias residuarias do processo assimilatorio, porque os que refugam a mudança de nacionalidade, voltam a patria de origem e reenigram.

\*  
\*      \*

Ainda estamos bem distantes do ponto de saturação, como vimos. Não devemos porém incentivar a continuação da vinda de gente exotica. Se ainda não estamos com todas as nossas zonas territoriaes cheias de gente, mostrando um mesmo índice demographico, devemos reservá-las

para se irem adensando com o nosso crescimento vegetativo o qual como vimos igualmente, não é pequeno.

Precisamos prever para um futuro não muito remoto, para os paulistas que terão de vir depois de nós.

Resolvemos já o problema do povoamento pela imigração.

Attingimos, indubitavelmente a maioria a esse respeito. Somos hoje um volume grandioso a pesar de um certo modo social e economico no paiz e mesmo no mundo.

Devemos nos lembrar que podemos cair em excesso opposto.

Se tivermos de experimentar a tendencia de caminhar para uma quantidade de gente em demasia, para a nossa area territorial, teremos a soffrer as mesmas consequencias que affligem os paizes da velha Europa.

Cuidamos da quantidade.

E' tempo de se pensar na qualidade.

O custo do braço da producção, problema que poderia se fazer agudo, resultante de um trancamento da imigração, e de uma suppressão do nosso crescimento pelos saldos immigratorios e uma questão muito complexa que não se deixa influenciar só pela maior ou menor quantidade de gente.

Ahi estão os milhões de desoccupados inglezes, allemaes, americanos, etc., sem que o preço da mão de obra haja cahido muito por isso.

Poderemos passar a ter o dobro da população, e o custo do braço ser ainda mais elevado do que é.

Melharemos, pois o nosso "stock". Seleccionemos com magno criterio os que nos procuram.

Issó não quer dizer que só devamos receber gente lou-ra. Longe disso!

Não me parece ser o louro o unico efficiente, mas tratemos de saber os que melhor nos poderiam servir.

Para isso só precisamos de estudo, de observação e de paciencia com desapaixonada imparcialidade.

# INDICE

Prefacio . . . . .	7
Introducção . . . . .	11

## CAPITULOS:

I — A formação norte-americana. . . . .	57
II — As populações paulistas . . . . .	65
III — Processos de assimilação. . . . .	84
IV — O negro . . . . .	90
V — O italiano . . . . .	121
VI — Ainda o italiano . . . . .	147
VII — O hespanhol. . . . .	159
VIII — O portuguez. . . . .	169
IX — O japonéz . . . . .	178
X — O syrio . . . . .	197
XI — O allemão, o austriaco, o hungaro . . . . .	212
XII — Os outros . . . . .	228
XIII — O exotico. . . . .	235
XIV — O brasileiro . . . . .	241
XV — A educação ou adaptação. . . . .	252
XVI — Conclusões . . . . .	261

## II PARTE

### *Repartição da população paulista*

I — Introducção . . . . .	267
II — Preliminares . . . . .	274

III — Preliminares . . . . .	282
IV — Pequenos latifúndios cafeeiros . . . . .	286
V — Nucleos indústrias . . . . .	305
VI — Zonas de criação . . . . .	309
VII — A pequena propriedade rural . . . . .	321
VIII — Conclusões . . . . .	345
IX — A propriedade no Estado . . . . .	349
X — Reservas . . . . .	352
XI — Conclusão . . . . .	361

---

---

\* Este livro foi composto e impresso nas Oficinas da Empresa Grafica da "Revista dos Tribunais", em São Paulo, para a Companhia Editora Nacional, Rua dos Gusmões, 24 a 30 em Abril de 1934.

# A propósito da 1.<sup>a</sup> Edição do livro A VIDA DE JOAQUIM NABUCO

por **Carolina Nabuco.**

---

MOÇÃO VOTADA NA SESSÃO DE 24 DE JANEIRO DE 1929 DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS POR PROPOSTA DO SR. ALBERTO DE OLIVEIRA.

Proponho que a Academia, attendendo ao valor excepcional do livro que acaba de ser publicado — *A Vida de Joaquim Nabuco* por Carolina Nabuco manifeste á Autora deste trabalho o seu applauso por obra que tanto realça as nossas letras e tão digna é da memoria de nosso inesquecivel consocio e glorioso patricio.

Joaquim Nabuco é um assumpto privilegiado. . . . Mas em nenhum estudo sobre Joaquim Nabuco a fascinação se ampliou e ao mesmo tempo se condensou, como no livro maravilhoso que é a historia da sua vida por sua filha.

GRAÇA ARANHA, da Academia Brasileira no *Movimento Brasileiro* Janeiro de 1929.

Todas as peripecias da vida romanesca de Nabuco desenrolam-se aos nossos olhos esplendidamente evocadas. . . Habi como o pae, no talento dos retratos e na arte da caracterização, a filha semeou pelo livro, como fizera o pae no *Estadista do Imperio*, perfis e quadros cheios de vida. . . O meu gosto, tanto admiro o homem e tanto sympathizei com sua biographia, era alongar-me ainda, no exame deste livro delicioso. Mas infelizmente, não posso. Mal me sobra espaço para dizer que elle é um manancial de ensinamentos civicos.

PLINIO BARRETO no *Estado de São Paulo* em 19 de Janeiro de 1929.

# A VIDA DE JOAQUIM NABUCO

Leiam os brasileiros este livro. E' um livro que agrada, que ensina, que ennobrece e enche de orgulho a todos nós.

MOTTA FILHO no *Correio Paulistano* em 24 de Janeiro de 1929.

...o papel moral de Joaquim Nabuco, que se eleva em traços indelevelis das paginas magistraes desse livro... A autora dispunha de um material incomparavel. E utilizou esse material com todo o amor. Toda a correspondencia de Nabuco, ou pelo menos toda a que mereceu vir a lume... foi utilizada com um tacto, uma intuição, uma comprehensão das necessidades do assumpto como difficilmente se poderia desejar melhor.

TRISTÃO DE ATHAYDE no *Jornal* em 3 de Fevereiro de 1929.

Vê-se que o sangue e o espirito de Nabuco, ainda continuam, com a mesma força, vida e belleza de sempre.

JOÃO RIBEIRO, da Academia Brasileira, no *Jornal do Brasil* em 6 de Fevereiro de 1929.

Pelo estylo, pelo methodo, pelo carinho, dir-se-ia a continuação de *Um Estadista do Imperio*, uma especie de *post-scriptum*, accrescentado a esta obra monumental.

EVARISTO DE MORAES no *Diário Carioca* em 14 de Fevereiro de 1929.

D. Carolina Nabuco matriculou-se de subito nas nossas letras eruditas de modo que se póde capitular de triumphal.

HUMBERTO DE CAMPOS, da Academia Brasileira, no *Correio da Manhã* em 14 de Fevereiro de 1929.

D. Carolina Nabuco alcançou uma privilegiada finalidade. O seu livro é Nabuco em pessoa, restirgido nas cartas ineditas, nos pensamentos intimos, nos discursos de propaganda.

FERNANDO DE MACALHÃES, da Academia Brasileira, no *Imparcial* em 15 de Fevereiro de 1929.

# A VIDA DE JOAQUIM NABUCO

Esse livro não póde faltar em nenhuma estante brasileira, por mais modesta sob pena de faltar um pedaço, talvez o mais lindo pedaço do Brasil.

ALMEIDA MACAÍHÃES no *Estado de São Paulo* em 12 de Março de 1929.

Carolina Nabuco será doravante citada com respeito e admiração por quem quer que se occupe das nossas letras.

AFFONSO CELSO, da Academia Brasileira, no *Jornal do Brasil* em 19 de Março de 1929.

O livro de Carolina Nabuco é uma destas produções raríssimas que assignalam uma época e revelam uma escriptora capaz de continuar a magna obra paterna.

MAX FLEUÏSS no *Jornal do Commercio* em 24 de Março de 1929.

O livro de D. Carolina Nabuco sobre a vida de seu illustre pai é talvez o mais perfeito desse genero que se tem publicado entre nós, é um livro magnifico.

MEDEIROS E ALBUQUERQUE, da Academia Brasileira, no *Jornal do Commercio* em 19 de Abril de 1929.

---

VOLUME EM FORMATO GRANDE COM CERCA DE 500  
PAGINAS, IMPRESSAS EM PAPEL DE LUXO. COM  
MUITAS ILLUSTRAÇÕES.

**Broc. 15\$ -- Enc. 20\$**

**EDIÇÃO DA  
COMPANHIA EDITORA NACIONAL**

**R. Gusmões, 26 a 30 — SÃO PAULO**



Jean de Lery

# Historia de uma Viagem á Terra do Brasil

tambem chamada America. Contendo a navegação e as cousas notaveis vistas pelo autor : o comportamento de Villegaignon nesse paiz. Os costumes e estranhos modos de viver dos selvagens americanos : com um colloquio de sua linguagem. E tambem a descripção de diversos animaes, arvores, hervas e outras cousas singulares e de tudo desconhecidas por aqui, como sê verá do summario dos capitulos no começo do livro. Não ainda dados á luz por motivos de razões mencionadas no prefacio. Tudo apanhado nos lugares por João de Lery, natural de Margelle, terra de São Senta, no Ducado de Borgonha.

---

Traducção ordenada literalmente por  
**MONTEIRO LOBATO**

Em todas as Livrarias - Preço 5\$

Edição da Companhia Editora Nacional - S. Paulo